A DIVINA COMÉDIA

DANTE ALIGHIERI

POCKET L&PM

DANTE ALIGHIERI

A DIVINA COMÉDIA

Tradução do italiano, apresentação e notas de
EUGÊNIO VINCI DE MORAES

www.lpm.com.br
L&PM EDITORES

Apresentação:

Uma semana entre os mortos

Eugênio Vinci de Moraes[1]

Uma outra viagem

Na noite da Sexta-Feira Santa do longínquo ano de 1300 um poeta se vê perdido numa selva escura. Desorientado, vê os primeiros raios da aurora apontarem atrás de uma colina, e a esperança de reencontrar o caminho reacende em seu coração. Mas, ao começar a subida, três feras interrompem sua caminhada: uma onça, um leão e uma loba. Ele recua, desesperançado. Pressente a presença de alguém, "sombra ou homem certo?", que logo se dirige a ele. É o poeta latino Virgílio, autor da *Eneida*, que vem em seu socorro e lhe diz para tomar outro rumo, para fazer "outra viagem". Uma viagem pelos três reinos dos mortos: o Inferno, o Purgatório e o Paraíso.

Daí em diante o leitor os acompanhará pela "cidade dolente", o "doloroso asilo" onde penam os pecadores; os seguirá pelos íngremes degraus da montanha do Purgatório, onde os convertidos e arrependidos expiam seus pecados; até encontrar Beatriz, que tomará o lugar de Virgílio como guia de Dante pelos céus do último reino, onde estão os beatos que contemplam o sumo bem.

O Inferno é fosco, escuro, malcheiroso, pedregoso, perigoso, quente, gelado, habitado por seres extraordinários, como Minós, cuja longa cauda se retorce para indicar o fosso no qual cada condenado deve sofrer seu

castigo; ou como Cérbero, o cão de três cabeças que guarda o círculo onde granizo, água escura e neve caem eternamente sobre os gulosos; ou Gerião, monstro com rosto de homem, corpo de serpente e cauda de escorpião, que representa a fraude. Ainda há uma variada sorte de demônios, incluindo o poderoso Lúcifer, que pena no nono e último círculo, destinado aos traidores.

No Purgatório, novas personagens se apresentam. Elas ajudam os poetas e lhes fazem companhia. São o romano Cipião e o poeta Estácio. O primeiro os orienta na antessala da montanha, e o outro segue com eles até o Paraíso. Se no Inferno os peregrinos caminham num ambiente fétido, sujo e escuro, aqui eles sobem por uma imensa colina composta por degraus, terraços e patamares onde se encontram os homens que cometeram os sete pecados capitais e se arrependeram. Nessas seções, os pecadores vão expiando seus erros com castigos dolorosos, como carregar grandes rochas nas costas, suportar grossas linhas de ferro costurando-lhes as pálpebras, sentir fome e sede sem poder saciar-se, punições que, a despeito da crueldade, não lhes reduzem a esperança de redenção, a qual alcançarão adiante: a ascensão ao Paraíso.

No terceiro e último reino, luz e melodia, alegria e harmonia envolvem toda a viagem. Ali o leitor acompanhará a subida de Dante e Beatriz pelos dez céus ou esferas nas quais vivem, em alegria eterna, figuras como Adão, mártires da Igreja, apóstolos, São Bento, São Domingos, São Tomás de Aquino, São Pedro, Santa Lúcia, a Virgem Maria, personagens do Velho e Novo Testamentos, além de homens notáveis dos mundos pagão e cristão. Imagens fantásticas apresentam-se a eles, como a grande águia formada pelas luzes dos espíritos beatos, a grande rosa mística em cujas pétalas se sentam santos e beatos, e os próprios anjos, como Gabriel, que anunciou a

Maria a vinda de Cristo. E Beatriz.

Ao fim desta viagem, que dura sete dias, narrada em cem cantos, com cerca de catorze mil versos, Dante – autor, narrador e personagem da *Comédia* – completa sua viagem pessoal, política e espiritual e reencontra o verdadeiro caminho.

O AUTOR

A vida e a obra de Dante encontram-se definitivamente entrelaçadas. Boa parte do que se sabe sobre ele vem dos seus próprios escritos e de fontes que se basearam na biografia escrita por Giovanni Boccaccio (1313-1375) e de autores que o seguiram. A data de seu nascimento calcula-se pelo que Dante escreveu em várias passagens de seus textos, somadas e comparadas a outros elementos. Uma das indicações aparece no canto XXII do Paraíso, em que narra ter nascido sob a constelação de Gêmeos: “Ó gloriosa constelação, ó lume impregnado de virtude, do qual reconheço ter recebido todo meu engenho; quando senti pela primeira vez o ar da Toscana, convosco nascia e se punha aquele que é pai de toda vida, e foi por teu zodíaco que me foi concedida a graça de entrar nesta grande esfera que aqui gira”. Para Giorgio Petrocchi é possível estipular que Durante Alighieri (nome de batismo do poeta, Dante é um diminutivo) teria nascido entre 14 de maio e 13 de junho de 1265.

Filho de Alighiero Alighieri ou Alighiero II ou Alighiero di Bellincione e de Bela, sua primeira mulher, Dante teve uma irmã que morreu jovem e mais dois irmãos do segundo casamento do pai. Alighiero II levou fama de usurário e era um guelfo, facção política toscana partidária do papa. Facção dividida, por sua vez, entre Negros e Brancos, sendo estes mais moderados e aqueles mais radicais em relação à extensão do poder papal. Os guelfos se

opunham aos gibelinos, os quais apoiavam o imperador. A questão central girava, portanto, em torno do alcance do poder do papa e do imperador, quem devia mandar mais, em suma. Dante se reunirá aos brancos quando começar na política. (Mais tarde, já no exílio, Dante irá aderir a teses mais próximas às dos gibelinos, sem, no entanto, juntar-se a eles.)

A divisão entre Brancos e Negros em Florença tomou forma entre as forças sociais que a compunham: de um lado, estavam os nobres, que adotaram o partido dos Negros; do outro, os comerciantes e protoburgueses que ascendiam socialmente na Florença do século XIII, que se filiaram aos Brancos. Aqueles, mais radicais no que se refere à dotação de poder ao papa, defendendo a intromissão direta deste nos assuntos do Estado; estes, embora do lado do papa, propondo um distanciamento maior da Igreja em relação às questões de Estado.

Aos 35 anos, Dante entrará para política e sairá chamuscado. Ele toma posse como membro no Conselho dos Cem, órgão político que administrava a cidade, em junho de 1300. Nesse cargo se posicionará contra as demandas do papa Bonifácio VIII, figura recorrente na *Comédia*. O pontífice desejava intervir politicamente em Florença com o apoio do rei francês e dos negros. Por se posicionar contra o papa, Dante irá conhecer “o mais amargo e glorioso exílio de que a história política e cultural se recorda”, nas palavras de Giorgio Petrocchi (1963, p. 15). Ao opor-se ao papa, indispôs-se como os negros, que o expulsaram de Florença ao tomar o poder, em 1302.

Entre as cidades onde Dante viveu no exílio estão Verona e Ravena. Naquela, morou entre 1312 e 1318 sob a proteção do príncipe Cangrande dela Scala, aludido na *Comédia* no canto XVII do Paraíso, e em Ravena, de 1318 a 1321, sob os cuidados de Guido Novello da Polenta, mencionado indireta e positivamente no círculo dos fraudulentos, seção do Inferno onde

Dante conversa com Ulisses.

Quando estava exilado em Verona, Dante empreendeu talvez a sua última ação política relevante. Cada vez mais contrário às teses de um governo teocrático, o poeta florentino aproveita a viagem à Itália do imperador Henrique VII, comandante do Império Sacro-Germânico entre 1310 e 1312, para propor-lhe uma intervenção na Toscana. Antes de encontrá-lo pessoalmente escreve-lhe uma carta apaixonada exortando-o a não permanecer no norte da Itália, mas descer até a Toscana e apear os negros do governo de Florença. Para sua frustração, o rei alemão morre em 1313 em Buonconvento, quando viajava para o reino de Nápoles, no sul da Itália.

Mais tarde Dante torna-se embaixador de Ravena. No retorno de uma viagem a Veneza nessa função, contrai malária, que acaba levando-o à morte em 1321. Seu protetor em Ravena lhe fará um enterro digno, homenagem que não pôde receber de Florença em vida.

A FORMAÇÃO LITERÁRIA

Dentre os episódios mais conhecidos da vida de Dante está o famoso relato do seu encontro com Beatriz, aos nove anos, narrado em *Vida nova*: “Desde o meu nascimento, nove vezes o céu de luz havia retornado ao mesmo ponto, em seu giro, quando aos meus olhos surgiu, pela primeira vez, a senhora gloriosa da minha mente, que por muitos foi chamada de Beatriz, mesmo antes de a conhecerem pelo nome” (Pignatari, 2006, p. 18). Sobre esse encontro, não há documento algum além de tal testemunho. Sequer é possível afirmar com certeza que Beatriz tenha existido, mas tudo indica que sim. Seria Beatriz Portinari, filha de Folco Portinari. Nove anos depois do primeiro encontro ele a teria visto na rua e teria sido

cumprimentado por ela “tão virtuosamente que, naquela saudação, julguei ver todas as expressões da santidade”. Mas, de concreto mesmo, sabe-se que o poeta casou-se com Gemma Donati dois anos mais tarde, em 1285, e teve três filhos com ela, talvez quatro.

São escassas também as informações sobre seus estudos. Muito provavelmente foi educado por um tutor, com o qual aprendeu latim, língua que usou para escrever algumas de suas obras e ler Cícero e Virgílio. Sabe-se que foi aluno de Brunetto Latino, com quem estudou os provençais, os clássicos de sua época e filosofia medieval. Seu encontro com ele na vala dos sodomitas, no canto XV do Inferno, corrobora tal suposição.

Além do latim, Dante conheceu outras línguas em Florença, uma cidade grande para os padrões medievais, com cerca de 100 mil habitantes. Comuna rica, circulavam por lá franceses, alemães e italianos de todas as regiões. Uma babel humana e linguística. Os estudos com Brunetto despertaram-lhe o interesse pela poesia provençal, escola que empregou pela primeira vez na Europa a língua vulgar em seus poemas. Isso certamente despertou-lhe o interesse pela língua popular, o italiano, que acabou empregando na *Comédia*.

Esses estudos todos somados à sua experiência direta na agitada Florença do século XIII o fizeram figurar, junto com Guido Cavalcanti, entre os maiores poetas da Itália. Por volta de 1285, com cerca de vinte anos, Dante já é um expoente do *dolce stil nuovo*, escola literária criada em Bolonha (onde também estudou). O amor era o tema central dessa corrente, que o entendia como uma forma de sublimação da virtude, identificando-o com o coração nobre da mulher idealizada, que é percebida como ligação entre o homem e Deus. (Este sem dúvida é o papel de Beatriz na *Comédia*, na qual ela salva Dante da floresta escura, conclama-o a se arrepender no

topo do Purgatório e o guia quase até a sublime visão de Deus.)

Antes de escrever a *Comédia*, cuja redação começa em 1307, Dante já produzira várias obras em prosa e verso. Entre 1293 e 1295 escreveu *Vida nova*; em latim produziu *De vulgari eloquentia* (1302-1305), sobre a língua italiana; em 1307, termina *Il convívio*, obra de cunho filosófico, e alguns poemas das *Rime petrose*. Produziu ao mesmo tempo que compunha a *Comédia* e *Da Monarquia*, que terminou em 1317, e vários poemas e cartas, escritos em italiano e latim. Nessas obras Dante tratou da sua vida, de sua lírica, da língua italiana, de filosofia e política. Temas e formas que aparecerão na *Comédia* com o mesmo rigor, mas embalados pelos versos decassílabos (de dez sílabas métricas) organizados em tercetos rimados (num esquema ABA/ BCB/ CDC e assim por diante) de prodigiosa regularidade e beleza.

A OBRA

O título dado por Dante a seu poema foi *Comédia* – pois, ao contrário da tragédia, o poema acaba bem, ou seja, termina no Paraíso. Comédia porque mistura os estilos elevado e baixo (cômico) e também por ter sido escrito em italiano – não em latim, a língua culta da época. O adjetivo “divina” incorporou-se ao título cerca de três décadas depois de sua morte, graças a Boccaccio, autor de *Decameron*, que assim a chamou na sua obra *Trattatello in laude di Dante* (Pequeno tratado em louvor a Dante), escrita no século XIV.

O poema é dividido em três partes – Inferno, Purgatório e Paraíso –, tem cem cantos (com cerca de 130 versos cada um), distribuídos quase igualmente entre os três reinos: 34 cantos no Inferno e 33 nos dois últimos. O Inferno é um abismo em forma de cone escavado pelo corpo do príncipe

dos demônios, Lúcifer, que foi lançado do céu assim que se rebelou contra Deus. Sua queda não só gerou tal buraco escuro e doloroso, mas também deslocou imensa massa de terra que formou a montanha do Purgatório no hemisfério oposto. Elevação altíssima onde penam os arrependidos, em seu cume está o Paraíso Terrestre, ou Éden, região próxima das dez esferas celestes que compõem o Paraíso. Este é um reino de luz e som harmônicos, cujas esferas ou céus giram à força do Primeiro Motor, a nona esfera. Na última, no Empíreo, emana a luz de Deus. Essa organização do mundo corresponde às concepções cosmológicas medievais, elaboradas à época de Dante com base nas concepções de Aristóteles e Ptolomeu. Segundo esse modelo cosmológico, a Terra estava no centro do universo e nove céus circulavam à sua volta (Aristóteles dizia serem sete) sustentando os planetas, incluindo o sol, que só bem mais tarde viria a ser pensado como uma estrela.

Os modelos literários de Dante remontam à literatura latina, sobretudo a Virgílio (70 a.C.-19 a.C.), autor da *Eneida*, e Lucano (39-65), autor da *Farsália*, além de Estácio (c. 45-95), autor da *Tebaida*, e outros poetas; às passagens bíblicas do Novo e do Antigo Testamento; às visões alegóricas da literatura religiosa medieval; e em especial ao *Livro da escada de Maomé*, da literatura árabe, que narra a ascensão do profeta muçulmano ao céu. Em relação aos versos, a poesia provençal e o círculo dos poetas sicilianos são as fontes que calibram seus tercetos. Todos esses autores o leitor encontrará na *Comédia*. Para o contemporâneo de Dante, a visão do mundo dos mortos era um motivo recorrente na cultura da época. Hoje diríamos, talvez, verossímil.

Dante precisou de dezessete anos para escrevê-la. Acabou de redigir o Inferno em 1308. Precisou de mais quatro anos para escrever o Purgatório.

Antes de começar o Paraíso, fez uma revisão do que já redigira por volta de 1315, e em 1316 inicia o Paraíso, cujas últimas linhas escreveu no ano de sua morte. Cópias dela passaram a circular pela Toscana desde 1316, o que fez com que se tornasse, assim, conhecida nos círculos literários da época quando Dante ainda vivia. Quando as cópias do Paraíso se juntaram às outras, completando o poema, ele se tornou famoso em toda a Itália. A história da recepção da *Comédia* é marcada por idas e vindas. No Renascimento, foi admirada por Michelangelo, mas menosprezada pelos humanistas, sentimento que recebeu também durante o barroco tardio e que assim chegou ao iluminismo (Voltaire foi um de seus principais detratores). A corrente que o resgatou foi sem dúvida o romantismo. No século XVIII a admiração recaía principalmente sobre o Inferno, reino que tem marcado a imagem da obra e está por trás do adjetivo “dantesco” usado até hoje; os góticos estão entre os que legaram a imagem do grotesco da *Comédia* no Ocidente. Entre os alemães, August W. Schlegel (1767-1845) chegou a traduzir parte do Inferno e Hegel (1770-1831) estendeu a recepção da *Comédia* para os outros dois cânticos, elaborando uma visão geral da obra. Na passagem do século XVIII para o XIX, a recepção toma impulso também na Inglaterra, sendo o poema admirado por William Blake, e depois por Coleridge e Wordsworth; T.S. Eliot, já no início do século XX, elege Dante como um de seus poetas prediletos. Escritores da “periferia” como Gogol, Sousândrade, Machado de Assis, Ricardo Piglia e Jorge Luis Borges foram seus admiradores, mostrando assim a amplitude da obra do italiano e sua consolidação no cânone da literatura ocidental.

A recepção da *Comédia* hoje pode ser medida pelas várias adaptações que vem recebendo, desde best-sellers até versões em quadrinhos, filmes e videogames. São releituras que de alguma forma ecoam a recepção

romântica, centrando-se no Inferno, como no jogo *Dante's Inferno*, no livro *Inferno*, de Dan Brown, entre outros. Sem avaliar a qualidade dessas versões, o fato de existirem já é uma boa razão para ler a obra toda, conhecer o que este clássico tem a ponto de ser recriado de tantas formas quase setecentos anos depois de escrito. Outra razão talvez seja vivenciar a história de alguém que se perdeu, testemunhou as piores experiências humanas, viu como a esperança de salvação faz o homem suportar os mais cruéis sofrimentos e comprovou com os próprios olhos a alegria daqueles que chegaram à plena felicidade. Tudo isso num outro mundo, no mundo dos mortos, espelho e alegoria do nosso.

Sobre a tradução

Há alguns pares de anos ouvi falar da versão em prosa de Hernâni Donato (Cultrix, 1965) de *A divina comédia* em uma aula de literatura brasileira na Universidade de São Paulo. O professor conhecia muitíssimo bem o italiano e indicara essa obra para quem quisesse iniciar sua viagem nela.

Uma tradução em prosa de uma obra em versos serve como porta de entrada para a leitura do original, ou seja, um primeiro passo para um público menos familiarizado com o texto clássico. Donato diz em seu prefácio que a "intenção que presidiu à tarefa de traduzir foi a de tornar Dante mais facilmente compreensível ao leitor comum". Embora esse propósito esteja por trás deste trabalho, creio que a prosa sirva neste caso também para preparar o leitor, de modo que ele possa, ao encarar a versão em versos, fruí-la melhor, uma vez que as passagens principais, personagens, situações já não são novidade para ele.

Mas uma versão em prosa não resolve todos os obstáculos para a

compreensão desta obra no que se refere ao entendimento de seu conteúdo, da sua história. Os distanciamentos histórico e literário não desaparecem na tradução em prosa; basta ver a quantidade de notas necessárias para ajudar o leitor a compreendê-la. Não é possível elucidar sem notas de rodapé o complicado jogo político da Itália dos séculos XIII e XIV. Elas são imprescindíveis neste caso. O que a prosa traz é a clareza dada pela ordem sintática mais linear e mais articulada que a dos versos. Sem contar, além disso, que a prosa é mais próxima do gênero épico do que do lírico. Aquele gênero, que está na origem do romance, narra uma história, ao passo que este expressa uma aproximação maior entre o eu lírico e o mundo, de modo que elementos como tempo e espaço perdem sua dimensão usual, por exemplo. Evidente que há passagens líricas na *Comédia*, como os trechos do canto V do Inferno ou os belíssimos versos do último canto do Paraíso, mas a narrativa épica é predominante na obra.

Outro fator que favorece uma tradução em prosa é o estilo de Dante. Seus versos são menos retorcidos do que muitas traduções deixaram transparecer ao leitor brasileiro. Há tercetos que podem ser vertidos na nossa ordem direta, pois assim estão no original. O hábito de inverter sua ordem deve-se a uma arraigada tradição beletrista nacional. Augusto de Campos chamou atenção para isso quando comentou a versão de Machado de Assis do canto XXV do Inferno, no prefácio às suas belas traduções de Dante, em *Invenção – de Arnaut e Raimbaut a Dante e Cavalcanti*: “Pecado muito frequente e às vezes inevitável é o do torcicolo das frases, do arrocho das indesejáveis inversões que o ouvido dos brasileiros está cansado de desentender desde as margens plácidas do nosso Ipiranga, mas que aqui desmoronam inevitavelmente quando confrontadas com a linguagem dúctil e fluente da *Divina comédia*”. Procurou-se, portanto, sempre que possível,

traduzir os tercetos em ordem direta ou pelo menos sem os torcicolos mencionados por Campos.

Contudo, não há como escapar de um problema neste caso. Uma tradução, mesmo em prosa, tem de procurar preservar a força poética a despeito da mudança da forma de expressão. Se não o fizer, corre o risco de constituir uma anódina e escolar paráfrase. Anódina, pois transformaria todas as dificuldades e incríveis invenções poéticas em sentenças pedestres. Escolar, porque lembraria a série de paráfrases da obra realizadas por estudantes italianos que ainda as praticam em sala de aula, nas quais procura-se explicar e até solucionar passagens mais complexas ou até obscuras acrescentando termos, sentenças, informações que não existem na obra original.

Aqui se fez uma tradução em prosa, não uma paráfrase. Ou seja, procurou-se fazer, como escreveu Donato, “um esforço especial no sentido de não sacrificar aquele intraduzível ‘quê’ existente na poesia da *Comédia*”. Nesse sentido, as inumeráveis menções indiretas – seja por antonomásias, metáforas, metonímias – a personagens, cidades, entidades mitológicas, constelações, entre outros, foram mantidas, com uma ou outra exceção, empregada ou para diminuir a elaboração de notas de determinada passagem ou para dar mais fluência a este ou aquele trecho.

O original utilizado foi a versão de Giorgio Petrocchi – *Dante Alighieri La Commedia secondo l’antica vulgata* –, cujo trabalho de estabelecimento do texto é reconhecido como o mais criterioso atualmente. Em italiano usaram-se também a edição de Italo Borzi, *Dante*, *Tutte Le opere*, da Newton Compton (1997), que serviu sobretudo para o estabelecimento das notas, e as organizadas por Umberto Bosco (2001) e Lodovico Magugliani (1949), que também foram úteis para confrontos e redação de trechos e

notas.

Para cotejar, tirar dúvidas, buscar inspirações e citar, foram consultadas as traduções integrais em português e em verso de J.A. Xavier Pinheiro (*A divina comédia*, 1918), de Cristiano Martins (5ª edição, 1989) e de Ítalo Eugênio Mauro (8ª reimp., 2001), além da tradução do Inferno, de Jorge Wanderley (2004). Também foram consultadas e citadas as traduções de poetas e escritores brasileiros que verteram alguns cantos da *Comédia*: Machado de Assis, Dante Milano, Mário de Andrade, Augusto de Campos e Haroldo de Campos. Em algumas passagens, soluções desses tradutores e escritores foram citadas integralmente como homenagem a seus trabalhos e como forma de mostrar ao leitor que existe no Brasil desde o século XIX uma recepção importante dessa obra.

É possível reconhecer dois tipos de tradutores da *Comédia*: os que enfrentaram a dura tarefa de traduzir em versos integralmente o poema dantesco e os que optaram por verter apenas alguns cantos. Aqueles realizaram a proeza de verter tudo, o que nem sempre é fácil, como aconteceu com Jorge Wanderlei, que morreu antes de terminar seu projeto (só acabou o Inferno); estes últimos – como Machado de Assis, Dante Milano e os irmãos Campos – conseguem outro tipo de proeza: uma beleza muito similar à dos versos de Dante.

Essa homenagem de certa forma ecoa um procedimento comum entre os épicos, o de citar ou traduzir versos de seus antecessores. Dante faz isso várias vezes com passagens de obras de Virgílio, por exemplo. Todos sabemos que o início dos *Lusíadas* ecoa o da *Eneida*. A diferença é que nesta edição damos os créditos, algo próprio da nossa era pós-romântica. Não são muitas passagens, mas o bastante para ilustrar essa tradição.

As traduções dos livros da *Bíblia* usadas aqui foram retiradas da edição da *Bíblia de Jerusalém* (1985), e da *Eneida* usamos as versões da Manuel Odorico Mendes e de Tassilo Orpheu Spalding.

Por fim, agradeço especialmente à editora Caroline Chang, que me deu a oportunidade de realizar este projeto e foi bastante paciente com meu ritmo de tradução, bem abaixo do que ela esperava.

Referências bibliográficas

Obras de Dante Alighieri

ALIGHIERI, Dante. *La divina commedia*. A cura di Lodovico Magugliani. 2ª ed. Milão: Rizzoli Editore, 1949. 3ªv.

ALIGHIERI, Dante. *La divina commedia.* In: *Tutte le opere/Dante Alighieri*. Introduzione di Italo Borzi; commenti a cura di Giovanni Fallani, Nicola Maggi e Silvio Zennaro**.** Roma: Newton Compton editori, 1997 (Grandi Tascabili Economici).

ALIGHIERI, Dante. *Dante Alighieri: La Commedia secondo l'antica vulgata*. 3ª ed. A cura di Giorgio Petrocchi. Florença: Casa Editrice Le Lettere, 2003. 4 v.

ALIGHIERI, Dante. *La divina commedia*. 6ª ed. A cura di U. Bosco e G. Reggio. Florença: Le Monnier, 2001.

Traduções de *A divina comédia* para o português consultadas nesta edição

1. Traduções integrais

ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia*. 2ª ed. Trad. de J.A. Xavier Pinheiro. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos ed., 1918. 2 v.

ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia*. Trad. Monsenhor Joaquim Pinto de Campos. In: Obras completas. São Paulo: Editora das Américas, s.d. 8 v.

ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia*. Trad. Cristiano Martins. 5ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989. 2 v.

ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia*. Trad. Ítalo Eugênio Mauro. São Paulo: 34 Letras, 1998. 3 v.

2. Traduções parciais

ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia – Inferno*. Trad. Jorge Wanderley. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar [1959], 1986. 3 v.

CAMPOS, Augusto de. "Dante Alighieri – Do Inferno e Do Purgatório", in *Invenção*. São Paulo: Arx, 2003, pp. 189-257.

CAMPOS, Haroldo de. "Luz, a escrita paradisíaca", in *Pedra e Luz na poesia de Dante*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

MILANO, Dante. *Três cantos do Inferno*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1953 (Os Cadernos de Cultura).

Obras gerais

ANDRADE, Mário de. “Machado de Assis”, in *Aspectos da literatura brasileira*. 5. ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, [1939] 1974, pp. 97-102.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. 3 v. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar [1959], 1986.

AUERBACH, E. “Farinata e Cavalcante”, in *Mimesis. A representação da realidade na literatura ocidental*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976, p. 151-175.

AUERBACH, E. *Dante**.** Poeta do mundo secular.* Trad. Raul de Sá Barbosa. São Paulo: Ática, 1997.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenação de, Gilberto da S. Gorgulho; Ivo Storniolo; Ana Flora Anderson. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

BOCCACCIO, G. *Esposizioni sopra la Comedia*. Organização de G. Padoan, in *Tuttele opere di Giovanni Boccaccio*, v. 6. Milão: Mondadori, 1965.

BORZI, Italo. [Notas a] *La divina Commedia*. In *Tutte le opere /Dante Alighieri*; introduzione di Italo Borzi; commenti a cura di Giovanni Fallani, Nicola Maggi e Silvio Zennaro. Roma: Newton Compton editori, 1997 (Grandi Tascabili Economici).

CURTIUS, Ernst R. *Literatura europeia e Idade Média latina***.** Trad. Paulo Rónai e Teodoro Cabral. São Paulo: Edusp, 1996.

DE SANCTIS, Francesco. *Ensaios críticos*. Trad. Antônio L. de A. Prado. São Paulo: Nova Alexandria/Istituto Italiano di Cultura, 1993.

DE SANCTIS, Francesco. *Storia della letteratura italiana.* 2 v. Torino: Einaudi, 1958.

DONATO, Hernâni. Prefácio. In: *Divina comédia*. São Paulo: Cultrix, 1965.

PETROCCHI, Giorgio. *Dante e Il suo tempo*. Torino: RAI, 1963.

PETROCCHI, Giorgio. *Vita di Dante*. Roma-Bari: Editori Laterza, 2008.

PIGNATARI, Décio. Dante, Shakespeare, Sheridan, Goethe. Retrato do amor quando jovem. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

STERZI, Eduardo. Por que ler Dante. São Paulo: Globo, 2008.

VÍRGILIO, P.O. *Eneida*. Trad. de Manuel Odorico Mendes. São Paulo: Atena Editora, 1958.

VÍRGILIO, P.O. *Eneida*. Trad. de Tassilo Orpheu Spalding. 8ª ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

---

1. Eugênio Vinci de Moraes é bacharel em Língua e Literatura Portuguesa e Italiana, e doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo, com uma tese intitulada *A Tijuca e o Pântano. A Divina comédia na obra de Machado de Assis entre 1870 e 1881*. É professor do Centro Universitário Uninter (UNINTER-PR). Traduziu, entre outras obras, *A arte da guerra*, de Maquiavel (L&PM Editores), e *As novelas de Pescara*, de Gabriele D'Annunzio (Berlendis&Vertecchia).

A DIVINA COMÉDIA

VISÃO GERAL

Na *Comédia*, a Terra é uma esfera imóvel, formada por dois hemisférios, Norte (boreal), onde vivem os homens, e Sul (austral), onde só há o mar e a montanha do **Purgatório**. No centro do primeiro está Jerusalém, e em seus extremos estão o rio Ganges, no Oriente, e as Colunas de Hércules, no Ocidente; no segundo hemisfério, a 180º de Jerusalém, está a montanha do Purgatório, rodeada do mar que cobre toda essa metade da Terra. O **Inferno** é um abismo projetado em direção ao centro da Terra, em forma de cone. No final, em sua região mais profunda, é estreito e gelado. Ali há uma espécie de túnel subterrâneo através do qual se chega à praia do Purgatório. Este ergue-se, portanto, no centro de uma ilha. Temporalmente, há doze horas de diferença: se é manhã em Jerusalém, é meio-dia no Purgatório. No Ganges é noite porque está no Oriente. O **Paraíso** é composto pelos céus que circundam a Terra, que é imóvel e está no centro do sistema cosmológico da época. Divide-se em dez esferas: Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter, Saturno, céu ou esfera das Estrelas Fixas, o Primeiro Motor, esfera que gira numa velocidade sobre-humana, e o Empíreo, onde estão a rosa mística, os nove círculos angélicos e Deus.

E.V.M.

INFERNO

NOTA INTRODUTÓRIA

Primeiro reino do além-túmulo, o Inferno é um abismo formado pelo impacto do corpo de Lúcifer, que foi atirado do céu após liderar a rebelião dos anjos. Em forma de cone, o buraco aberto pelo demônio é mais estreito na sua parte final, onde é mais fundo, e mais largo no início, que fica em Jerusalém, no hemisfério norte. Sua queda também originou a montanha do Purgatório, no hemisfério oposto.

O Inferno tem **nove círculos** e uma **antessala** ou **vestíbulo**. Nesses círculos são punidos os pecadores em grau crescente, do pecado menor ao maior – dos gentios e não batizados até os traidores.

No **vestíbulo** ou **antessala** estão os indolentes ou pusilânimes. Essa falta impede-os de adentrar o Inferno. Eles correm atrás de um estandarte enquanto são picados por vespas e moscas. Entre eles estão os anjos que nem seguiram Lúcifer, nem ficaram ao lado de Deus.

O **primeiro círculo** fica na outra margem do rio **Aqueronte**, depois da entrada do Inferno. Essa seção também é chamada de **Limbo,** e as almas dos mortos chegam até ele no barco de Caronte, o primeiro barqueiro dos reinos do além. No Limbo ficam as almas das crianças, mulheres e homens que morreram sem batismo ou que viveram antes de Cristo. Grandes figuras da Antiguidade vagam por ali, como Homero, Aristóteles e o próprio Virgílio. Não se sente dor nele, só melancolia.

Os **próximos cinco círculos (**do **segundo** ao **sexto)** são destinados àqueles que pecaram por incontinência, ou seja, por luxúria, gula, avareza e

prodigalidade, ira e heresia (cantos V a XI). Na porta do **segundo círculo** está Minós, o monstro infernal que sinaliza para que círculo o pecador deve ser lançado; no **terceiro** está Cérbero; no **quarto,** Pluto; no **quinto**, está o pântano formado pelo segundo rio do Inferno, o **Estige**; e no **sexto círculo** ergue-se a cidadela de **Dite**.

No **sétimo círculo** estão os violentos. Essa seção é dividida em **três giros**, onde são castigados os violentos com o próximo, consigo mesmos e com Deus. Na entrada desse círculo está o Minotauro. No **primeiro giro**, os condenados ficam imersos no **Flegetonte**, rio de sangue escaldante, e recebem flechadas de centauros quando emergem; no **segundo giro** estão os suicidas e os dissipadores; e, no **último giro**, os blasfemadores, os sodomitas e os usurários, que ficam debaixo de uma chuva de fogo (cantos XII a XVII).

O **oitavo círculo** é dividido em **dez fossas concêntricas**, nas quais são punidos os fraudulentos. Com rosto de homem, corpo de serpente e cauda de escorpião, o monstro Gerião guarda essa seção, conhecida também como **Malebolge**. Nessas valas, estão os sedutores, os aduladores, os simoníacos, os adivinhos ou mágicos, os trapaceiros, os hipócritas, os ladrões, conselheiros fraudulentos, os cismadores ou semeadores da discórdia e os falsificadores (canto XVIII a XXX).

O **último círculo**, destinado aos traidores, é um poço repartido em **quatro zonas** (cantos XXXI a XXXIV). Esse poço é cercado de gigantes e no fundo há um lago congelado, o **Cocito**. É o lugar mais fundo do Inferno e é muito frio. A **primeira zona** chama-se **Caína**, onde estão os que traíram os parentes; a **segunda zona**, **Antenora**, onde penam os traidores da política e da pátria; **Ptolomeia** é a **terceira zona**, onde estão os traidores dos hóspedes; e a **quarta zona**, **Judeca**, em que penam aqueles que traíram seus

benfeitores. No fundo, está Lúcifer, em cujas costas Virgílio e Dante caminham e encontram a saída do Inferno, que dá na **praia do Purgatório**, no **hemisfério sul**.

E.V.M.

CANTO I

Dante se vê perdido, à noite, numa selva escura depois de ter se desviado do caminho da verdade. Pela manhã ele chega ao pé de uma colina, cuja encosta recebe os primeiros raios de sol. Aliviado, começa a subida, mas três feras aparecem, uma em seguida da outra, à sua frente. Elas o impedem de subir e o empurram de volta para a selva. Desesperado, encontra o poeta Virgílio, que foi até lá para ajudá-lo. O poeta latino convida Dante a segui-lo, a fim de cumprir o itinerário espiritual da salvação, começando pelo Inferno, passando pelo Purgatório até atingir o Paraíso.

[1] No meio do caminho desta vida me vi numa selva escura, onde me perdi da verdadeira via. Ah, mas como é duro falar desta selva selvagem, que, só de relembrá-la, traz-me de volta o pavor que lá senti. Tão amarga era que só à morte se compara. Mas para tratar do bem que lá vi, direi de outras coisas que lá encontrei.

[10] Não sei muito bem como entrei, tanto sono eu sentia no ponto onde me perdi do reto caminho. Porém, depois que cheguei ao pé de uma colina, ali onde terminava o vale que havia trespassado de pavor meu coração, olhei para o alto e vi suas encostas já vestidas dos raios do Sol, planeta que guia a todos retamente pelas veredas que trilhamos. Então apaziguou-se o medo que senti, no lago do coração, nessa noite em que passei tão aflito.

[22] E como aquele que, como um náufrago, ofegante, chega à praia e se volta para encarar as águas traiçoeiras, assim minha alma, que ainda se afastava, voltou-se para olhar o lugar do qual homem algum jamais saiu vivo. Depois de repousar um pouco, retomei o caminho pela praia deserta, e passo a passo comecei a subir a colina. Mas eis que logo apareceu uma fera, de pelo todo manchado, ágil e muito ligeira. E, em vez de fugir ao me ver, me impedia o caminho, fazendo-me recuar várias vezes.

[37] Era a primeira parte da manhã, e o sol subia junto com as estrelas que o acompanhavam quando o amor divino criou as primeiras coisas belas. Estas mais a aurora e a doce primavera davam-me motivo para esperar e não temer a besta malhada. Porém, não houve como não me apavorar à vista de um leão. Ele se dirigia a mim, com a cabeça erguida, raivoso e esfomeado, tão feroz que o ar estremecia em sua presença. E uma loba, cuja avidez marcava-se em sua magreza e que a tanta gente fez infeliz, perturbou-me de tal modo com o pavor que sua visão me encetava que perdi a esperança de continuar a subir. Como alguém que algo conquista, mas tudo perde com o tempo, e então chora e se entristece, assim fez-me sentir a fera persistente, que vindo lentamente em minha direção me empurrava para a região onde o sol se cala.

[61] Enquanto descia apareceu-me à frente um vulto, tão calado quanto um mudo. Ao vê-lo assim naquele grande deserto, gritei para ele:

– Tem piedade de mim![2] Quem está aí, sombra ou homem certo?

Ele me respondeu:

– Homem? Homem, não, homem fui um dia. Meus pais eram lombardos, mantuanos ambos. Quando nasci, Júlio César governava, e vivi na Roma governada pelo valoroso Augusto, no tempo dos deuses falsos e mentirosos. Fui poeta e cantei a vinda de Troia do justo filho de Anquises, Enéas, depois

que sua soberba cidadela foi queimada. Mas por que tu recuas tão desalentado? Por que não sobes a amável colina que é princípio e razão de toda a felicidade?

[79] – Mas és tu, Virgílio, a fonte de eloquência da qual jorra tão imenso rio? – respondi a ele, envergonhado. – Ó, dos outros poetas o lume e a honra valham-me o estudo e o grande amor que à tua obra tantos anos dediquei. Tu és meu mestre e o meu autor; e foi de ti que colhi o estilo que muito me honra. Vê a fera que me faz recuar, ajuda-me com ela, renomado sábio, pois ela faz minhas veias e pulsos gelarem.

[91] – A ti convém fazer outra viagem – respondeu ele, depois de ver minhas lágrimas –, se queres escapar deste lugar selvagem. Porque esta besta fera, razão do teu apelo, não deixa ninguém atravessar seu caminho e não só impede a todos como a todos assassina. É tão naturalmente malvada e depravada que jamais sacia sua vilania, assim que acaba de comer sente mais fome ainda. Ela se acasala com muitos animais, e com muitos haverá ainda de se acasalar, até o dia em que o Galgo virá e a matará dolorosamente. Ele não se nutrirá de terras nem de moeda, mas de saber, amor e virtude e irá redimir a Itália, pela qual morreram dolorosamente a virgem Camila, Euríalo, Turno e Niso.[3] O Galgo a caçará por todos os cantos até lançá-la ao Inferno, lá de onde a inveja é primeiramente distribuída. [110] Para o Inferno quero que me sigas, porque penso ser isso o melhor para ti. Lá serei teu guia. Vou te levar ao sítio eterno, onde ouvirás gritos desesperados; onde verás os antigos espíritos sofrendo sua segunda morte; além de ver aqueles que estão contentes no fogo do Purgatório porque esperam atingir, quando assim tiver de ser, as almas felizes. Às quais depois, se desejares subir, outra alma mais digna te conduzirá, com a qual te deixarei ao partir, porque o imperador que lá em cima governa, tendo sido

eu rebelde à sua lei, não me quer em seu reino.[4] Em todas partes impera e lá ele reina, lá é sua cidade e o alto trono. Ah, feliz daquele que por ele é escolhido!

[130] Disse a ele então:

– Poeta, te peço, pelo Deus que não conheceste, para fugir deste mal maior, que me leves para onde disseste, para que eu veja a porta de São Pedro e aqueles sobre os quais falas com tanta dor.

[136] Então ele andou e eu o segui.

Canto II

Cai a noite, e Dante expõe a Virgílio suas dúvidas e hesita em começar a jornada com a qual havia se comprometido. Não se sente à altura dessa viagem, feita antes por Enéas e pelo apóstolo Paulo. Virgílio, então, lhe revela o segredo que o fez vir até Dante. Tal jornada foi desejada pelo Altíssimo. Três mulheres com assento no Paraíso intervieram para ajudar o poeta florentino: Nossa Senhora, Santa Lúcia e Beatriz. Dante, sentindo-se mais seguro e moralmente confortado, retoma o caminho.

[1] O dia terminava e a noite escura liberava os animais de seu cansaço e eu me preparava para enfrentar a guerra tanto do caminho quanto do sofrimento, contada pela mente, que não erra. Ó musas, ó supremo engenho, ajudai-me agora; ó mente que escreves isso que vi, mostra aqui tua nobreza.

[10] Então comecei:

– Poeta, meu guia, observa minha virtude, se ela é suficiente, antes que esse grande passo me confies. Disseste que Enéas, pai de Sílvio, mortal ainda, andou de corpo e alma no reino imortal. Porém, se o adversário de todo mal foi benevolente com ele, pensando no valoroso feito que ele

cumpriria ao sair dali, isso me parece digno, ainda mais por ter sido ele a alma de Roma e do império por escolha dos céus. Roma e império que, para não desdizer a verdade, foram destinados para ser, uma e outro, a sede do papado. [28] Ali também andou o Vaso de Eleição[5], para reforçar a fé, que é princípio de toda salvação. Mas por que eu? Quem me concede essa graça? Não sou Enéas, tampouco sou Paulo. Ser digno disso, ninguém há de crer. Então, se a esta viagem me largo, temo que a uma louca ventura me atire. Sábio que és, decerto entendes melhor isso que não compreendo.

[37] E como aquele que desquer aquilo que quer e diante de novas ideias muda a forma de pensar, a ponto de desfazer tudo que começou, tal eu fiz, naquela praia escura, porque, pensando mais um tanto, renunciei à empresa que antes havia imediatamente iniciado.

– Se entendi bem tuas palavras – respondeu a sombra magnânima –, tua alma acovardou-se, coisa que muitas vezes imobiliza o homem, o faz recuar de uma empresa nobre, assim como um animal recua ou refuga diante de uma mera sombra. Para que desse temor eu te libere, direi por que vim até aqui e o que ouvi desde a primeira vez que teus lamentos escutei. Eu estava no Limbo quando uma senhora tão beata quanto bela me chamou, a quem roguei logo que me desse ordens, tão rápido desejava obedecê-la. Seu olhos brilhavam mais que as estrelas e começou a dizer-me suave e calmamente, com voz angélica, estas palavras: “Ó gentil alma mantuana, cuja fama no mundo ainda dura, e durará enquanto o mundo for mundo, um amigo meu, mais meu do que da fortuna, em cujas faces o medo se estampa, encontra-se na inóspita praia impedido de caminhar. Temo que esteja tão perdido que o socorro agora não lhe sirva mais, segundo o que escutei no céu. Agora anda e, com tua palavra ornada e com todos os meios de que dispuser, ajuda-o e assim me sentirei consolada. Sou Beatriz, venho do lugar para onde se

deseja voltar, amor me move e me faz falar. Quando eu estiver à frente do senhor meu, louvar-te-ei sempre". Calou-se então, e em seguida comecei: "Ó senhora, de cuja virtude toda humanidade excede de alegria aqui abaixo da lua, tua ordem me agrada tanto que te obedecer já, já seria obedecer-te atrasado; e mais não preciso para que eu cumpra tua vontade. Mas diz-me o motivo de não te resguardares de vir aqui, ao Inferno, vindo do alto, de onde ardes por voltar". Respondeu ela: "Do que queres saber, por que não temo vir aqui embaixo, lhe direi tudo brevemente. Só se devem temer as coisas que podem fazer mal aos outros; as outras, não. Pela graça de Deus fui feita, por isso tua desgraça não me toca, tampouco a chama deste incêndio me corrompe. Gentilíssima, Nossa Senhora no céu se compadeceu do impedimento para onde te mando, rompendo a dura lei que lá vigora. Ela chamou Santa Lúcia[6] e disse: 'Teu devoto precisa de ti agora, e a ti o recomendo'. Lúcia, inimiga de todo mal, moveu-se e veio até o lugar onde eu estava, em que me sento com Raquel, e me disse: 'Beatriz, beata de Deus, por que não socorres aquele que tanto te ama, que por isso do vulgo se destacou? Não ouviste a dor do seu pranto? Não vês a morte perto dele, torrente contra a qual nem o mar vence?'. Jamais houve pessoa no mundo que tão rápido se pôs a ir atrás do bem e a fugir do mal como eu depois de ter ouvido aquelas palavras. Do meu abençoado assento, desci até aqui fiando-me do teu falar honesto, que te honra e honra também aqueles que te ouvem". Depois de ela ter dito isso, seus olhos encheram-se de luz e lacrimejaram, razão pela qual me fez vir aqui o mais rápido possível. E vim, como ela me pediu, e tirei a loba da tua frente, loba que te tolhia a subida ao belo monte. Então, o que se passa? Por que paras? Por que acolhes tanta vileza no coração? Por que deixas para trás a coragem e a lealdade depois que essas três senhoras abençoadas cuidaram de ti no reino do céu, e mesmo

diante da minha palavra, que tanto bem te promete?

[127] Tal como as flores de cristal de gelo que, iluminadas pelo sol, erguem-se e abrem-se todas em torno do seu caule, fiz eu com meu cansaço. E coragem tão alentadora senti no coração que comecei a falar, muito francamente:

– Ó piedosa que me socorreu! E tu, gentil poeta, que a ela obedeceste prontamente mal suas verdadeiras palavras ouviu! Tu recompuseste o desejo em meu coração ao dirigir-me tuas palavras e por isso retorno ao meu primeiro propósito. Agora, então, um só desejo é o desejo de ambos: tu és o guia, senhor e mestre.

[142] Assim lhe disse e, depois que se moveu, adentrei o caminho difícil e agreste.

Canto III

Os poetas atravessam a porta do Inferno, no alto da qual lê-se a sentença que revela aos ingressantes a realidade da pena eterna e da justiça divina. No vestíbulo do Inferno, veem-se os pusilânimes ou indolentes. Virgílio diz a Dante que os condenados desse lugar não merecem nem a honra nem a infâmia. Dante os vê perseguirem uma bandeira que nunca para e serem atacados por vespas e moscas. Ele reconhece um entre eles, aquele que cometeu a "grande renúncia". Virgílio e Dante chegam, então, à margem de um dos rios do Inferno, o Aqueronte. Ali fica o barqueiro Caronte, que transporta as almas para a outra margem. Dante vê as almas embarcarem na barca do Inferno e ouve Virgílio explicar a Caronte a presença dele ali, uma alma viva. De repente um terremoto sacode a terra, seguido de um poderoso relâmpago. Dante perde os sentidos

e, misteriosamente, atravessa o rio infernal.

[1] Por mim se vai pela cidade dolente
Por mim se vai à eterna dor
Por mim se vai entre as perdidas gentes
A Justiça move-me maiormente
A divina potestade me fez, e
O sumo saber e o primeiro amor também

Diante de mim as coisas não foram criadas
Pois são eternas, e eterna, duro
Deixai toda esperança vós que entrais.

[10] Estas palavras eu as vi escritas em tinta escuríssima no alto de uma porta, o que me levou a dizer:

– Mestre, o sentido dessas palavras me angustia.

E ele me respondeu, lucidamente:

– Aqui convém perder todo o medo, toda covardia deve morrer aqui. Estamos no sítio de que lhe falei, onde tu verás as almas punidas que perderam a noção da verdade.

E depois que, com expressão tranquila, tocou sua mão na minha, senti-me confortado e adentrei o mundo carregado de mistérios.

[22] Ali suspiros, prantos e outros gemidos ressoavam pelo ar onde o brilho das estrelas não chega, o que me fez chorar. Línguas diferentes, falas grotescas, palavras de dor, rasgos de ira, gritos e vozes roucas, além do som de palmas percutindo o próprio corpo, produziam um tumulto incessante naquela atmosfera fosca como a de uma tempestade de areia. Minha cabeça enchia-se de dúvidas, por isso perguntei:

– Mestre, o que é isso que estou ouvindo? E que gentes são estas cuja dor

parece abatê-las?

Ele respondeu:

– Esta triste condição é daqueles cujas tristes almas vivem sem infâmia ou honra. No meio delas está o coro de anjos que nem se rebelaram nem foram fiéis a Deus, que só foram fiéis a si mesmos. Os céus os expulsaram para não se diminuírem com sua presença, nem o profundo Inferno os recebe, como recebe os anjos rebeldes que alguma glória ao menos tiveram.

E eu:

– Mestre, e o que é tão penoso a ponto de fazê-los lamentar de modo tão forte?

Respondeu:

– Dir-te-ei rapidamente. Eles nem têm esperança de morrer. Tão obscura e mesquinha foi sua vida que invejam qualquer outro destino diferente do deles. O mundo os ignora e são desdenhados pela misericórdia e pela justiça divinas. Não falemos deles, mas olha e passa.

[52] E eu, olhando, vi uma bandeira que dava voltas tão rapidamente que mal se firmava, atrás da qual ia uma longa fila de almas, tão longa como jamais acreditaria ver um dia. Tanta gente como jamais suporia ser a morte capaz de levar. Depois disso reconheci uma sombra entre a multidão, sombra daquele que, por covardia, perpetrou a grande renúncia.[7]

[61] Subitamente compreendi e tive certeza de que aquele era o bando dos condenados que desagradaram a Deus e aos inimigos dele. Esses desgraçados, que vivos de fato jamais foram, andavam nus e eram picados por moscas e vespas que havia ali. Do rosto deles irrigava sangue, que, misturado às lágrimas, escorria até seus pés, onde era recolhido por vermes nojentos. Depois, olhei mais além e vi uma multidão à margem de um grande rio. Por essa razão, pedi:

– Mestre, permita-me que eu saiba quem são aqueles e por que motivo parecem tão ansiosos para atravessar o rio, como enxergo daqui sob um fiozinho de luz.

E ele a mim:

– Sobre isso tu entenderás melhor quando tocarmos os pés na triste margem do Aqueronte.

Então, com os olhos envergonhados e voltados para baixo, temendo que minha pergunta o aborrecesse, parei de falar até chegar ao rio.

[82] Lá, vem em nossa direção, num barco, um velho de barba e cabelos brancos gritando:

– Miseráveis de vós, almas depravadas! Perdei a esperança de voltar a ver o céu, eu venho para vos levar até a outra margem, ao sítio das trevas eternas, ao calor e ao gelo. E tu, alma viva, sai do meio dos mortos. – Mas depois de perceber que eu não me movia, disse: – Por outro caminho, por outros portos verás a praia, não por aqui, para isso outro barco mais leve te levará.

E o guia disse a ele:

– Calma, Caronte, pois quem isso quis é aquele que está lá onde se pode tudo o que se quer, e cessa de indagar.

Aquietaram-se então as faces peludas do barqueiro do pântano turvo, que tinha círculos de fogo em volta dos olhos.

[100] Mas aquelas almas que estavam cansadas e nuas mudaram a cor e passaram a tiritar os dentes logo que entenderam as cruas palavras que trocávamos. Blasfemavam contra Deus e seus pais, contra a espécie humana, o lugar, o tempo e o sêmen dos seus antepassados e o seu nascimento. Depois recuaram e juntaram-se chorando muito próximas à malvada margem que espera todo aquele que não é temente a Deus. O

demônio Caronte, de olhos de brasa, acena a eles e recolhe a todos, batendo com os remos naqueles que se demoram. Como no outono, quando as folhas são levadas umas após as outras até os galhos verem a terra tomada de suas vestes, igualmente os pobres descendentes de Adão precipitam-se um a um daquela margem igual aos pássaros que atendem ao aceno de seu adestrador. Assim eles vão sobre a onda negra, e, depois de deixarem a margem, uma nova fileira de almas nessa mesma praia se ajunta.

[121] – Meu filho – disse o mestre amavelmente –, aqueles que morrem sob a ira de Deus aqui vêm de todos os lugares e prontos estão para atravessar o rio, e tanto a justiça divina os estimula que o temor deles se transforma em desejo. Aqui, então, não passam almas vivas, por isso Caronte se irrita, e é isso que o fez dizer o que ouviste da boca dele.

Terminada a travessia, a negra região tremeu tão forte que o susto ainda me faz a testa empapar-se de suor. Deu-se então na terra lacrimosa uma forte ventania, com relâmpagos avermelhados, o que me fez perder os sentidos.

[136] E caí como cai alguém morto de sono.

Canto IV

Dante desperta e se vê no Limbo, o primeiro círculo do Inferno. Ali, se encontram as almas das crianças, mulheres e homens que morreram sem batismo ou que viveram antes de Cristo. Entre eles o próprio Virgílio. As almas ali não sofrem castigos dolorosos, mas suspiram por desejarem a Deus e jamais serem ouvidas por ele. Dante pergunta sobre a descida de Cristo ao Inferno, e Virgílio conta-lhe o que viu. Em seguida, o poeta romano é saudado por quatro grandes poetas, entre eles Homero, e Dante acaba aceito pelo grupo, tornando-se o sexto entre eles. À parte vê um

castelo, cercado por sete muros, onde se depara com grandes homens da Antiguidade, como Aristóteles, Ptolomeu e Averróis.

[1] Um trovão despertou-me repentinamente do sono, e me recuperei como alguém que acorda com todo ânimo. Em pé, com os olhos descansados, fitei fixamente em volta para saber onde estava. Na verdade, eu me encontrava na borda do doloroso abismo, no fundo do qual se ouvem infinitos lamentos. Era tão escuro ali, além de profundo e nebuloso, que, por mais que eu tentasse enxergar algo, não via nada.

[13] – Vamos descer agora ao mundo cego – começou a falar o poeta, mortificado. – Vou primeiro, depois vens tu.

Percebendo o rosto pálido de Virgílio, indaguei-lhe:

– Como irei se vejo em ti o mesmo temor que condenas em mim?

Ele me respondeu:

– A angústia das gentes que estão aqui embaixo faz meu rosto empalidecer de piedade, mas não de pavor como em ti. Prossigamos, porque um longo caminho nos espera.

Ele andou e entrei no primeiro círculo que cerca o abismo. Ali, segundo o que era possível escutar, não havia pranto mas suspiros, que o ar dali estremeciam. Suspiros porque era dor sem martírio, sentida pelas crianças, damas e varões que vagavam em hordas pelo doloroso abismo.

[31] O gentil mestre então me disse:

– Não vais me perguntar que espíritos são estes que estás vendo? Antes de seguires adiante, é bom que saibas que eles não pecaram. Mas isso de nada lhes adiantou, tampouco o fato de serem honrados, tudo porque não receberam o batismo, que é a porta da fé em que acreditas. Por viverem antes de Cristo não adoraram devidamente a Deus, e entre eles me incluo.

Por tal omissão, não por maldade, fomos condenados, condição que nos faz querer incessantemente a Deus, sem esperança de que nos escute.

Senti uma dor imensa quando compreendi que almas tão valorosas estariam para sempre ali, suspensas, no Limbo.

– Diz-me, meu mestre, meu senhor – comecei a falar, por querer ter certeza de minha fé que vence a todo erro –, jamais saiu alguém daqui, seja por mérito próprio ou de outros, conseguindo assim a felicidade?

Entendendo o que minhas palavras escondiam, me respondeu:

– Eu acabara de cair aqui quando vi chegar um poderoso[8] usando uma coroa que sinalizava sua vitória. Ele resgatou a sombra do primeiro pai[9], de seu filho Abel, de Noé, do legislador e obediente Moisés, de Abraão e do rei David, de Jacó, com seu pai Isaac e seus doze filhos, e mais Raquel, a quem Jacó mereceu por sua fé, e tantos outros, que para beatitude os levou. Antes disso, saiba, jamais espírito algum havia sido salvo.

[64] Continuávamos a caminhar enquanto ele falava, e atravessamos a floresta, a espessa floresta de almas. Não havíamos descido muito ainda quando vi uma chama, que vencia aquele hemisfério de trevas. Estava ainda um pouco longe dela, mas o suficiente para discernir em parte a gente honrada que lá estava. Perguntei a Virgílio, então:

– Ó tu, que honraste as ciências e as artes, diz-me, quem são estes cuja aparência tão honrada os faz tão diferentes das demais almas?

Ele respondeu:

– A honrada fama que em vida eles tiveram os fez receber dos céus a graça que aqui os distingue.

Nesse meio-tempo, ouvi uma voz, que disse:

– Seja bem-vindo, honrado e altíssimo poeta, cuja sombra agora retorna.

Assim que a voz calou-se, vi quatro grandes sombras andando em nossa

direção, em cujas faces não se viam alegria nem dor. O amável mestre começou a falar:

– Olha aquele com a espada na mão, que vem à frente dos demais, como senhor de todos. É Homero, poeta maior; o outro é Horácio, autor das *Sátiras*; Ovídio é o terceiro e Lucano, o último. E muito me honra e me deixa feliz o fato de virem até mim e me chamarem de poeta.

Assim estava eu reunido àquela bela escola daquele senhor de elevadíssimo canto que a todos sobrevoa como uma águia. Após conversar entre si, voltaram-se para mim e cumprimentaram-me com um aceno, fazendo meu mestre sorrir, o que muito me honrou por sentir-me incluído naquela companhia, como o sexto entre eles.

[103] Fomos então caminhando até o ponto luminoso, falando de coisas belas sobre as quais é oportuno calar. Chegamos ao pé de um belo castelo, sete vezes cercado por altos muros e protegido por um belo riacho. Por ele caminhamos como se estivéssemos em terra firme e, junto com os outros sábios, atravessei sete portas, no fim das quais demos num agradável jardim. Havia ali pessoas com ar pesaroso e grave, cujos semblantes transmitiam grande autoridade, falando baixa e suavemente. Fomos para um lugar mais amplo, luminoso e alto, onde se podiam ver todos os que estavam ali. Lá em cima, sobre o verde esmaltado do jardim, mostraram-se a mim grandes espíritos, cuja visão deixou-me extasiado. Vi Electra, com muitos de seus companheiros, entre os quais reconheci Heitor e Enéas; além de César, armado com olhos rapaces. Vi Camila e Pentesileia; na outra fileira vi o rei Latino, que se sentava ao lado de Lavínia, sua filha. Vi o Bruto que perseguiu Tarquínio, Lucrécia, Júlia, Márcia e Cornélia, e, sozinho, à parte, vi Saladino.

[130] Erguendo-me mais um pouco, vi Aristóteles, o mestre dos

filósofos, a quem todos admiram e cobrem de honras; ali vi também Sócrates e Platão, que estão ao lado do mestre. Demócrito de Abdera, que o mundo pôs sob o acaso; Diógenes, Anaxágoras e Tales de Mileto, Empédocles, Heráclito e Zenão; e vi Dioscórides, coletor e médico de grande valor, mais Orfeu, Túlio Cícero, Lino e o moralista Sêneca; Euclides, o geômetra, e Ptolomeu, Hipócrates, Avicena e Galeno, e mais Averróis, o grande comentador de Aristóteles.

[145] Não posso retratar plenamente todos e tudo, e tão vasto é esse assunto que para dizê-lo me falta muito. A companhia dos seis poetas dividiu-se em duas, pois o sábio guia por um outro caminho me conduziu, para fora da quietude, rumo ao ar que tremula de suspiros, onde luz não há.

Canto V

Dante passa do primeiro para o segundo círculo. Ali encontra o primeiro dos seres infernais: Minós, o demônio que julga as almas que chegam ao Inferno e indica em que círculo devem ser atiradas. No segundo círculo estão os condenados pelo pecado da luxúria. Seu castigo é serem açoitados por uma tempestade perpétua. Dante pergunta a Virgílio se pode conversar com alguma daquelas almas. Autorizado, ouve Francesca da Rimini, que gira pela tempestade agarrada a seu amante, Paolo Malatesta, contar a dolorosa história de sua culpa. Depois de ouvi-la, desmaia de compaixão.

[1] Desci então do primeiro ao segundo círculo, onde o espaço se estreita, a dor se amplia e nos machucam os lamentos que ouvimos. Ali estava o horripilante Minós, que examina a culpa das almas que chegam e, rosnando, as julga e as envia para as fossas infernais. Quando a alma condenada surge

diante dele, ela confessa todos seus pecados.[10] Ao conhecer a culpa de cada uma delas, Minós determina onde a alma deve ficar no Inferno. Ele faz isso enrolando a horrenda cauda até chegar ao número do círculo em que a alma deve ser atirada. Diante dele sempre há uma multidão de sombras, que, uma após a outra, confessam e ouvem a sentença depois da qual são jogadas no fosso.

[16] – Ó tu que vens ao doloroso asilo – disse Minós, quando me viu, deixando de lado seu trabalho –, olha o que fazes e aquele em que te fias; não deixes a porta enorme pela qual entraste te enganar!

E meu guia a ele:

– Por que gritas assim? Isso não impedirá que ele entre, pois quis assim quem está onde se pode fazer tudo que se deseja, e mais não digas.

[25] Então comecei a ouvir os dolorosos gemidos. Estava no ponto onde a força do pranto tocava duro em minha alma. Era o lugar onde a luz cala e um mugido perene ressoa, tal como faz o mar durante a tempestade quando os ventos se combatem. O ventarrão infernal[11] que nunca cessa de carregar os espíritos em seu redemoinho e ainda os verga e os golpeia, molestando-os. Quando chegam à beira do precipício, soltam gritos, gemidos e lamentos, e blasfemam contra a virtude divina. Compreendi então que essa era a forma do castigo destinado aos pecadores da carne, que submetem a razão ao desejo. Como as andorinhas que no inverno voam em bandos, formando fileiras largas e densas, assim iam aquelas almas más, jogadas para lá e para cá, para cima e para baixo, à força do sopro do redemoinho infernal. Nenhuma esperança as conforta, nem de pousar, nem de obter uma pena menor. Como os grous que ao mesmo tempo voam e cantam seus ais, traçando no ar uma longa linha, assim eu as vi, lamentando-se, enquanto eram levadas pela tempestade. Por isso, eu disse:

– Mestre, quem é essa gente que o ar negro tanto castiga?

– A primeira entre elas – disse-me por partes – foi imperatriz de muitas estirpes. O vício da luxúria a deixou tão sem freios que, para remover qualquer culpa de seus atos, fez da libido lei. É Semíramis, de quem lemos ter sido esposa de Nino, a quem sucedeu para governar a Assíria, que hoje o Sultão governa. A outra ali é Dido, que se enamorou depois de viúva traindo as cinzas de Siqueu. A outra ali é a luxuriosa Cleópatra; e vê Helena, pela qual tantos reis brigaram, e também o grande Aquiles, que fez seu último combate apaixonado. Veja Páris, Tristão – e mais de mil sombras me mostrou e apontou-me com o dedo, sombras que desta vida partiram à força do amor.

[70] Depois que ouvi o meu doutor nomear as damas e os cavalheiros da Antiguidade, fiquei comovido e quase sucumbi. Então comecei:

– Poeta, gostaria muito de falar com aqueles dois que vão abraçados parecendo mais leves e rápidos que os demais.

Ele a mim:

– Presta a atenção à hora em que eles estiverem mais perto de nós e pede a eles pelo amor que os une, que eles te atenderão.

Assim que o vento os aproximou de nós, falei-lhes:

– Ó almas fatigadas, vinde falar conosco, se nada vos impede!

Como pombas que voltam ao ninho, com as asas elevadas e firmes, guiadas pela vontade, voaram até nós saindo do grupo em que estava Dido. Tão forte e afetuoso foi nosso apelo que vieram pelo ar imundo.[12]

[88] – Ó animal gracioso e benevolente que visita o ar fosco, nós que tingimos o mundo de sangue, se fôssemos amigos do rei do universo, pediríamos para ele a paz que desejas, pois tu te apiedas do nosso perverso mal. O que quiseres ouvir e falar nós falaremos e ouviremos enquanto o

vento continuar assim, estático. Nasci na terra onde o rio Pó deságua para encontrar sossego junto com seus afluentes. Amor, que tão rápido toma o coração gentil, prendeu-me a esta bela pessoa que foi arrancada de mim; e o modo como isso aconteceu ainda me ofende. Amor, que a amado algum amar desobriga, me prendeu a ele com desejo tão forte que, como vês, ainda não me abandona.[13] O amor nos levou a uma mesma morte. A Caína, o nono círculo, espera aquele que apagou a chama de nossa vida – com estas palavras, narrou sua história.

[109] Quando entendi o que aquelas almas suportavam, baixei a cabeça e assim a mantive até o poeta dirigir-se a mim:

– Em que pensas?

Respondi:

– Ó dor, quantos pensamentos doces, quanto desejo levou os dois a dar esse doloroso passo!

Em seguida, me voltei na direção deles e comecei:

– Francesca, teu martírio me deixa triste e penalizado. Mas diz-me: no tempo dos doces suspiros, a quem e como concedeste teu amor, quando conheceste os desejos duvidosos?

E ela a mim:

– Nada dói mais do que recordar-se, na miséria, dos tempos felizes; e isso o teu doutor sabe muito bem. Mas se tens tanta vontade de conhecer a origem do nosso amor, eu te direi tudo, chorando e falando ao mesmo tempo. [124] Um dia líamos por deleite a história de Lancelote, de como o amor o coagia. Estávamos sozinhos, sem nada recear. Por várias vezes erguemos os olhos do livro e face a face nos encarávamos, até que uma hora fomos vencidos por isso. Enquanto líamos a cena em que a desejada boca de Guinevere era beijada por seu amante, Paolo, que nunca mais será separado

de mim, beijou-me a boca todo trêmulo. O livro fez a nós o que Galeotto fez no romance, e daquele dia em diante não lemos nunca mais.[14]

[139] Enquanto uma alma nos contava, a outra chorava. E isso me fez sentir a morte por dentro. E caí como corpo morto cai.[15]

Canto VI

Dante recupera os sentidos e se vê no terceiro círculo do Inferno, destinado aos que pecaram por causa da gula. Os condenados permanecem deitados debaixo de uma chuva imunda, de granizo e neve misturados, sendo dilacerados por Cérbero, o cão demônio. Este tenta impedir a caminhada dos poetas, mas é vencido por uma artimanha de Virgílio. Mais adiante, Dante é reconhecido por um conterrâneo, o florentino Ciacco, que profetiza a vitória do partido dos Negros e a derrota dos Brancos, facções que brigavam pelo poder em Florença. Por fim, Virgílio explica ao poeta a condição dos condenados, depois da ressurreição dos corpos no Juízo Final.

[1] Ao recobrar a mente, que escureceu ante a visão dos infelizes cunhados, cuja tristeza me transtornou, para onde quer que me movesse, me voltasse ou espiasse via ao meu redor novos tormentos e novos atormentados. Estou no terceiro círculo, da chuva eterna, da chuva maldita, chuva gelada e torrencial. Sempre igual na quantidade e qualidade, ela jamais se altera. Enormes granizos, água escura e neve caem pelo ar tenebroso e infectam a terra em que tocam.

[13] Cérbero, fera cruel e monstruosa, com três pescoços, late como um cão em cima da gente que aqui vai submersa. Os olhos são vermelhos, a barba é gordurosa e imunda, a barriga imensa e tem garras que laceram,

esfolam e rasgam os espíritos. A chuva os faz uivar como cães, e esses pobres profanadores tentam se defender, jogando-se de um lado para o outro. Quando nos viu, o verme imenso abriu as bocas e nos mostrou as presas, sacudindo o corpo todo. Meu guia abriu as mãos, encheu-as de terra e a jogou dentro daquelas ávidas gargantas. Cérbero fez como o cão que rosna e depois se aquieta ao morder a comida, pois só pensa em devorá-la e por ela lutar. Desanuviaram-se, então, as porcas faces do demônio Cérbero, que atroa tão forte que deixa surdas as almas.

[34] Passávamos sobre os condenados submetidos à grossa chuva, pisando em sombras embora parecessem corpos. Todas jaziam pela terra, a não ser uma, que se sentou assim que nos viu passar e dirigiu-se a mim:

– Ó tu que vivo és conduzido por este Inferno, reconhece-me, pois foste feito antes de eu ser desfeito.

Eu disse a ele:

– A pena que tu recebes talvez impeça-me de reconhecer-te, pois parece-me que jamais te vi antes. Mas diz-me quem és, tu que foste arremessado nesse lugar tão penoso, onde o castigo, se há outro maior, nenhum é mais repulsivo.

E ele a mim:

– Em tua cidade[16], que de tanta inveja é cheia que transborda do saco, na qual vivi tranquilamente, teus concidadãos me chamavam de Ciacco. Pela danada culpa da gula nesta chuva me arraso. Eu, alma triste, não estou só, porque todas essas aí sofrem igualmente pela mesma culpa.

E não disse mais nada. Eu lhe respondi:

– Ciacco, teu sofrimento me penaliza tanto que me mal consigo conter as lágrimas, mas diz-me, se puderes, onde chegarão os cidadãos da cidade partida, se há alguém justo por lá e por que é assaltada por tanta discórdia.

E ele:

– Depois de longa tensão, muito sangue será vertido e a facção da selva[17] expulsará a outra, causando-lhe muitos danos. Mas em seguida será fatal que, antes de três voltas do sol, a facção suplantada vencerá a outra, com a força daquele que agora nos ilude. Por muito tempo os membros do grupo vencedor manterão a cabeça erguida, submetendo o outro a graves danos, restando chorar e odiar pelo que passam. Quanto aos justos, há dois ali, que não foram compreendidos. Soberba, inveja e avareza foram as três fagulhas que incendiaram o coração dos seus cidadãos.

Assim terminou a fala chorosa. Eu disse:

– Gostaria que tu ainda, se puderes, continuasses a falar do que vens falando. Farinata e Teghiaio, que foram muito honrados, Jacopo Rusticucci, Arrigo e Mosca e os demais que puseram seu engenho em favor do bem, diz onde estão, quero saber, porque um grande desejo me aperta, se o céu os conforta ou o inferno os corrompe.

Ele a mim:

– Eles estão entre as almas mais escuras, culpas diferentes os marcam lá no fundo. Se desceres mais, tu poderás vê-los. Mas, quando tu estiveres no doce mundo, rogo-te que às mentes de lá me recordes, e mais não te falo nem te respondo.

[91] Revirou os olhos, mirando-me obliquamente, olhando-me ainda um instante após o que baixou a cabeça, que tombou junto à dos outros cegos pela gula. E o guia disse:

– Ninguém despertará aqui a não ser ao som da trompa angelical, quando virá a potestade inimiga de todo mal: cada um irá rever a triste sepultura, retomará seu corpo e sua figura e ouvirá aquilo que no eterno estrondeia.

[100] Assim ultrapassamos lentamente a mistura suja de sombras e

chuva, resvalando um pouco em coisas futuras, o que me fez dizer:

– Mestre, os tormentos aumentarão depois da grande sentença, ou serão menores, ou tão violentos quanto estes?

E ele a mim:

– Recorda a tua ciência e pensa[18]: quanto mais a coisa é perfeita[19], sente-se mais o bem e sofre-se mais a dor. Embora essa gente amaldiçoada jamais alcançe a perfeição, estarão mais perto dela depois do Juízo Final do que agora.

[112] Andamos circundando o caminho, falando muito mais do que agora eu digo, até que chegamos ao ponto em que nova descida começa: ali encontramos Pluto, o grande inimigo.

Canto VII

Os poetas passam pelo quarto e quinto círculos. No quarto, se deparam com Pluto, o demônio que o guarda. Virgílio faz o demônio calar e tombar, e assim os poetas podem prosseguir sua jornada. Nessa fossa são punidos, em dois grupos opostos, os avaros e os esbanjadores. As almas condenadas correm de um lado para o outro se batendo e empurrando enormes pesos, xingando-se umas às outras. Dante vê clérigos, papas e cardeais entre os avaros. Virgílio explica a Dante o valor dos bens da Fortuna e como esta age como ministra da Providência. Os poetas descem então ao quinto círculo, à margem de um riacho que forma o pântano do Estige, o segundo rio do Inferno. Nele estão submersos e aglomerados os furiosos, que se mordem e se estraçalham entre si.

[1] – *Pape Satan, pape Satan aleppe!* – começou Pluto com a voz rouca.

Para me confortar, o gentil sábio, que tudo sabe, me disse:

– Não deixes o medo te fazer mal, porque, por mais poder que tenha, ele não impedirá que desçamos este precipício. – Depois se voltou para o rosto inflamado do cão e disse: – Cala-te, maldito lobo! Consome tua raiva dentro de ti. Não é sem motivo que caminhamos pelo abismo, assim se quis lá no alto, lá onde o anjo Miguel vingou-se do soberbo estupro.

Tal como velas insufladas pelo vento caem amarfanhadas depois que o mastro do navio se rompe, assim caiu a fera cruenta na terra.

[16] Então descemos rumo à quarta fossa, aprofundando-nos mais ainda na dolorosa ribanceira que todo o mal do universo engole. Ah! Justiça divina! Quem reuniu tantas penas e trabalhos quantos aqui eu vi? E por que, ainda assim, não nos extirpa a culpa?

[22] Como faz o mar em Caríbde[20], onde as ondas umas contras as outras se chocam e se dividem, assim as almas desse círculo faziam. Aqui vi mais gente junta que em qualquer outro lugar. Elas se chocavam depois de virem correndo de lados opostos, ao mesmo tempo gritando e empurrando pesos enormes com o peito. Batiam umas nas outras, dando-se encontrões, e depois recuavam, gritando entre si:

– Por que guardas?

– Por que desperdiças?

Assim iam e vinham pelo círculo tétrico, lançando-se umas contra as outras de um extremo ao outro, gritando o estribilho vergonhoso; depois novamente juntavam-se para outra disputa. Com coração confrangido, eu disse:

– Mestre meu, diz agora que gente é esta, se são todos clérigos, estes com os cabelos tonsurados, à esquerda.

Ele me respondeu:

– São uns estrábicos mentais[21] que na vida anterior gastaram sem discernimento. Seus gritos deixam claro o que são, e gritam mais quando estão no ponto onde o pecado os separa. Os que têm o cabelo tonsurado foram clérigos, papas e cardeais. Todos foram avaros em excesso.

Eu disse, então:

– Mestre, certamente eu reconheceria entre eles alguns que foram emporcalhados por este mal.

E ele a mim:

– Ideia vã esta que vem a ti. A falta de consciência das coisas os maculou e os deixou irreconhecíveis. Ficam eternamente assim e ressurgirão do túmulo uns com os punhos fechados e outros sem os cabelos. Por não saberem dar nem guardar foram tolhidos do belo mundo e colocados nesta escaramuça eterna, cuja descrição palavra alguma pode embelezar. Veja, então, filho, o ledo engano em relação aos bens que se atribuem à fortuna e pelos quais os homens se descabelam, pois nem todo o ouro que há e já houve na terra é capaz de confortar as almas cansadas que aqui pelejam.

Eu disse, então:

– Mestre meu, diz agora, também: essa fortuna que tu mencionaste, o que é, é esta que segura entre as garras todos os bens do mundo?

E ele a mim:

– Ó criaturas tolas, sua ignorância ofende a inteligência! Quero que recebas minha sentença como uma criança recebe na boca seu alimento. Aquele cujo saber a tudo transcende fez os céus e criou quem os conduzisse, tudo e a todos lugares iluminando, distribuindo igualmente a luz. Do mesmo modo instituiu um ministro e guia voltado para os bens mundanos para que os trocasse de tempos em tempos de um povo a outro, de uma família a outra, tudo isso estando acima do entendimento humano. Assim, um povo

impera enquanto o outro decai, segundo o juízo dela, que se oculta de nós como a cobra na relva. Vosso saber nem toca nela: ela provê, julga e condena, como fazem os outros ministros em seu reino. Mudanças produz sem trégua, a necessidade a faz veloz, por isso tantos são transformados incessantemente por ela. A fortuna é aquela que tantas vezes foi crucificada justo por aqueles que deveriam louvá-la, porém criticaram-na e levantaram a voz contra ela. Mas por ser pura, ela não ouve nada, vive entre os anjos e, girando em sua esfera, frui feliz. Agora desçamos mais, onde pena maior há. As estrelas que vi subir quando te encontrei agora caem[22], por isso não podemos ficar parados.

[97] Atravessamos o círculo e demos na outra margem por cima de uma nascente da qual jorra água fervente. Tão escura era a água que brotava dali que chegava a ser marrom, marrom-escura. Acompanhados dessas ondas cinzentas, adentramos mais abaixo por um caminho inusitado. Essas águas formam um pântano chamado Estige, triste riacho que desce ao pé de tristes e cinzentas margens.

[109] E eu, que olhava tudo atentamente, vi almas afundadas na lama, nuas, com ar furioso no rosto. Elas se batiam, não com as mãos, mas com a cabeça, o peito e os pés, arrancando pedaços umas das outras com os dentes. O bom mestre disse:

– Filho, estas são as almas que foram consumidas pela ira, e não duvides de que debaixo dessa água há mais gente que suspira e faz borbulhar essa água mais alto, como teus olhos mesmos te dizem, seja para onde quer que girem. Aglomeradas no lodo, essas almas dizem: “Tristes vivíamos no doce ar alegrado pelo sol, levando dentro de nós a obscura tibieza, e agora mais nos entristecemos nesta lama negra”. Esse hino elas gorgolejam, pois não

conseguem pronunciar palavras inteiras.

[127] Demos a volta pelo poço imundo, pelo grande arco entre a ribanceira seca e a água pastosa, olhando as sombras afundadas na lama. No fim, chegamos ao pé de uma torre.

Canto VIII

Os poetas chegam ao castelo de Dite, que fica entre as duas margens do Estige. Um pouco antes, Dante vê sinais luminosos no alto das suas torres. Antes de compreender o que se passa, Dante avista um barquinho, veloz como uma flecha, vindo na direção deles. É o remador Flégias, que leva os poetas para outra margem do rio, junto à porta do castelo. No meio do caminho, Dante discute com um condenado, um florentino castigado por sua ira e soberba. Na porta do castelo de Dite, Dante vê inúmeros demônios, anjos caídos, que escarnecem dele e de Virgílio. O poeta romano conversa com eles, mas os demônios só aceitam o ingresso de Virgílio e vetam a entrada de Dante, ser vivo que contraria as regras do Inferno. Virgílio pede a Dante que não perca a esperança.

[1] Digo, continuando, que bem antes de chegarmos à torre do castelo de Dite nossos olhos avistaram no alto duas chamazinhas e mais outra que à distância respondia às outras, que mesmo longe pudemos avistar, percebendo haver não uma, mas duas torres. Dirigi-me, então, ao mar de sabedoria:

– O que significam? O que responde a outra chama? E quem está fazendo estes sinais?

E ele a mim:

– Por cima das águas encardidas já deve ser possível ver aquele que se

espera, a menos que a caligem do pântano o esconda de ti.

[13] Nenhuma corda lançou flecha que corresse pelo ar mais rápida do que um barquinho que cruzou as águas até nós enquanto o mestre ainda falava. Um remador sozinho a conduzia e gritava:

– Ora, chegaste, alma celerada!

– Flégias, Flégias, gritas em vão – disse o meu senhor –, desta vez não farás mais do que atravessar o pântano.

Como aquele que se engana sobre algo e isso guarda na memória, Flégias teve de conter a ira que sentia.

[25] Meu guia entrou no barco e fez-me embarcar depois e só quando ali pisei o barco pareceu afundar pelo peso. Mal havíamos entrado na barca, sua proa cortou as águas como nunca antes fizera levando outras almas. Enquanto navegávamos pelo pântano morto, à minha frente moveu-se uma sombra enlameada que disse:

– Quem és tu que vens até aqui antes da tua hora?

E eu a ele:

– Se aqui venho, aqui não fico, mas quem és, que tão feio se fez aqui?

Respondeu-me:

– Não vês, sou um dos que choram.

E eu a ele:

– Chorando e sofrendo ficarás aqui, espírito desgraçado, que te reconheço apesar da lama que te cobre.

Ele então esticou os braços, pelo que rapidamente meu mestre o empurrou, dizendo-lhe:

– Vai para lá, com os outros cães!

Em seguida, o mestre passou os braços pelo meu pescoço dando-me um beijo no rosto e me disse:

– Alma elevada, bendita é aquela que te gerou! Aquele em vida foi arrogante, nada de bom recordamos dele, por isso está entre os furiosos. Muitos daqueles que lá na Terra foram grandes senhores aqui estão como porcos no chiqueiro, recebendo o mais vil desprezo.

– Mestre – disse eu –, gostaria muito de vê-lo chafurdar nesse chorume antes de chegarmos à outra margem.

E ele a mim:

– Antes que vejas a margem teu desejo será saciado, e é bom que gozes por isso.

[58] Dali a pouco vi os demais condenados do charco castigarem-no, motivo pelo qual ainda louvo e agradeço a Deus. As almas gritavam-lhe:

– Dá-lhe, Filippo Argenti! – enquanto o irritadiço espírito florentino cravava os dentes em si mesmo. Aqui o deixamos, e sobre isso não digo mais nada.

[65] De repente um lamento ressoou em meus ouvidos, o que me fez arregalar os olhos e encarar o que vinha à frente. O bom mestre disse:

– Agora, filho, aproxima-se a cidade chamada Dite, onde estão citadinos condenados em grande quantidade.

E eu:

– Mestre, já vejo as suas torres, que estão vermelhas como se por dentro pegassem fogo.

E ele me disse:

– O fogo eterno que existe lá faz as torres parecerem rubras, como tudo que aqui vês no inferno profundo.

Chegamos então nas profundas fossas que guardam aquela terra desolada, e vimos seus muros, que parecem feitos de ferro.

[79] Depois de dar uma grande volta, chegamos ao lugar de onde o

barqueiro gritou, forte:

– Descei, a entrada é aqui.

Vi milhares deles, dos que caíram do céu, no alto da porta. De lá caíam como se chovessem, dizendo causticamente:

– Quem é esse que sem morte anda pelo reino das almas mortas?

E meu sábio mestre fez um sinal para falar-lhes secretamente. Então deixaram de lado o desprezo com o qual nos trataram e disseram:

– Vem só, e o outro que se mande deste reino onde tanto quis entrar. Ele que volte sozinho pela estrada pela qual aqui desatinadamente chegou. Ele que tente, se puder, porque tu ficarás aqui, tu que o conduziste pela estrada escura.

[94] Imagina, leitor, o mal-estar que senti ao ouvir aquelas palavras malditas, pois tive a certeza de que jamais voltaria à Terra.

– Ó meu caro guia, que mais de sete vezes me protegeu e livrou-me dos grandes perigos que aqui encontrei, não me deixes assim tão perdido – disse eu –, e se nos é negado ir mais além, voltemos juntos por onde viemos, já.

E aquele senhor que até ali me havia guiado disse:

– Não temas, porque nosso passo não pode ser interrompido por ninguém, isso é fato. Espera aqui e fortalece o espírito cansado com a boa comida que é a esperança, pois não te deixarei aqui no mundo baixo.

[109] Assim ele vai e ali me abandona, meu doce pai, e a dúvida me assalta, ficando o sim e o não combatendo em minha cabeça. Não pude ouvir o que lá disseram, mas eles não ficaram ali por muito tempo, pois nossos inimigos um a um entraram na cidade. Fecharam a porta na frente do meu senhor, que do lado de fora ficou. Voltou-se e veio até mim lentamente. Seus olhos, hesitantes, miravam o chão, enquanto suspirava:

– Olha quem me nega agora a entrada à cidade dolorosa! – E a mim

disse: – Não temas por me ver abatido assim, porque eu vencerei a prova, seja qual for a força que se agita dentro daqueles muros. Não é novidade esse ato presunçoso e temerário, pois eles já fizeram isso outra vez em outra porta, que até agora se encontra aberta.[23] No alto dela tu viste a escrita morta e por ela tu já passaste, e atravessaste os outros círculos sem ser detido. Assim também se abrirão as portas desta terra.

Canto IX

Dante apavora-se ao ver Virgílio recuar do muro de Dite. O poeta latino procura acalmá-lo, contando-lhe que já esteve ali antes. Nesse meio-tempo surgem as Erínias, as três fúrias. Do alto dos muros da cidade infernal os ameaçam. Mas logo surge um anjo enviado do céu que bate e derruba a porta de Dite. Os poetas conseguem finalmente entrar na cidade e veem túmulos tomados pelo fogo, nos quais jazem os hereges.

[1] Fiquei pálido ao ver meu guia voltar, o que o fez controlar rapidamente o desânimo. Ele parou atento para escutar melhor, pois os olhos não podiam ver à distância através do ar escuro e da névoa densa.

– Então, a nós convirá ganhar a luta – começou ele –, senão... É o que está disposto. Ah, como demora aquele que virá para isso!

Vi bem como ele atenuou as palavras com as quais começou a falar e depois com outras bem diferentes prosseguiu, mas temi quando a fala dele truncou porque pensei que pronunciaria sentença bem pior.

– No fundo desta triste concha já desceu alguém vindo do Limbo, cuja pena é ter a esperança mutilada? – perguntei.

E ele:

– É muito raro um de nós percorrer este caminho pelo qual eu vou. É

verdade que já estive aqui outra vez, obrigado pela cruel Eritone[24], que reclamava uma sombra para um cadáver seu. Eu acabara de morrer quando ela me fez entrar por aquele muro para trazer-lhe um espírito da Judeca, o círculo mais baixo e escuro do Inferno, e o mais distante do céu que tudo abarca. Eu conheço bem o caminho, fica tranquilo. Este pântano do qual exala essa fedentina contorna a cidade dolorosa onde não podemos entrar a não ser lutando.

[34] Disse-me mais coisas, mas não as guardei na mente. Então meus olhos foram atraídos para o alto da torre incandescente onde víramos uma das chamas quando chegamos. De repente, ergueram-se três fúrias do Inferno, tingidas de sangue, com braços e aspecto femininos, com víboras verdíssimas enroladas na cintura, serpentários e cerastas como crina, aferradas às suas horrorosas cabeças. E o guia, que conhecia bem as servas da rainha do eterno pranto:

– Olha – me disse –, as ferozes Erínias. Do lado esquerdo está a Megera; aquela que chora à direita é Aleto, no meio está Teséfone – e calou-se neste ponto.

[49] Com as unhas arranhavam o peito, batiam-se com a palma das mãos e gritavam tão alto que eu, temeroso, aproximei-me do poeta.

– Venha, Medusa, vamos transformá-los em pedra – diziam todas olhando para baixo –; fizemos mal em não vingar o rapto de Teseu.[25]

[55] – Vira para trás e fecha os olhos; se a Górgona aparecer-te e tu a vires, jamais tornarás a subir de novo. – Assim disse o mestre e ele mesmo virou-me e, sem confiar nas minhas mãos, usou as dele para fechar-me os olhos.

[61] Ó vós que mantendes a mente sã, mirai a doutrina que se esconde sob o véu destas estranhas linhas.

[64] Vinha então, nessa hora, através das ondas turvas do Estige um estrondoso e espantoso barulho, que as duas margens do rio estremecia, semelhante a um vento impetuoso movido por turbilhões contrários, que golpeia a selva sem poder ser contido. Vento que rompe galhos, derruba-os e os arremessa longe; segue em frente impetuosamente numa nuvem de pó, pondo para correr feras e pastores.

[73] O poeta desvenda-me os olhos e diz:

– Agora mira os olhos na direção daquela espuma velha, na parte em que o vapor do pântano é mais amargo.

Tal como as rãs diante da cobra d'água se dispersam todas até apinharem-se na margem, vi milhares de almas arruinadas fugirem desse modo de alguém cujos pés passavam por cima do Estige sem se molhar. Agitando o braço esquerdo, removia o ar gorduroso do rosto e só isso parecia molestá-lo. Logo percebi que era alguém mandado pelos céus e me virei na direção do mestre e ele me fez um sinal para calar-me e reverenciá-lo. Ah, quanto me pareceu furioso! Chegou até a porta da cidade e com uma varinha a abriu sem que nada o detivesse.

– Ó renegados do céu, ó gente abjeta – começou ele junto àquela horrível soleira –, de onde vem em vós tão temerária prepotência? Por que resististes à vontade que nada pode demover e que faz, como várias vezes fez, aumentar vossa dor? Que vantagem há em lutar contra o destino? Vosso Cérbero, como lembrastes muito bem, até hoje está com a fuça e o pescoço raspados.[26]

Depois retornou pelo caminho imundo, sem olhar para nós, exibindo a feição de um homem ocupado e mordido por outra vontade em razão da qual segue adiante, enquanto nós nos dirigimos em direção à fortaleza, seguros depois das santas palavras.

[106] Entramos ali sem luta alguma, e eu, querendo observar a condição dos condenados que a fortaleza guardava, logo que entrei olhei em volta e vi à direita e à esquerda uma imensa planície encharcada de lamentos e de horrível tormento. Assim como no cemitério de Arles, onde o rio Ródano se estagna; ou no de Pola, junto ao golfo de Carnaro, que banha e confina a Itália, os túmulos aqui deixam tudo desalinhado, só que de um modo muito mais amargo. Isso porque em volta das tumbas havia chamas, que deixavam tudo em brasas de um modo que nem a arte do metal mais verdadeira faria. Todas as lápides estavam suspensas e, de dentro dos túmulos, saíam duros lamentos que pareciam bem ser de miseráveis e atormentados.

[124] E eu:

– Mestre, quem é esta gente da qual, sepultada dentro dessas arcas, ouvimos suspiros dolorosos?

E ele para mim:

– Aqui estão os hereges e mais seus seguidores, de todas as seitas, e muitos ainda essas tumbas sustentam, mais do que você acreditaria. Igual com igual aqui estão sepultados, e os jazigos são mais ou menos quentes de acordo com o pecado.

[133] E depois que virou à direita passamos entre os túmulos e os altos muros.

Canto X

Dante e Virgílio andam pelo sexto círculo, onde os hereges sofrem dentro de túmulos em brasa, como os seguidores do filósofo grego Epicuro. Encontram Farinata degli Uberti e Cavalcante dei Cavalcanti, conterrâneos de Dante. Com o primeiro Dante troca palavras ríspidas e

conhece parte de seu futuro; com o segundo, tem uma conversa truncada só esclarecida no final do canto. O poeta italiano descobre que os condenados podem prever o futuro, mas nada sabem sobre o presente.

[1] Agora íamos, meu mestre à frente, por uma viela entre o muro da cidadela e as tumbas incandescentes.

– Ó virtude suprema, que pelos círculos ímpios me leva – comecei –, se a ti satisfizer, fala-me e satisfaz-me meus anseios. É possível ver as pessoas que jazem nos sepulcros? Todas suas lajes estão erguidas, estão todos descobertos, mas ninguém os vigia.

E ele a mim:

– Todos serão cerrados e aqui voltarão depois de julgados por Javé com os corpos que lá em cima deixaram. No cemitério daqui estão todos os seguidores de Epicuro, para os quais a alma morre com o corpo. Mas a pergunta que me fazes será respondida logo apesar de seu desejo ainda não se manifestar.

E eu:

– Generoso guia, não escondo de ti meu coração senão para dizer o pouco e o necessário e tu me dispões somente o que podes.

[22] – Ó Toscano, que vivo ides honestamente falando pela cidade do fogo, parai aqui um instante. A vossa língua deixa manifesta a nobre pátria onde nascestes, na qual fui, talvez, muito inoportuno. – Repentinamente de um dos sarcófagos saiu essa voz, o que me encheu de medo e me fez aproximar-me mais do meu guia.

E ele me disse:

– Volta! O que estás fazendo? Vê, ali, aquele que aparece em pé, da cintura para cima; é Farinata!

Eu já o tinha visto; ele, que erguia o peito e a fronte como se desprezasse, e muito, o Inferno. E as diligentes mãos do guia prontamente me levaram entre as sepulturas e isto ele me disse:

– As tuas palavras devem ser as mais claras possíveis.

[40] Cheguei próximo à tumba, e ele, depois de olhar-me um pouco, com tom desdenhoso, me perguntou:

– Quem foi o maior de teus antepassados?

Eu, que estava atento para obedecer-lhe, não escondi nada e falei de todos os meus ascendentes, o que o fez erguer levemente as sobrancelhas e responder:

– Decerto foram adversários meus, de meus parentes e de meu partido, que por duas vezes os expulsou da cidade.

– Se foram expulsos, retornaram; retornaram de todos os cantos e mais de uma vez – respondi –, mas os vossos não aprenderam bem esta arte.

[52] De repente surgiu uma sombra ao lado da de Farinata, visível até o queixo, talvez por estar, creio, apoiada sobre os joelhos. Olhou à minha volta como se quisesse ver outra pessoa comigo, e depois que essa esperança se apagou, chorando, disse:

– Se andais por este cego cárcere devido ao vosso elevado engenho, onde está meu filho? Por que ele não está convosco?

Eu disse a ele:

– Não venho aqui por mim mesmo, mas levado por aquele ali, que é guiado por alguém que o vosso Guido desdenhou, creio eu.

Por suas palavras e pelo seu castigo consegui decifrar seu nome e responder-lhe com precisão. Mas de repente ele ergueu-se e gritou:

– Como? Dissestes “desdenhou”? Ele não vive mais? A doce luz do sol não lhe fere mais os olhos?

Quando percebeu que eu me demorava para lhe responder, caiu para trás e não apareceu mais para fora da tumba.

[73] Mas aquele outro grande, cujo pedido me fez parar ali, não mudara o semblante, nem movera o pescoço, tampouco dobrara a espinha.

– E se – continuando a falar a respeito do que eu dissera atrás – eles aprenderam mal aquela arte – disse –, isso me aflige mais do que este leito. Mas não se acenderá mais de cinquenta vezes a face da mulher que reina aqui no Inferno quando sabereis, então, quanto é difícil aprender essa arte. Possais vós retornar ao doce mundo, mas dizei-me por que o povo dessa cidade é tão impiedoso com os meus, contra os quais aplicam leis tão duras?

E eu disse a ele:

– O massacre e o grande morticínio que tingiu de vermelho o rio Árbia é a oração que fez erguer esse templo, a razão de criarem essas leis.

Depois de suspirar e mover a cabeça:

– Nessa batalha não fui só – ele disse –, nem sem razão lutei com os demais. Mas fui o único que suportou um a um o desejo de derrubar os muros de Florença, os quais defendi de peito aberto.

– Que vossos descendentes possam ter paz – e roguei-lhe –, e solucionai-me um nó que perturba-me o juízo. Parece que vedes, se bem entendi, à frente aquilo que o tempo leva consigo, e, quanto ao presente, acontece diferente.

– Nós enxergamos como quem tem a visão ruim – disse ele –, aquilo que está longe da gente é o pouco de luz que ainda nos consente o sumo guia. Quando os fatos se aproximam ou tornam-se presentes, nosso intelecto é inútil; e se os outros que aqui chegam nada nos informam, coisa alguma sabemos dos homens. Mas sabemos que esse conhecimento morrerá completamente quando a porta do futuro nos for fechada.

Então, sentindo-me culpado, disse a ele:

– Dizei então ao outro condenado que o filho dele ainda está entre os vivos, e se eu calei e não lhe respondi, fazei-lhe saber que fiz assim porque àquela hora parara para pensar naquilo que só agora vós me solucionastes.

O mestre àquela altura já me chamava, mas ainda voltei-me para aquele espírito e lhe pedi que me dissesse rapidamente quem mais estava ali com ele. Ele me disse:

– Aqui jazem milhares, como o imperador Federico II e o Cardeal; mas sobre os outros me calo.

[121] Então desapareceu. Voltei meus passos na direção do antigo poeta, pensando naquelas palavras que previam coisas ruins para mim. E ele movimentou-se e depois, enquanto andava, me disse:

– Por que estás tão perdido?

Satisfiz sua dúvida.

– Tua memória conserva aquilo que ouviste contra ti – disse-me o sábio –, agora espera aqui – e ergue o dedo –: quando estiveres diante do doce raio dos belos olhos daquela que tudo vê, por ela tu saberás a viagem de tua vida.

Em seguida, virou à esquerda e deixamos o muro e giramos em direção ao centro do círculo por uma vereda que conduz a um vale cuja fedentina provoca náuseas ainda lá em cima.

Canto XI

Antes de descerem para o sétimo círculo, Dante e Virgílio conversam para acostumarem-se com o mau cheiro que sobe dessa seção do Inferno. Virgílio descreve como se organizam os três círculos finais: o sétimo, oitavo e nono, em que penam os violentos, os fraudulentos e os

traidores. No sétimo, há três giros, onde são castigados aqueles que violentam o próximo, a si mesmos e a Deus. Dante pergunta ainda por que os furiosos não estão na cidade de Dite e a razão de a usura ser um pecado contra Deus. Virgílio lhe responde prontamente.

[1] Demos no alto de um grande despenhadeiro formado por imensos fragmentos de rochas arranjadas em círculo. E ali, por causa do horrível e excessivo mau cheiro lançado pelo profundo abismo, recuamos e demos num enorme sepulcro onde vi este epitáfio: “Papa Anastácio, aquele que Fotino desviou do verdadeiro caminho, vigio”.[27]

– Convém retardar nossa descida para que nossos sentidos se acostumem ao triste bafo.

Assim disse o mestre; e eu lhe redargui:

– De algum modo encontremos uma compensação, para que nosso tempo não seja desperdiçado.

[15] – Nisso, meu filho, já penso. Dentro destas rochas – começou ele, então, a falar – há três círculos[28] cada vez mais estreitos que aqueles deixados para trás. Neles comprimem-se os espíritos malditos. Para que só a visão te baste ao vê-los mais adiante, entende como e por que neles estão condenados. Toda malícia, que enche os céus de ira, dá em injustiça, injustiça que fere os outros pela violência ou pela fraude. E porque a fraude é um mal próprio do homem desagrada mais a Deus; por isso mais abaixo estão os fraudulentos e dor maior os aflige.

[28] O primeiro círculo[29] é tomado pelos violentos e é dividido em três círculos menores ou giros, porque a violência atinge a pessoa de três formas: contra Deus, a si próprio e ao próximo. E não só contra eles, mas contra seus haveres também. E sobre isso se ouvirá mais claramente adiante. Contra o

próximo, dão-se a morte violenta ou dolorosos ferimentos; contra os bens, a destruição, o fogo, o roubo e a extorsão. Nesse primeiro giro vão sofrendo as penas em diferentes fileiras os homicidas, os que ferem maldosa e dolorosamente o próximo, além dos vândalos e saqueadores. O homem pode violentar a si mesmo ou aos seus bens; por isso no segundo giro ficam os suicidas, que inutilmente se lamentam de terem-se privado do mundo, e os que dissiparam seus bens e que, lá em cima, em vez de serem felizes só choraram. Pode-se usar também a violência contra a divindade, seja negando-a com o coração e blasfemando, seja desprezando sua natureza e sua bondade, e no menor giro, o terceiro, encerram-se em seus limites os habitantes de Sodoma e Cahors[30] e aqueles que, desprezando a Deus com o coração, usaram da palavra para blasfemar. [52] A fraude, onde a consciência é mais ferida, o homem a usa contra quem nele confia ou quem dele se guarda, precavido. Esse modo de fraude despedaça o vínculo entre o amor e a natureza, o que faz aninharem-se no segundo círculo os hipócritas, os aduladores, os mistificadores, os falsários, os traficantes, os simoníacos, os rufiões, os ladrões e outros da mesma laia.[31][61] Mas para o outro modo, em que o amor natural e a amizade são feridos, há o círculo menor, o terceiro e último, onde a cidade de Dite se apoia, no centro do universo, em que os traidores são eternamente castigados.

[67] E eu:

– Mestre, tão claro é teu raciocínio, e tão bem distingues este abismo e a população que ele guarda. Mas diz-me, aqueles condenados que vimos lá em cima: os furiosos do pântano untuoso, os luxuriosos castigados pelo ventarrão infernal, os gulosos açoitados pela grossa chuva, os avaros e pródigos que se batem e se xingam asperamente, por que não são punidos dentro da cidade de fogo já que Deus os tem em sua ira? E se não os tem,

por que sofrem essa pena?

E ele a mim:

– Por que desvias assim – disse – teu engenho daquilo que deves seguir? Ou tua mente mira distraída para outro lugar? Tu não te lembras daquelas palavras com que tua *Ética*[32] expõe largamente as três disposições que o céu desaprova: incontinência, malícia e a malfadada bestialidade, e como a incontinência ofende menos a Deus e menos reprovação recebe? Se tu guardares bem essa opinião e conduzires a mente para aqueles condenados que estão fora da cidade de Dite, tu verás bem por que eles foram separados desses rebeldes recolhidos aqui na cidade e por que a ira divina os castiga menos.

[91] – Ó sol que cura toda visão turva, tu não só me satisfazes como também resolves minhas dúvidas, e, se agrada-me saber, duvidar agrada-me igualmente. Ainda há pouco tu te referiste – disse eu – à usura, lá onde disseste quem a usura ofende, que ofende a Deus; tal nó, peço-te, me desates.

– Filosofia – disse ele –, para quem a entende, diz que a natureza toma seu curso do intelecto divino; e se tu notares bem a *Física* que estudaste de Aristóteles encontrarás, não depois de muitas páginas, que tua arte segue a natureza quanto pode, assim como fazem aluno e mestre; de modo que a arte do homem é neta de Deus, quase. Com essas duas, natureza e arte, se tu guardares na mente o início do *Gênesis*, convém aos homens tocarem suas vidas e com elas avançarem. E o usurário outra via segue, desprezando a natureza e seus seguidores, porque em outra coisa coloca sua esperança. Mas segue-me agora, que andar me agrada. A constelação de Peixes salta do horizonte, e o Carro, a Ursa Maior, declina, e a rampa para descermos ainda está longe.

Canto XII

Virgílio e Dante descem por uma ribanceira formada por um desmoronamento. Chegam, enfim, ao sétimo círculo. Ele é guardado pelo Minotauro, com o qual eles se deparam à entrada do primeiro giro, onde se encontram os violentos. O castigo deles é ficarem imersos num rio de sangue fervente, o Flegetonte, vigiados por centauros. Estes atiram flechas naqueles que emergem das águas mais do que lhes permitem seus castigos. Os poetas encontram Quíron, preceptor de Aquiles, Nesso e Folo. A pedido de Virgílio, Quíron solicita a Nesso que os guie até o segundo giro do sétimo círculo. Enquanto margeiam o Flegetonte, o centauro lhes revela os nomes de alguns dos condenados submergidos no rio. Ao fim, Nesso retorna, deixando-os à porta do giro seguinte.

[1] Chegamos à margem da ribanceira, lugar agreste pelo qual desceríamos e guardado por tal ente que olhar para tudo ali repugnava a vista. Pareciam as ruínas que ladeiam em Trento a margem esquerda do rio Ádige, resultantes do terremoto ou de corrosão da base. Ali, onde andávamos, no plano, a rocha caía abruptamente e dali se abria uma via para descer do alto do precipício em que estávamos. E, no outro extremo da região em ruínas, estava o opróbrio de Creta, que foi concebido em uma vaca postiça.[33] Quando nos viu, mordeu a si mesmo, como alguém cuja ira vence-o por dentro. O sábio meu dirigiu-se a ele, aos gritos:

– Pensas que este é o príncipe de Atenas[34], aquele que te matou lá em cima, no mundo dos vivos? Sai daqui, besta-fera, porque este aqui não vem guiado por tua irmã[35], mas viaja para assistir às penas dos condenados.

Como o touro que se solta do laço na hora de receber o golpe mortal e

pinoteia, saltando para lá e para cá, assim vi o Minotauro fazer. Atento, o mestre gritou:

– Corre para a passagem, enquanto ele enfurecido a desguarnece, é a hora de desceres.

[28] Descemos, então, em meio ao amontoado de rochas, que volta e meia se moviam sob meus pés, a cada passo que eu dava. Ia pensando, e o mestre disse:

– Creio que estás pensando nestas ruínas, guardadas por aquela besta furiosa que acabo de amansar. Agora quero que saibas que da outra vez que desci aqui, nessas profundezas, esta rocha ainda não havia sido derrubada. Mas pouco antes que aquele[36] aqui viesse, se me recordo bem, que grande leva arrastou da cidade de Dite até o Limbo, todo o profundo e nauseabundo vale tremeu. Tremeu tanto que pensei que o universo sentisse o amor, por meio do qual, há quem creia, o mundo retornará ao caos.[37] Nessa ocasião esta velha pedra aqui e em outros lugares revirou-se. Mas olha com atenção para o vale. Aproxima-se o rio de sangue onde ferve todo aquele que a violência praticou.

[49] Ó cega cobiça! Ira louca que fustiga nossa curta vida e eternamente nos banha tão dolorosamente! Vi um enorme fosso que abraçava todo o giro em que estávamos, segundo havia me dito minha escolta. Entre o precipício e o rio corriam em fila centauros armados de arcos e flechas, como se caçassem, tal qual faziam no mundo dos vivos. Vendo-nos apeando das pedras, alguns deles detiveram-se e três deles saíram da fila armando seus arcos e setas. Um deles gritou em nossa direção:

– A que martírio vindes vós que descestes a encosta? Dizei daí mesmo, de onde estais, senão atiro.

Meu mestre disse, então:

– Responderemos a Quíron, que está ali, perto de ti, pois teu mal sempre foi agires irrefreadamente pelo desejo. – Em seguida, me cutucou e disse: – Esse aí é o centauro Nesso, que morreu por causa da bela Djanira, morte vingada por ele mesmo.[38] Aquele ali no meio, olhando para o próprio peito, é Quíron, o centauro que alimentou Aquiles; o outro ali é Folo, conhecido pela fúria. Em volta do fosso correm milhares deles, disparando setas nas almas que emergem do sangue fervente mais do que a culpa lhes permite.

[76] Nós nos aproximamos daquelas feras ligeiras: Quíron apanhou uma flecha e com a parte anterior colocou a longa barba atrás das mandíbulas. Quando a bocarra ficou descoberta, disse aos companheiros:

– Percebestes que aquele ali atrás mexe tudo o que toca? Os pés dos mortos não fazem isso.

E o meu bom guia, que estava à altura do peito de Quíron, ponto em que as duas naturezas são consortes, respondeu:

– Muito vivo e tão sozinho que conveio a mim mostrar-lhe o vale escuro, por necessidade e não por vontade. De onde se canta a aleluia, alguém partiu e me confiou esse novo ofício: não é ladrão, nem alma ladra sou.[39] E pela virtude em razão da qual me movo por este caminho cabuloso, dá-nos um dos teus, um desses aí próximo, para nos mostrar onde se vara esse rio e levar esse aí na garupa, pois não é espírito que vagueia pelo ar.

Quíron virou à direita e disse a Nesso:

– Volta e guia-os e desbarata outra fileira dos nossos, se topares com alguma delas.

[100] Andamos então com a escolta leal pela margem do caldo vermelho onde os cozidos berravam estridentemente. Vi gente afundada até os cílios, e o grande Centauro disse:

– Estes são tiranos que puseram a mão em sangue e bens alheios. Aqui

lamentam os males cometidos sem piedade. Estes são Alexandre da Macedônia e o feroz Dionísio de Siracusa, que fez a Sicília viver anos dolorosos. E aquela testa com cabelos bem negros é de Azzolino; e aquele outro ali, loiro, é Opizzo D’ Este, que na verdade foi morto pelo filho bastardo.

Então voltei-me em direção ao poeta, que me disse:

– Ele é o guia agora, eu o sigo.

Mais adiante o centauro parou sobre uma gente que colocava o pescoço para fora da fervura. Mostrou-nos uma sombra sozinha, num canto, e disse:

– Esse aí fendeu no colo da igreja o coração de quem hoje se venera às margens do Tâmisa.[40]

Vi ainda gente que colocava a cabeça e o tórax para fora do rio, dos quais reconheci alguns.

[124] Assim, pouco a pouco o sangue que corria ali ficava mais raso, a ponto de mal cobrir-nos os pés. Atravessamos então o fosso.

– Como então podes ver, deste lado a fervura diminui – disse o centauro –, e, creia, no outro lado está a parte mais funda do rio, onde ele atinge o máximo, ponto em que convém que a tirania gema. A divina justiça ali pune Átila, que foi o flagelo na Terra, além de Pirro e Sexto; e eternamente ordenha lágrimas, que a fervura descerra, de Rinier da Corneto, de Rinier Pazzo[41], que no curso de suas vidas tantas guerras fizeram. – Depois atravessou de volta o rio.

Canto XIII

Dante e Virgílio adentram o bosque de árvores espinhosas e contorcidas onde penam os violentos contra si mesmos ou contra os próprios bens,

os suicidas e os dissipadores. Entre os suicidas encontram Pier della Vigna, que lhes explica como a alma prende-se aos troncos das árvores. Veem também dois dissipadores fugindo de rápidos e ferozes cães, que os despedaçam assim que os alcançam. Ainda ouvem o lamento de um suicida florentino.

[1] O centauro Nesso nem chegara ao outro lado do rio quando nos enfiamos por uma brenha em que mal se via uma trilha. A folhagem não era verde, mas escura; os galhos não eram retos, mas nodosos e contorcidos; não havia frutos, mas espinhos venenosos. Nem as feras que habitavam a Toscana, entre o rio Cécina e os pântanos de Corneto, viram galharia tão áspera e densa. Ali as horríveis Harpias faziam seu ninho, as mesmas que expulsaram os troianos das ilhas Estrófades, anunciando-lhes terríveis danos. Com asas imensas, pescoço e rosto humanos, garras e o ventre cheio de penas, soltavam seus lamentos do alto daquelas árvores estranhas.

[16] E o bom mestre:

– Antes que entres mais, saibas que estás no segundo giro – começou a falar – e estarás nele até avistar o horrível areal. Mas olha bem, então verás coisas que não acreditarias se só em minhas palavras confiasses.

[22] Ouvia gemidos por toda parte mas não via ninguém, por isso senti-me perdido e estaquei. Creio que o mestre tenha pensado que eu acreditasse que todas aquelas vozes saíam de gente escondida atrás das árvores. E ele disse:

– Se tu arrancares qualquer ramozinho de uma dessas plantas, teus pensamentos sobre isso serão ceifados.

[31] Estendi então as mãos um pouco à frente e colhi um galhinho de um grande espinheiro, e o tronco do qual eu o arranquei gritou:

– Por que me feres? Não tens piedade? Homens fomos um dia, agora somos troncos, galhos; provavelmente tuas mãos seriam mais piedosas se fôssemos almas de serpentes.

Tal qual o gemido que se desprende da lenha verde ao ser queimada, saíam palavras e sangue da voz daquele ramo cortado, o que me fez deixar caí-lo e, com medo, não me mexi mais.

[46] – Se ele pudesse acreditar nisso antes – respondeu o meu sábio –, sofrida alma, ele teria visto isso já nos meus versos, e não teria estendido a mão contra ti; mas tua condição é tão incrível que obrigou-me a induzi-lo à ação que a mim mesmo desagrada. Mas diz-lhe quem foste, para que alguma retratação sobre ti ele faça, pagando-te o mal que te fez, e teu nome seja revivido no mundo lá em cima, pois ele tem a permissão para voltar lá.

E o tronco[42]:

– Tão doce dizer me seduz tanto que é impossível calar-me, e não vos incomodeis se eu falar um pouco a mais. Sou aquele que tinha ambas as chaves do coração de Frederico II e as girei, fechando-as e abrindo tão suavemente que os seus segredos quase só eu os conhecia, e com fidelidade me dediquei a esse encargo, a ponto de perder o sono e o pulso por ele. Mas a Inveja, meretriz que na morada de César jamais desvia-nos os olhos oblíquos, ruína comum a todos os homens e vício especial das cortes, inflamou contra mim todas as almas, que, inflamadas, inflamaram de tal forma o augusto rei que as alegres honrarias tornaram-se tristes lutos. Meu espírito, instilado por um desejo desprezível e acreditando com a morte poder fugir do desdém alheio, injusto se fez contra o meu ser justo. Pelas novas raízes desta madeira, juro que nunca fui desleal ao meu senhor, que de todas as honras é digno. E se algum de vós voltar ao mundo, a minha memória confortai, memória que jaz ainda sob o golpe que sofreu da inveja

dos homens.

[80] Ambos esperam um pouco e então:

– Aproveita que ele parou de falar – disse-me o poeta –, não percas tempo e fala: pergunta-lhe mais, se quiseres.

Eu disse:

– Pergunta-lhe tu sobre o que crês que ainda me satisfaça, pois eu não conseguiria, dada a compaixão que me toma.

E então o mestre retomou a fala:

– Se queres que este homem faça aquilo que tu pediste, alma encarcerada, ainda nos agradaria ouvir-te dizer como a alma se une a estes nós de madeira contorcidos, e diz-nos, se puderes, se nunca desses membros te libertas.

[91] Soprou forte, então, o tronco, que depois converteu esse sopro em palavras:

– Isso vos responderei brevemente. Ao deixar o corpo, do qual ela se desveste, a alma feroz é lançada no sétimo círculo por Minós. Sem poder de escolha, tendo caído na selva, a alma germina como grão de espelta. Cresce em brotos, depois como planta silvestre: as Harpias ao pastarem suas folhas provocam dores e à dor abrem janelas. Como as outras almas, teremos nossos corpos de volta, mas não iremos vesti-los novamente, porque não é justo reaver aquilo de que se desfez. Aqui os arrastaremos, e nesta triste brenha ficarão ligados ao tronco onde está a alma que os molestou.

[109] Estávamos ainda junto ao tronco atentos, esperando que ele dissesse mais alguma coisa, quando fomos surpreendidos por um barulho semelhante àquele que ouvem os caçadores de porcos selvagens: o latido dos cães, o casco dos cavalos e o farfalhar dos arbustos. Eis então que duas almas, à esquerda, nuas e arranhadas, fugiam tão desesperadamente que iam

arrebentando as touceiras espinhentas. O danado mais à frente roga:

– Morte, livra-me disso; livra-me disso, morte!

E o outro, que vinha logo atrás, gritava:

– Lano, tuas pernas não te ajudaram assim antes, no torneio de Topo![43] – Em seguida, talvez por não ter mais fôlego, escondeu-se atrás de um arbusto, compondo com ele um só corpo.

Atrás dele havia uma matilha de cães negros, ávidos e velozes, como galgos que escaparam de correntes. Naquele que se escondeu, enfiaram os dentes, dilacerando-o, levando-lhes depois pedaços de seus membros.

[130] Meu mestre pegou-me pelas mãos e guiou-me até o arbusto que chorava sangue pelos cortes.

– Ó Giacomo da Sant'Andrea – dizia –, que vantagem tens em fazer-me de escudo? Que culpa tenho eu da tua vida pregressa?

Quanto o mestre parou junto a ele, disse:

– Quem foste, que pelas feridas vertes com sangue esse doloroso discurso?

E ele a nós:

– Ó almas[44] que veem o cruel suplício que faz arrancar os ramos de mim, recolhei-os para mim ao pé dessa triste moita. Nasci na cidade em que São João Batista tomou o lugar do primeiro patrono, Marte, que com sua arte sempre a fará triste. Restos de sua estátua ainda se pode ver junto ao rio Arno, na Ponte Vecchia, graças aos quais os esforços dos cidadãos em reerguer a cidade depois das cinzas em que Átila a deixou não foram em vão. Enforquei-me em casa.

Canto XIV

No terceiro giro do sétimo círculo, Dante e Virgílio encontram os danados que foram violentos contra Deus: os blasfemadores. Eles estão num areal incandescente sobre o qual cai uma chuva de fogo lenta e espessa. Entre os condenados encontram o gigante Capaneu. Mais adiante Virgílio explica ao poeta florentino a origem dos três rios do Inferno: o Aqueronte, o Estige e o Flegetonte.

[1] Depois que a piedade a meu conterrâneo me comoveu, reuni as folhas espalhadas e as devolvi a ele, que a essa altura ia se calando. Então chegamos onde o segundo giro separa-se do terceiro, no qual se vê horrível obra da justiça. A novidade agora era esse lugar, uma charneca de cujo solo as plantas fogem. A dolorosa brenha circunda-a como uma guirlanda, assim como o triste fosso circundava aquela. Aqui paramos à sua margem. A área era um areal árido e denso, forjado de forma não muito diferente do deserto em que Catão calcou seus pés, na Líbia.

[16] Ó vingança divina, quanto deves ser temida por quem lê isso que me foi dado ver! Vi inúmeras fileiras de almas miseráveis que choravam muito compungidas. Elas estavam organizadas, parecia, segundo diferentes critérios. Uns, de barriga para cima, jaziam no chão; outros sentavam-se, encolhidos; e outros, ainda, andavam sem parar. Estes eram os mais numerosos. Os que jaziam na terra estavam em menor número, mas eram os que mais sofriam, por causa da língua ferina que tinham. Sobre todo o areal caíam lentamente espessas camadas de fogo, tal como a neve que cai das montanhas em dias sem vento, tal como Alexandre da Macedônia nas regiões escaldantes da Índia viu cair chamas sobre seu exército e chamuscar todo o solo, o que o fez ordenar seus batalhões a esmagarem o solo, já que assim se extinguia melhor a chama que por si só queimava o chão. Assim

descia o ardor eterno, que se acendia na areia como a faísca em pedra de fogo, duplicando a dor. As miseráveis mãos dos danados dançavam um contínuo balé, para afastar de si as chamas sempre renovadas.

[43] Comecei:

– Mestre, tu que vences todas as coisas, salvo os feros demônios que à entrada de Dite vi, quem é aquele gigante que parece não se incomodar com o incêndio e jaz desrespeitoso e torvo, como se a chuva não o machucasse?

E o próprio condenado, percebendo que eu perguntava sobre ele ao meu guia, gritou:

– Qual fui quando vivo, tal sou como morto. Se Júpiter cansar o artífice que fabrica seus raios, dos quais um me atingiu, ou se ele cansar outros, alternando-os, em Mongibello, na forja negra, chamando: “Bom Vulcano, me ajuda, me ajuda!”; se fizer como na batalha de Flegra e me atingir com sua seta de fogo, com toda força: mesmo assim não poderá satisfazer sua vingança.

Então, meu guia falou com uma dureza que eu nunca ouvira antes:

– Ó Capaneo, quanto mais orgulhoso, mais és castigado; nenhuma punição é tão adequada a ti quando a tua raiva eterna. – Depois virou-se para mim, com expressão desanuviada, dizendo: – Esse aí foi um dos sete reis que assediaram Tebas. Desprezou e despreza a Deus e disso parece fazer pouco-caso, mas, como disse a ele, sua raiva é para seu espírito mero ornamento. Agora segue-me e presta atenção para não enfiares os pés na areia ardente, mantendo-os sempre no solo da selva que a circunda.

[76] Calados, chegamos lá onde deságua fora da selva um pequeno riozinho, cuja cor ainda me dá calafrios. Como o rio Bulicame, que começa como regato e depois é partido em dois pelas pecadoras[45], assim vinha areia

abaixo aquele riacho. Seu leito e as ribanceiras eram forrados de pedra e também as margens, nas quais percebi que podia apoiar os pés.

[85] – De tudo que tenho te mostrado depois que entramos pela porta cuja entrada não é negada a ninguém, teus olhos não viram algo tão notável como este rio, que amortece e apaga as chamazinhas que caem sobre ele.

Meu guia dissera isso e por essa razão roguei-lhe que me ampliasse o repasto, estimulado pelo meu desejo de saber mais.

[94] – No meio do mar há uma ilha arruinada – disse ele então – chamada Creta, cujo rei um dia a fez florescer. Havia ali uma montanha, abundante em água e vegetação, chamada Ida. Agora está deserta, como se fosse coisa proibida. Rea, mulher de Saturno, a escolheu como berço seguro de seu filho. Para protegê-lo, quando chorava, ela promovia uma gritaria desmedida. Dentro do monte há a estátua de um grande velho. Suas costas estão voltadas para Damiata, no Oriente, e seus olhos, como num espelho, para Roma. Sua cabeça é de ouro, os braços e o peito de pura prata, e de bronze até o fim do tronco. Daí para baixo, é todo de ferro, salvo o pé direito, que é de terracota, sobre o qual se apoia mais do que no pé esquerdo. Todas as suas partes, com exceção da dourada, estão rachadas, e dessas fissuras gotejam lágrimas, que, reunidas, formam uma grota. Dela, então, despenham pelo vale infernal e formam o Aqueronte, o Estige e o Flegetonte, e assim correm por este estreito canal até o fim do vale, ali onde formam o Cocito, lago que tu verás adiante, mas sobre o qual nada te conto agora.

Eu a ele:

– Se este riacho deriva do nosso mundo, por que ressurge assim nessa margem em que estamos?

E ele a mim:

– Sabes que por este lugar anda-se em círculos cada vez mais estreitos e por mais que já os tenhas percorrido, descendo sempre à esquerda, indo para o ponto mais fundo, não completaste todo o círculo, por isso, se algo novo vês, não há por que se espantar.

E eu ainda:

– Mestre, onde estão o Letes e o Flegetonte? Sobre um nada disseste e sobre o outro dizes que se renova da chuva de lágrimas.

– Essas duas questões me agradam – respondeu –, mas o borbulhar da água vermelha resolve por si só uma de suas dúvidas. O Letes verás ainda, mas fora desta fossa, lá onde as almas vão se lavar, quando removem suas culpas. – E disse ainda: – Agora é hora de afastar-se da brenha; vem atrás de mim, pelas margens, que não ardem e sobre as quais o vapor se apaga.

Canto XV

No sétimo círculo ainda, os poetas chegam à segunda região do terceiro giro. Nela são punidos os sodomitas, aqueles que foram violentos contra Deus. Ali Dante é reconhecido pelo seu mestre Bruneto Latino. O condenado sai por algum tempo da fileira onde junto com outros condenados toma a chuva de fogo e conversa com o poeta florentino. Bruneto faz predições a Dante, que promete relembrá-las quando encontrar Beatriz. Depois o mestre de Dante dá os nomes de alguns condenados que padecem no mesmo giro que ele.

[1] Fomos então pelas margens rudes em meio ao vapor do rio que adensava-se sobre nós de modo a barrar o fogo. Como os flamengos que entre Wissant e Bruges, com medo do vagalhão que os ameaça, constroem um dique para conterem o mar; como fazem também os paduanos ao longo

do rio Brenta para defender suas casas e castelos antes do degelo do Carentana, havia ali barragens nem tão altas nem tão baixas, independentemente do autor delas.

[13] Estávamos tão distantes da brenha dos suicidas que mesmo virando-nos para trás e tentando vê-la não a distinguíamos mais. Nesse ponto encontramos uma fileira de almas que andavam rente aos diques, que nos encaravam como se olha alguém à meia-luz, sob a lua nova, espremendo os olhos como faz um velho alfaiate ao enfiar a linha na agulha.

[22] Assim espiados por tal família, fui reconhecido por uma alma, que me puxou a barra da blusa e gritou:

– Que maravilha!

Quando ele me estendeu o braço, apesar das feições escurecidas e do rosto tostado, o reconheci. E, tocando a mão em sua face, respondi:

– Estais aqui, senhor Brunetto?

E ele:

– Ó meu filho, não te incomodas se Bruneto Latino faz-te retardar-te um pouco enquanto a fila anda?

E eu disse a ele:

– O quanto eu puder e se àquele a quem sigo agradar, assim farei e peço que senteis comigo.

– Ó meu filho – disse –, aquele que desta manada para jaz por cem anos sem poder defender-se do fogo que o ataca. Por isso vamos indo, sigo ao teu lado e depois retorno ao meu bando, que caminha chorando suas eternas penas.

[43] Eu não ousava descer do meu caminho para andar com ele, mas inclinei-me para alcançá-lo e reverenciá-lo.

[46] Ele começou a falar:

– Que acaso ou destino te trouxe, antes do teu último dia, até aqui embaixo? E quem é este que te mostra o caminho?

– Lá em cima, na vida serena – respondi a ele –, me perdi numa selva antes de atingir a idade plena. Então, na manhã de ontem, voltei as costas e ele me apareceu, guiando-me por ela, por esta trilha.

E ele a mim:

– Se segues a tua estrela, não deixarás de alcançar esse glorioso porto, e se eu julgo bem a vida e se não tivesse morrido antes do tempo, vendo o céu tão favorável a ti, teria a ti e a tua obra dado mais ajuda e conforto. Mas aquele povo ingrato e maligno, o florentino, que descendendo do Fiesole antigo[46] ainda guarda a dureza do maciço de que descende, fará de ti um inimigo, por causa do teu bom proceder, que é o que ocorre quando o figo frutifica entre as amargas sorvas.[47] É velha a fama desta cidade, da gente avara, invejosa e soberba que ela guarda; mantenha-se longe desses costumes para seguir puro. A fortuna conservará a tua fama, pois tanto uma facção quanto a outra terão fome de ti, mas a erva ficará longe do bico de ambas. As bestas fiesolanas fazem forragem delas mesmas mas não tocam nessa planta que surgirá na sua estrumeira, na qual renascerá a semente santa[48] daqueles romanos que chegaram em Florença quando foi feito o ninho tão malicioso.

– Se minhas demandas fossem ouvidas de fato – respondi a ele –, tu viverias entre nós ainda, pois a imagem de teu rosto ocupa a minha mente, assim como tua imagem paterna, quando no mundo dos vivos, na hora adequada, me ensinaste como o homem torna-se imortal, e por isso sou muito grato a ti. Enquanto eu viver, convém que minha língua seja muito clara sobre isso. E o que narraste sobre meu destino escrevo e conservo para falar a Beatriz, junto com a outra profecia que aqui ouvi, se eu chegar até

ela. Se minha consciência não me reprova, apenas quero que fique claro que acato o que a Fortuna trouxer, aconteça o que acontecer. Não é novidade para meus ouvidos tal predição, mas que rode a Fortuna como lhe aprouver, assim como o lavrador escolhe onde deita sua enxada.

Meu guia, agora à minha direita, voltou-se para trás e, olhando para mim, disse:

– Escuta melhor quem melhor se recorda.

[100] Enquanto isso, não deixo de caminhar e falar com mestre Brunetto, e pergunto a ele quem são as almas que lhe fazem companhia. E ele responde:

– Sobre uns é bom saber, sobre outros é mais louvável calar-se, pois o tempo seria curto para tantas palavras. Resumindo, saiba que todos foram clérigos, grandes e famosos literatos, todos maculados pelo mesmo pecado. O bispo Prisciano e Francesco d'Accorso caminham juntos naquela triste turba. E mais adiante segue o bispo Andrea dei Mozzi, transferido pelo servo dos servos, o papa, do Arno para Bacchiglione, onde lá morreu. Diria mais, mas não posso mais prosseguir e discursar porque já vejo surgir adiante a poeira do areal com a gente da qual não posso me apartar. Recomendai o meu *Tesouro*[49] e nada mais peço.

[121] Partiu, então, parecendo aqueles que correm em Verona, pelos campos, com o pálio verde; e parece mais quem vence a disputa do que quem a perde.

Canto XVI

Os poetas continuam a percorrer o sétimo círculo, no giro em que penam os sodomitas. Ali encontram nobres florentinos. Um deles faz

predições acerca da vida de Dante. Mais adiante ouvem o fragor da cascata do Flegetonte despenhando no oitavo círculo e chegam à borda do precipício que limita o sétimo círculo com o seguinte. Ali, Dante vê uma besta impressionante que parece nadar no ar escuro do Inferno.

[1] Estávamos já no ponto onde se ouvia o som rumoroso, semelhante ao que faz uma colmeia, das águas do Flegetonte, que caíam no oitavo círculo, quando três sombras se destacaram correndo de uma horda que passava sob a chuva áspera que as martirizava. Vinham em nossa direção gritando:

– Para, tu, cujas vestes lembra-nos as usadas em nossa terra depravada.

Ai, que chagas vi em seus corpos, novas e velhas, feitas pelas chamas incandescentes! Ainda me angustio ao lembrar-me delas. Meu mestre, dando guarida a seus gritos, voltou o rosto para mim:

– Espera! – disse. – Deves ser cortês com elas. Se não fosse o fogo que fere esse lugar, eu diria que seria melhor que tu te apressasses, e não elas.

[19] Como paramos, as três sombras recomeçaram a antiga cantilena, aproximaram-se e fizeram uma roda à minha volta. Giravam como fazem, antes do combate, os lutadores nus e besuntados na hora em que apregoam suas vantagens diante do adversário. As três olhavam para mim, retorcendo o pescoço para trás enquanto andavam.

– Se a miséria deste lugar, o seu solo estéril, além do nosso rosto retinto e descarnado, são motivos para nos desprezar e não atender a nossos pedidos – começou uma delas a falar –, que a tua alma, cujos pés esfregam-se firmes no solo deste inferno, comova-se com a nossa fama e nos diga quem és. Este, cujos passos me vês seguir, embora nu e sem pelo algum, foi mais nobre do que tu imaginas. Neto da boa Gualdrada, Guido Guerra fez seu nome em vida, com muito engenho e sua espada. O outro, que a areia tritura,

é Tegghiaio Aldobrandi, cujo nome deveria ser bem recebido no mundo lá em cima. E eu, que carrego com eles a mesma cruz, fui Jacopo Rusticucci, e por minha esposa, mais do que por qualquer outra coisa, fui molestado.

[46] Se não estivessem cobertos pelo fogo, me atiraria na direção deles, e creio que o mestre não me impediria. Mas como seria queimado e cozido pelas chamas o medo venceu o meu bom propósito de ir abraçá-los. Em seguida, comecei:

– Não vos desprezo, ao contrário, comove-me vossa condição, a qual tanto me compungiu que custará desvencilhar-me dela. Logo que meu senhor disse-me as palavras para ir ao vosso encontro, logo pensei que fostes gente honrada. Sou da vossa terra e sempre ouvi falar com afeto de vossa obra e de vosso honrado nome. Deixo o fel e sigo em busca dos doces frutos prometidos a mim pelo guia verdadeiro, por isso convém tomar o caminho até o centro.

[64] – Por longo tempo a alma conduza teu corpo – respondeu a alma ainda – e a tua fama siga luzindo-te, mas diz-me se ainda moram em nossa cidade a cortesia e a honra como antes ou se tudo isso se perdeu; pois Guiglielmo Borsiere, que pena aqui conosco há pouco tempo e ali vai com seus companheiros, nos faz sofrer muito com suas palavras.

– As novas gentes e seus ganhos rápidos geraram orgulho e excessos em ti, Florença, que choras por isso. – Assim gritei erguendo o rosto para proteger-me do fogo, e os três, que prestavam atenção em minha resposta, entreolharam-se como se algo pavoroso vissem.

– És feliz – responderam todos – por responderes aos outros assim, com tamanha franqueza! Por isso, se escapares destes breus e voltares a rever as belas estrelas, quando puderes dizer “Estive lá”, faça com que não esqueçam de nós.

[86] Então desfizeram a roda e fugiram para sua fileira como se tivessem asas nos pés. Mais rápido do que dizer *amém* eles desapareceram, o que deu azo ao mestre de partirmos.

[91] Eu o seguia, e mal tínhamos andado quando o som da água ficara tão próximo de nós que só a muito custo conseguíamos ouvir o que falávamos. Uma água vermelha ribombava como as do Acquaqueta, rio que inicia seu curso no Monte Viso em direção ao levante, à esquerda dos Apeninos, e, já com outro nome, em San Benedetto dos Alpes, cai num íngreme abismo, em uma imensa cascata, como se fosse irrigada por mil rios. Se aquela água rubra ressoasse um pouco mais alto, arruinaria nossos ouvidos.

[106] Eu tinha uma corda em volta da cintura, com a qual pensei em prender a fera de pele manchada que encontrei na selva escura. Eu a tirei e, tal como meu guia havia recomendado, a dei a ele devidamente enrolada. Então ele virou-se para direita e lançou a corda no despenhadeiro bem longe da borda. “Decerto que disso virão novidades”, dizia para mim mesmo, “deste gesto do mestre, que aguarda atento seu resultado.”

[118] Ai, quanta cautela os homens devem ter com aqueles que veem a obra primeiro com o intelecto e depois com os olhos!

[121] E ele me disse:

– Em breve, verás o que eu aguardo. E o que o teu pensamento vê como sonho convém que se descortine logo a teus olhos.

O homem deve sempre calar-se, o quanto puder, quando vir a verdade que primeiro lhe pareceu falsa, senão, mesmo sem culpa, passará vergonha. Mas aqui não posso me calar. Eu te juro, leitor, pelos versos desta comédia, que não seja louvada caso eu esteja mentindo, que vi através daquele ar espesso e escuro uma figura vir nadando, lá do alto, maravilhosa ao coração mais impávido. Mexia-se como o marinheiro que nada para a superfície

depois de ter submergido no mar para liberar a âncora que se enganchara num escolho ou em outra coisa que o mar esconde: alongava o corpo ao mesmo tempo que encolhia as pernas e os pés para impulsionar-se para cima.

CANTO XVII

Dante conversa rapidamente com os usurários, que também foram violentos contra deus, pertencentes ao sétimo círculo. O poeta florentino identifica-os pelas bolsas que levam penduradas nos pescoços, nas quais está estampada a insígnia das famílias da cidade toscana. Em seguida, Dante descreve a figura de Gerião, rosto de homem, corpo de serpente e cauda de escorpião. É a fera que representa a fraude, pecado que constitui o oitavo círculo.

[1] – Eis a fera com a cauda afiada que ultrapassa as montanhas, rompe muralhas e armaduras! Eis aquele que empesteia o mundo todo! – Assim meu guia começou a falar ao mesmo tempo que me acenava para vir até a borda do precipício, perto dos muros de pedra.

Aquela asquerosa imagem da fraude aproximou-se dele com a cabeça e o busto, deixando-os à vista, mas escondendo o rabo abaixo do penhasco. Tinha a feição de um homem justo tão benigna era sua tez, mas do busto para baixo era todo serpente. E tinha ainda duas patas, peludas de ponta a ponta. Nas costas, no peito e nos dois lados do corpo havia nós e pequenos círculos pintados. Tártaros e Turcos não fabricaram tecidos com cores tão variadas e desenhos tão salientes, nem Aracne teceu emaranhados tão complexos como esses gravados no corpo do monstro. Como às vezes ficam as canoas à beira dos rios, com parte na água, parte na terra; e como entre os

gulosos alemães o castor prepara-se para apanhar sua presa com a cauda escondida, assim a horrível fera estava sobre a borda de pedra que contorna a charneca incandescente. A cauda balançava no vazio, retorcendo para cima o forcado venenoso que, como a de um escorpião, armava seu ferrão.

[28] O guia disse:

– Convém agora que desviemos um pouco a nossa rota para irmos em direção àquela malvada besta deitada ali.

[31] Descemos então à direita e demos dez passos até o extremo do despenhadeiro, para nos proteger da areia e do fogo. Quando chegamos, vi um pouco mais além, na areia, gente sentada próxima do precipício. Ali o mestre me disse:

– Para que leves daqui a experiência completa do sétimo círculo, vai até eles e vê qual é sua condição. Ali tua conversa deve ser breve; enquanto isso, falarei com a fera para que nos empreste os seus ombros fortes.

[43] Assim, no limite extremo do sétimo círculo, andei completamente só, onde as gentes atormentadas se sentavam. Sua dor saltava aos olhos. Abanavam assim que o calor da chuva quente e da areia os atingia. Agiam como os cães quando são mordidos por pulgas, mosquitos ou mutucas, buscando afastá-los com o focinho ou as patas. Pus os olhos em alguns rostos nos quais caía o doloroso fogo e não reconheci ninguém, mas percebi que pendia do pescoço deles uma algibeira colorida e estampada com um brasão, para o qual olhavam como o pastor vigia seu rebanho. Vi um, em uma bolsa amarela com um borrão azul, que lembrava a face e a pose de um leão. Depois, correndo os olhos para o outro lado, vi uma bolsa vermelha cor de sangue, cuja estampa era um ganso branco como manteiga. Um outro, que carregava uma algibeira branca com uma porca azul e gorda desenhada no meio, me disse:

– Que fazes aqui nesta fossa? Já que andas por aqui e estás vivo, saibas que meu conterrâneo Vitalino sentará aqui do meu lado esquerdo. Estes florentinos são paduanos e volta e meia deixam-me surdo gritando: “Venha, cavalheiro soberano, você carregará a bolsa com três pontas!”.

Nesse momento entortou a boca, pôs a língua pra fora, como um boi lambendo o focinho. E eu, com receio de afligir aquele que há pouco me advertiu, recuei e distanciei-me daquelas almas lassas.

[79] Encontrei o meu guia já montado na garupa do feroz animal. Ele me disse:

– Agora sê forte e corajoso. Desçamos por esta espécie de escada. Monta na minha frente pois quero ficar no meio para que a cauda dele não te machuque.

[85] Como aquele que pressente chegar a febre quartã, quando as unhas perdem a cor e se treme tanto só de pressentir um lugar mais frio, assim fiquei ao ouvir as palavras do mestre. Mas envergonhei-me tanto disso que, como um servo na frente de um bom senhor, fiz-me forte. Sentei-me naquelas imensas espáduas. Quis falar algo, mas as palavras não me saíram, como eu teria desejado: “Abraça-me, por favor”. Mas ele, que mais uma vez me socorreu quando titubeei, me apertou os braços, segurou-me e disse:

– Gerião, move-te agora em giros largos e desce aos poucos, pensando na carga rara que carregas.

[100] Como uma pequena embarcação que se afasta da margem indo para trás, assim deslocou-se a fera. E assim que se sentiu livre, deu meia-volta, colocando a cauda onde antes estava o peito, e aquela, longa como uma enguia, movia, enquanto com as garras arranhava o ar. Não creio que tenham sentido mais medo o próprio Faetonte quando largou as rédeas dos cavalos do sol e, como ainda vemos, incendiou o céu; nem o miserável Ícaro

quando sentiu as penas caírem das costas ao derreter a cera, e ouviu os gritos do pai: “Por mau caminho vais!”, do que eu quando percebi que estava totalmente no ar e nada via além de mim a não ser a fera. Ela foi nadando, aos círculos e lentamente, o que percebia somente pelo vento que batia em meu rosto. Ouvia do lado direito, embaixo, a cascata do Flegetonte ressoar pavorosamente, por isso inclinei a cabeça e mirei para lá. Então, tive receio de soltar mais as pernas ao ver as chamas e ouvir os prantos e, tremendo, as apertei mais em volta do monstro. Vi depois o que não conseguia ver antes, as fossas em torno das quais descíamos, aproximando-nos dos tormentos dos danados daquele círculo. Como o falcão que volta cansado depois de voar por mil caminhos, sem ver isca ou pássaro, e pousa desdenhoso e mau, longe do falcoeiro, que lhe ordenou: “Ah, desce já!”, assim aterrissou Gerião no fundo, rente à pedra escarpada. Descarregou-nos e disparou longe, como a seta de seu arco.

Canto XVIII

Depois de deixados por Gerião no oitavo círculo, os poetas chegam ao Malebolge. Descrita por Dante, essa seção do Inferno é dividida em dez fossas concêntricas, onde são castigados os fraudulentos. Na primeira estão os sedutores e na segunda, os aduladores. Nelas as almas andam sem parar, em filas opostas, e são açoitadas por demônios. Os poetas veem Jasão, herói grego que roubou o Velocino de Ouro, e outros sedutores como ele. Entre os aduladores, encontram Alessio Interminelli e veem Taís, cortesã grega.

[1] Este lugar do Inferno é chamado de Malebolge.[50] As pedras dali têm cor de ferrugem, como os muros que o cercam. Bem no meio desse campo

maligno há um vão que se abre na forma de um largo e profundo poço, de cuja estrutura se falará adiante.

[7] Tem forma de círculo, do alto do despenhadeiro até o fundo, divido em dez fossas concêntricas. Cada uma delas é protegida por fossos que guardam seus muros como se fossem castelos, cujo acesso se dá por levadiças. Assim, da base da rocha pedras se projetam como pontes, que ligam uma fossa a outra, até terminarem no poço central.

[19] Apeamos ali do dorso de Gerião. O poeta pegou o lado esquerdo e eu, o direito. Do meu lado vi novas cenas piedosas, novos tormentos e novos verdugos, dos quais a primeira fossa estava repleta. No fundo estavam os destituídos de tudo, os pecadores, que do centro da fossa vinham com o rosto virado em nossa direção, igual aos romanos, indo e vindo, disciplinados como soldados, pela ponte próxima à Basílica de São Pedro no ano do Jubileu[51], atravessando-a muito ordenadamente. Uns com a face voltada para o castelo de Santo Ângelo, em direção à Basílica, e outros voltados para o monte Gianicolo.

[34] Sobre a tétrica pedra vi demônios cornudos, com longos vergalhos, chicoteando-lhes cruelmente por trás. Ai, como gemiam ao levarem nos calcanhares as primeiras varadas! Nenhum deles por isso esperava a segunda ou a terceira.

[40] Enquanto caminhava bati os olhos num dos condenados e rapidamente disse:

– Não é a primeira vez que vejo aquele ali.

Para lembrar-me dele parei, e o doce guia deteve-se comigo e assentiu em recuar um pouco. Aquele açoitado acreditou que se esconderia de mim baixando a cabeça. Isso, porém, foi-lhe de pouca serventia, porque disse:

– Ó tu cujos olhos miram o chão, se as feições que carregas não são

falsas, és Venedico Caccianemico. Mas o que te traz aqui, às doloridas chibatas?

E ele mim:

– A contragosto falo, forçado por tuas palavras que, tão claras, fazem recordar o passado. Fui aquele que levou a própria irmã, Ghisolabela, a satisfazer os desejos do marquês, episódio indecente que se conta de muitas formas. Mas não sou o único entre os bolonheses que choram por aqui. Ao contrário, há muitos deles nesta fossa. Não encontrarás entre os rios Savena e Reno, em Bolonha, tantos lábios capazes de dizer "*sipa*"[52] como aqui. E, se disso queres provas, lembra o quanto somos avaros.

Enquanto falava, um demônio lhe deitou o açoite e disse-lhe:

– Vaza, rufião! Aqui não há biscateiras!

[66] Reuni-me novamente ao meu guia. Poucos passos adiante chegamos ali onde uma ponte de pedra se projetava do despenhadeiro. Subimos sem esforço e viramos à direita e por ela saímos daquela fossa eterna.

[73] Quando estávamos no alto, acima do vão que dava espaço para o ir e vir dos condenados, o guia disse:

– Para e faz de modo que cada rosto destes malnascidos se guie pelo teu. Não vês ainda a face deles pois marchamos na mesma direção.

Do alto da velha ponte olhávamos os passos daqueles que vinham pelo lado oposto ao nosso, no lombo dos quais o vergalho feria igualmente. E o bom mestre, sem que eu perguntasse, me disse:

– Olha ali aquele grandão, cuja pena não o faz chorar: que feições nobres ainda conserva! É Jasão, que, com coragem e astúcia, privou os Cólquidas do Velocino de Ouro. Ele passou pela ilha de Lemnos, depois de as corajosas e desapiedadas mulheres matarem todos os homens. Ali com gestos e palavras delicadas enganou Isifile, a jovenzinha que antes havia

ludibriado todas as outras. Deixou-a na ilha, grávida e sozinha, e por tal culpa foi condenado a esse martírio; como outro, pelo mesmo motivo Medeia[53] o vinga. Com ele, está aqui quem os outros seduz, e isso é o que basta saber sobre a primeira fossa e aqueles que aqui penam.

[100] Já estávamos ali onde o estreito caminho cruza com os muros da segunda fossa, que são a base do arco que ali se sustenta. Ouvimos, então, os gemidos das almas da segunda fossa, onde chafurdam o nariz e estapeiam-se a si mesmas. As paredes dali tinham muito mofo, por isso exalava um fedor tão denso que agredia olhos e nariz. Era tão profunda que não se via onde terminava dali onde estávamos. Era preciso, para enxergar o fundo, ir até o alto do arco.

[112] Fomos até lá, então, de onde vi gente atolada no esterco, movendo-se como estivessem numa latrina. Enquanto procurava algo ali embaixo, vi um condenado com a cabeça coberta de tanta merda que não dava para saber se era leigo ou clérigo.[54] E ele mesmo gritou:

– Por que metes este olho gordo só em mim e não nos outros?

E eu:

– Porque, se não estou enganado, já o vi com os cabelos enxutos. És Alessio Interminei, da cidade de Lucca, por isso te encaro mais do que os outros.

E ele, então, batendo na própria cachola:

– Me afundaram aqui por causa da bajulação, serva da qual minha língua foi, sem nunca se fartar.

[127] Depois disso, o guia disse:

– Espicha o rosto mais à frente, para que teus olhos alcancem aquela imunda e descabelada dona que ali se arranha com as unhas cheias de merda, ora agachando-se, ora levantando-se. É Taís, a putana que respondeu

ao seu amante quando este disse: “Achaste graça nisso?”: “Graça demais!”.[55]

E aqui saciamos a nossa visão.

Canto XIX

Na terceira fossa estão os simoníacos. Dante e Virgílio os encontram de cabeça para baixo, afundados em poços. Ali seus pés se agitam sem parar por causa das chamas que os queimam. Dante, inclinado para ouvi-lo melhor, conversa com um condenado, o papa Nicolau III. Este confunde o poeta com outro papa, Bonifácio VIII. Mal-entendido desfeito, Nicolau profetiza a vinda de Bonifácio e de outro papa, Clemente V, ao Inferno, onde se juntarão a ele. Depois de ouvi-lo, Dante o apostrofa com veemência, condenando a prática da simonia. Em seguida, chegam à ponte que os levará à quarta fossa.

[1] Ó Simão, o mago, ó míseros sequazes que as coisas de Deus, das quais com bondade deveríeis esposares, fostes rapaces, que por ouro e prata as adulterastes, que as trombetas soem por vós, que na terceira fossa estais.

[7] Já estávamos na tumba seguinte, sobre a levadiça bem no centro do Malebolge. Ó suma sapiência, quão grande é a obra que mostras no céu, na terra e no mundo mau, e quão justamente distribuis tua virtude! Vi pelo desfiladeiro e pelo fundo a pedra lívida cheia de furos, todos bem largos e redondos. Não me pareciam menores nem maiores que aqueles que há na minha bela San Giovanni[56], feitos assim para consumar os batismos. Um deles, não faz muito tempo, arrebentei para tirar de dentro uma criança que ali se afogava, e que isso sele, sobre tal episódio, toda possibilidade de engano.

[22] Fora de uma das bocas despontavam, até a panturrilha, os pés e as pernas de um pecador, e o que faltava do corpo restava emborcado inteirinho lá dentro. Nas plantas dos pés corriam chamas. Isso os fazia balançarem as pernas com toda força, que haveriam de entortar e ficar cambaias. Como as chamas que se movem pelas coisas besuntadas e correm na sua superfície, assim elas deslizavam dos calcanhares à ponta dos pés do desgraçado.

[31] – Quem é aquele, mestre, que se crucia balançando os pés mais do que seus consortes – disse eu –, e cuja chama vermelha mais devasta?

E ele a mim:

– Se desejares, levo-te até lá embaixo por aquela rampa mais inclinada, para que saibas quem ele é e que erros cometeu.

E eu:

– As coisas que mais me agradam são as que te são mais caras, tu és senhor, e eu não me aparto do teu querer, pois sabes bem o que desejo.

[40] Então alcançamos os muros da quarta fossa, voltamos e descemos à esquerda, em direção ao fundo esburacado e estreito. O bom mestre não me colocara ainda ao seu lado, junto aos buracos, nos quais os condenados choravam com a perna.

– Tu que estás de ponta a cabeça, alma triste, enfiada na terra como uma vara – comecei a dizer –, se puderes, fala.

Eu estava como o frade que faz a confissão do pérfido assassino, que, depois de ser pendurado de cabeça pra baixo, chama por ele para adiar um pouco a morte.[57] O condenado então gritou:

– És tu, tão cedo; tão cedo, Bonifácio? A profecia errou por alguns anos. És tu mesmo, tão rápido te saciaste de enganar a bela dama[58], depois de fazer-lhe um belo estrago?

Estaquei como quem não entende o que lhe disseram e se envergonha por não saber como retrucar. Então Virgílio disse:

– Diz logo a ele: “Não sou este que julgas crer”.

Respondi como me foi imposto. O espírito, então, retorceu os pés, depois suspirou e com voz chorosa me disse:

– Então, o que queres de mim? Se te interessa tanto saber quem sou, a ponto de descer a íngreme ladeira, saibas que eu vesti o sagrado manto. Fui filho dos Orsini[59], cúpido fui para todos dessa família, e no mundo lá em cima embolsei o que pude e aqui estou embolsado. De cabeça para baixo há muitos outros, que me precederam simonizando, pois os vejo pelas frestas da pedra que os escondem. Lá embaixo cairei também quando vier aquele que acreditei ser tu quando me perguntaste de surpresa. Mais tempo que eu ele não ficará aqui, à espera, na postura inversa, a cozinhar os pés nesta cratera[60], pois logo chegará da Gasconha quem fez a obra mais torpe, um pastor fora da lei, que virá até aqui recobrir-nos. Cedendo ao rei de França[61], será o novo Jasão, o dos Macabeus, que foi leniente com seu soberano.

[88] Não sei se fui muito imprudente, pois lhe respondi nesta medida:

– Ah, agora me diga, quanto dinheiro quis Nosso Senhor Jesus Cristo antes de confiar a São Pedro a chave da Igreja? Decerto nada pediu a não ser: “Siga-me!”. Nem Pedro nem ninguém tirou de Mateus ouro ou prata quando o escolheram para ocupar o lugar daquele que, por traição, perdeu a alma. Bem estás, porque és bem castigado e olha bem a moeda mal adquirida que colocaste contra o rei Carlos, o valoroso. E se não fosse ainda o veto que a reverência à suma chave me impõe, chave que seguraste nas mãos quando vivo, eu usaria palavras ainda mais pesadas, pois o mundo inteiro se entristece por força de tua avareza, com a qual pisaste nos bons e alçaste os perversos. Sobre vós, pastores, previu o Evangelista quando

aquela que se senta sobre as águas virou puta de reis[62], à vista de todos, aquela que com sete cabeças nasceu e dez chifres teve como fundamento até quando a virtude agradou ao marido. Fizestes vosso Deus de ouro e prata, e o que vos difere dos idólatras? O fato destes orarem para um só e vós para um cento? Ah, Constantino, de quanto mal foi mãe, não a tua conversão, mas a doação que fizeste tornando muito rico o primeiro padre!

Enquanto jorrava-lhe essas palavras, não sei se mordido de raiva ou vergonha, ele dava coices no ar, o que, acredito, agradava ao meu guia, que, com um sorriso nos lábios, prestara atenção às verdades que eu entoara.

[124] Em seguida, me agarrou o peito com os dois braços e retornou pela via por que descera. Sem se cansar por me levar assim, me pôs em cima do arco, bem no ponto onde se passa da quarta para a quinta fossa. E ali depôs a carga tão suavemente, mais ainda por causa da pedra bruta e íngreme que nem mesmo uma cabra subiria tão facilmente. Então, uma nova fossa descobriu-se diante de mim.

Canto XX

Dante e Virgílio chegam à quarta fossa, onde os condenados têm o rosto voltado para trás, caminhando de ré, como numa triste procissão. São os mágicos, áugures, adivinhos, todos aqueles que procuraram adivinhar o futuro. Os poetas veem o gigante Anfiarau, o adivinho Tirésias e a bruxa Manto. Por causa desta, Virgílio narra a origem do nome da cidade em que nasceu, Mântua. Virgílio ainda, a pedido de Dante, aponta mais alguns pecadores: Eurípilo, Miguel de Escoto e outros.

[1] Sobre outra pena convém escrever mais e ser o assunto deste vigésimo canto da primeira canção.[63]

[4] Eu já estava pronto para ver o que havia no fundo da fossa que se descobrira à minha vista. Estava banhada por um pranto angustiante. As sombras caminhavam ali, pelo vale redondo, caladas e chorando, como se faz nas procissões em nosso mundo. Como meu rosto aproximou-se delas, quando me abaixei, apareceu algo extraordinário. Elas andavam de forma invertida. Do queixo ao pescoço, tinham o rosto virado para o lado dos rins e por isso caminhavam para trás, o que lhes era mais conveniente, já que não podiam ver à frente. Talvez por força de uma paralisia alguém tenha se torcido dessa maneira, mas nunca vi alguém assim, nem creio que isso seja possível. Se Deus te permite, leitor, colher o fruto dessa leitura, pensa agora por ti mesmo como eu poderia ter permanecido de olhos secos junto à imagem tão próxima desses condenados, cujas lágrimas banhavam suas nádegas e corriam-lhes pelo rego.

[25] Chorava, pois, apoiado em uma das rochas do duro escolho, o que fez minha escolta dizer:

– Por acaso és tolo como estes outros? Aqui a piedade vive melhor quando morta. Quem é mais celerado senão aquele que sofre por causa do juízo divino? Ergue a cabeça, ergue, e vê aquele para quem, aos olhos dos tebanos, o chão se abriu e por essa razão estes gritavam: “Onde caíste, Anfiarau? Por que abandonas a batalha?”. E caiu no vale onde Minós a todos agarra. Olha o peito deles, que lhes serve de costas. Estão assim porque quiseram ver muito adiante, e agora olham para trás e andam de ré, pelo caminho. Vê, ali, Tirésias, homem que virou mulher, metamorfoseando-se completamente. Voltou à forma original quando separou com um bastão duas serpentes enroladas. Aquele ali colado à barriga de Tirésias é Aronta, que, nas montanhas de Luna, região em que o carrarense trabalha, teve entre os brancos mármores uma gruta como

residência, de onde podia observar as estrelas e o mar. E aquela cujos mamilos estão cobertos foi Manto, cujas tranças soltas do lado oposto formam uma pele de cabelos. Ela andou por muitos lugares e depois parou na terra onde nasci[64], sobre o que me agradaria, se me escutares, falar mais um pouco. [58] Depois que seu pai morreu e a cidade de Baco[65] foi escravizada, Manto errou pelo mundo por muito tempo. Nos altos da Itália há um belo lago, ao pé dos Alpes orientais, que limitam-se com a Germânia, sobre o Tirol, que se chama Benaco. É banhado por mil nascentes ou mais, creio, entre Garda, Val Camonica e os Apeninos, onde as águas se represam. Há um lugar no meio desse lago em que as dioceses de Trento, Brescia e Verona poderiam repartir entre si as bênçãos. Há a Pescara e forte cidadela limitando-se com Bresciani e Bérgamo, onde a margem do Lago de Garda é mais baixa. Ali desce toda água que no colo de Benaco não pode ficar, e vira rio mais abaixo, para os verdes pastos, mais abaixo. Assim que a água começa a escorrer, o lugar não se chama mais Benaco, mas Míncio, isso até Governo, onde deságua no rio Pó. Não muito adiante, encontra um alagadiço, onde se estende e forma um palude nocivo a quem mal põe os pés ali. [82] Passando por lá, então, Manto, a virgem cruel, viu aquela terra no meio do pântano, sem cultivo algum e sem habitantes. Ali, para fugir de todo e qualquer consórcio humano, fixou-se com seus servos para operar suas artes, onde viveu até abandonar seu corpo morto. Os homens que estavam dispersos em seu entorno se reuniram naquele lugar, considerado seguro, por estar cercado pelo palude de todos os lados. Ergueram a cidade sobre os ossos dela, e aqueles que elegeram aquele lugar para morar chamaram-no de Mântua sem apelar para qualquer bruxaria. Já houve mais gente ali antes que a loucura de Casalodi o deixasse fraudar-se por Pinamonte, perdendo seu governo. Por essa razão te advirto que, se ouvires

algo diferente sobre a origem da minha cidade, será mentira, nunca verdade.

[100] E eu:

– Mestre, tuas palavras são tão verdadeiras para mim e delas tenho tanta fé que outras seriam para mim como brasa fria. Mas, diz-me, dessa gente que caminha, não vês ninguém digno de nota? Isso minha mente retém.

[106] Então me disse:

– Quando a Grécia ficou vazia de homens, na qual permaneceram só as crianças, aquele que a face coloca a barba sobre as costas morenas foi áugure e previu junto com Calcante em Áulis o momento propício para cortar as amarras das embarcações ali estacionadas.[66] Chamava-se Eurípilo, e assim o canta a minha tragédia em algum ponto, isso sabes muito bem, tu que a conheces tanto. Aquele outro ali cuja cintura é bem estreita foi Miguel Escoto, que soube manipular muito bem as artes das mágicas fraudulentas. Vê Guido Bonati; vê Asdente, que entendia de couro e cadarços, mas que se arrependeu tarde demais. Vê as tristes donas que deixaram a agulha, o fuso e fizeram-se adivinhas e muitos males cometeram com ervas e imagens. Mas vem agora, porque a lua já no limite entre os dois hemisférios aproxima-se e toca as ondas da Sevilha. Lua que à noite passada estava cheia, quando bem te recordas quando te encontravas na selva profunda.

[130] Assim me falava, enquanto andávamos.

Canto XXI

Os poetas chegam à quinta fossa, onde estão os trapaceiros. O castigo deles é permanecerem imersos em fossas cheias de piche fervente. Quando põem a cabeça para fora, são espetados por demônios que os vigiam com tridentes. Eles veem um demônio trazendo nas costas um

condenado da cidade de Lucca. Mais adiante Virgílio pede a Dante que se esconda para que ele possa conversar com os demônios. O poeta explica-lhes o que faz ali, obrigando-os a respeitá-lo. Mesmo assim, o líder deles, Malacoda, tenta ludibriá-lo. O canto termina com os demônios escoltando os viajantes no caminho para a sexta fossa.

[1] Assim, de ponte em ponte, íamos conversando de coisas que não são assunto desta comédia, quando chegamos ao ponto mais alto da passagem entre a quarta e a quinta fossa. Ali paramos para ver a próxima vala do Malebolge, que estava admiravelmente escura, de onde ouvimos mais prantos vãos.

[7] Como no grande estaleiro dos venezianos, o Arsenale, se ferve o pegajoso piche, com o qual se untam os barcos para repará-los durante o inverno, época em que neles não se pode navegar – ocasião em que uns reformam suas embarcações, enchem de estopa os cascos que mais navegaram; uns reparam a proa e outros a popa; e há aqueles que fabricam remos e quem amarras retorce; e uns ainda remendam as velas. Assim, fervia lá embaixo um pez espesso, não pelo fogo, mas por arte divina, que deixava as ribanceiras cheias de visgo.

[19] Eu via o poço de piche mas não via nele mais do que as bolhas que a fervura levantava, enchia e por fim derrubava. Enquanto olhava fixamente para baixo meu guia alertou:

– Cuidado, olha! – e me tirou dali onde eu estava.

Então voltei-me como quem demora para perceber aquilo do que convém fugir e é tomado por repentina covardia, e não parte mesmo assim, por curiosidade. Foi então que vi atrás de nós um diabo negro, correndo em nossa direção. Ah, que feições ferozes tinha e como parecia cruel, com as

asas abertas e correndo de modo tão ligeiro! Nos seus ombros pontiagudos e imponentes carregava um pecador pelas ancas, agarrando-o pelos pés e tendões. Da ponte onde estávamos, a criatura disse:

– Ó Malebranche, olha aqui um velhaco de Santa Zita![67] Mete-o aí embaixo, que eu vou voltar para lá, terra bem nutrida desses tipos, onde todos são trapaceiros, menos o Bonturo, claro, gente que, por dinheiro, transforma o *não* em *sim*.

[43] O cujo o jogou lá embaixo e voltou pelo escolho rude, e jamais o mastim correu tão ligeiro atrás do ladrão como aquele diabo. O pecador mergulhou e voltou à superfície cheia de piche, mas os demônios à margem gritaram-lhe:

– Rosto Santo aqui não! Aqui não são as águas do Serchio! O jeito de nadar por aqui é outro! Se não quiseres sentir as pontas do tridente não ponhas a cabeça para fora do piche.

Depois de espetá-lo mais de cem vezes, disseram:

– É melhor dançar aí por baixo, onde podem rapinar escondidos.

Não fazem diferente disso os cozinheiros quando pedem a seus ajudantes que afundem as carnes com o garfo na panela para que não venham à tona.

[58] O bom mestre:

– Para que não te vejam aqui – me disse –, agacha-te atrás de uma rocha, onde possa proteger-te; e qualquer ofensa que tentem contra mim, não temas, pois eu já as conheço, pois já as enfrentei antes nesta barafunda. – Em seguida, atravessou a ponte e chegou junto ao limite da sexta fossa, e nesse passo chegou com a fronte serena. Tal qual a fúria e intempestividade com que os cães se projetam nos calcanhares de um mendigo, os demônios saíram de baixo daquela pontezinha e voltaram contra eles os seus forcados. Mas o mestre lhes gritou: – Não sejais cruéis, nenhum de vós! Antes que os

vossos tridentes me toquem, aproximeis um que possa ouvir-me, e depois, se quiséreis, me escarificais.

[76] Gritaram, juntos:

– Vai lá, Malacoda! – e um deles se moveu enquanto os outros permaneceram parados.

E, chegando até o mestre, lhe disse:

– O que queres?

– Crês, tu, Malacoda, que aqui me verias se eu não tivesse chegado a essas bandas imune às tuas armadilhas, se não tivesse protegido pela vontade divina e pelo destino certo? Deixam-nos ir por aqui, pois nos céus se quis que eu mostrasse este caminho agreste àquele ali.

[85] Então, naquele momento Malacoda perdeu toda a empáfia, a ponto de deixar cair o tridente no pé. Disse aos outros:

– Não o machuquem.

E o guia me disse:

– Ei, tu, que estás quietinho entre os escolhos da ponte, vem até mim, sem medo.

Ao me mexer e correr até a direção dele, os diabos avançaram tanto que pensei que fossem descumprir o acordo. Assim me senti ao ver os soldados que saíram rendidos de Caprona vendo-se entre inimigos de ambos os lados. Aproximei-me de corpo inteiro ao meu guia sem tirar os olhos daquelas carantonhas nada amigáveis. Eles inclinavam os forcados e:

– Querem que eu os espete – diziam uns aos outros – no lombo?

E os outros respondiam:

– Isso, dá um jeito nele.

Mas aquele demônio que conversara com o meu guia voltou-se rápido para eles e disse:

– Para, para, Escarmiglione! – E depois nos disse: – Ir adiante por este escolho é impossível, pois ruiu tudo no fundo da sexta fossa. Se quiserdes ir em frente, andai por aquela grota, junto à qual há um outro escolho, que dá caminho para outra parte. Ontem, cinco horas mais tarde, fez mil duzentos e sessenta e seis anos que esse caminho ruiu.[68] Mando convosco alguns dos meus para vigiar se algum desses condenados ao piche se estende para fora. Ide com eles, nenhum mal vos farão.

[118] Então começou a dizer:

– Alchino e Calcabrina, e tu, Cagnazzo; e Barbariccia, lidera os dez. Libicocco vem atrás com Draguignasso, Ciriato dentuço e Graffiacane; depois seguem Farfarello e Rubicante, o louco. Procurai bem no piche fervente, e atravessai estes dois a salvo até o outro lado, levando-os inteiros por sobre o tanque.

[127] – Ai, mestre, o que é que estou vendo? – disse eu. – Vamos sem esta escolta, vamos sozinhos se sabes por onde ir, pois eu não quero a companhia dela. Se estás atento como sempre, não vês que nos arreganham os dentes e nos ameaçam com o olhar?

E ele, para mim:

– Não te assustes com isso, deixa-os arreganhar os dentes como eles quiserem, pois fazem isso contra os atormentados na fervura.

[136] Eles viraram à esquerda da murada, mas antes todos mostraram a língua para Barbariccia, seu guia, que lhes respondeu fazendo do cu uma trombeta.

Canto XXII

Ainda na quinta fossa Dante e Virgílio andam pela margem do lago

fervente escoltados por dez demônios. Ali veem Ciampolo de Navarra ser torturado pelos diabos. Apesar disso Dante consegue conversar com ele e ouvir que ali estão também dois trapaceiros sardos, frade Gomita e Michele Zanche. Em seguida, Ciampolo consegue escapar das garras dos diabos afundando no piche escaldante. Por causa disso começa uma confusão entre os demônios, a ponto de dois deles também caírem no lago. Dante e Virgílio seguem viagem.

[1] Já vi cavaleiros levantarem acampamento, iniciarem o ataque, desfilarem em paradas e até mesmo debandarem; vi batedores em vossa terra, aretinos, e vi saques cometidos por soldados e outros ferindo-se em refregas e duelando em torneios. Tudo isso ao som das trombetas, dos campanários, dos tambores, sob as sinalizações do alto dos castelos, em meio a nossa gente e gente estranha. Mas nunca vi, com tão bizarra banda, cavaleiros cavalgarem desse modo, nem infantes, nem naves guiadas por terra ou pelas estrelas singrarem assim os mares, tal como iam aqueles diabos que nos acompanhavam.

[14] Ah, que companhia selvagem! Mas, como dizem: na igreja com os santos, na taverna com os glutões.

[16] Minha atenção estava voltada para o poço de piche para ver em que condição iam os condenados imergidos nele. Como os golfinhos, que projetam o dorso para fora d'água alertando as naves da iminência de tempestades, assim faziam alguns pecadores, mostrando as costas para aliviarem-se do castigo e imergindo em seguida, num piscar de olhos. Como as rãs, que à beira de um poço deixam o focinho para fora, mas pés e pança dentro d'água, assim jaziam os pecadores por toda parte. Mas, à presença de Barbariccia, afundavam na fervura. Igual às rãs, que ora ficam, ora se

escafedem, vi um dos condenados, coisa que ainda me corta o coração. Graffiacane, o demônio mais próximo dele, fisgou-lhe a cabeleira visguenta com o tridente e o puxou para cima, como se tivesse apanhando uma lontra.

[37] A essa altura sabia o nome de toda a demoniada, nomes que gravei quando foram escolhidos por Malacoda, e assim acompanhava o que conversavam:

– Ó Rubicante, crava o garfo nas costas dele e esfola-o! – gritavam ao mesmo tempo os malditos.

E eu:

– Mestre, tenta, se puderes, saber quem é o desgraçado que caiu nas mãos dos seus adversários.

O meu guia aproximou-se dele e perguntou-lhe de onde era, e o infeliz lhe respondeu:

– Nasci no reino de Navarra. Minha mãe, que me gerou de um celerado algoz de si mesmo e de seus próprios bens, me pôs a serviço de um senhor local. Mais tarde fui agregado à corte do bom rei Tebaldo, onde me pus a trapacear, o que justifica eu estar nesta sopa fervente.

Ciriato, com uma das presas de porco que lhe despontavam da boca, lacerou-lhe a pele. Entre maus gatos ia o rato, quando Barbariccia agarrou-o pelos braços e disse:

– Parados aí, cambada, enquanto eu o enforco.

Virei o rosto para meu mestre:

– Pergunta ainda – disse eu –, se quiseres saber mais sobre ele, antes que o despedacem todo.

O guia então:

– Agora diz: conheces entre os outros réus um que seja italiano?

E ele:

– Separei-me há pouco de um que viveu lá perto. Antes eu estivesse coberto por ele até agora, que eu não temeria nem as unhas nem os garfos!

E Libicocco disse:

– Já esperamos muito – e, com uma pontada do tridente, lacerou-lhe o braço.

Draghignazzo quis ainda lhe ferroar a perna, quando o decurião deles, Barbariccia, voltou-se em sua direção com semblante ameaçador.

[76] Quando eles se acalmaram um pouco, com presteza meu guia perguntou ao penitente, que ainda olhava para suas feridas:

– Quem foi aquele cuja saída infeliz te fez vir à margem deste poço?

Ele respondeu:

– Foi o frade Gomita, lá de Gallura, vaso que acolhe toda espécie de fraude. Teve à mão os inimigos de seu senhor e aliou-se a eles, tanto que estes o louvam sem exceção. Livrou-os da prisão em troca de dinheiro e isso fez às escondidas, como se diz, e era, entre os trapaceiros, por esse e outros ardis, soberano. Miguel Zangue foi outro como ele, senhor de Logodoro, na Sardenha, onde se fala dele sem descanso. Ah, mais eu diria, mas vede aquele outro ali que arreganha os dentes, tenho medo que ele não se acanhe de me dar uma sova.

Então o enorme preposto, Barbariccia, voltou-se para Farfarello, cujos olhos saltavam-lhe da órbita de vontade de ferir o condenado, e disse:

– Sai daí, pássaro dos infernos!

[97] – Se quiséreis ver ou ouvir algo – recomeçou perto deles o apavorado –, toscano e lombardo, farei vir outros condenados, desde que os Malebranche fiquem à parte, onde eu possa estar livre de suas vendetas e, sentado aqui mesmo, onde estou, farei vir sete quando assobiar, como costumamos fazer para chamar um de nós para fora do piche.

Ao perceber aquela movimentação, Cagnazzo ergueu a fuça, inclinou a cabeça e disse:

– Percebi teu truque para pular fora do lago!

Então aquele que insídias produzira em abundância respondeu:

– Que grande malicioso sou, se mais tristeza procuro!

Alichino não se conteve e, ao contrário dos outros, disse:

– Se te esconderes, não irei atrás de ti galopando, mas baterei minhas asas acima do piche. Deixa a margem e usa o barranco como anteparo e vê se sozinho vales mais do que nós.

[118] Ó tu que ora me lês, ouvirás um jogo diferente. Na outra margem, os demônios viram-se para o condenado. Cagnazzo é quem tem o olhar mais feroz. O navarrense na hora certa firma a planta dos pés na terra e salta fora do alcance deles. Os malditos todos passaram a se culpar, mas o maior responsável pelo erro, Alichino, saiu de seu posto e gritou:

– Te apanho num minuto!

Mas isso de pouco lhe valeu, porque mesmo com suas asas não pôde alcançar o apavorado, que foi por um lado enquanto o outro retorna, dando meia-volta com a ajuda das asas. Não faz diferente o pato quando o falcão se aproxima: mergulha fundo na água enquanto o outro arremete para cima zangado e alquebrado. Enfurecido com o embuste do condenado, Calcabrina partiu atrás dele querendo que ele escapasse para arrumar uma confusão com Alichino. Como o trapaceiro desapareceu, voltou as garras contra o companheiro e atracou-se com ele em pleno ar. Mas Alichino reagiu como uma águia e aferrou-lhe bem suas garras e ambos acabaram caindo no meio do lago fervente. O caldo negro separou os dois rapidamente, que não conseguiam voar por causa do piche que grudou em suas asas. Barbariccia ao lado dos outros dementes manda quatro voarem até a outra margem. Lá

com seus arpões, rápidos, descem próximos ao lago e estendem seus tridentes em direção aos companheiros empanados, tão cozidos já estavam ali dentro.

[151] Nós os deixamos, assim, alvoroçados.

Canto XXIII

Depois de recearem ser apanhados pelos demônios que os escoltavam, Dante e Virgílio deparam-se com uma fila dos hipócritas. Caminham vagarosamente com uma capa dourada revestida de chumbo por dentro. Isso obriga os poetas a diminuírem o passo para poderem conversar com eles. Falam com dois frades gaudentes, que discorrem sobre si mesmos e revelam aos poetas a identidade de outro condenado, Caifás, que jaz crucificado no chão da fossa. Em seguida, Virgílio pergunta-lhes como sair daquela fossa e descobre que havia sido enganado pelos demônios, que lhe indicaram um falso caminho.

[1] Íamos sem escolta, calados e sozinhos, um bem atrás do outro, tal como andam os capuchinhos. Comecei a pensar na rixa entre os diabos e veio-me à mente a fábula da rã e do rato escrita por Esopo. Não eram tão parecidas as palavras “agora” e “já” como eram os diabos com os bichos da história. E como um pensamento puxa o outro, veio-me um que multiplicou o medo que eu já sentia. Eu pensava assim: “Por nossa causa aqueles diabos foram enganados redonda e tão solertemente que tenho certeza de que virão nos atormentar. Se a irritação faz a raiva aumentar como um novelo, eles virão atrás de nós com a crueldade do cão que crava furioso os dentes na lebre”. Apavorado, sentia os pelos arrepiarem, e olhava para trás, atento, quando disse:

– Mestre, por que não nos escondemos rapidamente por causa dos Malebranche? Estou apavorado, sinto-os logo atrás, em nossos calcanhares.

E o mestre:

– Se eu fosse um espelho não refletiria tão bem a tua imagem como a que tenho agora dentro do peito. Teu pensamento e o meu encontraram-se ao mesmo tempo e com a mesma face, tanto que uma só saída geraram: se é verdade que se chega a outra fossa descendo pela margem direita, escaparemos por ali dos caçadores que acabas de mencionar.

[34] Mal acabara de ouvir o conselho do mestre quando vi voarem em nossa direção, de longe, os demônios, com as asas desfraldadas, vindo nos pegar. Meu guia, sem demora, me segurou como a mãe que agarra o filho despertada pelo crepitar das chamas, foge e dele não larga, protegendo-o mais que a si mesma, tão rápido que mal se veste. E, do alto da ríspida ribanceira, largou o corpo e escorregamos pela rocha que dos dois lados contorna a sexta fossa.

[46] Jamais correu tão rápido a água que pelo canal cai nas pás do moinho e faz sua roda girar quanto meu mestre por aquele barranco, carregando-me não como um companheiro, mas como um filho. Assim que pusemos os pés no chão da fossa, vimos os demônios acima do barranco. Mas não havia mais perigo, pois a Divina Providência, que escolheu esses diabos como ministros da quinta fossa, impede-os de sair dela.

[58] Ali embaixo encontramos uma gente colorida, andando muito devagar, chorando, com um semblante cansado e alquebrado. Vestiam capas com largos capuzes que desciam-lhes até os olhos, com corte semelhante àquele usado pelos monges da abadia de Cluny. Por fora, são tão douradas que chegam a ofuscar, mas por dentro são de chumbo e pesam muito. Frederico II lançava os condenados à fogueira vestidos assim.

[67] Ó pesado manto, pela eternidade!

[68] Passamos a acompanhá-las então, atentos ao triste pranto, mas aquelas almas cansadas, visto o peso que carregavam, moviam-se muito vagarosamente. Por essa razão, a cada passo tínhamos novas companhias. Dado isso, disse ao mestre:

– Acha alguém aqui, pelo nome ou feitos realizados, enquanto andamos e procuramos com os olhos.

E um que entendeu a língua toscana nos gritou lá de trás:

– Para, tu que corres tão ligeiro pelo ar fosco! Talvez consigas de mim o que pedes.

Quando então meu guia voltou-se e me disse:

– Espera e segue os passos dele.

[82] Detive-me e vi duas sombras demonstrarem pressa de estarem comigo, mas a carga que levavam e a trilha estreita as retardavam. Quando se aproximaram, com olhar enviesado, me encararam sem dizer palavra. Em seguida, entre si, confabularam:

– Aquele parece vivo pois mexe o pomo de Adão. Mas, se estão mortos, por que têm o privilégio de andarem descobertos, sem a estola? – Depois disseram-me: – Ó Toscano, que chegas ao colégio dos tristes hipócritas, diz quem és, sem menosprezo.

Disse-lhes:

– Nasci e cresci sobre o belo rio Arno, na grande cidade, em Florença, e aqui estou com o corpo que sempre tive. Mas quem sois vós, que tantas lágrimas destilais, mostrando a dor esvaindo-se pela face? E que castigo sofreis que tanto brilha?

Um deles me respondeu:

– Os mantos amarelos são de chumbo tão pesado que o peso deles faz-

nos gemer como a balança que range sob muita carga. Fomos frades gaudentes, além de bolonheses. Sou Catalano e este é Loderingo. Para sua terra, fomos levados como se fôssemos uma só pessoa para conservar a paz. E tanto fizemos que ainda lembram-se de nós em Gardingo.[69]

[109] Comecei:

– Ó frades, os vossos males... – mas não disse mais, porque avistei alguém crucificado no chão por três pedaços de pau.

Quando me viu, contorceu-se todo, soprando a barba a cada suspiro que dava. Dando-se conta do que vi, o frade Catalano me disse:

– Aquele pregado ali aconselhou aos fariseus que convinha ao povo martirizar alguém.[70] Está atravessado no caminho, nu, como vês, e é preciso que ele sinta o peso dos passos de todos que caminham por ali. Do mesmo modo seu sogro padece nesta fossa, e os outros do concílio que foi para os judeus a má semente.

[124] Vi então o mestre Virgílio maravilhar-se com aquele condenado deitado de forma tão vil, em cruz, pela eternidade. Depois ergueu a voz para o tal frade:

– Se for possível, dizei se há alguma passagem à direita onde nós dois possamos sair daqui sem termos de ser guiados pelos demônios.

Ele respondeu, então:

– Mais cedo do que imaginas, verás uma rocha despontar das muralhas do círculo que atravessa toda essa feroz fossa. Contudo, ela está destruída e aos pedaços. Podeis caminhar pelas ruínas que se amontoam no fundo.

O guia afastou-se um pouco, baixou a cabeça, depois disse:

– Outra coisa contou aquele que pesca e espeta os pecadores lá na ponte.

E o frade:

– Já ouvira em Bolonha que o diabo tem muitos vícios, entre eles o de ser

falso, além de ser o pai da mentira.

[145] Em seguida o guia começou a andar a passos largos, com o semblante levemente perturbado pela ira. Afastei-me dos encarquilhados e acompanhei as pegadas do mestre.

Canto XXIV

Depois de Dante ver seu guia acalmar-se, eles passam a subir a encosta que os levará até a sétima fossa. Nesta expiam a culpa os ladrões. Ali encontram Vanni Fucci, ladrão bestial e soberbo. Ele é obrigado a confessar seu pecado a Dante, o roubo das alfaias de uma igreja de Pistoia. Por vingança, vaticina os novos conflitos que acontecerão em Florença, durante os quais os brancos, partidários de Dante, serão derrotados.

[1] Quando no início do ano o ardor do sol é mais intenso – sob a constelação de Aquário, tempo em que a noite dura o mesmo tempo que o dia; quando a geada sobre a terra lembra a neve, sua irmã branca, mas durando tão pouco quanto uma pena de ganso mal apontada –, o pobre camponês coça as costas, quadris e volta para casa, quando levanta-se, sai e vê o campo todo branco. Anda para lá e para cá como o pobre-diabo que não sabe o que faz, mas que depois se reanima e sente a esperança ressurgir ao ver a face do mundo mudada em um par de horas. Então, pega seu cajado e sai para pastorear o rebanho.

[16] Assim me senti, bem perturbado ao ver o desconcertado semblante do mestre, mas mais aliviado quando ele se voltou para mim, ao chegarmos à ponte destruída, já recuperado, com a mesma doce face que vi ao pé da colina.[71] Depois de refletir consigo mesmo, olhando antes e com cuidado a ruína, abre os braços e abraça-me. Como aquele que age ponderadamente,

que sempre se adianta aos fatos que virão, ergueu-me e pôs-me em cima de uma rocha mais elevada, de onde se avistava outro penhasco, dizendo:

– Vai por aquela outra rocha, mas antes vê se ela te aguenta.

Não era um caminho para seguir com roupas pesadas. Por ele, eu e o mestre, um pesado e o outro leve, fomos saltando de pedra em pedra. E se não fosse o muro desta fossa mais alto do que a parede da próxima fossa, não sei o mestre, mas eu teria me acabado ali mesmo. Isso porque o Malebolge desce em direção à boca do poço central, que fica no ponto mais baixo. Assim, rodeando as fossas, há os muros que são mais altos na fossa anterior e mais baixos na posterior, ou seja, uma fica mais alta, outra mais baixa.

[41] Íamos então pelo ponto mais alto da sétima fossa. De tal modo perdera o fôlego àquela altura que, sem poder dar sequer um passo além, assim que vi o fim da subida, sentei-me. Então o mestre me disse:

– Agora convém que te desacovardes, pois sentando na pluma não se chega à fama, menos ainda debaixo das cobertas. Sem a fama a vida se consuma sem deixar vestígio na terra, como a fumaça no ar e a espuma no mar. Portanto, levanta, vence a angústia com o ânimo que ganha todas as batalhas, e não te deixes abater pelo peso do teu corpo. Mais adiante será preciso subir uma encosta mais longa do que esta; ter chegado até aqui ainda não basta. Se entendes meu conselho, que ele te valha.

[58] Levanto-me então, com mais fôlego, melhor do que me sentia e disse ao mestre:

– Segue, sinto-me mais forte e seguro.

Retomamos o caminho por sobre os escolhos, que eram grandes e pontiagudos. A trilha era estreita e nefasta e muito mais íngreme que a anterior.

[64] Para não parecer fraco, falava enquanto caminhava, quando uma voz subiu da outra fossa lançando palavras de forma tão rude que me eram incompreensíveis. Quem falava parecia movido pela ira. Olhei para baixo mas minha visão não chegava até o fundo, tão escuro era ali. Por isso, disse:

– Mestre, vamos até o outro lado do círculo e desçamos desta ponte porque daqui nada ouço nem entendo; olho para baixo e nada vejo.

Ele disse:

– Outra resposta não te dou senão a de seguir andando, em silêncio, pois tua pergunta é justa.

[79] Descemos da ponte onde seu ponto mais alto alcança a oitava ribanceira.[72] Logo pude ver a fossa e ali vi um amontoado terrível de serpentes. Eram de tipos e formas tão variados que só a memória delas me enregela o sangue. Cessa a Líbia[73] de vangloriar-se de seu deserto repleto de víboras, jáculas, hidras; nem mesmo na Etiópia ou às margens do mar Vermelho se viram cencros e anfisbenas tão pestilentas e ferozes quantas essas que vi aqui. Entre essa cruel e tristíssima malta, almas nuas e assustadas corriam sem esperança de encontrarem um buraco para se esconderem ou um muiraquitã para dali desaparecerem. Corriam com as mãos para trás, manietadas pelas serpentes, parecendo caudas; e no alto, na cabeça, um monte delas iam enroladas.

[97] Eis que uma serpente subitamente atirou-se sobre um condenado que estava do nosso lado e atravessou-lhe a nuca de um extremo ao outro. Nem o *O* nem o *I* foram escritos tão rápido como tão rapidamente aquele pobre-diabo pegou fogo, ardeu e virou cinza, desabando no chão incinerado. As cinzas agruparam-se sozinhas, e o mesmo condenado reapareceu, súbito. Assim ensinam os grandes sábios: a fênix morre e depois renasce, quando completa cinco séculos. Enquanto vive não come ervas, nem grãos, mas

alimenta-se só de gotas de incenso e momo; e morre entre feixes de nardo e mirra. Como aquele que cai sem saber como, atirado ao chão por obra demoníaca, ou tomado por convulsões que lhe obscurecem os sentidos, assim se levantou o condenado, olhando em torno, perdido e angustiado, ainda cansado e, sem o que fazer, suspira. Assim se via o pecador depois de reerguer-se.

[119] Ó poder divino, como são severos e duros os golpes com que vos vingais!

[121] O guia perguntou-lhe quem era, e ele respondeu:

– Caí faz pouco da Toscana nesta goela desumana. Agrada-me a vida bestial, não a humana; como a mula que na terra fui, aqui sou: Vanni Fucci, a fera, e Pistoia foi para mim uma toca digna.

E eu ao guia:

– Diz para ele não fugir e pergunta que culpa aqui embaixo ele expia, porque o conheci vivo, em carne e osso.

O pecador, que compreendeu o que eu dissera, sem hesitar, virou-se para mim com o rosto descolorido pela vergonha e disse:

– Dói-me muito mais ser encontrado aqui, na miséria em que me vês, do que quando perdi a vida lá em cima. Não posso te negar o que pedes. Fui atirado aqui embaixo porque roubei as belas alfaias da sacristia, crime pelo qual outro, não eu, pagou. Mas para que não te regozijes de me veres aqui caso saias deste vale escuro, presta atenção no que direi. Pistoia mais magra ficará depois de expulsarem de lá os Negros*;* Florença, então, se renovará com mais gente, por causa dos Negros que para ali irão. Marte envolverá o vale de Magra num nevoeiro, e lançará ali tempestades furiosas e ásperas sobre o Campo Piceno, onde se dará a batalha. De repente a névoa se dissipará, e os Brancos estarão todos feridos e derrotados. Digo-te isso para

que sofras!

Canto XXV

O ladrão Vanni Fucci blasfema e logo é atacado por uma serpente, que pune sua soberba. Mais adiante os poetas veem o centauro Caco, morto a pauladas por Hércules. Mais à frente se deparam com três ladrões, todos florentinos, que passam por incríveis metamorfoses. Um deles, atacado pela serpente, transforma-se em serpente; outro, mordido no umbigo, transforma-se em serpente; e a serpente que o mordeu, em homem.

[1] Assim que terminou de falar o ladrão ergueu as mãos, fazendo figa, e gritou:

– Olha, Deus, para ti o estou fazendo![74]

[3] Desde esse dia tornei-me amigo das serpentes, pois uma envolveu-lhe o pescoço como se dissesse: “Cala-te, não digas mais nada!”. Uma outra enrolou-se em seus braços, retorcendo-se sobre si mesma, impedindo-o de mexer-se.

[10] Ah, Pistoia, Pistoia, por que não resolves incendiar tuas casas e vilas, para que desapareças de vez, pois até o mal dos teus antepassados já superas? Por todos os círculos do escuro Inferno não vi espírito tão soberbo quanto este, nem mesmo o de Capaneu, que despencou do alto do muro de Tebas.

O ladrão então correu sem dizer palavra. Em seguida, vi chegar um centauro, furioso, chamando:

– Cadê, cadê o insolente?

Não creio que nem em Maremma tenha havido tantas víboras como as que vi na sua garupa, em toda sua extensão até a boca. Sobre as costas, na

região da nuca havia um dragão, que cuspia fogo em quem lhe cruzasse a frente. Meu mestre, então, disse:

– Este é Caco, aquele que viveu em cavernas no monte Aventino gerando lagos de sangue. Está aqui neste círculo e não no outro com seus irmãos centauros porque roubou o rebanho de Hércules e o escondeu. O herói grego descobriu a fraude, encontrou-o e o matou com cem pauladas, das quais nem dez sentiu, tão rápido morreu.

[34] Enquanto o mestre falava, Caco escafedeu-se. Em seguida, três espíritos aproximaram-se de nós, de quem só demos conta quando gritaram:

– Quem sois? – o que cortou nossa conversa e nos fez então prestar atenção no que diziam.

Não os conhecia, mas aconteceu casualmente de um chamar o outro pelo nome, dizendo:

– Onde está o Cianfa?

Para que o guia ficasse atento, pus o dedo nos lábios.

[46] Se tu, caro leitor, demorares para crer naquilo que direi, não me espantarei, porque o que vi ali só a mim mesmo consinto acreditar. Então, quando mal erguera as sobrancelhas, vi uma serpente jogar-se na direção de um deles e enrolar-se toda nele. Possuía seis pés, e com os do meio agarra-lhe o ventre e com os posteriores prende-lhe os braços, depois crava-lhes os dentes em cada uma das faces. Os pés de trás estendem-se sobre suas coxas e a cauda indo pelo meio delas sobe e aperta-lhe os rins, impedindo-o de andar. Jamais uma hera enredou de tal forma o tronco de uma árvore como fazia aquela fera horrível em volta dos membros daquele condenado.

[61] Depois de ficarem tão agarrados, a serpente e o supliciado misturam as cores, como se fossem feitos de cera quente, a ponto de não parecerem o que cada um era antes. Sucedeu-lhes tal como acontece com a carta que,

antes de queimar totalmente, toma um tom escuro e mata todo o branco, sem chegar ao preto mais escuro. Os outros dois olhavam para ele e gritaram-lhe:

– Ai, ai, Agnelo, como mudaste! Vê! Já não és nem um nem dois.

Duas cabeças tinham virado uma, duas figuras, mistas, numa face só. De dois braços do condenado e de dois pés da fera formaram-se dois membros, e as coxas, pernas, ventre e peito tomaram uma feição nunca vista antes. O aspecto primitivo de ambos desaparecera, e uma imagem tão perversa com nada conhecido se criou. O monstro, então, moveu-se vagarosamente.

[79] Como o lagarto que busca ligeiro uma sebe para proteger-se dos raios de um dia canicular, e assim correndo lembra um lampejo riscando o chão, assim corria uma serpentezinha, que, repentinamente, voou na direção do umbigo de outro dos condenados, como um negro e lívido grão de pimenta. E, no lugar onde nos alimentamos primeiro, ela mordeu e caiu em seguida no chão. O ferido olhou para ela e não disse nada. Ainda em pé, bocejava como se o sono ou a febre o assaltasse. Da boca da serpente e da ferida aberta no ventre do pecador saía uma fumaça densa.

[94] Cale agora Lucano a triste morte de Sabelo e Nasídio e atento esteja que o que lhe vou dizer é de outra sorte.[75] Cale também Ovídio, em cujos versos lemos a transformação de Cadmo em serpente e Aretusa em fonte. Não o invejo porque nunca duas naturezas transformaram assim forma e essência frente a frente, trocando entre si, serpente e homem, a matéria de cada um.

[103] Ao mesmo tempo que a cauda da serpente fendia-se como um forcado, os pés do condenado colavam-se numa só forma. Pernas e coxas uma coisa só viraram, a ponto de não se verem mais as marcas de sua separação. Enquanto isso a cauda da víbora já tomava outra figura, de perna e coxas, e a pele perdia a dureza do couro para ficar mais mole. Vi os dois

braços do homem entrarem por suas axilas enquanto as pernas recém-formadas da serpente se alongavam. Ainda vi os pés de trás da fera virarem braços, os mesmos braços que no homem se escondiam. Enquanto a fumaça os envolvia, a cor deles se alterava. Num cresciam pelos, enquanto no outro desapareciam todos. Aquele então levantou-se e este desabou no chão, sem que ambos desviassem o olhar um do outro, ao mesmo tempo que trocavam focinho e cara.

[124] No que estava de pé o focinho recuou e formou as têmporas, nas quais saíram as orelhas, enquanto lhe formavam as faces do rosto. Do que sobrou de carne fizeram-se o nariz e os lábios. Naquele que jazia, o focinho salta-lhe na face e as orelhas retraem-se como a antena do caracol. A língua, antes una e pronta para falar, fende-se; ao passo que a do outro, bipartida, junta-se.

[136] A alma que se transformara em serpente foge pelo vale silvando, enquanto a que ficara em pé vai atrás dela, cospe-lhe ao mesmo tempo que fala. Ainda vira as costas recém-formadas e diz para o outro que ali ficara:

– Quero que Buoso se arraste, como eu me arrastei nesta trilha.

[142] Vi esse mudar e desmudar na sétima fossa e me perdoem se de tal novidade minha pena só consiga deixar um borrão. Embora de olhos embotados e com a alma um tanto desanimada, não me escapou a fuga de Puccio Sciancato, que dos três que nos alcançaram era o único que ainda não se transformara; o outro[76] era aquele que tu, Gaville, choras.

Canto XXVI

Dante discursa contra sua cidade, Florença, depois de ter encontrado cinco ladrões na sétima fossa. Agora, ele e Virgílio adentram a oitava,

onde são castigados os conselheiros fraudulentos. Ali os condenados perambulam envolvidos em chamas. Os poetas encontram Homero e Diomedes no mesmo fogo. Homero conta como pereceu, junto com seus companheiros, depois de ter atravessado as colunas de Hércules.

[1] Rejubila-te, Florença, por seres tão grande e estenderes tuas asas por mares e terras e por expandires assim teu nome pelas profundezas do Inferno! Entre os ladrões, cinco eram cidadãos teus, o que me envergonha, e tu, decerto, não serás mais honrada por isso. Mas, se perto da manhã o sonho da verdade se aproxima, sentirás em breve o mal que contra ti ambicionam em Prato. E se isso já se deu, não seria sem tempo e seria justo. Tanto melhor isso acontecer agora, pois quanto mais tarde, mais velho estarei, mais isso me pesará.

[13] Partimos, então. Escalamos as rochas na mesma trilha por que antes havíamos descido. O guia levou-me, e prosseguimos pelo ermo caminho entre as pontas e as lascas dos escolhos. Breve, mas tão íngreme, que sem as mãos não avançaríamos.

[19] Doeu-me então e ainda me dói quando relembro aquilo que vi ali. O engenho mais do que tudo ali freei e seja a razão sempre guiada pela virtude, pois se a estrela boa ou coisa melhor o Bem me deu, que dele eu não me desvie. Tal como o camponês que vê, no alto da colina onde repousa em pleno verão (época em que a mosca dá vez ao mosquito), vaga-lumes piscando pelo vale, lá onde talvez ele tenha semeado e arado a terra, assim eu vi resplender aquela oitava fossa toda, logo que pude avistar suas profundezas.

[34] Tal como o profeta Eliseu – o que foi vingado por ursos, os quais estraçalharam aqueles que zombaram de sua calvície – viu o carro de Elias

subir tão rapidamente aos céus, puxado por cavalos, que seus olhos mal conseguiram segui-lo, distinguindo apenas uma chama ascender, como uma nuvem, assim moviam-se por aquela garganta do Inferno labaredas de fogo, sem mostrar a fraude, escondendo um pecador em seu centro.

[43] Estava vendo isso na ponta dos pés sobre a ponte, de tal forma que se não estivesse apoiado numa rocha teria despencado. O guia, que me viu tão atento, disse:

– Ali vão espíritos enfeixados pelas chamas que lhes cabem.

– Caro mestre – respondi –, já tinha quase certeza disto que me disseste, por isso já me vinha a vontade de perguntar-te: quem vai naquela labareda cuja ponta vejo dividida, semelhante à fogueira onde Eteócles e o irmão foram colocados?

Ele respondeu:

– Nela estão Ulisses e Diomedes, que vão vingados juntos, como juntos foram tomados pelo pecado. Lá dentro lamenta-se a cilada do cavalo que gerou a porta pela qual saiu a semente dos gentis romanos; chora-se o ardil pelo qual Deidamia chorou por Aquiles e o assalto à estátua troiana, o Paládio.

– Se eles puderem falar de dentro dessas chamas, mestre – disse eu –, rogo-te isso tantas vezes for preciso, e mil vezes te valha esta minha prece, para que não a recuses e não negues meu pedido. Faz esta chama com dois cornos se aproximar, pois desejo falar-lhe ardentemente.

E ele:

– Teu pedido é digno e louvável, por isso te concedo, mas é preciso que freies a língua. Deixa que eu falo com eles, pois sei o que desejas saber, e eles poderão esquivar-se de te responder, já que são gregos.

[76] Assim que a chama chegou onde pareceu ao meu guia que os

condenados nos ouviriam, ele falou:

– Ó vós que estais dentro do fogo, se algo de vós eu mereci pelos versos que escrevi sobre vossos feitos, seja muito ou pouco, não vos movais, dizei um de vós, para aquele ali, onde se perderam para, mortos, caírem aqui.

[85] A ponta maior da chama começou a oscilar, murmurando, como se o vento a castigasse, e indo para lá e para cá, como se fosse uma língua a falar, lançou um som para fora e disse:

– Quando parti da ilha de Circe, onde fiquei detido mais de um ano perto de Gaeta, antes que Eneias assim nomeasse esta ilha, nem a doçura do filho, nem a piedade pelo velho pai, nem o amor devido a Penélope, que a faria feliz, venceram a vontade que havia dentro de mim de conhecer o mundo e as virtudes e vícios humanos. Assim me pus em mar aberto apenas com minha nau e uma pequena tripulação que não me abandonou. Pelas duas costas passei, vi a Espanha, Marrocos e a ilha da Sardenha e outras mais banhadas por aquele mar. Eu e meus companheiros já estávamos velhos e cansados quando chegamos àquele estreito[77] onde Hércules assinalou os limites que o homem não devia ultrapassar. A essa altura já deixara para trás Sevilha, à direita; e, à esquerda, Ceuta. “Ó irmãos”, disse eu então, “milhares de perigos já passastes até chegáreis juntos ao extremo do ocidente, e quão breve vigília aqui na terra nos resta e tão poucas forças temos ainda; assim, não negais a possibilidade de seguir o rastro do sol, em direção ao mundo sem gente. Considerai vossa origem, pois não fostes feitos para viver como brutos, mas para ir atrás da virtude e do conhecimento”. Esse pequeno sermão penetrou tão agudamente em meus companheiros que só a muito custo conseguiria, depois disso, detê-los. A popa então viramos para o oriente e os remos fizeram-se as asas desse desarrazoado voo, indo sempre à esquerda. [127] Todas as estrelas, à noite,

já pertenciam ao outro polo, e o nosso, o Ártico, já não se via no horizonte do campo marinho. A lua já havia passado cinco vezes cheia, cinco vezes apagada, pelos céus desde que ultrapassáramos o alto estreito quando apareceu a montanha negra, à distância, e pareceu-me a mais alta de todas que já vira antes. A alegria tomou conta de todos, mas logo virou pranto, porque daquela terra nova nasceu um redemoinho que lambeu a nau desde a popa à proa. O barco rodopiou três vezes na água e na quarta vez levantou a popa e levou a proa a pique, do modo como o céu quis, até que o mar fechou-se sobre nós.[78]

Canto XXVII

Achama de Ulisses e Diomedes se afasta, e logo em seguida aparece outra. Nela está Guido da Montefeltro. Ele pede notícias da Romanha, terra onde nasceu. Dante relata a situação política das cidades da região. Em seguida, Guido conta aos poetas por que está ali. Depois de abandonar uma vida de pecados, torna-se franciscano. Logo depois é estimulado pelo papa Bonifácio VIII a virar seu conselheiro. Julgando-se protegido pelo perdão do papa, pratica a fraude e, morto, é levado pelos demônios para o Inferno.

[1] O alto da chama então ficara imóvel, aquietara-se e de nós se afastara com a permissão do doce poeta. Foi quando apareceu uma outra, que vinha por trás, o que nos fez voltar os olhos para o seu topo, de onde saía um som confuso. Como o touro siciliano que mugiu pela primeira vez com o pranto de seu criador, o que foi justo[79], a chama mugia com voz agoniada, tal qual o condenado dentro do boi de bronze, pois parecia transpassada pela dor. Então, por não haver saída nem abertura naquele feixe de fogo, sua linguagem se convertia em palavras dolentes.

[16] Mas depois de a voz ter feito sua viagem até o topo, no bico da chama, mexendo-a como um guizo, abriu passagem até nós, que a ouvimos dizer:

– Ó tu a quem endereço minhas palavras e que acabaste de falar em lombardo àqueles dois: "*Ide já, não falai mais, não é preciso*"[80], porque demorei-me para chegar não deixes de falar comigo, pois a mim isto não me desagrada, ainda que vá assim todo queimado! Se tu, então, caíste agora neste mundo cego e vens daquela doce terra latina de onde trago as culpas que carrego comigo, diz-me se na Romanha há guerra ou paz, região em que nasci, nos montes onde está a cidade de Urbino e a vau em que o Tibre nasce.

[31] Ainda estava atento e inclinado a ouvi-lo quando meu guia cutucou-me as costas e disse:

– Fala tu, este é italiano.

Eu, que já tinha a resposta pronta, sem titubear comecei a falar:

– Ó alma que vai escondida nesta chama, os tiranos de tua Romanha jamais deixaram a guerra longe de seus corações, mas por ora, quando a deixei, não havia nenhuma escaramuça por lá. Ravena está como estava muitos anos atrás: a águia dos Polenta nutre os seus incluindo a Cervia, que recobre com suas asas. Forlì, terra que resistiu longamente ao ataque e fez dos franceses sanguinolenta massa, encontra-se sob as garras verdes do leão dos Ordelaffi.[81][44]

O mastim velho e o novo dos Verruchio assassinaram Montagna e lá fazem um mau governo: dilapidam os bens dos súditos e metem-lhes os dentes. As cidades de Lamona e Santerno são conduzidas pela família do brasão branco estampado pelo leão azul, que muda de aliados como o verão, no inverno. E Cesena, banhada pelo rio Sálvio, assim como está entre a planície e a colina,

vive entre a tirania e o estado livre. Agora, peço-te que contes quem és, sem ser mais duro que os outros, se queres que o mundo lembre teu nome.

[58] Em seguida o fogo rugiu ao modo seu, o bico da chama moveu-se daqui para lá, de lá para cá, e depois dali isto se soprou:

– Se eu acreditasse que minha resposta se dirigisse a alguém que retornaria ao mundo superior, esta chama não oscilaria mais, ou seja, nada diria. Mas como jamais deste buraco escuro alguém retornou vivo, e isto tenho como certo, sem medo da infâmia te respondo.[67] Fui homem de armas, depois franciscano. Logo tive a certeza, uma vez ligado a essa ordem, de estar livre de todas as culpas. E estava quase conseguindo isso, não fosse o grande padre[82], que o diabo o carregue! Ele me fez recair aos meus primeiros pecados e, como isso se deu, quero-te contar como e *por quê*. [73] Enquanto era de carne e osso, da forma que minha mãe concebeu-me, minhas obras não foram leoninas, mas vulpinas. Conhecia todas as astúcias e os caminhos escusos, e manejei tão bem essa arte que em todos lugares ouvia-se meu nome. Quando me vi àquela idade quando todos devem arriar as velas e recolher os panos, aquilo que um dia amei passou a me aborrecer. Então, arrependido confesso de meus pecados, me ordenei franciscano. Ah, nefasta lassidão! Se mais não fizesse, teria sido feliz. Mas o príncipe dos novos fariseus, havendo guerra contra Latrão, não contra os sarracenos, nem contra os judeus, sendo seus inimigos cristãos, dos quais nenhum deles lutou em Acre, nem comercializou nas terras do Sultão, não respeitou o sumo ofício nem as ordens sagradas, tampouco o meu cordão de franciscano, que torna mais magro quem o veste. Assim como Constantino pediu que se trouxesse Silvestre para curá-lo da lepra, pediu-me Bonifácio que eu o saciasse de sua soberba febre, pedindo-me conselhos, mas calei-me porque suas palavras não eram nada sóbrias. Mas ele disse depois: “Não

tenhas medo, porque no fim te absolvo; enquanto isso, ensina-me como deitar por terra o castelo de Perestrino. As portas do céu, como bem sabes, posso cerrá-las e descerrá-las; duas chaves que meu antecessor[83] não soube cuidar". Fui vencido, então, por argumentos tão graves e quando vi que ficar calado seria pior, disse: "Pai, desde que me laves do pecado em que cairei, farta promessa e raro cumprimento te farão triunfar no alto trono". Francisco veio então socorrer-me quando morri, mas um dos anjos negros lhe disse: "Não o levarás, não trapaceies. Ele deve vir e descer junto com meus servos porque ele deu o conselho fraudulento, por causa do qual desde então lhe roço a crina. Tampouco podes absolver agora quem não se arrepende, nem aquele que ao mesmo tempo arrepende-se e quer, pois não se consente tal contradição". Ai de mim, como me debati quando o demônio me pegou, dizendo-me: "Nunca imaginaste que eu pudesse ser mestre em lógica!". [124] Levou-me até Minós, e este torceu oito vezes a cauda em volta do duro dorso e, depois de mordê-la furiosamente, disse: "Este é quem me furta do fogo o outro réu".[84] Por isso então me vês aqui perdido, embrulhado neste fogo.

[130] Quando acabou de dizer tudo, a chama dolorosa partiu torcendo e balançando o bico agudo. Eu e o guia fomos adiante, indo pelo escolho até o alto do outro arco que cobre a nona fossa, na qual expiam suas culpas os semeadores de discórdia.

Canto XXVIII

Dante e Virgílio estão sobre a ponte onde podem ver os condenados da nona fossa. Nela estão os cismadores, os semeadores da discórdia. Demônios os seguem por trás com uma espada, com a qual os partem ao

meio. Nela penam Maomé e seu genro, Ali, ambos cortados ao meio. Maomé pede que Dante avise frei Dolcino da pena que o espera caso venham a morrer. Encontram também Pier de Medicina, que pede a Dante que avise dois senhores da cidade de Fano da traição de que serão vítima. Encontram ainda o poeta Bertran de Born, que segue pela fossa segurando a cabeça separada do tronco.

[1] Quem poderia descrever, em prosa, não em versos, seja lá quantas vezes o tentasse, o sangue e as feridas que vi nessa fossa? Não haveria palavras em língua alguma, nem razão suficiente para compreendermos tanto, pois falta-nos capacidade para isso.

[7] Se se reunissem todos que já, na terra feliz, a Puglia[85], derramaram seu sangue pelos troianos; espoliaram incontáveis anéis dos perdedores na longa guerra, como escreveu Tito Lívio, que nunca erra; sofreram dolorosos golpes ao resistirem a Roberto Guiscardo, comandante dos normandos; combateram, em Ceprano, que ainda guarda as ossadas dos combatentes, lá onde os barões de Pugliese mentiram; perderam-se em Tagliacozzo, onde sem luta o velho Alardo venceu; nada se compararia aos membros feridos e mutilados que povoam a repulsiva nona fossa.

[22] Uma barrica não se divide assim quando perde as duelas do meio como vi partido um condenado em dois pedaços do queixo até ali onde se peida. Entre suas pernas balançavam as tripas e estavam à mostra as vísceras e o triste saco que, da comida, faz merda. Enquanto eu não descolava os olhos dele, ele olhava-me e com as mãos abriu mais ainda o peito, dizendo:

– Ai, vê, vê como me escancaro! Vê como está estropiado o Maomé! À minha frente vai chorando Ali, meu primo e genro, com o rosto cortado do queixo ao último fio de cabelo. Todos os outros que se encontram aqui,

quando vivos, semearam escândalos e cismas, por isso estão partidos ao meio. Um diabo vai atrás da gente e nos secciona assim tão cruelmente, com o fio da espada, e depois nos enfia de novo nesta fila, na qual retomamos o doloroso caminho. Quando o completamos e as feridas se fecham, novamente a lança nos divide. Mas quem és tu, que espias aí do alto da ponte, adiando o furioso castigo que te espera e tua culpa assina?

[46] – Nem a morte ainda lhe chegou, nem culpa o atormenta – respondeu o meu mestre –, mas para dar a ele a experiência plena, a mim, que estou morto, encarregaram-me de conduzi-lo pelo Inferno, de círculo em círculo, até o mais baixo. A verdade é esta, assim como te falo.

Centenas de outros condenados pararam quando o ouviram e olharam para mim maravilhados, esquecendo seu martírio.

[55] – Tu que verás o sol em breve diz, então, a frei Dolcino que ele se prepare. Se ele não deseja me seguir aqui em breve, que se municie de muita comida, para que a neve não dê a vitória ao Novarês e aos demais que o perseguem, pois de outra forma eles alcançarão a vitória facilmente.

Maomé disse essas palavras e ergueu um pé partindo em direção ao caminho à sua frente.

[64] Outro, com um talho no pescoço que subia-lhe pelo nariz, chegando até as sobrancelhas, balançando uma orelha só, parado, nos admirava ao lado dos outros. Então, escancarou a garganta toda vermelha e disse:

– Ó tu, cuja culpa não te martiriza, se as aparências não me enganam, te vi em tua terra, a Itália. Recorda-te de Pier de Medicina, se voltares à doce planície que de Vercelli a Marcabó declina. Conta aos dois melhores de Fano, *messer* Guido e *messer* Angiolello, pois prever não é inútil, que ambos serão jogados fora de seus navios dentro de um saco cheio de pedras, perto da Católica, traídos por um tirano feroz. Ai de mim! Netuno jamais

viu, entre as ilhas de Chipre e Maiorca, crime tão nefando, nem cometido por piratas, nem por gregos. Aquele traidor que vê por um olho só, que domina Rimini, cidade que este ao meu lado preferia não ter visto, chamou os dois faneses para conversar com ele, para depois matá-los. E os ventos do monte Focara não lhes darão ouvidos, conduzindo suas naus até o covil.

[91] E eu a ele:

– Se queres que leve até lá em cima notícias tuas, diz e explica quem é este que viu o que não desejara ter visto.

Pier pegou nos maxilares de seu companheiro e abriu-lhe a boca, gritando:

– É este aqui, ele não fala. Banido de Roma, submergiu César na dúvida, instigando-o a ir em frente, pois já estava pronto, e esperar só o danaria.

[100] Ó quanto me parecia atormentado, com a língua cortada lá no fundo da garganta, esse Cúrio[86], que quando falou foi bem temerário! Havia outro com ambas as mãos decepadas, erguendo os cotos pelo ar fumarento, fazendo respingar-lhe sangue pelo rosto todo, que disse:

– Recorda-te também do Mosca, que disse, ó dor!, “uma vez feito, está acabado”, que muito mal fez ao povo toscano.

Acrescentei:

– E a todos os teus descendentes – porque ele, somando dor a dor, foi embora da cidade triste e louco.

[112] Mas fiquei ali a olhar aquela multidão de cismadores e vi coisas que teria medo de contar sem ter provas, não fosse a minha consciência, que me permite fazê-lo, tão boa companhia me faz e tão bem me protege por sua pureza. Vi mesmo, e ainda parece que vejo, um tronco sem cabeça, andando junto aos outros do triste rebanho. O tronco tomava-lhe o lugar da cabeça, a qual levava pendurada pelas mãos à guisa de lanterna. Por ela nos mirava e

dizia:

– Ai de mim.

Fazia de si mesmo uma lâmpada, era dois em um, um em dois; como isso pode ser, só sabe quem nos governa.

[127] Quando chegou exatamente embaixo da ponte, levantou o braço erguendo a própria cabeça para que suas palavras chegassem mais claras até mim:

– Vê a pena funesta que sofro e diz-me tu que, respirando, vai vendo os mortos, se viste outra tão grande como esta. E para que tu leves notícias de mim, saibas que sou Bertran de Born, aquele que deu maus conselhos ao jovem rei inglês Henrique II. Fiz pai e filho odiarem-se, como fez Arquitofel ao pôr Absalão contra David, seu pai. Porque separei gente tão unida, carrego assim meu cérebro, ai de mim!, que se separou do tronco onde tem seu princípio. Assim se vê em mim a lei do contrapasso.

Canto XXIX

Ainda na nona fossa Dante reconhece entre os condenados um parente seu, Geri del Bello. Mais adiante ele e Virgílio adentram a décima fossa, onde são punidos, com a lepra e a sarna, os falsários e os alquimistas. Eles ficam uns sobre os outros, coçando-se e lamentando-se. Ali encontram dois condenados, um de Arezzo e outro de Siena.

[1] A multidão e as diversas chagas encheram-me os olhos de lágrimas e turvaram-me a visão de tanto chorar. Mas Virgílio disse-me:

– O que estás olhando? Por que tua vista se demora lá embaixo entre as tristes sombras mutiladas? Não te vi comportar-te assim nas outras fossas. Se pensas contar todos que ali estão, saibas que este vale se estende por

mais de vinte e duas milhas.[87] Mas vamos em frente, pois a lua já está no ponto mais baixo e pouco tempo nos foi concedido para o tanto que temos de ver ainda.

Respondi em seguida:

– Se tivesses reparado no que eu observava talvez me deixasses demorar-me mais um pouco aqui. – Eu o seguia enquanto caminhávamos. E, antecipando-me a ele, acrescentei: – No fundo daquela cava para onde eu olhava, creio ter visto um parente meu chorando sua culpa.

O mestre, então, disse:

– Não percas tempo pensando nele. Observa outra coisa e deixa-o lá, pois eu o vi ao pé da ponte apontar-te o dedo e te ameaçar. E pude ouvir seu nome: Geri del Bello. Tu estavas tão ocupado com o senhor de Altaforte, Bertran de Born, que não olhaste para ele.

Eu disse, então:

– Ó querido guia, a violenta morte de que ele foi vítima até hoje não foi vingada por nenhum parente, o que o enche de vergonha e o faz desdenhar de mim. Isso me dá mais pena dele ainda.

[37] Assim falávamos até chegarmos à próxima fossa, cujo vale, da ponte, acredito, se avistaria inteiro, até o fundo, caso houvesse luz ali. Quando estávamos sobre o último claustro do Malebolge, onde os seus convertidos estavam quase ficando à mostra, romperam como setas lamentos de toda parte; estalavam como metais, tão forte que tive de tampar os ouvidos com as mãos.

[46] Como se a dor e os males dos hospitais de Valdichiana entre julho e setembro e de Maremma e Sardenha pudessem ser percebidos do lado de fora, juntos e ao mesmo tempo, tal era o que acontecia nessa fossa, onde o mau cheiro tresandava dos membros macerados dos penitentes. Descemos

pelo último barranco do longo escolho, pela esquerda, e foi então que vi de forma mais clara o fundo das fossas, onde a ministra do Senhor, a infalível justiça, pune todo tipo de falsários. Não acredito que se viu mais tristeza em Egina – quando todo seu povo adoeceu e o ar se encheu de germes pestilentos, derrubando animais e o menor inseto; onde, segundo narram os poetas, seus habitantes foram transformados em formigas, podendo assim salvar-se da peste[88] – do que vi de condenados, naquele vale escuro, aos montes. Sobre a barriga ou as costas, deitavam-se ali uns sobre os outros e, como lagartos, moviam-se pelo caminho desolado.

[70] Íamos, passo a passo, calados, olhando e escutando os enfermos, que não conseguiam se erguer. Vi duas almas sentadas apoiadas uma na outra, como duas panelas sob o fogo, lado a lado. Tinham crostas e manchas da cabeça aos pés. E jamais vi um criado manejar um escovão nos pelos de um cavalo tão rápido, à espera de seu senhor, como arranhavam-se aquelas sombras com a ponta das unhas. Elas, por causa da coceira, mordiam-se de raiva, contra qual não tinham socorro. Afundavam as unhas naquela sarna como uma faca nas escamas de uma *scardola*[89] ou de outro peixe maior ainda.

[85] – Ó tu que com os dedos se esfola – começou a falar o meu guia a um deles – e faz deles verdadeiras tenazes, diz-me se há algum italiano entre aqueles que estão aqui dentro, e que as unhas te bastem eternamente neste trabalho.

Um deles respondeu, chorando:

– Somos italianos, estes que vês se arranhando aqui. Mas quem és, para assim nos perguntar?

E o guia disse:

– Sou um que desço com este aqui, vivo, de escolho em escolho, para

mostrar-lhe o Inferno.

Ao ouvirem isso, perderam o apoio que os sustentava e, cambaios, viraram-se para mim, assim como os outros que ali se amontoavam. O bom mestre aproximou-se de mim dizendo:

– Diz para eles o que quiseres.

Então, comecei:

– Se quiserdes que vossa memória não desapareça da mente dos vivos, mas que permaneça por muitos sóis, dizei-me quem sois e de que lugar vindes. Não temais em mostrar-me vossa deformidade e pena, pois não me espantam.

– Fui de Arezzo – respondeu um deles –, e Albero de Siena me atirou ao fogo. Mas isso que me fez morrer não é o que me trouxe aqui. A verdade é que eu disse a ele, brincando: “Consigo voar”. E Albero, que era tão insensato quanto imprudente, quis que eu lhe mostrasse essa arte. E, só porque não dei uma de Dédalo, induziu seu pai de coração a me queimar. Mas eu cheguei a mando de Minós, que não erra nunca, à última fossa, à décima, por causa da alquimia, que pratiquei no mundo lá em cima.

[121] Disse ao poeta:

– Diz-me, mestre, existe gente mais fútil que os habitantes de Siena? Nem os franceses são mais!

O outro leproso, que me ouviu, respondeu:

– Menos os Stricca, claro!, que souberam conter despesas; e Nicolau, que em Siena descobriu o costume de pôr o cravo na comida, horto em que a semente dele cresce; menos Caccia D’Ascian e a turba, que destruíram vinhas e grandes bosques por lá; e Abbagliato, que foi professor de prudência. Mas para que saibas quem, como tu, é contra os de Siena, aproxima os olhos e assim que minha face te responder verás que sou a

sombra de Capocchio, aquele que falsificou metais por meio da alquimia. Por certo, deves recordar-te como macaqueei bem a natureza.

Canto XXX

Correm, mordendo-se e agredindo-se, os condenados dessa fossa, aqueles que falsificaram a própria identidade. Os poetas identificam entre eles Mirra e Gianni Schicci. Além destes há os falsificadores de moeda, como mestre Adamo, que têm hidropisia e não conseguem saciar a sede. Há ainda os mentirosos, como a mulher de Putifar e Sinon, que ardem em febre. Sinon e Adamo discutem entre si, agredindo-se verbalmente, já que não podem se mexer. Virgílio adverte Dante por ouvir o bate-boca entre esses condenados.

[1] No tempo em que Juno, enciumada, atormentava-se por causa de Sêmele e se voltou contra o sangue tebano, como aconteceu mais de uma vez[90]; no tempo em que Atamante, ensandecido, ao ver a mulher carregando dois filhos, gritou-lhe: “Estendam as redes, para que eu apanhe, na armadilha, a leoa com seus leõezinhos”; e depois pegou um dos filhos, Learco, com as garras desapiedadas, girou-o no ar e o esmagou numa rocha, enquanto a mãe se afogava agarrada ao outro filho; no tempo em que o destino pôs abaixo o orgulho dos troianos, ao verem seu soberano ser assassinado junto com todo reino; no tempo em que a triste Hécuba, miserável e cativa, foi tomada pela dor depois que viu Polissena morta e seu Polidoro caído na praia e, fora de si, ladrou como um cão, tanto a dor lhe desvirtuou a mente; jamais se viu, nem em Tebas nem em Troia, gente tão furiosa e cruel quanto vi aqui. Nem se conheceram animais ou humanos ferirem-se tal como duas sombras nuas que ali trotavam e mordiam tudo o

que encontravam pela frente, como porcos quando a pocilga é aberta.

[28] Uma delas aproximou-se de Capocchio e cravou-lhe os dentes na nuca, arrastou-lhe e atirou-lhe de barriga para baixo no chão duro da fossa. E Griffolino, o aretino, tremendo, me disse:

– Aquele doido é Gianni Schicchi, que assim vai, furioso, maltratando os outros.

– Se – disse eu a ele – a outra sombra não te enfiar os dentes, diz quem é aquele ali, antes que fuja, se não te incomodares.

E ele a mim:

– Aquela é uma antiga alma, é Mirra, a embusteira, que se tornou amante do pai, desviando-se do verdadeiro amor. Ela cometeu esse pecado falsificando a própria forma, como aquele outro que por ali vai agora. Aquele, para ganhar a alimária de Buoso Donati, teve a desfaçatez de fingir ser Buoso Donati e assinar e legitimar seu testamento.

[46] Depois que os dois furiosos, a quem não deixei de olhar, se foram, voltei meus olhos para os outros malnascidos que ali estavam. Vi um, semelhante a um alaúde, caso sua virilha estivesse separada das pernas. A grave hidropisia, que faz os membros desaparecerem com o humor produzido pelo seu mal, tornando o rosto e ventre desproporcionais um em relação ao outro, obrigava o condenado a manter a boca aberta, como faz o tísico, que, com sede, enquanto ergue um lábio, o outro arria.

[58] – Ó vós que não sofreis, sabe-se lá por que, castigo algum aqui neste mundo infeliz – disse ele a nós –, olhai e observai a miséria de mestre Adamo. Quando vivo, tive tudo o que quis, e agora, tende piedade de mim!, imploro por uma gotícula de água. Vejo sempre à minha frente os riachos que descem das serras verdes do Casentino até o rio Arno, abrindo canais frescos e doces. Vê-los deixa-me mais sedento e tortura-me mais que o mal

que descarna meu rosto. A rígida justiça que me atormenta se explica pelo lugar onde eu pequei, e me faz suspirar mais ainda. Trata-se de Romena, onde falsifiquei o florim, com a efígie do Batista, pelo que meu corpo foi atirado às chamas. Mas se eu visse aqui as almas infelizes de Guido ou de Alessandro ou de seu irmão, não os trocaria pela vista da fonte Branda.[91] Um deles já morreu e aqui está se as furiosas sombras dos falsários que vagam por aqui dizem a verdade. Mas de que me adiantaria se estou preso aqui? Mas se pudesse em cem anos andar pelo menos uma onça, já me poria a caminho, procurando-o entre essa gente deformada, que se espalha pelas onze milhas de comprimento e mais de uma de largura desta fossa. Estou aqui nesta família de falsários por causa deles, que me induziram a falsificar os florins com três quartos de vil metal.

E eu:

– Quem são aqueles dois pobres-diabos deitados à sua direita, envolvidos numa fumaça como a que sai, no inverno, das mãos úmidas?

Ele respondeu:

– Encontrei-os aqui assim que caí neste abismo, donde nunca se moveram e creio que jamais se moverão. Uma é a falsa que acusou José[92], e o outro é Sinon, quem convenceu os gregos a aceitarem o cavalo de Troia: expelem esse vapor fétido por causa da febre aguda.

[101] Um deles, o grego, por sentir-se ofendido por ter sido citado de forma tão obscura, socou a dura pança de Adamo. Esta soou como um tambor e mestre Adamo acertou-lhe uma pancada no rosto, com um braço não menos rígido, dizendo-lhe:

– Ainda que não possa me mover por causa do peso dos meus membros, tenho o braço solto para qualquer necessidade.

Donde o outro respondeu:

– Quando andavas pelo fogo, não o tinhas assim tão rápido a não ser quando cunhavas as moedas falsas.

E o hidrópico:

– Dizes a verdade quanto a isto, mas não foste tão verdadeiro quando pediram-te para sê-lo, em Troia.

– Menti, sim, e tu cunhaste moedas falsas – disse Sinon –, mas estou aqui por um erro só e tu erraste mais que qualquer demônio dessas profundezas!

– Lembra-te, perjuro, do cavalo – respondeu aquele cuja pança ia inchada –, pecado que o mundo todo conhece!

E disse o grego:

– Seja-te soberana a sede que te seca a língua, e a água pútrida encha tua pança que salta aos olhos de todos!

O moedeiro então:

– Quando escangalhas a boca é só para o maldizer; se tenho sede e o líquido me incha, tu queimas e a cabeça te dói, e para lamber o espelho de Narciso[93] não receberias nenhum convite.

[130] Escutava aquilo imóvel, quando o mestre me disse:

– Mas tanto os espias que por pouco não brigo contigo.

Quando eu o ouvi falar com tanta raiva, virei-me na sua direção tão envergonhado que ainda me recordo dessa sensação. Como alguém que tem um pesadelo e deseja que isso seja só um sonho e deseja que nada daquilo seja real, assim me sentia, não podendo falar nem me desculpar, embora o quisesse.

[142] – Grande erro a vergonha lava – disse o mestre –, como vi a tua agora. Portanto, alivia-te desta tristeza. E é bom que sempre eu esteja a teu lado, caso o destino te acolha onde haja gentes desta laia, já que desejar ouvi-las aqui é um desejo baixo.

Canto XXXI

Os poetas chegam ao limite da décima fossa e se aproximam do nono círculo, onde os traidores são castigados. Nesse lugar estão os gigantes. Eles ficam ao redor do poço do Inferno, semelhantes a torres de um castelo. Ali encontram os titãs Nemrod, Efialte e Anteu. Este último leva os dois para o ponto mais fundo do Inferno, onde está o lago Cocito, região gelada, que contém as quatro divisões do último círculo: a Caína, a Ptolomea, a Antenora e a Judeca.

[1] A mesma língua que me mordeu encheu-me de rubor as faces e, como um remédio, me recompôs. Foi o que ouvi sobre a lança que Aquiles ganhou de seu pai: primeiro fere depois regala com a cura.

[7] Sem dizer palavra, demos as costas então à miserável vala do alto da murada que a cingia. Nem era noite, nem dia, por isso a visão pouco adiantava. Mas ouvi soar um poderoso berrante, que colocava à sua volta todo som em tom mais baixo. Tão alto que dirigi meus olhos para um só ponto, justamente para aquele de onde vinha o som. Depois da dolorosa derrota, quando Carlos Magno perdeu a santa batalha, não soou assim tão terrível o berrante de Orlando.[94]

[19] Assim que voltei minha cabeça naquela direção me pareceu ver várias torres, imensas, o que me fez dizer:

– Mestre, me diz, que cidade é esta?

E ele:

– Depois que percorreres pelas trevas um bom pedaço, verás que tua imaginação poderá ter se equivocado. Verás bem, se chegares até lá, quanto o sentido nos engana de longe. Por enquanto, para o bem de ti mesmo,

aperta o passo. – Depois me pegou carinhosamente pelas mãos e disse: – Antes que avancemos mais adiante e para que não estranhes tanto o que verás logo à frente, saiba que aquilo não são torres, mas gigantes. Eles estão no poço em volta do penhasco, só do umbigo para cima.

[34] Quando a névoa se dissipou e o olhar pouco a pouco reconheceu o que o vapor que escurece o ar escondia, furando a aura espessa e escura e cada vez mais aproximando-se da margem verdadeira, meu erro se desfez, e o pavor desmesurou-se. Pois assim como Montereggioni é cercada por uma coroa de torres, do mesmo modo na margem que circunda o poço central torreavam-na horríveis gigantes com a metade do corpo, contra cuja ameaça Júpiter ainda esbraveja.

[46] A essa altura já divisava a face, os ombros, o peito e boa parte do ventre de um deles, e pelas costas via seus braços. Certa estava a natureza quando deixou de lado a arte de fazer esses animais, muitos bons para executarem os serviços de Marte. Por outro lado, ela não se arrepende por ter criado as baleias e os elefantes. Quem olha sutilmente percebe o quanto isso é justo e sagaz, porque nada se pode fazer quando a força da mente se junta ao mal, como no caso dos gigantes.

[58] Seu rosto era longo e largo, parecendo a pinha de São Pedro em Roma, e eram proporcionais a ele seus outros ossos. Os barrancos do poço eram sua cintura, e, do meio para cima, aparecia tudo até os cabelos. Tão grandes eram que nem três frísios[95] juntos dariam conta de seu tamanho, cerca de sete metros da clavícula até embaixo.

– *Raphèl maì amècche zabì almi*[96] – começou a gritar a fera, de cuja boca não se ouviriam bem os mais doces salmos.

Meu guia então dirigiu-se a ele:

– Alma tosca, tenta o berrante com o qual podes desafogar a ira ou outra

paixão que te assalta! Procura-o no pescoço e encontrarás a cinta em que está amarrado e vê como ele está em volta de teu peito como uma faixa. – Em seguida, me disse: – Esse aí a si mesmo se acusa. É Nemrod, cujo pensamento é torto, pois usa uma linguagem única, que ninguém usa. Deixemo-lo e não falemos à toa, pois para ele toda linguagem é incompreensível, assim como a dele é para os outros.

[82] Fizemos então uma jornada mais longa, virando à esquerda. E a um tiro de balestra encontramos outro gigante, maior e mais medonho que o outro. Uma corrente o envolvia, cujo artífice não saberia dizer o nome, e mantinha amarrado o braço esquerdo na frente e o direito atrás. Corrente que o vencia do pescoço à cintura, tanto que a parte do corpo que ficava descoberta ela o cobria dando cinco voltas.

– Esse soberbo quis mostrar sua força contra o sumo Júpiter – disse o meu guia –, pelo que recebeu sua recompensa. Seu nome é Fialte. Participou das altas peripécias em que os gigantes apavoraram os deuses. Os braços com os quais os ameaçou já não se movem mais.

E eu a ele:

– Se fosse possível gostaria de ver o desmesurado Briareu com meus próprios olhos.

E ele me responde:

– Verás Anteu, que está perto daqui, que pode falar e está solto, gigante que nos colocará no fundo do reino infernal. Aquele que queres ver está mais além, preso, e parece-se com este, só que com rosto ainda mais feroz.

[106] Tremor mais violento jamais senti como aquele que Fialte produziu, sacudindo-se. Então temi mais do que nunca a morte e meu pavor não haveria de diminuir não fossem as correntes que o prendiam bem à nossa vista. Fomos em frente, então, e chegamos até Anteu, cujo corpo de

uns sete metros, sem contar a cabeça, saía do buraco infernal.

[115] – Ó tu que no valoroso vale, que a glória rendeu a Cipião, quando Aníbal recuou com suas tropas, apanhaste milhares de leões e que se estivesses na grande guerra contra Júpiter, junto com teus irmãos, é lícito crer que os filhos da terra a ganhariam: coloca-nos sem te repugnares por isso lá embaixo, onde está o Cocito, lugar onde o frio congela tudo. Não nos faças ir até Tício ou Tifeu, pois este aqui pode dar-te aquilo que aqui mais se reclama. Então, inclina-te sem desdenhar-nos. Ainda podes ser lembrado com glória no mundo dos vivos, porque este aqui vive e longa vida ainda o espera, se a graça não chamá-lo antes do tempo.

[130] Assim disse o mestre, e o gigante, apressado, estendeu-lhe a mão e o pegou, justamente onde Hércules sentiu-lhe a força. Virgílio, quando sentiu-se seguro, me disse:

– Vem aqui, para que eu te segure – e agarrou-me de tal forma que éramos um feixe só.

Tal como aquele que olha, de baixo, a torre de Carisenda, quando é atravessada por uma nuvem, e tem a impressão de que ela se inclina, assim me pareceu acontecer com Anteu, que eu via inclinar-se. Nessa hora desejei ter ido por outro caminho. Mas ele nos depôs suavemente no fundo que devora Lúcifer e Judas, e não se demorou assim inclinado: ergueu-se como ergue-se o mastro de um navio.

Canto XXXII

Neste círculo são punidos os traidores. É dividido em quatro zonas: na primeira, a Caína, sofrem aqueles que traíram os parentes; na segunda, a Antenora, os traidores da política e da pátria; na terceira, a

Ptolomeia, onde estão os traidores dos hóspedes; e a quarta, a Judeca, em que penam aqueles que traíram seus benfeitores. Neste canto, Dante e Virgílio passam pelas duas primeiras zonas. Os traidores estão imersos num lago congelado, uns em cima dos outros. No fim, deparam-se com um condenado roendo o crânio de outro. Dante o interpela e conhecerá sua história no canto seguinte.

[1] Se me viessem rimas ásperas e rudes como convém ao triste buraco sobre o qual apoiam-se todas as demais pedras, espremeria mais plenamente o sumo de meu pensamento; mas porque elas não me vêm, me conduzo sem saber dizer sobre esse tema; porque não é empresa leve nem leviana descrever o centro do universo, muito menos com a língua que aprendi criança. Mas que as musas que ajudaram Anfião a cercar Tebas ajudem o meu verso, para que o verbo não divirja do fato.

[13] Ó malnascida plebe que estais no lugar sobre o qual é duro falar, melhor seria se fôsseis ovelhas ou cabras!

[16] Já estávamos lá embaixo, no poço escuro, abaixo do pé de Anteu, quando ouvi, enquanto olhava para o imenso muro, dizerem assim:

– Olha por onde andas: cuidado para não pisares com a planta do teu pé as cabeças dos miseráveis e desgraçados irmãos.

Por isso me virei e vi à frente e sob meus pés um lago que parecia ser de vidro e não de água. Nunca vi tão grosso véu invernal nem no rio Danúbio na Áustria, nem vi assim o russo Don debaixo do véu gelado como vi aqui. Nem sequer trincaria se caíssem sobre ele grandes montanhas como Tambernique ou o Pietrapana.

[31] Tal qual a rã que coaxa com o focinho fora d’água na época em que a camponesa sonha com a colheita que virá, assim, lívidas, estavam as

sombras dolentes no gelo, batendo os dentes tal como as cegonhas batem o bico. Mantinham o rosto virado para baixo. Enquanto a boca dava testemunho do frio, olhos testemunham-lhes a dor no coração. Quando enxerguei um pouco melhor o meu entorno, detive-me e vi duas almas tão juntas que seus cabelos formavam uma mixórdia só. Então eu disse:

– Dizei-me, vós que estreitais tanto os peitos, quem sois?

Elas arquearam o pescoço e, depois que conseguiram olhar para mim, as lágrimas que lhes enchiam os olhos escorreram até os lábios e rápido transformaram-se em gelo, cerrando-lhes a vista. Jamais madeira ligou-se a outra à guisa de trava como aqueles dois desgraçados. E, como bodes, corneavam-se um ao outro, tanto ódio os vencia.

[52] E um que havia perdido as orelhas por causa do frio, com o rosto virado para baixo, disse:

– Por que tanto olhais para este espelho de gelo? Se quereis saber quem são aqueles dois, eu digo: são filhos de Alberto, lá do vale onde o Bisenzo deságua, e de uma mesma mãe saíram. Em toda a Caína podeis procurar e não encontrareis sombra mais digna de ser vista nesta geleira. Nem aquele cujo peito foi atravessado pela lança do rei Artur; nem Focaccia; nem este que me encobre com a cabeça de tal modo que não vejo além, cujo nome é Sassol Mascheroni, o qual, se sois toscano, sabeis quem foi. E para que não me façais falar mais, saibais que fui Camiscion dei Pazzi e espero Carlino, que, pelo mal que fez, me desculpa.

[70] Depois vi milhares de rostos roxos de frio, o que me encheu de asco, e sempre encherá, por esse vau congelado. E enquanto andávamos em direção ao centro que reúne todos os pesos da terra, eu tremia nessa sombra eterna. Se foi vontade do destino ou da sorte, não sei, mas, caminhando por entre as cabeças, bati com força no rosto de uma delas. Chorando, gritou-

me:

– Por que me pisas? Se não vieste para aprofundar a vingança de Montaperti, por que me machucas?

E eu:

– Mestre, espera para que eu tire uma dúvida com este aqui, depois me apressarei quanto o desejares.

O guia parou, e eu disse àquele condenado, que blasfemava duramente ainda:

– Quem és, tu que acusas os outros com tanta veemência?

– Ora, quem és tu – respondeu – que andas pela Antenora pisando no rosto dos outros, muito mais forte do que se vivo fosses?

– Vivo sou, e poderei ser-lhe simpático – foi minha resposta –, caso desejes a fama, pois eu posso colocar teu nome entre o de outros notáveis.

E ele:

– Quero o contrário disso! Vai-te daqui e não me dê mais motivos para lamentar-me, além de ser vil demais bajular os outros nesta lama!

[97] Ergui-o então pela nuca e disse:

– Convém dizeres teu nome ou não restará cabelo algum na tua cabeça.

Ele disse então:

– Que me escalpeles, pois não te direi nem quem sou nem nada te mostrarei mesmo que mil fios de cabelo me arranques.

Enrolara nas mãos seus cabelos e arranquei-lhe alguns chumaços enquanto ele olhava para baixo ao mesmo tempo que ladrava. Nessa hora outro condenado gritou:

– O que há, Bocca? Deste para latir? Não te basta o barulho dos maxilares? Que diabos há contigo?

– Agora – disse eu – não precisas falar mais, desprezível traidor, pois

sobre tua infâmia levarei várias histórias.

– Vai, vai – respondeu –, conta o que quiseres, mas não cales, se saíres daqui, sobre aquele que acabou de dar com a língua nos dentes. Ele chora aqui a prata dos Franceschi: “Eu vi”, poderias dizer, “aquele Buoso della Duera lá onde os pecadores estão congelados”. Se te perguntassem: “Quem mais estava lá?”, tu dirias que bem ao lado dele estava Beccheria, que a gente de Florença cortou o pescoço. Creio que estejam ali também Gianni dei Soldanier, mais Ganelone e Tebadello, que abriu as portas de Faenza aos inimigos enquanto todos dormiam.

[123] Nós já havíamos partido dali quando vi dois enregelados em um buraco, sendo que a cabeça de um era o chapéu do outro. E como alguém que esfomeado come pão, assim o de cima enfiava os dentes no outro, embaixo dele, bem ali onde o cérebro se encontra com a nuca, no ponto em que está a medula espinhal. Não fez diferente Tideu quando roeu de raiva as têmporas de Menalippo, como este agora fazia com os dentes nos ossos do outro.

[133] – Ó tu, que mostras por modo tão bestial o ódio que tens por quem mastigas, diz-me o porquê – disse eu – deste contrato, por causa do qual choras; sabendo quem és tu e qual o teu pecado, no mundo lá em cima ainda poderei recompensar-te, caso a língua com que falo não seque.

Canto XXXIII

O condenado revela a Dante sua identidade e a do seu vizinho. São o conde Ugolino e o arcebispo Ruggieri. Este trancafiou Ugolino na torre da Muda por lhe ter traído. Mas não só: trancou a porta da torre e matou de fome o conde e seus filhos e netos que o acompanhavam. Ugolino conta essa

dramática história a Dante e depois volta a roer o crânio do seu algoz. Em seguida, os poetas chegam à Ptolomeia, onde estão os traidores dos hóspedes. Ali encontram o frei Alberigo e Branca Doria. No canto, Dante discursa contra Pisa e Gênova, cidade natal dos condenados que encontrou nas duas zonas do nono círculo.

[1] Ergueu, o pecador, a boca do asqueroso pasto[97], limpando-a nos cabelos da cabeça que acabara de roer. Em seguida, começou:

– Queres que eu renove a desesperada dor que me asfixia o coração só em pensá-la antes mesmo de falar sobre ela. Mas se minhas palavras forem a semente que faça frutificar a infâmia do traidor cujo crânio roo, testemunharás fala e choro juntos. [10] Não sei que és, por que meio chegaste até aqui embaixo, mas, quando te ouço, creio seres um florentino. Deves saber que fui o conde Ugolino e este aqui o arcebispo Ruggieri. Agora te direi por que o tenho como vizinho. Todos sabem que por causa de seus maus pensamentos, confiando nele, fui preso e depois morto. Não é nenhum mistério dizê-lo, portanto. Mas o que não soubeste é como minha morte foi cruel. Ouvirás e saberás como isso afetou-me. [22] Por uma estreita janela dentro da torre da Muda, a qual, por minha causa, recebeu o título de torre da Fome, e que dentro da qual outros ainda serão encarcerados, pude ver a lua passar algumas vezes, ocasião em que me veio o sonho ruim que rasgou o véu do futuro. Neste apareciam mestre e senhor caçando o lobo e seus filhotes em São Giuliano, monte que impede os pisanos de avistarem a cidade de Lucca. Com cães esquálidos, espertos e sequiosos de caça, os Gualandi, mais os Sismondi e os Lanfranchi[98] se colocaram na dianteira. Depois de uma breve perseguição, o pai e os filhos pareciam cansados e com afiadíssimos dentes vi os cães lacerarem-lhes os

flancos. Quando acordei, ainda não amanhecera e ouvia o choro dos meus filhinhos, que me pediam pão. És muito cruel se não sentes já o que meu coração anunciava; e se não choras por isso, pelo que ainda chorarias? Já estavam acordados e a hora de comer se aproximava e eu pensava no que acabara de sonhar. Ouvi então a chave fechar a porta da horrível torre e então olhei no rosto de meus filhinhos sem me mexer. Não chorava, mas por dentro sentia-me petrificado. Eles choravam. E meu Anselmuccio disse: “Que jeito de olhar, pai! O que há?”. Não chorei nem respondi durante o dia todo e também a noite seguinte, até que o sol de novo reapareceu. [55] Com o pouco de luz que os raios da manhã jogaram no doloroso cárcere, vi através do rosto dos quatro meninos o meu próprio aspecto e, agoniado, mordi minhas mãos. Eles, então, crendo que eu tivesse feito isso porque desejasse comer, súbito puseram-se em pé e disseram: “Pai, seria muito menos doloroso para ti se nos comesse: foste tu quem vestiu nossas míseras carnes, tu podes desvesti-las”. *Contive-me, acalmando a prole triste; todos mudos passamos esse dia. Ah, dura terra, por que não te abriste*?[99] Passado o quarto dia, Gaddo jogou-se sob meus pés dizendo: “Meu pai, por que não me ajudas?”. E morreu ali. E, assim como tu me vês agora, vi caírem os outros três, um a um entre o quinto e o sexto dia. Nessa altura eu perdera a visão, e dois dias fiquei tateando no escuro e chamando cada um deles, que estavam mortos. Depois, mais forte que a dor, foi o jejum.

[76] Quando acabou de falar, com os olhos oblíquos cravou os dentes no miserável novamente, como um canzarrão esmigalhando ossos.

[79] Ai, Pisa, vitupério das gentes do belo país em que se fala o “*si*”, teus vizinhos demoram em punir-te. Movam-se as ilhas de Capraia e Górgona e façam um dique na foz do rio Arno de modo que inunde e afogue todos teus moradores! Porque mesmo que o conde Ugolino seja acusado de trair a ti e a

teus castelos, não devias ter crucificado os filhos dele. Inocentes e jovens ainda os condenaste, ó nova Tebas, entre eles Uguiccione e Brigata, além dos outros dois que acima este canto revelou.

[91] Passamos adiante, lá onde a geleira enfeixa rudemente outra gente, não virada para baixo mas para cima. Chorar mesmo, ali, não se deixa, e a dor encontra nos olhos o seu obstáculo e motor, porque eles se fecham aumentando-lhes a pressão. As lágrimas ao congelarem-se viram grumos e entopem as órbitas por baixo das pálpebras, como se fossem viseiras de cristal.

[100] Embora, como um calo, eu perdesse toda sensação de frio no rosto, parecia sentir àquela altura um sopro de vento. Por essa razão, disse:

– Mestre, quem sopra esse vento, já que aqui embaixo nenhum vapor é feito?

E ele para mim:

– Logo verás a resposta disso com os próprios olhos, enxergando a razão que promove esse sopro.

E um dos infelizes da fria crosta gritou-nos:

– Ó almas cruéis que vêm ao último posto do Inferno, tirai os duros véus de meus olhos, para que eu possa desafogar a dor que inunda meu coração; um pouco, ao menos, antes que o choro congele-os novamente.

Disse-lhe então:

– Se desejas que te ajude, diz quem és e, se eu não te liberar da viseira, que no fundo dessa geleira eu seja atirado.

A alma respondeu então:

– Sou o frei Alberigo, fruta do maligno horto, e aqui tomo por tâmara o que é mero figo.

– Ó – disse-lhe –, então já morreste?

E ele:

– Por que meu corpo ainda está no mundo lá em cima, não tenho explicação. Essa é a vantagem da Ptolomeia, em que volta e meia as almas caem antes que Átropos lhes corte o fio da vida. E já que cortesmente tirarás as lágrimas cristalizadas de meu rosto, saibas que, assim que a alma lá em cima trai como eu fiz, seu corpo é tomado por um demônio que depois o governa, enquanto a vida dele durar. A alma, por sua vez, é jogada nesta cisterna e talvez o corpo desta sombra aqui ao lado a congelar ainda esteja lá em cima. Tu deves saber quem é, se acabas de chegar aqui embaixo. É *sir* Branca Doria e muitos anos se passaram desde que está encerrado aqui.

Eu disse:

– Acredito que estejas me enganando, porque Branca Doria não morreu ainda, pois come, bebe, dorme e se veste.

– Na fossa lá em cima – disse ele –, aquela dos Malebranche, lá onde ferve o piche pegajoso, quando ainda não chegara lá Michel Zanche, Branca Doria já havia deixado o diabo ocupar seu corpo e outro ocupou o de um contraparente seu que o acompanhou na mesma traição. Agora chega com tua mão até aqui e abre meus olhos.

Eu não os abri, pois ser vilão foi minha cortesia ali.

[151] Ai, genoveses, homens desapegados dos bons costumes e apegados a toda vilania, por que não sois escorraçados deste mundo? Com um dos piores espíritos da Romanha encontrei um dos vossos cuja alma banha-se no Cocito e o corpo lá por cima ainda perambula.

Canto XXXIV

Os poetas chegam à última zona do Inferno, a Judeca. Aqui está Lúcifer,

que foi lançado do céu e abriu o buraco do Inferno. Tem três rostos, três asas. Das suas bocas pendem Judas, Brutus e Cássio, traidores de seus benfeitores. Dante e Virgílio descem pelas costas de Lúcifer para saírem do Inferno. Chegam ao outro extremo da Terra, onde avistam as estrelas novamente. Em breve subirão a montanha do Purgatório, que se criou pelo movimento de terra produzido pela queda de Lúcifer.

[1] – *Vexilla regis prodeunt inferni*[100], avançam sobre nós, mas olha em frente – disse meu mestre –, vê se os discerne.

[3] Como quando uma densa neblina sopra ou quando anoitece em nosso hemisfério boreal, sentia como se ali houvesse um moinho cujas pás o vento movia – tal engenho foi o que parecia ver então. O vento era tal que me encolhi atrás do guia, porque ali não havia grota onde se proteger.

[10] Estava já ali, onde as sombras estavam todas cobertas – o que com medo ponho em verso –, transparentes como a palha dentro de uma garrafa de vidro. Algumas vi deitadas, outras em pé, hirtas; daquelas via a cabeça, destas os pés, e outras, como um arco, tinham o rosto virado para os pés.

[16] Quando chegamos um pouco mais adiante, meu mestre quis me mostrar a criatura que um dia teve um belo rosto. Assim, tolheu-me a frente e me fez parar, dizendo:

– Este é Dite; este é o lugar onde de força é preciso que te armes.

Não me peças para descrever como o calafrio me tomou e a voz apagou-me dos lábios nesta hora, caro leitor, porque não o irei fazê-lo, pois qualquer coisa que dissesse seria pouco. Não morri, tampouco vivia, imagina isso por conta própria, se para isso engenho tiveres. Assim sentia-me: privado de ambos.

[28] A metade do tronco do imperador do doloroso reino despontava para

fora da geleira. Meu tamanho era mais proporcional ao de um gigante do que o de um gigante ao braço dele. Com isso podes imaginar como era grande. Se foi tão belo como agora é feio e contra seu criador rebelou-se, deve vir dele o mal que está em tudo.

[37] Ó, quanto deixou-me espantado ao ver que em sua cabeça havia três faces! Na frente ia a primeira, rubra; as outras duas se juntavam a ela, uma de cada lado, unindo-se no meio da cabeça, onde nasce a crista. A da direita era branca e amarela; a da esquerda era negra tal qual a cabeça daqueles que vêm de onde o Nilo despenha no vale egípcio. Debaixo delas saíam duas grandes asas, tal como a dos pássaros, mas velas como estas jamais no mar vi parecidas. Sem penas, mais pareciam as de um morcego. Agitavam-se tanto que três ventos se moviam delas, por isso o Cocito congelava-se todo.

[53] Chorava com os seis olhos e pelos três queixos gotejava o pranto e a baba sanguinolenta. Cada uma das bocas macerava um pecador, à guisa de amassadeira, tanto que os fazia doer demencialmente. Para aquele que estava na frente morder não era nada perto do esfolamento que sofria nas costas, deixando sua pele toda escarificada.

[61] – Aquela alma lá em cima leva o maior castigo – disse o mestre –; é Judas Iscariotes, cuja cabeça está dentro da boca de Lúcifer e as pernas pulando para fora. Dos outros dois que estão presos pelas outras mandíbulas, aquele que pende do rosto disforme e negro é Brutus: vê como ele se contorce sem dar um pio! O outro é Cássio, que parece bem robusto. Mas a noite ressurge[101] e é hora de partir, pois já vimos o que tínhamos de ver.

[70] Conforme sua vontade, agarrei-me ao pescoço dele. Aproveitando a hora e o lugar certos, na ocasião em que as asas de Lúcifer abriram-se bem, ele agarrou-se às peludas costas do demônio, desceu entre o amontoado de

pelos e as paredes de gelo. Quando chegamos lá onde as coxas se juntam no meio das ancas, o guia, cansado e angustiado, voltou a cabeça na direção onde estavam as pernas dele e agarrou-se aos pelos como um homem que sobe, a ponto de parecer estar voltando para o Inferno.

– Segura firme, pois por tais degraus – disse o mestre, ofegando como um homem cansado – convém separar-te de tanto mal.

[85] Então atravessou a rocha por um buraco e me depôs do outro lado, onde me sentei e ele se ajeitou ali rápido com um passo ligeiro e seguro. Olhei para cima e acreditei ver Lúcifer como eu o havia deixado, e vi suas pernas do lado de baixo. E nessa hora senti-me confuso, tal como o mais bruto dos homens que não percebe o ponto pelo qual passara.

– Levanta – disse mestre –, fica em pé, pois o caminho é longo e a trilha, malvada. Além disso, o sol já retornou há uma hora e meia.

[97] Não era o salão de palácio ali onde estávamos, mas um calabouço natural cujo piso era áspero e a luz era mínima.

– Antes que eu parta do abismo, mestre meu – disse quando ergui-me –, tira-me uma dúvida, pois entendo mal o que acabo de ver. Onde está o lago gelado? E como Lúcifer me aparece agora de ponta cabeça? E como em tão pouco tempo a noite virou dia?

[106] E ele para mim:

– Imaginas estar ainda no outro extremo do centro da Terra, onde agarrei-me aos pelos do verme-rei, o Lúcifer, que o mundo fura. Estavas lá quando desci, mas, quando virei-me, passaste o ponto para o qual convergem todas as coisas que há, o centro da Terra. Estás agora no hemisfério oposto ao que a terra recobre e debaixo do ponto onde o homem que nasceu e viveu sem pecado morreu.[102] Tens o pé sobre a pequena esfera cuja face é oposta à da Judeca. Aqui é manhã, enquanto lá é noite. E este, cujos pelos serviram de

escada, está no mesmo ponto onde estava. Ele caiu aqui direto do céu, e a Terra, que antes se estendia aqui, com medo dele foi coberta pelo mar, e saiu para o nosso hemisfério. Talvez por causa da fuga tenha deixado aqui esse espaço oco, e depois ergueu um monte que logo aparecerá para nós.

[127] De um ponto lá embaixo tão distante quanto se estende a tumba de Belzebu, só percebido pelo som, não pela vista, nasce um riacho de um buraco da rocha, que vai erodindo as margens, nada íngremes, que percorre.

[133] Eu e o guia entramos pelo caminho escondido para retornar ao claro mundo. E sem descansarmos subimos, ele na frente, eu atrás. Vi belas coisas no céu por uma brecha redonda. E então saímos, e nos deparamos novamente com as estrelas.

2. Em latim, no original “*Miserere* di me” (vv. 64).
3. Heróis da Guerra de Troia.
4. O imperador é Deus, e seu reino é o Céu.
5. É o apóstolo Paulo. Assim ele é chamado nos Atos dos Apóstolos (IX, 15).
6. Conhecida também como Santa Luzia.
7. Possível referência ao papa Celestino V, que abdicou ao cetro papal em 1294, cinco meses depois de eleito.
8. Jesus Cristo teria descido ao Inferno para tirar de lá os Pais da Igreja, conforme se lê na Epístola de São Pedro (III, 18 ss.). Virgílio morreu em 19 a.C.; portanto cerca de cinquenta anos antes desse episódio. Note-se que o nome de Cristo não é pronunciado no Inferno.
9. Adão, pai de Abel e Caim.
10. “*Dico, che quando l’anima mal nata...*”, verso ligeiramente modificado por Machado de Assis, que o usou como epígrafe do romance *Esaú e Jacó* (1904).
11. Tradução de Mario de Andrade para “*bufera infernale*”.
12. “[...] chegando ambos a nós pelo ar imundo”, tradução de Jorge Vanderley (2004, p. 107).
13. Sequência de versos dos mais conhecidos da *Divina comédia*: *“Amor, ch’al cor gentil ratto s’apprende,/ prese costui de la bella persona/ che mi fu tolta; e ‘l modo ancor m’offende.// Amor, ch’ a nullo Amato amar perdona,/ mi prese del costui piacer si forte,/che, como vedi, ancor non m’abbandona* (vv. 100-105).
14. Em *Lancelote*, romance anônimo do século XIII, Galeotto induz Guinevere a beijar Lancelote.
15. Versão do poeta Augusto de Campos (*Invenção*. São Paulo: Cia das Letras, 1986, p. 35) para o original “*E caddi come corpo morto cade*”.
16. Florença, cidade onde Dante nasceu.
17. Trata-se dos Brancos, uma das facções dos Guelfos. A outra era a liga dos Negros. Esta divisão se deu por questões familiares locais. Dante pertencia à facção dos Brancos, que em 1302 perdeu a batalha para os Negros, apoiados pelo papa Bonifácio VIII. Nesse ano, começa o exílio de Dante.
18. Refere-se aqui à filosofia aristotélica, mediada pelo pensamento de São Tomás de Aquino.
19. A perfeição diz respeito à união entre alma e corpo, que no Inferno não há, dado que os condenados são sombras sem corpo.
20. Escolho localizado no estreito de Messina, que separa a ilha da Sicília da Calábria. Neste ponto encontram-se os mares Tirreno e Jônico, cujas águas são perigosíssimas. Escolho citado por outros poetas, como Homero e Virgílio.
21. “Estrábicos mentais”, versão de Jorge Vanderley (2004, p. 131).
22. É quase meia-noite. Há doze horas Virgílio encontrou Dante no canto II. Dante se perdeu na quinta-feira à noite (canto I), Virgílio o encontra na Sexta-Feira Santa e agora inicia-se o Sábado de Aleluia.
23. Refere-se à descida de Cristo ao Limbo, cuja porta Jesus arrebentou.
24. Feiticeira da Tessália que vivia nas cavernas e nas catacumbas. Personagem da *Farsália*, de Lucano.
25. Teseu baixou no Inferno para raptar Prosérpina, rainha do Inferno, episódio descrito no Livro VI da *Eneida*, de Virgílio.
26. Cérbero tentou impedir a entrada de Hércules no Inferno. O demônio acabou sendo atirado longe e acorrentado pelo herói grego.
27. Fotino, diácono de Tessalônica, induziu o papa Anastácio II (496-498) a seguir a heresia de Acácio, que não reconhecia a natureza divina de Cristo.
28. Estes três círculos são o sétimo, o oitavo e o nono, que neste canto Virgílio chama de primeiro,

segundo e terceiro obedecendo a enumeração iniciada por sua fala. O sétimo é dividido, por sua vez, em três giros.
29. Virgílio segue a ordem de sua fala, como vimos na nota anterior.
30. Cidades conhecidas pelos seus vícios: Sodoma, cidade lendária, conhecida pela luxúria; e Cahors, cidade francesa conhecida por seus usurários.
31. "[...] e outros da mesma laia". Solução encontrada por Hernâni Donato (*Divina Comédia*. São Paulo: Cultrix, 1965, p. 56).
32. *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles.
33. O Minoutauro, filho de Pasifae e de um touro. Esposa de Minos, rei de Creta, ela o traiu escondida numa vaca feita de madeira, onde foi fecundada pelo animal.
34. Teseu.
35. Ariadne.
36. Jesus Cristo, que teria tirado da cidade muitos condenados e os levado para o Limbo. O abalo diz respeito ao tremor ocorrido depois da sua morte, segundo os relatos bíblicos.
37. Seria referência à teoria do pré-socrático Empédocles, segundo o qual o Amor reuniria todos os elementos do Universo e os faria voltar ao Caos primordial.
38. Nesso, encarregado por Hércules de proteger sua mulher, Djanira, tentou raptá-la, pelo que foi morto pelo herói com uma seta envenenada. Nesso vingou-se dando a Djanira uma camisa que faria o homem que a vestisse enamorar-se dela. Hércules a vestiu e morreu (ver Ovídio, *Metamorfoses*, IX).
39. "Nem sou ladrão, nem alma ladra sou", tradução de Jorge Wanderley.
40. Por vingança, Guido de Montforti matou o príncipe Henrique, parente do rei inglês Eduardo I, em 1271, na igreja de são Silvestro, em Viterbo. O coração deste foi levado para abadia de Westminster, em Londres, e colocado numa taça de ouro.
41. Notórios assassinos italianos: romano e toscano, respectivamente.
42. É Pier Della Vigna.
43. Dois dissipadores de bens: Ercolano Maconi (Lano) e Giacomo da Sant'Andrea. Este ironiza aquele, morto na batalha de Pieve del Toppo, quando não correra tanto como agora.
44. O condenado não distingue Dante, ser vivo, de Virgílio.
45. O Bulicame é vertente de água quente da região de Viterbo, Itália. Outras versões grafam *pettatrici* (camponeses que maceram o linho ou cânhamo) em vez de *peccatrici*.
46. Cidade romana cujos habitantes teriam emigrado para Florença.
47. Dante (o figo) entre os florentinos (os frutos da Sorveira).
48. Pela boca de Brunetto, Dante se vangloria de sua ascendência romana.
49. Obra escrita por Bruneto Latini.
50. As fossas más, cavas onde penam os condenados do oitavo círculo.
51. Ano de 1300, quando houve a indulgência plenária, instituída por Bonifácio VIII, que consistia em visitar a basílica de São Pedro e os túmulos dos apóstolos Pedro e Paulo.
52. Do dialeto bolonhês, significa "seja", "vá".
53. Medeia também foi abandonada por Jasão.
54. A tonsura usada pelos clérigos os identificavam.
55. Personagem de *Eunnuco*, obra de Terêncio. Dante reproduz diálogo da peça, interpretando Taís do original latino como vocativo.
56. Batistério de Florença onde Dante foi batizado. Há vários poços onde se consumam os batismos.
57. É a imagem do suplício conhecido como "*propagginazione*", em que o condenado era pendurado em um buraco de cabeça para baixo e depois soterrado. Muitos apelavam para a confissão como forma de adiar o sofrimento.
58. A Igreja.
59. Nicolau III, papa de 1277 a 1280.

60. “À espera do que eu estive, na postura inversa, a cozinhar os pés nessa cratera”, tradução de Cristiano Machado (vv. 79-81).
61. Trata-se do papa Clemente V.
62. A Igreja.
63. Primeira canção, o Inferno.
64. Mântua.
65. Tebas.
66. Episódio que antecede a partida dos navios gregos rumo a Troia.
67. Santa cultuada na cidade de Lucca, de onde veio o condenado.
68. Segundo os comentadores da *Comédia*, trata-se do terremoto que se sucedeu à morte de Cristo.
69. Representantes de uma ordem laica da Igreja (frades gaudentes), foram, segundo dizem, responsáveis pela destruição do castelo Gardingo, da família Uberti.
70. Caifás, sacerdote hebreu que aconselhou a morte de Cristo. Seu sogro, Anás, também era sacerdote.
71. À porta do inferno.
72. O oitavo círculo, entenda-se.
73. Alusão a episódio da *Farsália*, de Lucano.
74. “Olha, Deus, para ti o estou fazendo!”, tradução de Machado de Assis, publicada pela primeira vez no dia de Natal, em 1874, no jornal *O Globo.*
75. “Cale agora Lucano a triste morte de Sabelo e Nasídio e atento esteja que o que lhe vou dizer é de outra sorte”, tradução de Machado de Assis (op. cit.).
76. Este outro era a pequena serpente que atacou Buoso, mais acima.
77. Atual estreito de Gibraltar.
78. Relato de Ulisses, herói da *Odisseia*. Os feitos relatados aqui não estão nesse livro, que Dante não leu. A montanha referida é a do Purgatório.
79. Referência ao instrumento de tortura criado por Perillo a mando do tirano Falaride de Agrigento: um touro de bronze, oco, no qual introduziam o supliciado. Depois, sob o touro, acendia-se uma fogueira. Perillo foi o primeiro a entrar e morrer dentro dele.
80. Em dialeto lombardo: “*Istra ten va, più non t’adizzo*”.
81. Águia e leão eram símbolos usados nas insígnias ou brasões das famílias nobres italianas da época.
82. O papa Bonifácio VIII.
83. Celestino V.
84. Por chegar ao inferno desacompanhado de Bonifácio VIII, o outro réu.
85. Antigo Reino de Nápoles, abarca cidades da região sul da Itália.
86. Caio Cúrio, tribuno romano que viveu em 50 a.C.
87. Uma milha corresponde a cerca de 1.600 metros; 22, perto de 35 quilômetros.
88. Episódio narrado nas *Metamorfoses* (VII, 523-660), de Ovídio. Hera ou Juno por vingança instilou a peste em Egina. Zeus, a pedido do rei Eáco, permitiu que seus habitantes virassem formigas e mais tarde se reconvertessem em homens. Por isso foram chamados de mirmidões (formigas), tribo a que pertenceu Aquiles.
89. Peixe de água doce: *Scardinius erythrophtalmus*.
90. Por vingança, Juno incinerou Sêmele, fez cães estraçalharem Anteu e instigou a irmã de Sêmele a matar o próprio filho, Penteu.
91. Os três o teriam instigado a falsificar a moeda.
92. Esposa de Putifar.
93. O lago.
94. Conta-se na *Chanson de Roland* que Orlando (Roland) morreu nessa batalha, em 778, em

Roncisvalle.
95. Povo conhecido pela altura avantajada de seus habitantes.
96. Palavras formadas por radicais do hebraico e do árabe sem constituir sentido algum.
97. Machado de Assis traduziu esse verso e o inseriu no poema “O Almada”: “A boca levantou do eterno pasto”; na novela “O alienista”, citou-o em italiano, modificando-o sutilmente, trocando *peccatore* por *seccatore*: “*La bocca sollevò dal fiero pasto/Quel seccatore...*”.
98. Nome de notórias famílias gibelinas, que se aliaram ao arcebispo Ruggieri contra Ugolino.
99. Tradução de Dante Milano (1953, p. 44).
100. “Os estandartes do rei do Inferno”, em latim no original.
101. A jornada pelo Inferno dura um dia: do fim de tarde do dia 8 de abril à mesma hora do dia 9 de abril de 1300, na passagem da Sexta-Feira Santa para o sábado, dia que precede a Páscoa.
102. Jesus.

II. PURGATÓRIO

NOTA INTRODUTÓRIA

O **Purgatório** é formado pela **grande montanha** que se ergue do lado oposto a **Jerusalém**. Essa localização faz com que haja doze horas de diferença entre o Purgatório e essa cidade sagrada: se é manhã em Jerusalém, é meio-dia no Purgatório; se é meio-dia no hemisfério norte, é meia-noite no sul.

Na sua base há uma **praia** onde as almas chegam e esperam para subir até o degrau destinado a elas. Elas vêm das margens do **rio Tibre**, nas quais são apanhadas por um anjo barqueiro que as conduz até o sopé do Purgatório. Nessa montanha, ao contrário do Inferno, as almas expiam os sete pecados em ordem decrescente de malignidade: soberba, inveja, ira, preguiça, avareza e prodigalidade, gula e luxúria.

Como no Inferno, há uma **antessala**, chamada de **Antepurgatório**. Nela as almas aguardam o momento de passar pela porta do Purgatório, protegida por um anjo que determina o degrau em que elas devem ficar para expiar suas faltas. Nessa antessala ficam aqueles que se arrependeram tardiamente ou no limiar da vida, entre os quais estão os excomungados, os indolentes, os que foram assassinados violentamente e os governantes negligentes. Ficam ali o tempo que a Providência destina a essas faltas.

A alma de Catão, político romano (95-46 a.C.) que se suicidou por negar-se a viver sob o governo de Júlio César, recebe as almas na **praia do Purgatório** (cantos I a VIII). Simboliza o homem justo, defensor da República Romana, que preferiu morrer a viver sem liberdade.

No **primeiro degrau** expiam seus pecados, sob imensas pedras, os orgulhosos ou soberbos (cantos IX a XII). No **segundo degrau** estão os invejosos (cantos XIII e XIV). No próximo, o **terceiro degrau**, há uma fumaça espessa e escura onde vagam os iracundos (cantos XV-XVI). A preguiça ocupará **o quarto degrau**, no qual os pecadores correm sem parar (cantos XVII e XVIII). No **antepenúltimo degrau** estão os avaros e os pródigos (cantos XIX e XXI). A gula é o pecado do **sexto degrau,** onde se vê uma árvore cuja raiz está no alto e a copa embaixo (cantos XXII a XIV). O **sétimo e último degrau** é destinado aos que pecaram pela luxúria, cujos faltosos estão envolvidos pelas chamas (cantos XXV a XXVII).

Depois do último degrau se chega ao **Paraíso Terrestre** (cantos XXVIII a XXXIII), onde estão os rios **Letes** e **Eunoé**, cujas águas fazem, respectivamente, esquecer dos pecados e lembrar das boas ações. Ali também está Matelda, o grifo, o cortejo dos sábios, as sete damas que representam as virtudes cardeais e teologais, além de Beatriz, que irá até lá para encontrar Dante e conduzi-lo ao Paraíso.

E.V.M.

CANTO I

Depois de saírem do Inferno, Virgílio e Dante chegam à praia do Purgatório. Ali sentem o ar mais sereno e veem o céu estrelado. Encontram o guardião daquele reino, Catão de Útica, político romano e personagem da Farsália, de Lucano. O romano os interpela e logo conhece que ambos vêm do Reino dos Mortos a mando dos céus. Diante disso, Catão explica a eles o que devem fazer antes de subirem a montanha do Purgatório.

[1] Que as velas da nau de meu engenho enfunem-se, para singrar águas

melhores, agora que deixam para trás mar tão cruel. Cantarei aquele segundo reino onde o espírito humano se purga e torna-se digno de subir ao céu. E que a defunta poesia ressurja, ó divinas Musas, pois ela é vossa, e que Calíope venha para acompanhar meu canto com o som que as miseráveis Pegas ouviram, e que clamam por perdão.[103]

[13] A doce cor da safira oriental espalhava-se pelo ar sereno, desde as primeiras horas do dia. Meus olhos voltaram a deleitar-se com o que viam assim que saí da aura morta, que me deixara os olhos e o peito contristados. Vênus, o belo planeta que conforta os amantes, trazia a alegria do oriente, cobrindo com seu véu a constelação de Peixes, que lhe servia de escolta. Virei-me à direita e concentrei a mente no outro polo e vi quatro estrelas jamais vistas a não ser pelos primeiros homens.[104] O céu parecia em júbilo graças a essas luzinhas. Ó hemisfério boreal, viúvo sítio em que vivemos, onde se é privado de vê-las!

[28] Ao olhar ligeiramente para o outro polo, lá onde a Ursa Maior já tinha desaparecido, vi um velho, sozinho, cujo aspecto era digno de tanta reverência como a que o filho devota ao pai. Tinha uma barba comprida e grisalha como seus cabelos, os quais lhe caíam no peito dos dois lados. Os raios das quatro luzes santas adornavam seu rosto, que eu via como se o sol estivesse à minha frente.

[40]– Quem sois vós que galgastes pelo leito do rio cego, escapando da prisão eterna? – disse ele, mexendo os fios brancos e honestos da barba e cabelo. – Quem vos há guiado ou vos serviu de lanterna, fazendo-vos sair da noite profunda que deixa o vale infernal eternamente escuro? As leis do abismo foram quebradas? Ou mudaram no céu as ordens, deixando vir os danados às minhas grotas?

Meu guia, então, me agarrou e, com palavras e gestos, me fez ajoelhar e

baixar a cabeça. Depois respondeu:

– Aqui não cheguei por mim. Senhora desceu do céu, e a pedido dela acompanhei e ajudei este aqui na travessia. E se queres que te explique mais sobre nossa condição, qual sua verdade e como ela é, não posso te negar. Este aqui não viu ainda a noite última, vivo está, mas a sanidade quase lhe escapou de vez, caso eu não chegasse junto dele quando se perdeu. Então, como eu disse, fui enviado até ele para guiá-lo pelo reino dos mortos porque não havia outro caminho, caminho este que me trouxe até aqui. Mostrei a ele todos os condenados e agora pretendo mostrar-lhe os espíritos que purgam seus pecados sob tua custódia. Dizer-te como o trouxe até aqui demoraria muito, vem do alto a virtude que me ajuda a conduzi-lo para ver-te e ouvir-te. [70] Deve agradar-te a chegada dele, pois ele busca a liberdade, tão cara a ti, como sabe bem quem a própria vida recusa em troca dela. Tu o sabes, porque não te foi desonrosa a morte em Útica, onde deixaste a veste que no grande dia vestirás novamente.[105] As leis eternas não foram violadas porque este vive e Minós não me prende, pois venho daquele círculo onde estão os olhos castos de tua Márcia, que por eles ainda teu coração santo pede, que te considera tua ainda. Deixa-nos caminhar pelos teus sete reinos[106] que a ela darei notícias de ti quando eu retornar, e lá embaixo serás lembrado dignamente.

Ele disse então:

– Márcia agradava-me tanto aos olhos enquanto estive entre os vivos que tão graciosamente a fiz voltar para mim. Agora ela mora para lá do maldito rio, onde não posso ir mais, segundo a lei que a pôs longe de mim. Mas se a senhora te ordena e te rege, como disseste, não precisas me bajular, basta-te que por ela me requeiras. [94] Vai, então, e pega um junco liso e cinge este aí e depois lava-lhe o rosto, até o ponto de extinguir-lhe toda sujeira, porque não

conviria ter nos olhos alguma nódoa infernal ao dirigir-se ao primeiro anjo, um dos que guardam a entrada do Paraíso. Naquela ilhota ali, em sua parte mais baixa, lá onde as ondas quebram, cresce o junco sobre o lamaçal, onde planta alguma com folhas ou tronco sobreviveria, pois não se inclinariam à batida das ondas e se quebrariam. Depois não retorne dali, pois o sol vos mostrará o caminho mais suave para subir o monte.

[109] Logo desapareceu, e me levantei sem falar e aproximei-me do meu guia, endereçando meus olhos a ele, que disse:

– Filho meu, segue meus passos, voltemos, por ali desceremos até a praia lá embaixo.

[115] A alba vencia as sombras da manhã, que fugia à nossa frente, quando percebi ao longe as espumas marinhas tremularem. Andávamos por um amplo deserto como alguém que caminha perdido e parece andar em vão. Quando chegamos ali onde a neblina ainda briga com o sol, onde uma brisa ainda a sustenta, meu mestre pôs suavemente sobre a plantinha as duas mãos abertas. Eu, atento ao que ele ia fazer, aproximei minhas faces dele, chorando. Com o junco, ele trouxe ao meu rosto a cor que o inferno havia escondido.

[130] Chegamos então ao leito deserto que jamais viu alguém em suas águas navegar e delas voltar. Aqui me cingiu com o junco, tanto ou mais quanto o outro o desejava. Ó, que maravilha! Bem ali onde colhera a humilde planta, outra nascia, subitamente.

Canto II

Os poetas, depois de caminharem bastante pelas areias do Antepurgatório, avistam luzes brancas, ao longe, vindas do mar. Logo Virgílio distingue no centro delas as asas de um anjo enviado por Deus. O

ser celeste comanda um barco onde estão inúmeras almas. Elas são depostas na praia e, assim que põem os pés na areia, perguntam aos poetas qual o caminho para a montanha. Virgílio diz não saber também. Nesse meio-tempo, Dante reconhece o seu velho amigo, Casella. O poeta florentino tenta, em vão, abraçá-lo e depois lhe pede que cante para ele. Casella atende ao pedido do amigo. Todas as almas se sentem embevecidas pelo canto até serem repreendidas por Catão, que lhes lembra da obrigação de seguirem seu caminho.

[1] No horizonte, despontava o sol, cujo arco cobria Jerusalém em seu ponto mais alto, ao meio-dia, enquanto a noite avançava no rio Ganges, que está no lado oposto ao arco, sob a constelação da Balança, que cessa de acompanhá-la quando supera a duração do dia. As faces brancas e vermelhas da bela Aurora, depois de algum tempo, ficaram laranja.[107]

[10] Íamos ao longo da praia como as gentes que pensam no seu caminho com o coração enquanto seu corpo quer pausa. E eis que, neste alvorecer, em que Marte torna-se mais vermelho, rodeado por um denso vapor, lá no poente, no ponto mais baixo, em cima do chão do mar, surge uma luz vindo muito rapidamente, mais veloz do que qualquer coisa jamais vista antes. No tempo de virar-se e olhar para o meu guia para perguntar-lhe algo, a luz tornou-se maior e mais luminosa para nós. Em seguida, de ambos os lados apareceu algo indefinido, branco, e abaixo mais outro. Meu mestre não se movera até avistar asas entre as luzes brancas; então, quando viu nitidamente o barqueiro, gritou:

– Rápido, rápido, de joelhos. Eis o mensageiro de Deus, as mãos, reverencia-o com as mãos; já, já verás um anjo enviado dos céus oficialmente. Vê que ele ignora os aparatos humanos, não quer remos, tampouco velas, a não ser suas asas, que o trazem de litorais tão distantes. Vê

como elas são rijas, movendo-se no céu com penas eternas, que não mudam como os pelos dos mortais.

[37] Depois abaixei-me, porque quanto mais o pássaro divino se aproximava mais claro ficava, tornando impossível olhá-lo. Ele vinha até a margem como uma barca leve e rápida, tanto que a água mal o tocava. Na popa estava o celestial barqueiro, cuja beatitude estava-lhe inscrita na face, e, sentados, iam centenas de espíritos.

"*In exitu Isräel de Aegypto*", cantavam todos juntos, a uma só voz, este trecho e todo restante do Salmo.[108] Depois fez o sinal da cruz, enquanto as almas se lançaram para fora do barco, tocando os pés na praia. Como veio, veloz, o anjo foi embora. A turba que permaneceu ali agia como selvagens naquele lugar, pois pareciam desconhecê-lo, olhando ao redor, como quem se depara com coisas novas.

[55] Por todos os lados o sol iluminava o dia. Seus nobres raios caçavam no céu a constelação de Capricórnio, que àquela hora ia se pondo. Nesse momento, os recém-chegados levantaram a cabeça em nossa direção e nos disseram:

– Se souberdes, mostrai-nos o caminho até a montanha.

Virgílio responde:

– Acreditais que somos velhos conhecedores deste lugar, mas somos peregrinos como vós. Acabamos de chegar, por outra via, tão áspera e dura, que subir a montanha não será nada.

[67] As almas que se deram conta de que eu estava vivo, por verem-me respirar, ficaram mortificadas. E tal como a multidão que acorre ao mensageiro que leva a oliveira e finca o pé para ouvir suas novidades, assim aquelas almas afortunadas me encaravam, quase se esquecendo de irem purificar-se.

[76] Vi uma delas tomar a frente para abraçar-me tão afetuosamente que fiz o mesmo em sua direção. Ó sombras ocas, exceto no aspecto! Três vezes a envolvi com os braços e três vezes meus braços bateram no meu peito. Creio que a surpresa estampou-se em meu rosto porque a sombra sorriu e recuou. Eu, a seguindo, lancei-me a ela de novo, mas ela suavemente disse para que eu parasse. Então reconheci quem era e roguei-lhe que se detivesse um pouco para falar-me. Então, respondeu-me:

– Assim como eu te amei com meu velho corpo, te amo agora sem ele, por isso me detenho. Mas por que não paras?

– Casella, meu amigo, para poder voltar outra vez aqui, faço esta viagem – disse eu –, mas e tu, por que estás aqui ainda depois de morto há tanto tempo?

E ele a mim:

– Ninguém me ultrajou aqui. O anjo que ali leva quem quer e quando quer me negou várias vezes a passagem. A justa vontade o guia. Entretanto, há três meses ele liberou a entrada, por meio de indulgências, sem nada nos opor. E ali, eu, que estava à margem do Tirreno, onde o rio Tibre se enfossa, fui bondosamente recolhido. Para aquela foz agora ele bate as asas, pois ali sempre recolhe as almas que não caem rumo ao Aqueronte.

E eu:

– Se a nova lei sob a qual estás não te tolhe a memória ou a capacidade de executar o amoroso canto que conseguia apaziguar todas as minhas dores no outro mundo, e se isso te agradar, consola agora a minha alma, que, junto com o corpo, chegou até aqui muito cansada!

[112] – *Amor que em minha mente fala* – começou ele então tão docemente que tal doçura ainda soa dentro de mim.

O meu mestre, eu e toda aquela gente que o acompanhava estávamos tão

contentes que nada mais parecia perturbar-nos o espírito. Estávamos todos estáticos e atentos às notas musicais quando o honrado velho gritou:

– O que é isso, almas lerdas? Que negligência, que atitude é esta? Correi à montanha para despojar-se do cascão que vos impede de ver a Deus.

[124] Tal como os pombos bicando quirera ou joio, quietos, sem estufar o orgulhoso peito, assustam-se quando algo lhes aparece e por isso rapidamente abandonam tudo a fim de protegerem-se de mal maior, assim vi aquele rebanho recém-chegado deixar para trás o canto e ir em direção à encosta da montanha como o homem que foge sem saber dos riscos que corre. Nossa partida tampouco foi menos atribulada.

Canto III

Enquanto as almas correm para a montanha do Purgatório, Dante se aproxima de Virgílio, que diminui o passo, e o ultrapassa. O florentino de repente se assusta quando não vê a sombra de Virgílio à sua frente. Olha para trás e, aliviado, vê o poeta latino. Este lhe explica que os seres celestes são varados pelas luzes, por isso não produzem sombras. Ao chegarem ao pé da montanha, eles pedem ajuda às almas para encontrarem uma trilha a fim de subir a encosta. Ali estão as sombras dos excomungados que se arrependeram de seus pecados só na hora da morte. Entre elas está o rei Manfredo, da Sicília, com quem Dante conversa.

Embora a súbita fuga as dispersasse pela planície, as almas se dirigiram ao monte onde a justiça tudo anima. Eu me juntei à minha fiel companhia, sem a qual como eu seguiria adiante? Quem me ajudaria a subir a montanha? Virgílio parecia sentir remorso. Ó honrada e clara consciência, mesmo uma pequena falha é-lhe amarga!

[10] Quando seus pés deixaram de lado a pressa que enfraquece toda a dignidade, minha mente, que estava presa a esse fato, arejou-se e, em busca de outras coisas, levantei a cabeça em direção à colina que se ergue do mar, como nenhuma outra, em direção ao céu. O sol, que atrás de nós estava vermelho como fogo, não reproduzia diante de mim a sombra daquele que vinha em meu apoio. Voltei-me para trás com medo de ter sido abandonado, quando eu o vi, quem me conforta, só, diante de mim na terra escura:

– Por que ainda desconfias – começou a me dizer –, não acreditas que estou contigo e que eu te guio? O sol vai declinando agora lá, onde está sepultado o corpo dentro do qual eu fazia sombra. Meus ossos estão em Nápoles trazidos de Bríndisi, onde fui tolhido da vida. Agora, diante de mim não há sombra. Não te surpreendas mais por isso, pois entre os seres celestes nenhum interrompe os raios do outro, mas sofrem os tormentos do fogo e do gelo como sofriam seus corpos. Assim a Virtude dispõe, mas como faz isso não nos revela tampouco deseja fazê-lo. Louco é quem espera que nossa razão possa transpor o infinito caminho da substância formada por três pessoas. Contenta-te, humano, com o *quia*, porque, se pudesses ver tudo, não haveria por que Maria ter parido; e isso desejaram sem êxito tais homens, que o desejo por Deus sentirão eternamente no Limbo como castigo. Entre eles estão Platão e Aristóteles e muitos outros.

Baixou a cabeça e mais não disse, e aturdido ficou.

[46] Nesse meio-tempo chegamos ao pé da montanha, onde encontramos uma rocha tão inclinada que tentar galgá-la com nossas pernas seria inútil. Entre Lérice e Túrbia, na costa da Ligúria, a rota mais íngreme e agreste, perto dessa à nossa frente, era ampla e agradável.

– Ora, quem sabe do outro lado a colina seja menos abrupta – disse o meu mestre firmando o passo –, e possa subir nela quem não tem asas?

Enquanto ele com a cabeça baixa examinava o caminho, e eu olhava para o alto, ao redor da rocha, da esquerda surgiu um grupo de almas, vindo em nossa direção, com um passo tão lento que pareciam paradas.

– Olha, mestre – eu disse –, eis ali quem pode nos ajudar, se tu por ti só não puderes.

Ele olhou então, sereno, e respondeu:

– Vamos até lá porque andam muito devagar. E mantenhas a esperança, filho querido.

[67] Ainda estavam longe, depois de andarmos muito, à distância de uma pedra arremessada por um bom lançador, quando se apertaram todas juntas às duras paredes da escarpa e ali pararam, como alguém tomado pela dúvida.

– Ó bem-acabados, ó espíritos eleitos – começou Virgílio –, pela paz que creio vós todos esperais, dizei-nos onde a montanha jaz acessível de modo que seja possível subi-la, porque perder tempo, para quem conhece bem o seu valor, desagrada muito mais.

[79] Como ovelhas que saem do ovil, uma, duas, três, enquanto outras, mais tímidas, esperam, virando olhos e focinhos para o chão, e o que a primeira faz as outras fazem; se ela para, outras a imitam, quietas, sem se perguntarem por que; assim vi moverem-se os que estavam à testa daquela manada afortunada, cujos rostos eram humildes e o caminhar digno.

[88] Quando os que vinham à frente viram a luz do sol interrompida no chão, à minha direita, onde se estendia minha sombra até a grota junto à rocha, se detiveram e deram um passo para trás. E os que vinham atrás, sem saber a razão, fizeram a mesma coisa.

– Sem me perguntares, vos digo que este corpo que vedes é humano, por isso interrompe a luz do sol. Não vos admirai, no entanto, mas crede que procura subir essa parede com ajuda virtuosa dos céus – assim disse o mestre.

E aquela gente digna:

– Voltai – disseram em coro – e entrai na fila, atrás de nós –, fazendo sinal com o dorso das mãos.

[103] E um deles começou:

– Quem quer que sejas, continua andando e volta o rosto para mim e tenta recordar em tua mente se já me viste lá no outro mundo.

Virei-me e o encarei: era loiro, belo e de aspecto gentil, mas uma ferida lhe dividia as sobrancelhas. Quando humildemente neguei-lhe conhecê-lo, ele disse:

– Agora olha – mostrando-me uma chaga no meio do peito. Depois, sorrindo, disse: – Sou Manfredo, neto da imperatriz Constança, razão por que te peço que, quando retornares, procure a minha bela filha, mãe dos reis da Sicília e de Aragão, e diga a verdade a ela, caso lhe tenham dito outra coisa. [118] Depois que minha vida foi rompida por dois golpes mortais, eu me voltei, chorando, àquele que a todos perdoa. Meus pecados foram horríveis, mas a bondade infinita tem braços tão grandes que toma para si aquilo que se dirige a ela. Se o bispo de Cosenza, que veio atrás de mim a pedido de Clemente IV, tivesse compreendido bem essa face de Deus, meus ossos ainda estariam perto da ponte de Benevento, sob a proteção de pesadas pedras. Hoje, banha-os a chuva, e o vento os agita fora dos limites do reino de Nápoles, à beira do rio Verde, para onde ele os levou sem vela, sem respeito. A excomunhão não faz perder a alma, não a impede de voltar ao bem, ao eterno amor, enquanto houver um fio de esperança. Todavia, como vivi em contumaz desobediência à Igreja, convém que eu fique aqui ao pé desta escarpa, por trinta vezes o tempo que permaneci excomungado, caso boas e piedosas orações não encurtem esse decreto. [142] Vê então se podes felicitar-me revelando à minha boa Constança como me viu aqui, a pena que

sofro, pois com ajuda daqueles que estão lá, entre os vivos, muito se avança neste lugar.[109]

Canto IV

Com o sol alto, os poetas começam a subida. Dante se espanta de ver o sol à sua esquerda e Virgílio explica-lhe a razão disto: no Purgatório estão no hemisfério oposto ao do mundo dos vivos. Cansado, Dante quer saber o quanto ainda subirão e quão dura será a subida. Virgílio diz a ele que quanto mais alto estiverem menos sofrida será a caminhada. Num terraço onde pararam para descansar, conversam com Belacqua, alma que deve esperar ali antes de iniciar a subida.

[1] Quando o deleite ou a dor verdadeira são compreendidos por uma de nossas faculdades, a alma em uma destas se concentra, e de nenhuma outra potência mais se vale, e isso revela o erro de quem crê que haja mais de uma alma em nós. Então, quando se ouve ou se vê algo muito intenso, a isso a alma se volta e o tempo escoa sem que o homem o perceba. Uma faculdade da alma é a que escuta e a outra é a que a absorve inteiramente. Quando a esta está ligada, da outra se desliga.

[13] Disso tive a experiência verdadeira ouvindo e admirando aquele espírito, pois nem havia me dado conta de que o sol já havia subido cinquenta graus nesse meio-tempo. Foi então que em uníssono nos gritaram aquelas almas:

– Tendes aqui a resposta à vossa pergunta.

Maior era o buraco que eu vi num arbusto o camponês vedar com um forcado de estrepes quando a uva amadurece do que aquele caminho por onde subimos, meu guia à frente e eu atrás, sozinhos, assim que aquele bando de

sombras partiu. Vai-se a Sanleo, desce-se em Noli, chega-se ao alto de Bismântova até o Cume usando os pés, mas aqui convém ao homem voar. Com asas ágeis e desejo em forma de plumas, ia eu atrás conduzido por Virgílio, que me dava esperanças e iluminava-me.

[31] Subimos por entre a rocha escarpada e por todos os lados me apertavam suas paredes, as quais galgávamos com os pés e o socorro das mãos. Depois que chegamos no plano superior da rocha, num platô descoberto, eu disse:

– Mestre, que caminho faremos?

E ele a mim:

– Não dê nenhum passo incerto, segue-me e avancemos até aparecer alguma escolta sábia.

[40] O cimo era tão alto que nossa visão não o alcançava, e a encosta era muito íngreme, tinha meio quadrante de inclinação. Estava cansado, quando comecei a falar:

– Ó doce pai, vira-te e vê como fico para trás caso não pares.

Ele disse:

– Meu filho, arrasta-te mais um pouco, só até ali – apontando-me um degrau pouco acima, que circunda esse lado da montanha. Tanto me estimularam essas palavras que prossegui, quase engatinhando, até junto a ele, de modo que o platô que ele indicara já estava sob meus pés.

[52] Sentamo-nos os dois ali voltados para o levante por onde havíamos subido e ficamos contentes só de olhar esse caminho já percorrido. Em seguida miramos as praias lá embaixo e depois, para cima, em direção ao sol, admirados de ver os seus raios, vindos da esquerda, ferirem nossos olhos.[110] Virgílio, percebendo que eu estava bem admirado de o sol se pôr entre nós e o Aquilão[111], me disse:

– Se Castor e Pólux[112] estivessem agora ao lado do sol, que tanto no hemisfério de cima quanto no de baixo conduz a luz, tu verias o Zodíaco avermelhado e mais próximo da Ursa Maior, desde que ele seguisse pelo seu velho caminho. Como queres entender isso com a razão, imagina Sion e a montanha do Purgatório sob um mesmo horizonte, mas em hemisférios opostos, nos quais o sol segue a sua jornada, a mesma em que Faetonte[113] descarrilou o carro do pai. Isso mostra que o mesmo caminho é cumprido nos dois polos; isso teu intelecto entende, se estás bem esperto.

[76] – Caro mestre – disse eu –, jamais vi com mais clareza isso que agora distingo, justo quando meu engenho parecia ausente, que o centro do círculo do motor superior, chamado propriamente de Equador, fica entre o sol e o inverno, o que explica a distância que o vemos daqui ser a mesma que veem os hebreus que estão em Jerusalém, no hemisfério oposto. Mas, se puderes me dizer, gostaria de saber o quanto havemos de subir ainda pela montanha, cujo topo meus olhos não alcançam.

E ele:

– Esta montanha é de tal modo peculiar que no início é mais opressivo subi-la do que o será mais acima. E então quando ela te parecer bem suave, de modo que teu andar pareça bem leve, como quando se navega a favor da corrente, chegarás ao fim desta vereda, onde e quando poderás repousar. Mais não digo, e o que eu disse tenho como verdadeiro.

[97] Mal acabara de falar, perto de nós soou uma voz:

– Talvez, antes de seguir, preciseis sentar um pouco!

Ao ouvirmos a voz, nos viramos e vimos à esquerda uma pedra enorme, que nenhum de nós havia notado antes. Atrás da rocha havia pessoas à sombra, de um modo bem negligente. Um deles, que me parecia bem cansado, sentava-se abraçando os joelhos, entre os quais pendia o rosto

voltado para baixo.

[109] – Ó meu doce senhor – disse eu –, observa aquele ali que se mostra tão desmazelado, como se a preguiça fosse sua irmã.

Então a alma virou-se em nossa direção e levantou a cabeça, colocando o rosto por cima das coxas, e nos disse:

– Ora, sobe tu, então, que és tão valente!

Reconheci-o então e, mesmo sentindo ainda a falta de ar que a pressa de há pouco me agoniara, andei até ele. Assim que cheguei perto, ele ergueu com muito custo a cabeça e disse:

– Entendeste agora que o sol leva no ombro esquerdo o carro de Apolo?

Seus gestos indolentes e as breves palavras puseram-me nos lábios um fio de riso, e em seguida eu disse:

– Belacqua, a mim não doem as palavras tuas; mas diz, por que estás sentado aqui? Esperas teu guia ou retomaste teus antigos hábitos?

E ele:

– Ó irmão, subir para quê? Se o anjo de Deus não me deixaria adentrar os martírios do Purgatório antes que eu fique aqui, no Antepurgatório, o mesmo tempo que o céu girou à minha volta no mundo dos vivos, pois só nos últimos suspiros é que me arrependi de meus pecados. Se nem mesmo as preces me ajudam, nem que venham de um coração elevado, que viva em graça, só posso esperar, pois no céu não serão ouvidas.

[136] A essa altura o poeta mantuano à minha frente subia, dizendo-me:

– Vem já, vê: o meridiano já é tocado pelo sol enquanto a noite cobre já o oceano e o céu de Marrocos, no hemisfério oposto.

Canto V

s poetas continuam a subir. Dante se distrai com as sombras atrás de si e por

O isso é advertido por Virgílio. Este diz para continuar andando mesmo que elas venham conversar com ele. Logo elas se aproximam, e três delas conversam diretamente com o poeta italiano. São as almas que foram assassinadas, mas que ainda tiveram tempo de se arrependerem. São elas: Jacopo del Cassero, Buonconte de Montefeltro e Pia dei Tolomei. Todos narram a forma pela qual foram mortos, além de pedirem a Dante que fale deles quando retornar ao mundo dos vivos.

Já havia me distanciado daquela sombra e seguia os passos do meu guia quando atrás de mim, apontando-me o dedo, uma delas gritou:

– Vede, parece que a luz do sol não penetra aquele que vai atrás, que caminha como um vivo!

Voltei-me e olhei para onde vinham aquelas palavras e vi as sombras olharem para mim e para a luz que eu interrompia.

[10] O mestre me disse, então:

– Por que te distrais assim a ponto de afrouxares teus passos? E que te importa o que murmura essa gente? Segue-me e deixa-os falar. Faz como a torre que, firme, não cai jamais, nem quando lhe sopram os ventos em seu topo. Porque o homem que deixa um pensamento seguir-se ao outro afasta-se do seu alvo, pois a força de um contra o outro resta inútil.

O que podia dizer a não ser “Sigo-te”? E isso eu disse, enquanto fui tomado pela cor rubra que faz o homem ser digno de perdão. Nesse meio-tempo, na diagonal, vinham atrás de nós mais sombras cantando o *Miserere*, verso a verso. Quando se deram conta de que meu corpo impedia os raios de sol ultrapassá-lo, alternaram o canto para um “Oh!” longo e rouco. E dois deles, no papel de mensageiros, correram ao nosso encontro e perguntaram-nos:

– Dizei-nos sobre vossa condição.

E o meu mestre:

– Ide já até aqueles que vos enviaram até aqui e dizei que o corpo deste aqui é de carne, sim. Se parastes para ver a sombra dele, como imagino, essa é minha resposta. Honrai-o, e ele vos será grato.

[37] Não vi estrelas cadentes cruzarem tão rapidamente o céu, nem as nuvens de agosto relampejarem no sol poente tão rápidas, como velozes aquelas sombras voltaram de onde vieram. E ali reunidas, junto com os mensageiros, voltaram-se todas, em filas, em nossa direção.

– Esta gente toda virá até nós – disse o poeta –, mas não pares, segue e os escuta enquanto caminhas.

[46] – Ó alma feliz que anda com os membros com os quais nasceu – vinham gritando –, anda mais devagar. Olha se já nos viste alguma vez. E, se viste, fala de nós lá no outro mundo. Mas por que continuas a andar? Por que não paras? Fomos todos assassinados e pecadores até o último minuto de nossas vidas. Então uma luz celestial nos acolheu, de modo que, arrependidos e compassivos, saímos da vida confortados por Deus, e o desejo de vê-lo nos agonia.

E eu:

– Apesar de olhar bem os vossos rostos não reconheço nenhum, mas se quereis que eu faça alguma coisa, espíritos bem-nascidos, dizei, que o farei em nome da paz por força da qual meu guia, de reino em reino, por aqui me leva e traz.

[64] Um deles começou, então, a falar:

– Todos confiamos em tua ajuda sem precisar jurá-lo, desde que nada impeça o teu querer. Peço-te então, eu que à frente dos outros falo, caso vejas de novo a região que fica entre a Romanha e o reino de Carlos de Anjou[114], que rogues aos habitantes de Fano que orem por mim para que eu possa, o

quanto antes, purgar-me de minhas graves ofensas. Nasci em Fano, mas as profundas feridas de onde saiu o sangue que em mim fluía foram feitas em Pádua, no berço da família Antenore, justo onde acreditava sentir-me mais seguro. Mas foi aquele da cidade de Este, Azzo VIII, que as mandou fazer, pela ira que me tinha muito maior do que se admitiria. E se eu tivesse fugido para Mira antes de ser apanhado em Oriago, ainda estaria lá, no mundo onde se respira. Corri então para o palude, mas tanto os juncos quanto a lama do pântano me derrubaram e vi o sangue das minhas veias formar um lago na terra.

[85] Outra alma disse, em seguida:

– Se o desejo que te trouxe até aqui se cumprir, tem piedade e me ajuda! Fui de Montefeltro, sou Buonconte. Giovanna e outros descuidaram-se de mim, por isso sigo de cabeça baixa entre os outros.

E eu a ele:

– Que força ou que ventura te levou para fora de Campaldino, pois ninguém sabe onde está tua sepultura?

– Oh – respondeu ele –, ao pé do Casentino corre um riacho que se chama Arquiano, que nasce junto à ermida, nos Apeninos. Ali onde esse nome se perde, cheguei com uma ferida na garganta, para onde fugi a pé e sangrando pelo caminho. Ali perdi a vista, e minha voz parou no nome de Maria. Lá caí, onde só minha carne ficou. Direi a verdade e tu a dirás entre os vivos: o anjo de Deus me apanhou, enquanto o diabo gritava: “Ei, anjo, por que me privas do que é meu? Tolhes-me a parte consagrada ao eterno por uma mera lagrimazinha? Mas tratarei da outra parte, do corpo, de outro jeito!”. Sabes bem como no ar se recolhe o vapor úmido que, assim que se resfria, em chuva volta à terra. Pois então o mal, cujo intelecto só o mal quer, moveu fumaça e vento com a força que a natureza lhe deu. Então a planície de

Campaldino, quando o dia acabou, foi coberta por um nevoeiro, e o céu fechou. O ar, impregnado de umidade, em água se converteu, a chuva caiu e fossas se romperam onde a terra não a absorveu. E como é comum aos grandes rios, ele precipitou-se no Arno, tão veloz que nada pôde contê-lo. Meu corpo frio foi arrastado até a foz do Arquiano e arremessado no rio Arno, onde desfez a cruz que meus braços haviam formado em meu peito, na hora em que a dor e a morte me venceram. Depois de lama e pedras meu corpo foi coberto e ali se cingiu.

[130] – Ei, depois, quando retornares ao mundo e tiveres descansado dessa longa jornada – disse o terceiro espírito logo depois do segundo –, recorda-te de mim. Sou Pia. Siena me fez, desfez-me Maremma: bem sabes aquele que antes me deu aliança e me desposou com uma gema.[115]

Canto VI

Os poetas, ainda no Antepurgatório, encontram almas que foram assassinadas de forma violenta. Dante menciona alguns deles até encontrar a alma do mantuano Sordello. Conterrâneo de Virgílio, ambos se abraçam, emocionados. Em seguida, o poeta florentino começa sua invectiva contra a Itália e Florença.

[1] Quando termina o jogo de dados, o perdedor se afasta melancólico, repete os lances na mente, triste, para evitar perder novamente. Com o ganhador, vai toda a gente. Vai à frente e o resto atrás, do lado, todos dirigindo-lhe a atenção. Ele não para e a todos ouve e estende a mão, defendendo-se desse modo da multidão.

[10] Assim eu ia, como esse jogador, entre aquela turba compacta. Olhando ora para um, ora para outro, desfazia-me deles à medida que lhes

fazia promessas. Ali estavam o Aretino[116], que pelos braços ferozes de Ghin di Tacco conheceu a morte, e aquele outro que se afogou no rio Arno perseguido por inimigos.[117] Ali Federigo Novello, suplicante, estendeu-me as mãos, e também aquele pisano que fez o bom Marzucco parecer forte. Vi o conde Orso e também a alma de Pier da la Broccia, que foi separada do corpo por causa do rancor e da inveja e não pela culpa, como seria o mais certo. E que se cuide a dama de Brabante para não ir se juntar ao pior rebanho.[118]

[25] Quando me vi livre de todas essas sombras, as quais imploravam que rogassem por elas para que adiantassem sua purificação, comecei:

– Mestre, minha luz, não escreveste que não se pode pedir para alterar as leis divinas? E não é o que essa gente está pedindo aqui? Seria, então, vã a esperança deles, ou eu não teria entendido bem o que disseste?

E ele:

– Meu texto é claro e a esperança deles não está errada, desde que se veja isso com a mente sã. O juízo divino não se abala pelo fato de a caridade, o fogo do amor, desfazer aqui, por meio da oração, mal que antes se fez. Disse, sim, onde tratei desse ponto, que não se emendava pela prece a culpa quando se está distante de Deus. Mas não se decida sobre dúvida tão elevada agora, enquanto aquela luz que está entre o intelecto e a verdade não o fizer. Não sei se compreendeste: essa luz é Beatriz, tu a verás lá em cima, no cume desta montanha, sorridente e feliz.

[49] Então, eu disse:

– Vamos, então, meu senhor, mais rápido, porque já não me canso como antes e, olha, a sombra já avança sobre nosso caminho.

Ele respondeu:

– Andaremos o quanto pudermos antes de a noite chegar, mas as coisas acontecem aqui de forma diversa da que supões. Antes de chegares lá em

cima, verás novamente isso que vai se ocultando na colina, os raios que aqui teu corpo não interrompe. Mas vê ali uma alma que, sozinha, olha para nós. Ela nos ensinará o caminho mais rápido para chegarmos no cimo da montanha.

[61] Fomos em direção a ela. Ó alma lombarda, como estavas altiva e orgulhosa, enquanto nos olhava a um tempo de modo honrado e ensimesmado! Nada nos dizia, mas deixava nos aproximarmos dela, que nos espiava como um leão quando repousa. Virgílio chegou perto dela, pedindo-lhe que nos mostrasse o melhor trecho para subirmos. Mas ela não respondeu à sua pergunta; em vez disso, nos indagou sobre nossa terra natal e nossa vida. Então, mal meu generoso guia começou a falar-lhe: “Mântua...” a sombra, antes recolhida, ergueu-se, dizendo:

– Ó mantuano, sou Sordello, da tua Mântua! – e ambos se abraçaram.

[76] Ah, serva Itália, doloroso albergue, nave sem timoneiro em meio à borrasca; não és senhora de tuas províncias, mas de um bordel!

[79] Ao ouvir a doce palavra que nomeia sua terra, aquela alma gentil rapidamente fez festa ao seu concidadão que chegara à antessala do Purgatório.

[82] Mas lá, agora, em teu solo, Itália, guerreiam teus habitantes, que se roem uns aos outros, cercados pelo mesmo muro e as mesmas fossas. Procura, miserável, na linha do litoral que margeia teus mares, e olha também para teu seio, e acha em alguma parte alguém que desfrute de paz. De que te vale o freio posto por Justiniano se a sela está vazia? Sem ele, a vergonha seria menor. Ai, gente devota[119], que deveria dar a César o César dessa sela[120], se entendi bem o que Deus lhe destinou. Olha como esta fera torna-se celerada por não ser corretamente governada depois que a tua gente pegou as rédeas. Ó germano Alberto, em vez de abandonares esta Itália bravia e

selvagem deverias montar seus arções! Então, que o juízo mais justo caia das estrelas sobre o sangue dos teus, de forma tão nova e excepcional, que o teu sucessor aja com mais tenência! Pois tu e teu pai tolerastes, por causa da cupidez dos homens da Germânia, que o jardim do Império, a Itália, fosse devastado.

[106] Vem ver os Montecchi e os Cappelletti, os Monaldi e Filippeschi, aqueles muito tristes, estes com muita culpa. Vem, crudelíssima, vem, e vê a aflição de teus cavalheiros, e cura-os de suas culpas; e verás então como a vila de Santafiora está escura! Vem ver a tua Roma, que, viúva e solitária, chora e dia e noite clama: “Meu César, por que não me acompanhas?”. Vem ver quanto a gente ali se ama! E se nenhuma piedade de nós te comove, envergonha-te pelo menos de tua fama. E se me é lícito, sumo Júpiter, que vos crucificastes por nós na Terra, pergunto se deixastes de olhar por nós. Estás, porém, preparando no abismo da tua mente algum bem que está longe de nossa compreensão? Como as cidades da Itália estão repletas de tiranos, um camponês qualquer se torna um inimigo de César, um Marcelo, encabeçando um partido. Florença minha, podes até estar contente por esta digressão não te tocar, graças ao teu povo industrioso. Muitos têm consciência e têm a justiça no coração, a qual tarda porque não quer agir imprudentemente, mas os florentinos têm a justiça da boca para fora. Muitos recusam os cargos públicos, mas o teu povo solícito responde sem ser chamado a isso e grita: “Eu assumo!”. Sente-te agora feliz, porque tu estás rica, em paz e com juízo! Se digo a verdade, os fatos o dizem mais ainda. Atenas e Lacedemônia, que fizeram as antigas leis e foram tão civilizadas, em comparação a ti progrediram muito pouco, cujos procedimentos são tão elaborados que não chegam ao meio de novembro aqueles feitos em outubro. Quantas vezes, desde que eu me lembre, leis, moedas, ofícios e costumes

mudaste, renovando seus membros ao expulsá-los! E se bem te recordas e vês bem, verás que és semelhante àquela enferma que não encontra repouso nas plumas, que só consegue algum conforto revirando-se de um lado para o outro na cama.

Canto VII

Sordello abraça Virgílio mais de três vezes e depois ouve o poeta latino falar sobre o Limbo, lugar destinado a ele no Inferno. Virgílio pede ao conterrâneo que lhe indique um caminho para chegar até a porta do Purgatório. Sordello alerta que o sol está se pondo, hora em que não se pode subir ao cume da montanha. Ele propõe aos poetas irem repousar e os leva até o vale onde há uma vegetação extasiante e onde ficam as almas dos negligentes. O canto encerra com Sordello indicando e nomeando alguns desses pecadores arrependidos.

[1] Depois que Sordello e Virgílio trocaram honrados e alegres cumprimentos por três ou quatro vezes, o primeiro recuou e perguntou:

– Quem sois vós?

Meu guia respondeu:

– Antes de as almas dignas que sobem até Deus se dirigirem a este monte, meus ossos foram sepultados por Otaviano. Sou Virgílio; e pelo pecado de não ter fé, e só por isso, perdi o céu.

[10] Como alguém que vê repentinamente diante de si algo espantoso, crendo e não crendo ao mesmo tempo, Sordello disse:

– O senhor... o senhor é... – e depois, recuperando-se da surpresa, relaxando as linhas do rosto, voltou-se nova e humildemente na direção do poeta e o abraçou, reverenciando-o. – Ó glória do latim – disse –, que nos

mostrou o que nossa língua podia, e eternizou a terra onde nasci, diz-me, a que se deve este encontro, à graça dos céus ou a mérito meu? Se sou digno de ouvir tuas palavras, diz-me se vens do Inferno e de que círculo.

[22] Virgílio respondeu:

– Vim caminhando por todos os círculos do doloroso reino e cheguei até aqui em virtude do céu, que é o que me move, e por causa dele aqui venho. Não por ter feito algo, mas por não tê-lo feito perdi a chance de ver o sublime Sol que tanto desejas ver. Lá embaixo, no lugar onde estou, não é de martírios mas de trevas, onde os lamentos não soam como lamúrias, mas como suspiros. Ali fico junto com as crianças que foram tolhidas precocemente pela morte antes de serem batizadas; lá estou entre aqueles que não usaram as três virtudes santas – a fé, a esperança e a caridade. Sem vício, assim como eu, conheceram as demais virtudes e as seguiram retamente: a prudência, a justiça, a fortaleza e a temperança. Mas, se souberes e puderes, dá-nos alguma indicação para chegarmos mais rapidamente ao ponto onde o Purgatório começa.

Ele respondeu:

– Lugar certo não há, mas posso ir e vir por aqui e servir-te de guia. Mas vê: declina o dia e não é permitido subir a montanha à noite, por isso é bom repousar agora. À frente há algumas almas, à direita. Estão longe, mas, se consentires, te levarei até elas e com prazer as conhecerás.

[49] – Mas como isso se dá? – perguntou meu mestre. – Quem quisesse subir à noite seria impedido por alguém ou não o faria porque não conseguiria fazê-lo?

O bom Sordello com o dedo riscou o chão, dizendo:

– Vês? Nem mesmo esta linha não serias capaz de ultrapassar depois de o Sol se pôr. Não haverá outro obstáculo a não ser este, o da treva noturna, que

a vontade nos tolhe por si só. Até se poderia descer e perambular pela praia, enquanto o horizonte não traz novamente o dia.

Então, o meu senhor, parecendo admirado, disse:

– Leva-nos até lá, então, onde disseste que se pode pousar agradavelmente.

[64] Havíamos nos afastado um pouco de onde estávamos quando me dei conta de que o monte tinha recortes, entre os quais formavam-se vales.

– Vamos por ali – disse a sombra –, andemos para onde os flancos do monte formam um vão, onde esperaremos o dia chegar.

[70] Íngreme e plana ao mesmo tempo, a trilha por que fomos margeava o vale justamente onde ele é menos profundo. Ali nos deparamos com o ouro e a prata mais puros; com a púrpura e o branco; com o azul; com o ébano luminoso e sereno; e com o verde luminoso semelhante a fragmentos de esmeralda. Assim a vegetação e as flores naquele prado se pintavam, onde as cores venciam a todos, como o maior vence o mais fraco. A natureza não havia apenas colorido a paisagem mas também a povoara de mil odores, que geravam um só, desconhecido e indistinto. Vi almas sentadas na relva e nas flores cantando o *Salve, Rainha*, as só consegui enxergar quando nos aproximamos dela.

[85] Sordello, que àquela altura voltara-se em nossa direção, começou a falar:

– Antes que o sol que ainda resta se recolha, é bom guiar-vos por entre aqueles que aqui aguardam. Deste ponto onde estamos é melhor para conhecermos os gestos e os rostos de todos que no fundo do vale se aninham.

[91] Aquele que está sentado no lugar mais alto e tem o rosto de quem se nega a fazer o que devia e que não move os lábios como outros é o imperador Rodolfo, que podia curar as chagas que feriram a Itália, assim como os outros

tentaram, em vão, fazê-lo. O outro, cujo semblante vemos confortar Rodolfo, reinou na terra onde nasce o rio Molta, que deságua no Elba, cujas águas lançam-se no mar. Seu nome é Otacar, que foi mais valoroso em cueiros que seu filho Venceslau o fora já barbudo, o qual viveu na luxúria e no ócio. E aquele, cujo apelido se deve a seu nariz, Nasetto, que conversa com aquele outro de aspecto mais bondoso[121], morreu fugindo, desonrando por isso a bandeira da França.[122] Olhai como esmurra o peito! Vede como o outro suspira e faz da palma da mão um leito. São pai e sogro do mal da França, cuja lembrança da vida viciada e baixa que tiveram decerto os atormenta. Aquele ali mais corpulento e que canta em coro com o outro ali, de nariz másculo, tinha grande valor.[123] E se o sucedesse no trono o jovem que senta atrás dele, o seu valor derramaria para este, o que não se poderia dizer dos outros herdeiros, Jaime e Frederico, que foram reis mas sem possuírem a melhor parte do seu legado.

[121] Várias vezes ressurge pelos ramos a probidade humana, e isto quis Quem a dá lá em cima, por isso assim O chamamos. Dirijo minhas palavras não só ao de nariz viril como também ao outro, Pedro, que canta com ele, de cujas ausências Puglia e Provença se condoem hoje. Isso porque a planta é inferior à sua semente, assim como Constança se orgulha do marido, mais do que Beatriz e Margarida. Vede o rei sincero sentado ali sozinho, Henrique, da Inglaterra, do qual nasceram melhores ramos. Aquele que se senta no ponto mais baixo, olhando para cima, é Guilherme[124] pelo qual Alexandria, Monferrato e Canavese choraram pela guerra que as arruinaram.

Canto VIII

Ainda no pôr do sol, os poetas ouvem as almas cantarem a Compieta. Logo em seguida veem dois anjos portando espadas de fogo descerem

até o vale e se postarem em pontos altos e opostos com a finalidade de proteger da serpente as almas que ali estão. Quando ela aparece, é rechaçada por eles. Dante encontra Nino Visconti, conhecido seu, e revela ainda estar vivo, o que deixa Nino e Sordello admirados. Aproveitando a ocasião, Corrado Malaspina, ali presente, pede a Dante que converse com a filha para que ela ore por ele. Em seguida, Malaspina prediz a boa recepção que Dante terá em sua terra.

[1] Já era a hora em que retorna ao enternecido coração dos navegantes a lembrança do dia em que disseram adeus aos caros amigos; em que o amor toca o novo peregrino e ouve-se o badalar dos sinos à distância e o dia parece chorar como se morresse. Foi quando comecei a ouvir e avistar uma das almas que se levantara e acenava para que a ouvissem. Ela juntou as mãos e as elevou, dirigindo os olhos para o oriente, como se dissesse a Deus: “Deus, acima de todas as coisas”. De seus lábios saiu tão devotamente o *Te lucis ante*[125] e com notas tão doces que me fez divagar. As outras almas a seguiram devota e docemente, cantando o hino e olhando para as esferas celestes.

[19] Aguça bem os olhos aqui, leitor, para compreenderes a verdade, pois o véu é tão diáfano que não é difícil penetrá-lo. Vi aquele exército gentil calar-se e depois olhar para o alto, pálidos e lhanos, como que esperando algo. Vi ainda surgirem do alto e descerem dois anjos com duas espadas flamejantes, desvestidas das pontas. Suas vestes eram verdes como brotos e esvoaçavam movidas pelo vento de suas asas. Um deles se postou um pouco acima de nós enquanto o outro desceu na ponta oposta, de modo a conter as almas entre si. Via-se bem a cabeleira loira deles, mas nosso olhar se perdia nos seus rostos graças à virtude que deles resplendia.

[37] – Ambos vêm do colo de Maria – disse Sordello – para vigiar o vale,

por causa da serpente que virá em breve.

Eu, que não sabia por que trilha ela surgiria, recuei e com calafrios aproximei-me das costas seguras de meu guia. Sordello disse ainda:

– Desçamos agora e fiquemos entre as nobres almas para falarmos com elas, as quais ficarão muito gratas em nos ver.

[46] Havia dado só três passos, creio, e já encontrei-me lá embaixo. Vi então uma alma que olhava para mim, tentando me reconhecer. Àquela hora o ar escurecia, mas não tanto a ponto impedir de discernir o que entre meus olhos e os dele estava obscuro. A verdade se fez para mim e para ele também. Gentil Nino, o juiz! Como fiquei feliz ao vê-lo ali, e não entre os danados do inferno! Não nos descuidamos de um cumprimento sequer quando nos vimos e depois ele perguntou:

– Quando chegaste aqui, ao pé da montanha, através das águas distantes?

Respondi:

– Cheguei esta manhã vindo das tristes fossas, e ainda estou na primeira vida e andando pela outra, a vida eterna.

Ao ouvirem o que eu dissera, ele e Sordello recuaram espantados. Sordello então se voltou em direção a Virgílio, enquanto Nino virou-se para uma alma perto dele e gritou: – Levanta, Conrado! Vem ver um abençoado por Deus.

Depois, voltando-se para mim, essa alma disse:

– Pela graça especial que Deus concede e que de nós esconde sua razão, a qual jamais entenderemos, quando estiveres para lá das grandes ondas, em tua terra, diz à minha filha Giovanna que reze por mim lá onde as almas inocentes são ouvidas. Não creio que sua mãe me ame mais, depois que desposou-se novamente, o que a fará, miserável!, lamentar-se bastante ainda. Mas isso se compreende, porque o fogo do amor de uma mulher dura pouco se ele não é alimentado pelo toque ou pelo olhar. Não lhe fará sepultura mais

bela a víbora que os milaneses soltam no campo, como o galo de Gallura a faria, sendo a insígnia de minha família.

Enquanto falava estampava nas faces aquele digno desdém, ao mesmo tempo que lhe queimava o coração.

[85] Ávidos, meus olhos apontavam para o céu, ali onde as estrelas movem-se mais lentamente, como o fazem os raios de uma roda mais próximos de seu eixo. Meu guia disse então:

– Filho, o que estás olhando?

E eu:

– Para aquelas três estrelas que iluminam todo o polo.

E ele:

– As quatro estrelas que viste aqui esta manhã se puseram, enquanto estas subiram onde estavam aquelas.

[94] Enquanto ele falava, Sordello chegou por trás dele e disse:

– Vede ali o nosso inimigo – e apontou o dedo para onde queria que olhássemos.

Naquela parte onde a valeta não tinha proteção havia uma serpente, talvez a mesma que dera a fruta amarga a Eva. Entre a relva e as flores vinha a serpe má, mexendo de um lado para o outro a cabeça e lambendo o dorso como um animal a se coçar. Não posso dizer como os anjos celestes moveram-se, mas vi isso muito bem. Ao ouvir as verdes asas fenderem o ar, a serpente fugiu, e os anjos deram meia-volta, retornando a seus postos, permanecendo ali do mesmo modo que estavam antes.

[109] Durante toda a ação dos anjos, a sombra que estava sentada quando foi chamada por Nino, o juiz, não tirou os olhos de mim.

– Que a lanterna que levas no alto possa encontrar no teu pensamento tanta cera quanto é preciso para enxergares a suprema luz – começou ela. –

Se conheces a verdade certa sobre Val di Magra e cercanias, dize-o a mim, que fui um dos grandes de lá. Chamava-me Conrado Malaspina, não o velho, mas o descendente dele. Aos meus, levei o amor que aqui se purifica.

– Oh! – disse eu a ele –, jamais andei por tua região, mas onde em toda Europa teu nome não é conhecido? A fama de tua casa, que honra e exalta tanto os teus senhores quanto teus habitantes, faz seres conhecido mesmo por aqueles que jamais pisaram os pés ali. E juro, pela minha chegada lá em cima, que tua gente honrada não perdeu a gentileza nem a coragem. Ela é tão privilegiada pelos costumes e pela natureza que, mesmo com o rei de Roma corrompendo o mundo, segue pela reta via desprezando o mau caminho.

E ele:

– Ora, então: que o sol não retorne sete vezes ao leito que o Carneiro com todas as quatro patas cobre, tempo que essa opinião cortês fique pregada no meio da tua cabeça com maior força que quaisquer outros sermões, se o curso divino não se alterar.

Canto IX

Enquanto o sol nasce no polo oposto ao do Purgatório, Dante adormece. Ele sonha com uma águia, que o agarra e o leva para o céu. Ele desperta e se encontra num lugar diferente e acompanhado apenas de Virgílio. O mantuano lhe conta que, enquanto dormia, Lúcia desceu do Paraíso até eles e o pegou, levando-o até a porta do Purgatório. Ali veem os degraus e a porta de entrada e o anjo que a guarda. Este pergunta a eles a que vieram. Virgílio explica e Dante sobe os degraus e, humildemente, pede-lhe permissão para entrar. O anjo, depois de gravar os sete "P" na testa de Dante, concede, e este ouve um canto doce vindo do Purgatório.

[1] Aurora, amante do antigo Titão[126], mais branca ia ficando no balcão do oriente, recém-largada dos braços de seu doce amigo, com a cabeça iluminada pelas joias colocadas no céu pela constelação de Escorpião, animal frio que nos ataca com a cauda, enquanto a noite onde estávamos havia dado dois passos para o alto e o terceiro já declinava suas asas.[127] Nesse momento eu, que levava comigo algo de Adão, fui vencido pelo sono e sobre a relva me deitei, ali onde os outros cinco já estavam sentados.

[13] Na hora em que a andorinha[128] começa a soltar os tristes lamentos, perto da manhã, quem sabe por lembrar-se de seus primeiros infortúnios, hora em que nossa mente peregrina está mais presa à carne e menos voltada ao pensamento, mais propensa, então, às visões divinas, vi em sonho, no céu, uma águia com asas douradas, abertas e tensas, voando velozmente em minha direção. Senti-me no mesmo lugar onde esteve Ganimedes, quando foi levado por Júpiter, metamorfoseado em águia, ao sumo consistório.[129] Pensava comigo mesmo: “Talvez essa ave não costume aqui, mas em outro lugar, apanhar com garras suas presas e levá-las para céu”, mas em seguida pareceu-me que, depois de voar em círculos no céu, desceria rápida como um relâmpago e me apanharia alçando-me ao céu até o onde o fogo ardia. Imaginei então que, lá, eu e ela queimássemos de tal forma no incêndio que conveio que o sono se rompesse. Não foi diferente o que ocorreu comigo daquilo que houve com Aquiles quando recobrou os sentidos, abriu os olhos e, mirando ao redor, não reconheceu onde estava. Ele tinha sido levado a Sciro, dormindo, secretamente pela mãe, que ludibriou o seu tutor, o centauro Quíron. Mais tarde os gregos ali o encontraram, levando-o de volta para Troia.

[40] Assim despertei como quem vê o sono escapar do rosto e fica ao mesmo tempo mortificado e gelado pelo susto que levou. Ao meu lado, só

estava meu aconchego, o mestre. O sol já aparecera fazia duas horas, e virei meu rosto em direção ao mar.

– Não tenhas medo – disse meu senhor –, fica tranquilo, porque nós estamos num bom lugar. Não te intimides mas, ao contrário, anima-te e revigora tuas forças. Estás agora no Purgatório. Vê ali em volta dele um terraço; vê a entrada mais adiante. Há pouco, durante a alvorada que anuncia o dia, quando tua alma dormia dentro de ti, sobre as flores que adornam o prado lá embaixo, veio uma senhora e disse: “Sou Lúcia, deixai-me apanhar este que dorme, assim será mais fácil prosseguir sua jornada”. Sordello e as demais almas gentis ficaram para trás. Ela apanhou-te e quando o dia já estava claro trouxe-te até aqui em cima. Eu vim no seu encalço. Ela colocou-te aqui, mas antes me mostrou através dos seus belos olhos aquela entrada aberta. Depois disso, tanto ela quanto teu sono se foram.

Como o homem que se livra da dúvida e que perde o medo e se conforta depois que descobre a verdade, assim me vi naquele instante. E como o mestre me viu assim, aliviado, partiu em direção à porta. Eu o segui.

[70] Leitor, vê bem como elevo o meu assunto e, então, não te espante, se com mais arte eu procure alcançá-lo.

[73] Nós nos apressamos e já estávamos ali onde antes parecia haver uma fenda que partia a parede, mas onde de fato havia uma porta e três degraus, cada um de uma cor. Além dos degraus, havia um porteiro, imóvel. Pouco a pouco conseguia abrir meus olhos, pois sua face me ofuscava, e vi que estava sentado sobre o degrau soberano. Segurava uma espada na mão, que refletia de tal forma os raios em nossa direção que eu buscava enxergar, em vão, várias vezes seu rosto.

[85] Então ele começou a dizer:

– Dizei daí: o que quereis? Onde está a vossa escolta? Cuidado, para que

vossa subida não seja motivo de sofrimento e dor.

– Senhora do céu está de acordo com nosso passo – respondeu o mestre –, há pouco nos disse: “Andai lá, ali está a porta”.

Gentil, o porteiro continuou:

– Que os vossos passos ela os conduza bem. Vinde, então; subi os degraus.

Fomos até lá, então. O primeiro piso da escada era branco, de mármore tão polido e acendrado que me vi nele tal qual eu mesmo sou. O segundo, retinto e bem escuro, era feito de uma pedra rústica e queimada, repleta de ranhuras. O terceiro, bem compacto, parecia pórfiro, tão flamejante como o sangue que jorra de uma veia. Sobre ele estava o anjo com as duas plantas do pés firmadas, sentado sobre uma soleira que parecia feita de diamante. Meu guia levou-me pelos degraus de bom grado, dizendo:

– Pede humildemente que ele descerre-lhe a entrada.

Devoto, me ajoelhei aos santos pés, roguei-lhe misericórdia e que ele a abrisse, mas antes bati no peito três vezes. Com a ponta da espada escreveu sete “P” na minha testa e disse:

– Lavai estas marcas quando estiverdes lá dentro.

[115] Da sua veste cinza, cor de terra seca, sacou duas chaves: uma de ouro, outra de prata. Primeiro com a branca e depois com a amarela fez a porta abrir, o que me deixou bem feliz.

– Quando uma destas chaves falha, quando não é possível girá-la – disse-nos ele –, esta porta não abre. Uma é mais valiosa, mas a outra requer mais arte e engenho para abri-la, porque é ela que desembaraça os nós, os pecados. Quem me deu foi Pedro, que me disse que quando as gentes se prostram a meus pés é melhor errar e abri-la do que tê-la fechada.

[133] E os gonzos soaram alto quando a porta se mexeu, muito mais alto e forte do que os da rocha Tarpeia quando o bom Metello escapou dela, e a viu

ser dilapidada.[130] Parei, atento, quando o primeiro som do *Te Deum laudamus* ouvi, num coro misto e doce. Uma imagem veio-me à mente então, a de ouvir uma canção em que se entende a letra ora sim, ora não.

Canto X

Dante e Virgílio chegam ao primeiro degrau do Purgatório. Nele, expiam aqueles que cometeram o pecado da soberba. Nas paredes por onde passam estão esculpidas a Anunciação, a dança de Davi diante da Arca e o ato de clemência do imperador Trajano. São tão reais que Dante julga ouvir e sentir o odor das imagens entalhadas na rocha. Mais à frente encontra as almas, que carregam enormes rochas sobre a cabeça.

[1] Logo passamos pelo umbral da porta que poucas almas ultrapassam, já que a maioria vê como certa a via incerta. Percebi que se fechara pelo som que ouvi atrás de mim. Se eu tivesse olhado para trás essa minha falta seria desculpável? Subimos por uma rocha fendida cujas paredes eram como a onda do mar, que vai e vem.

[10] Aqui – começou o meu guia – convém usar um pouco da arte de apoiar-se ora aqui, ora ali, na saliência da parede que se projeta mais próxima.

Isso fez com que andássemos lentamente. Pouco antes de a lua, em quarto crescente, atingir seu leito para deitar-se novamente, nós saímos desse estreito. Quando nos vimos livres e desembaraçados no alto, em um patamar onde o monte recua, sentia-me bem cansado. Além disso, não tínhamos certeza por onde prosseguir; então, ficamos lá naquele ponto, mais solitário que as trilhas no deserto.

[22] A extensão que ia da borda extrema, cujo limite é o abismo, até o pé

da escarpa por onde se subia até ali não media mais que o corpo de três homens. Pelo menos era o que meus olhos alcançavam tanto à esquerda, quanto à direita, em relação à largura daquele degrau. Mal havíamos andado percebi que a encosta interna do degrau que rodeava o terraço, cuja altura e inclinação eram menores que as do anterior, era de mármore branco e adornado por entalhes que não só fariam inveja a Policleto como também à própria natureza. O anjo que desceu à Terra com o decreto da paz muito tempo esperada, o mesmo anjo que liberou o céu de seu prolongado veto parecia-nos tão verdadeiro entalhado aqui, nessas pedras. Seus modos pareciam tão suaves e reais que a impressão é de que poderia falar. Jurava até ouvi-lo dizer "*Ave!*". Ali também se via aquela que virou a chave com que se franqueou o supremo amor[131], onde estava impressa esta sentença: *Ecce ancilla Dei*[132], muito claramente como a figura que se grava em cera.

[46] – Não detenha tua mente neste lugar apenas – disse o doce mestre, que me tocara no lado esquerdo, onde fica o coração.

Desviei o olhar, então, e vi atrás de Maria, à direita de onde estava o mestre, outra história esculpida na rocha. Passei por Virgílio e aproximei-me para que ficasse mais próxima de meus olhos. Vi entalhados no próprio mármore o carro e o boi puxando a Arca santa, aquela que faz temer quem age fora da ordem. Mais adiante avistava-se muita gente, repartida em sete coros, aos meus dois sentidos um dizia "Não" e outro "Sim, canta". Tal coisa igualmente se deu com a fumaça dos incensos que ali se representava, os olhos e o nariz divergiam, o primeiro dizia sim ao odor do incenso; o segundo, não.[133]

[64] David, o humilde salmista, vinha dançando à frente do abençoado vaso. E ali, nesse caso, ele era menos e mais que um rei. Do lado oposto, representada em uma janela de um grande palácio, Micol admirava a cena,

despeitada e triste. Movi os pés de onde eu estava para admirar mais perto outra história que atrás de Micol clareava-se. Dessa vez era narrada a alta glória do príncipe romano, cujo valor levou Gregório a dar-lhe a grande vitória. Falo do imperador Trajano e de uma viuvazinha que lhe fez frear o cavalo, tomada de lágrimas e dor. Em volta dele havia uma multidão de cavaleiros e ao alto as insígnias romanas, com as águias douradas, tremulavam com o vento. A miserável, em meio a todos, parecia dizer: “Senhor, vinga meu filho, morto, por quem me aflijo”; e ele a responder: “Espera eu retornar”; e ela: “Meu Senhor”, como alguém cuja dor preme, “e se o senhor não voltar?”, e ele: “Quem me suceder, o fará por mim”; e ela: “Como confiar neste outro a quem te fias se tu mesmo esqueces o que prometes?”; e ele: “Agora acalma-te, convém que eu cumpra o meu dever antes que eu parta: assim a justiça quer e a piedade me retém”.

[94] Aquele que jamais vê coisas novas produziu essa conversa para os olhos, nova para nós porque isso não se encontra em nosso mundo.

[97] Enquanto me deleitava em olhar as imagens de exemplos tão humildes só possíveis de serem fabricadas por Deus, o poeta murmurava:

– Ei-las aqui, o passo delas é lento – murmurava o poeta –, mas são elas que nos enviarão aos degraus mais altos.

Meus olhos, que estavam contentes por ver novidades pelas quais ansiamos, voltaram-se rápidos para a direção dele.

[106] Não quero, leitor, que tu te afastes da boa intenção de ouvir como Deus deseja que se paguem as dívidas. Não te atenhas, leitor, à forma do martírio; pensa que, no pior dos casos, isso não irá além do dia do Juízo Final.

[112] Comecei então:

– Mestre, isso que vejo mover-se em nossa direção não parece ser pessoa,

mas não sei ao certo se a vista me engana.

E ele:

– A grave condição do seu castigo as leva a arrastarem-se vergadas, olhando para o chão, algo de que à primeira vista duvidei. Mas olha atentamente e distingue bem o que há debaixo daquelas pedras, assim compreenderás o castigo que as abate.

[121] Ó soberbos cristãos, pobres miseráveis, em cuja mente enferma confiastes, sem perceber que andavam para trás quando imaginavam caminhar para frente. Não entendestes que somos vermes que nasceram para chegar à angélica borboleta que voa indefesa rumo à Justiça? Por que vossa alma insiste em boiar no alto se sois como um inseto imperfeito, tal como um verme, cuja formação é incompleta?

[130] Para se sustentarem cornijas ou tetos se usa como mísula uma figura humana tocando o joelho ao peito, uma figura irreal que faz nascer uma aflição real em quem a vê. Foi assim que me senti quando olhei aquelas almas com mais cuidado. Vi também que umas estavam mais contraídas que outras de acordo com o peso que levavam às costas.

[139] Entre elas, a mais resignada, em prantos, parecia dizer: “Mais, não posso”.

Canto XI

Os poetas ouvem os condenados rezarem o Pai Nosso. Dante conversa com um deles, Omberto degli Aldobrandeschi, e reconhece um famoso iluminurista, Oderisi de Agobbio. Este relata sua culpa. Por orgulho, tomou por seus os trabalhos de Franco Bolognesi. Por fim, relata a Dante a redução do pecado de Provenzan Salviani, que por pouco livrou-se de ficar no Antepurgatório.

[1] – Ó Pai nosso que estás nos céus, que circunscrito não estás, a não ser pelo amor que do alto vem, louvado seja o teu nome e o teu valor por toda criatura, assim como é digno render graças ao teu doce vapor.

[7] Venha a nós a paz do teu reino, porque a ela não alcançamos por nós mesmos nem com todo nosso engenho. Como por tua vontade os anjos teus sacrificam-te por ti, cantando *Hosana*, assim os homens também devem fazer.

[13] Dá-nos hoje o pão de cada dia, sem o qual recua quem, neste áspero deserto, anseia ir mais adiante. E assim como nós perdoamos a quem nos fez sofrer, tu, benevolente, nos perdoas sem sequer olhar se o merecemos.

[19] Não testes nossa virtude, que facilmente se deixa abater, com o velho adversário, o diabo, mas libera-nos dele, que nos incita ao mal. Esta última oração, caro senhor, não a fazemos por nós, que dela não precisamos, mas por aqueles que ficaram lá atrás, entre os vivos.

[25] Daquelas sombras rezando vinham-nos bons augúrios. Elas andavam sob um peso semelhante ao que se sente em um pesadelo, giravam ali, cada uma angustiada a seu modo, pelo primeiro terraço, purgando a caligem do mundo. Se no Purgatório as almas oram pelo nosso bem, não se pode interceder por elas no nosso mundo quem tem a graça de Deus, a fim de ajudá-las a lavar as nódoas que carregam aqui para que, mais limpas e leves, possam ir rumo às rotas estreladas?

[37] – Almas, que a justiça e a piedade permitam irdes aonde desejais, libertando vossas asas para poderdes elevar-se, mostrai qual o caminho mais curto para chegar à subida e se há outra passagem, menos íngreme, que possais nos indicar, pois este que me acompanha, ainda que contra a sua vontade, sofre para subir, pois ainda leva consigo o peso da carne de Adão.

[46] Não percebi de quem vieram as palavras que se seguiram às de

Virgílio, mas as compreendi bem:

– Vinde conosco pelo lado direito e encontrareis a via pela qual um homem vivo pode subir. Se não fosse impedido pela rocha, que doma a minha orgulhosa cerviz, que me obriga a voltar a visão para baixo, eu poderia ver este que ainda vive e cujo nome não se disse, e saber se o conheço e levá-lo a se apiedar desta minha sela. Italiano fui, e meu pai foi um grande toscano, Guiglielmo Aldobrandesco. Não sei se esse nome vos é familiar. O sangue antigo e os nobres feitos de meus grandes antepassados tornaram-me tão arrogante que, sem pensar na terra natal, desdenhei a todos a tal ponto que morri por isso, como todos sabem em Siena, e até as crianças em Campagnatico. Sou Omberto, e a soberba não danou só a mim, mas também aos meus parentes, que foram arrastados por esse mesmo mal. Por isso devo suportar aqui este peso até que Deus esteja satisfeito, e aqui, entre os mortos, faço o que não fiz entre os vivos.

[73] Para escutá-lo inclinei o rosto para baixo e outro espírito, não este que falava conosco, se contorceu debaixo do peso que o retinha e me viu. Reconheceu-me e chamava-me com os olhos exauridos e fixos em mim, que andava ao lado deles, inclinado.

[79] – Oh – eu lhe disse –, não és Oderisi, a glória de Agobbio e glória daquela arte conhecida em Paris como iluminura?

[82] – Irmão – disse ele –, brilham mais os papéis pintados por Franco Bolognese, a glória é toda dele, a minha é menor. Vê, não fui tão cortês assim enquanto vivi, por causa do grande desejo de excelência que ansiava meu coração. De tal soberba aqui se paga o preço, aliás, talvez não estivesse aqui se, quando podia pecar, não tivesse me voltado a Deus. Ó inútil glória das obras humanas! Como dura nada o verde no cimo das árvores, até chegarem os tempos difíceis!

Vede Cimabue, que acreditava ocupar todo o campo da pintura e agora vê sua fama obscurecer à sombra da de Giotto; assim Guido tolheu o outro Guido na glória da língua e talvez nasça outro que arranque ambos do ninho.[134] O rumor mundano não é mais que um sopro de vento que ora vem ora vai, e muda o nome só porque muda de lado. Terias de fato mais fama se velho vos separastes de vossa carne do que se morresses antes de balbuciar *papá* e *dindim*? Esse tempo para a eternidade não passa de um piscar de olhos se comparado ao círculo celeste, que gira mais lento. O nome daquele que caminha tão lentamente à minha frente ressoou em toda Toscana, mas agora mal é ouvido em Siena. Lá, foi senhor quando Florença a destruiu, que naquele tempo era arrogante como hoje é puta. A fama é como a relva que vem e vai e que sol desbota depois que sai da terra acerba.

[118] E eu a ele:

– Tua palavra verdadeira leva-me humildade ao coração e do grande tumor, o orgulho, me protege. Mas quem é aquele sobre quem falavas há pouco?

[122] – É Provenzan Salvani – respondeu –, que está aqui porque foi presunçoso quando quis ter toda Siena em suas mãos. Vai andando assim, curvado, sem descanso, depois de morto, pagando na mesma moeda o tanto que foi orgulhoso entre os vivos.

[127] E eu:

– Se aquele espírito que espera lá embaixo, antes do Purgatório, ali está porque se arrependeu na hora extrema e aqui não pode subir antes que passe lá o mesmo tempo que viveu, salvo se for ajudado por pias orações, como foi liberada a vinda de Provenzan até aqui?

[133] – Quando vivia no cume da glória – disse –, de moto-próprio plantou-se no meio da praça de Siena e pôs de lado toda vergonha, a fim de

livrar um amigo do castigo que cumpria na prisão do rei Carlos de Anjou, pondo-se a mendigar. Mais não direi, e sei que minhas palavras são obscuras, mas pouco tempo passará para teus concidadãos agirem de tal modo que poderás tu mesmo explicá-las. [135] Esta obra o livrou dos limites do Antepurgatório.

Canto XII

Virgílio chama a atenção de Dante, que deixa de conversar com Oderisi di Agobbio e acelera o passo. O poeta mantuano chama-lhe a atenção para o chão onde pisa. Ali estão retratados vários exemplos de orgulhosos punidos: Lúcifer, Briareu, Nemrod, Níobe, Saul, Aracne, Roboão, entre outros. Antes de passar para o próximo degrau, o anjo apaga um dos "P" da testa de Dante, o que o faz sentir-se mais leve.

[1] Parelho eu ia, como bois que vão jungidos sob a mesma canga, com aquela alma carregada, até onde me permitiu o doce pedagogo. Mas quando ele disse:

– Deixa-o e segue adiante, pois aqui quem é bom com as velas e os remos empurra, o quanto pode, seu próprio barco – pus-me em pé, ereto, e segui satisfeito os passos do meu mestre, e ambos nos víamos cada vez mais leves.

E ele me disse:

– Olha para baixo, te sentirás bem; para tornar mais tranquilo o caminho, vê o leito em que teus pés pisam.

[16] Assim como nos túmulos da terra colocam-se a efígie do sepultado a fim de preservar-lhe a memória, onde chora-se sua morte por força da lembrança que só aos pios alcança, ali eu vi imagens tais, muito melhores por causa da arte que as fez, figuradas pelo chão do monte que por degraus

avança.

[25] Vi, de um lado, aquele que foi criado de forma mais nobre que qualquer outra criatura despencando do céu como um raio; vi do outro lado Briareu jazer, fulminado pelo raio celestial, tombado no chão, frio como gelo; vi Timbreu[136], Palas e Marte, ainda armados, em volta do pai, olhando os membros dos Gigantes apartados; vi Nemrod aturdido ao pé da sua grande obra[137] a olhar as gentes que em Senaar foram tão soberbas quanto ele.

[37] Ó Níobe, com que olhos tristes eu te vi desenhada no chão, entre os teus catorze filhos mortos! Ó Saul, em cima da própria espada apareces aqui, morto em Gelboé, monte em que não mais se viu chuva nem orvalhada! Ó louca Aracne, te vi já meia aranha, triste e embaraçada nos fiapos da obra que muito mal te fizeste. Ó Roboão, a tua imagem aqui já não parece tão ameaçadora, mas sim assustada, montada num carro sem ninguém a seu encalço.

[49] O duro pavimento ainda mostrava como Alcmeón fez sua mãe pagar caro pelo desventurado colar.[138] Mostrava como os filhos se lançaram sobre Senaquerib dentro do templo e como ali o deixaram, morto. Mostrava a ruína e o cruel estrago que fez Tamíris quando disse a Ciro: “Quiseste sangue, então de sangue te farto”.[139] Mostrava a desabalada fuga dos assírios, depois que Holofernes foi morto, e mais os despojos do seu corpo martirizado.

[61] Via os destroços e as cinzas de Troia. Ó Ílion, como vil e baixa era a tua imagem ali!

[64] Que mestre, pintor e escultor, usou o pincel e o cinzel que extraíram esses claros-escuros e traços que deixariam admirados o engenho mais sutil? Mortos eram mortos, vivos pareciam vivos: quem viu essas cenas de verdade não as conheceu melhor do que eu, que as pisei e as vi com o tronco curvado. Ó soberbos, filhos de Eva, jamais caminhastes olhando para baixo, e assim

não vistes o mau caminho que percorríeis!

[73] Já tínhamos dado a volta no monte, e o sol já caminhara célere para o horizonte sem que meu espírito percebesse, tão absorto estava em outras coisas, quando aquele que sempre está atento começou:

– Levanta a cabeça, não há mais tempo para contemplação. Vê ali um anjo vindo rápido em nossa direção; vê como já retorna a sexta hora, o meio-dia. Mostra-te reverente e mede teus gestos para agradá-lo de modo que nos envie para mais um degrau acima. Lembra que o aqui agora jamais retorna!

[85] Já me habituara a ouvi-lo advertir-me acerca do tempo, sendo sempre muito claro a esse respeito. A bela criatura vinha até nós, de branco, e sua face cintilava como a estrela matutina. De braços e asas abertos, disse:

– Vinde: aqui é perto dos degraus pelos quais facilmente se sobe. Poucos respondem a esse convite. Ó humanos, embora nascidos para voar, por que caem a um sopro qualquer de vento?

Ele nos levou até o ponto onde havia um corte na rocha e ali roçou as asas em meu rosto[140], prometendo-me em seguida uma segura caminhada. Como pela direita, para subir o monte onde está a igreja que domina a “bem conduzida” Florença, sobre a ponte de Rubaconte, se atenua a subida da abrupta ladeira pelas escadas que se fizeram na época em que os cadernos e as medidas não mentiam, assim se abranda a rampa aqui através da qual se chega ao próximo degrau, embora aqui e ali se encoste na parede que a contorna.

[109] Ao chegarmos, vozes cantavam de tal modo o *Beati pauperes spiritu!*[141] que nenhuma palavra conseguiria expressá-las fielmente. Ai, como são diferentes essas passagens das fossas do Inferno! Aqui ao se entrar ouvem-se cantos, lá escutavam-se lamentos atrozes.

[115] Subindo pelos degraus santos, já me sentia bem mais leve que antes.

Disse então:

– Mestre, que peso foi-me tirado, já que nenhum cansaço sinto nesta caminhada?

Ele respondeu:

– Quando os “P” que ainda permanecem em teu rosto forem todos apagados, como este agora, teus pés vencerão mais facilmente o caminho, durante o qual sentirás mais prazer que cansaço.

Então, fiz como aquele que caminha com algo na cabeça sem saber bem o que tem nela, mas que à vista dos gestos alheios passa a suspeitar, e com as mãos no lugar da visão encontra o que procura. Com os dedos da mão direita livres encontrei só seis letras das sete que o anjo portador da chave me gravara na testa.

[136] Enquanto isso, sorrindo, o mestre olhava para mim.

Canto XIII

Os poetas chegam ao segundo degrau, onde os invejosos purgam suas penas. Pelo ar eles ouvem palavras piedosas, que depois descobrem vir dos castigados, como forma de punição. Mais adiante veem o segundo castigo por que passam as almas que foram invejosas na Terra: têm os olhos costurados com fios de ferro. Dante pergunta por algum italiano e acaba conversando com Sápia, de Siena, que lhe conta seu pecado e como chegou àquele patamar do Purgatório graças à reza de Pier Pettinaio.

[1] Estávamos no alto da escada onde pela segunda vez se estreita a montanha, na qual, à medida que se sobe, desfaz-se o mal.

[4] Aqui um terraço contorna o morro como no anterior, à diferença de ser mais fechado o arco que faz. Ali não havia alma nem imagens expostas no

piso rochoso, nem nas paredes, que eram lisas e de cor lívida.

[10] – Se formos esperar alguém para saber que caminho tomar – especulava o poeta –, temo que esperaremos muito.

Em seguida, deteve seu olhar no sol, e tomando o lado direito como centro, contorceu o corpo para a esquerda.

– Ó doce lume em que confio, entro por este novo caminho conduzido por ti – continuava a dizer –, guia-me aqui se queres que adentre mais ainda este reino. Tu aqueces o mundo e sobre ele despejas tua luz; se outra razão não te impede, que teus raios nos guiem sempre.

[22] O que contamos na terra uma milha era o tanto que já havíamos caminhado em pouco tempo pelo segundo degrau. Em nossa direção vinham vozes de espíritos que não víamos e cujas falas eram um convite ao amor e à caridade. A primeira voz que passou voando disse bem alto "*Vinum non habent*"[142] e passando atrás de nós continuou a repeti-lo. E antes que deixássemos de ouvi-la, outra passou gritando "Sou Orestes!" e também não parou.

[34] – Ó pai – eu disse –, que vozes são estas?

E, assim que perguntei, uma terceira voz disse:

– Amai a quem vos tem ofendido.

E o bom mestre disse:

– Neste círculo castiga-se o pecado da inveja, e por isso as peias da chibata são palavras de amor. Com o fito de detê-lo, o freio desse pecado é o som contrário. Creio que o ouvirás antes que chegues à passagem do perdão[143], ao pé do terceiro degrau. Mas mira os olhos no alto, bem fixos, e verás gente sentada, à frente, encostada na parede de rochas.

[46] Assim, com olhos mais abertos, olhei adiante e vi sombras vestidas com mantos da mesma cor das pedras. Depois de andarmos mais um tanto,

ouviam-se os gritos: “Maria, orai por nós”; “Miguel”, “Pedro” e “Todos os santos!”. Não creio que haja um homem vagando pela Terra que seja tão duro que não se condoa com o que vi logo à frente. Assim que cheguei perto deles, onde podia vê-los com nitidez, não pude reprimir a dor, e chorei. Pareciam cobertos por um cilício vil. Um sustentava o outro pelas costas e todos estavam assim apoiados naquela ribanceira, como os cegos que esmolam à frente das igrejas, apoiando a cabeça uns nos outros, para que atinjam mais rápido a piedade alheia, não só pelas palavras, mas também pela visão, o que bom efeito também tem. E assim como a luz do sol não chega aos cegos, a luz do céu não se mostra às sombras aqui, de onde falo agora. Isso porque um fio de ferro transpassa-lhes os cílios, cosendo-os, assim como se faz com o falcão para domesticá-lo.

[73] Sentia-me ultrajando aqueles espíritos enquanto andava, pois eu os via sem ser visto por eles. Por isso, dirigi-me ao meu sábio conselheiro. Ele sabia que embora mudo eu gostaria de perguntá-lo, por isso não me esperou:

– Fala com eles, mas sê breve e arguto.

Virgílio estava do lado do degrau onde se pode cair, pois não há nenhum reparo rodeando o abismo; do outro, estavam as sombras devotas, as quais tinham o rosto banhado de lágrimas por causa da horrível costura que lhes cerrava os olhos.

[85] Virei-me na direção delas e disse:

– Ó gente certa de ver a luz divina, que é a única coisa que vosso desejo almeja, e que logo essa graça resolva essa mácula de vossa consciência, deixando-a fluir límpida pelo rio da mente, dizei-me, pelo que serei muito grato, se há aqui entre vós alguma alma italiana, pois talvez seja bom para ela que eu a reconheça.

[94] – Ó irmão meu, todas almas aqui são cidadãs da cidade verdadeira,

mas tu quiseste dizer de uma que tivesse vivido na Itália, como peregrina.

Essa reposta me pareceu vir de alguém que estava mais à frente, por isso me adiantei em sua direção para que ela pudesse me ouvir melhor. Entre elas vi uma sombra que parecia esperar, dando mostras de querer falar, como se dissesse "Como?", erguendo o queixo de modo a se destacar entre as demais sombras.

– Espírito – disse eu –, doma teu desejo de subir se és tu aquele que me respondeu. Conta-me tua história, seja dizendo onde nasceu ou falando teu nome.

– Fui de Siena – respondeu –, e com estes outros purifico aqui a vida perversa, lamentando até que Aquele nos conceda vê-lo. Sábia não fui, embora fosse chamada de Sápia, e fui muito mais feliz vendo o dano alheio do que pela própria sorte. E para que creias que não estou te enganando, ouve como fui, como te digo, louca, já pelos meus últimos anos de vida. Meus concidadãos estavam perto de Colle[144] em guerra campal com seus adversários, os florentinos, enquanto eu pedia a Deus aquilo que já estava predestinado. Os seneses foram derrotados ali, e me alegrava vê-los fugirem com o rosto amargo, sendo caçados pelos algozes, de tal modo que voltei ousadamente o rosto para o céu, gritando a Deus: "Agora não te temo mais!", como fez o melro diante da breve bonança.[145] No fim da vida, muito tarde, quis conciliar-me com Deus, e minha penitência aqui só foi atenuada porque em minha memória Pier Pettinaio orou piedosamente. Mas quem és tu, que andas perguntando sobre nossa condição, e tens os olhos livres, como penso, e ainda respiras enquanto falas?

– Meus olhos – eu disse – ainda serão tolhidos aqui, mas por pouco tempo, porque com eles, invejosos, ofendi pouco aos outros. Muito maior é meu medo de ter a alma atormentada pelo peso que levam as almas no terraço

anterior a este.

[139] E ela para mim:

– Quem te conduziu até aqui, tu que crês voltar lá para cima?

Eu disse:

– É aquele ali, imóvel. E eu estou vivo, e se quiseres, espírito eleito, posso ir atrás de votos por ti lá em cima.

– Ó, isso é tão alvissareiro de ouvir e um sinal que Deus te ama – respondeu ela –, e por isso tua prece muito me serve. E peço-te por aquilo que mais desejas, se puseres os pés de novo na Toscana, que junto aos meus minha fama repares. Tu os verás entre a gente que perderá a esperança em Talamone, assim como as que a perderam atrás de Diana, e como os almirantes que a perderão muito mais.[146]

Canto XIV

Dante conversa com as almas do segundo degrau, onde estão os invejosos. Elas lhe descrevem as cidades do vale do Arno, desde a sua nascente até a foz. Fazem previsões sobre o futuro de Florença, terra do poeta. Falam também da corrupção na Romanha e, no fim do canto, os poetas ainda ouvem vozes de outros exemplos de invejosos, como Abel e Aglauro.

[1] – Quem é esse aí que circula, vivo, em nosso monte abrindo e fechando os olhos como bem entende?

[4] – Não sei quem é, só sei que não está sozinho. Pergunta tu, que estás mais próximo dele, mas sê doce para ele te escutar.

[7] Assim conversavam sobre mim aquelas duas almas[147], apoiadas uma na outra, à minha direita. Depois, uma delas, antes de falar comigo, ergueu-se

e disse:

– Ó alma que vai rumo ao céu e é ligada ainda ao próprio corpo, por caridade, consola-me e dize de onde vens, quem és, tu que és admirável por essa graça jamais vista aqui.

E eu:

– Pela metade da Toscana se espraia um riozinho que nasce em Falterona e segue por mais de cem milhas até parar no mar. À margem dele nasci, e dizer-te quem sou seria falar em vão, porque meu nome não diz nada ainda a muita gente.

[22]– Se com meu intelecto intuo bem o que disseste – respondeu aquele que falara primeiro –, falas do rio Arno.

E a outra alma lhe disse:

– Por que ele esconde o nome desse rio como se falasse de algo desonroso?

E a outra sombra respondeu assim:

– Não sei, mas desonroso mesmo é o nome do vale por onde esse rio corre, que serviria de pasto a Circe desde sua nascente, que fica bem no alto, ponto onde os Apeninos se separaram do Peloro, até a foz, onde se restaura a água que o sol enxuga do mar. Lugar onde a virtude é inimiga dos seus moradores, que a põem para correr como uma víbora, seja por desventura do lugar ou estimulados por maus hábitos.

[43] Entre porcos sujos, mais afeitos a comerem bolotas do que comida de gente, assim esse rio começa descer sua estreita calha. Logo encontra os aretinos, montanha abaixo, rosnando mais do que podem; e mais à frente torce o focinho, mudando a rota. À medida que cai, engrossa o leito. E quanto mais engrossa essa maldita fossa, mais se encontram cães virando lobos.

[52] Descendo mais, agora em ondas escuras e turbulentas, depara-se com

raposas fraudulentas, das que não caem em armadilha alguma.

[55] Não, não paro de falar. Esse outro aí deve me ouvir, pois isso que o meu espírito manifesta lhe fará bem. Vejo teu neto[148] tornar-se caçador daqueles lobos que estão à margem do horrendo rio, espantando a todos. Vende-lhes a carne ainda vivos, depois manda-os abater como animais velhos. Mata muitos assim, privando-se de toda honra. Sanguinolento, sai da triste selva, deixando-a de tal modo que nem em mil anos ela voltará a ser o que era.

[67] Como ao anúncio de danos dolorosos o rosto de quem os escuta se contrai, vendo de toda parte o perigo chegar, assim vi a outra alma, que estava ouvindo, perturbar-se e entristecer-se depois de ter escutado o que escutou.

[73] A fala de uma e o rosto triste da outra deixaram-me com vontade de saber seus nomes e perguntei-lhes então com bastante cuidado. Então, o primeiro espírito que falara respondeu:

– Queres que eu faça para ti justamente o que não fizeste para mim. Mas já que Deus quis que por ti a graça transparecesse, não serei avaro contigo, saiba então que fui Guido del Duca. Meu sangue de tal forma ardia de inveja a ponto de empalidecer-me todo ao ver alguém feliz. Colhi o que semeei! Ó humanidade, por que pões o coração onde os teus nada terão? Este é Rinieri, glória da casa dos Cálboli, onde ninguém herdou seu valor. E não só os de seu sangue foram privados do bem e da verdade, mas toda gente entre o rio Pó e o monte, entre a marina e o rio Reno. Dentro desses limites, na Romanha, há muitas serpentes venenosas, e demorará muito para se semear qualquer coisa ali.

[97] Onde estão o bom Lízio e Arrigo Mainardi? Pier Traversaro e Guido di Carpigna? Ó povo da Romanha, virastes bastardos? Quando na Bolonha

nascerá novamente um Fabbro dei Lambertazzi? E em Faenza, um Bernadin di Fosco, ramo gentil de humilde gramínea? Não te admires se choro, Toscano, quando recordo, com Guido da Prata, de Ugolino d'Azzo, que vivera conosco; de Federigo Tignoso e sua brigada; da casa Traversara e da família dos Anastagi, as quais não tiveram herdeiros, de suas damas e dos varões, cujos esforços e o ócio que inspiravam o amor cortês no coração agora sopram em homens tão maus. Ó Brettinoro, por que não foges, como os outros de sua família fizeram para escapar de tanta vileza? Bem faz Bagnacavalo, que não tem mais filhos, e mal faz Castrocaro, e Cónio pior ainda, de encher de filhos esses condados. Bem farão os Pagani, que verão seu demônio desaparecer, mas nem por isso seu patrimônio se purificará.

[121] Ó Ugolino de Fantolin, teu nome está assegurado, pois não se encontrará ninguém mais degenerado que tu. Mas vai, Toscano, vai embora, pois agora tenho mais vontade de chorar do que falar, tanto essa conversa me entristeceu.

[127] Sabíamos que aquelas almas caridosas ouviam-nos caminhar. Assim, por nada nos falar, confiávamos no caminho que fazíamos. Ficamos sós mais adiante, e uma voz chegou até nós como um relâmpago que fende o ar: "O primeiro que me encontrar me matará!"[149], e escapou como um trovão que esmaece assim que a nuvem se dispersa.

[136] Tão logo esse alarido cessou, outra voz soou tão fragorosa quanto a anterior:

– Sou Aglauro, aquele que foi transformado em pedra – e então, para aproximar-me do poeta, virei à direita, detendo-me.

Parte do ar já se aquietara quando ele me disse:

– Este é o freio que o homem deveria ter dentro de si como meta. Mas ele sempre apanha a isca jogada pelo antigo adversário, o demônio, e de nada lhe

valem o freio ou o castigo. Mas o céu o chama e gira à sua volta, mostrando-lhe as suas eternas belezas, e seu olhar só mira a terra onde Quem tudo discerne os castiga.

Canto XV

Cai o dia e os poetas são convidados pelo anjo a subir mais um degrau, o terceiro, onde os que praticaram a ira purgam-na. Dante aproveita para pedir a Virgílio que lhe explique o significado das palavras de Guido del Duca, sombra com quem conversara no terraço anterior. Em seguida, Dante entra num estado de torpor durante o qual tem visões de episódios protagonizados por iracundos. Saído do torpor, conversa com Virgílio até chegar a noite, que vem acompanhada de uma fumaça densa e escura.

[1] A esfera celeste rodara desde o princípio do dia, tal como uma criança brincando, enquanto esgotava-se a terceira hora, perto do pôr do sol no Purgatório e da meia-noite no hemisfério boreal. Quando os raios feriram-nos na altura do nariz, já que havíamos dado a volta na montanha e ficado de frente para o crepúsculo, senti no rosto um fulgor muito mais forte que o do sol e maravilhei-me diante daquilo que desconhecia. Ergui as mãos até os olhos para protegê-los a fim de diminuir sua intensidade.

[16] Como quando da água ou do espelho salta um raio que sobe tanto quanto desce o outro raio, no sentido contrário, do qual parte igualmente como de um fio de prumo, como mostram experiência e arte, assim me pareceu refletir essa luz que me golpeara e da qual tive que desviar rapidamente a vista.

[25] – O que é isso, doce pai, do qual meu rosto não pode se proteger – disse eu – e que parece vir ao nosso encontro?

– Não te espantes se a família celeste ainda te fascina – me respondeu. – É o anjo que vem nos convidar a subir. Logo perceberás que ver essas coisas não te incomodará mais, ao contrário, será prazeroso assim que tua natureza adaptar-se a isso.

[34] Depois chegamos perto do anjo abençoado que disse, alegre:

– Entrai por aqui, pois neste lugar a escada é menos íngreme.

Subimos e ali mesmo já ouvimos o *Beati misericordes!* e mais adiante o "Goza, tu que vences!". Subíamos sozinhos eu e meu mestre. Andando, pensei em tirar proveito das suas palavras e dirigi-me a ele, perguntando:

– O que quis dizer o espírito da Romanha[150], com as palavras "proibido" e "parentes"?

E ele para mim:

– Ele conheceu bem os danos que a inveja, o seu maior pecado, lhe trouxe, então não te espantes se ele repreende a todos ali. A inveja enche o peito de suspiros, pois as pessoas lamentam dividir os desejos com os outros. Mas se o amor pela esfera suprema guiasse seu desejo para o alto, não haveria por que temer, pois quanto mais se diz "nosso" ali, mais bem cada um possui e mais caridade arde naquele claustro.

[58] Então, eu disse:

– Estaria mais satisfeito e com menos dúvidas se tivesse me calado. Como pode ser que um bem distribuído entre mais pessoas deixe-as mais ricas se poucas apenas o possuiriam?

E ele:

– Porque tu fixas a mente nas coisas terrenas e, em vez de colheres a verdadeira luz, colhes as trevas. O bem infinito e inefável flui para o amor, assim como os raios passam pelos corpos iluminados. Lá em cima, não só se dá como se encontra o ardor e, quanto mais a caridade se estende, mais sobre

ela aumenta o valor eterno. E quanto mais gente lá em cima se enamora, mais amor ali há e mais se amam. Como num espelho, um refletindo o outro. E se a minha explicação não te sacia, verás Beatriz, que plenamente irá saciar tuas dúvidas. Busca então que sejam logo apagadas, como já foram duas, as cinco marcas que cingem os penitentes.

[82] No momento em que eu queria dizer "Tu me saciaste", vi-me no terceiro degrau, onde as luzes fizeram-me calar. Pareceu-me chegar ali num átimo, onde, como uma visão extática, divisei uma multidão num templo e uma mulher adentrá-lo e, com doce tom maternal, dizer:

– Meu filho, por que fizeste isto conosco? Eis como estamos desconsolados, eu e teu pai, que te procurávamos.[151]

E como depois disso se calou, a visão desapareceu.

[94] Então apareceu outra mulher a dizer, com as lágrimas que a dor destila quando lhe nasce um grande despeito:

– Se és o senhor de Atenas cujo nome resultou de tantas disputas entre os deuses[152], e onde a ciência tudo ilumina, vinga aqueles braços ousados que abraçaram nossa filha, ó Pisístrato!

O senhor, que parecia magnânimo e clemente, respondeu-lhe de modo sensato:

– Que faremos então com aqueles que nos desejam o mal se condenamos quem nos ama?

[106] Em seguida vi gente inflamada de ódio, com pedras nas mãos, assassinar um rapazinho, gritando alto: "Mata, mata!". E o via inclinar-se, por causa da morte que já lhe tomava, para o chão, mas elevando sempre os olhos para o céu, orando para o supremo Senhor, em meio àquela guerra, para que Ele perdoasse seus perseguidores, com aquele aspecto que manifesta a compaixão.[153]

[115] Quando a minha alma voltou a ver as coisas de fora como elas verdadeiramente são, reconheci os meus erros. Meu guia, que me via agir como alguém que recém-despertara do sono, disse:

– O que tens, que não consegues te manter em pé direito, mas mesmo assim andaste mais de meia légua com os olhos fechados e as pernas bambas, como que dobradas pelo vinho ou sono?

[124] Disse-lhe:

– Ó meu doce pai, se me escutares, te direi sobre o que vi quando minhas pernas pareciam amarradas.

E ele:

– Se tu tivesses cem máscaras no rosto, não me esconderias os teus pensamentos, por mais sutis que fossem. Isso que viste se deu porque não abriste teu coração às ondas da paz que são jorradas da eterna fonte. Não perguntei “O que tens”, como faria aquele que olha só por olhar o corpo que lhe jaz à frente, mas perguntei para fortalecer-te os pés, como convém estimular os preguiçosos, que lentos demoram para retomar a vigília.

[139] Andávamos na hora em que o sol morria, olhando em frente o quanto podíamos contra os raios crepusculares e chamejantes. E pouco a pouco vimos a noite escura se aproximar, como uma fumaça escura da qual não se podia desviar.

[148] Isso nos tolheu a visão e o ar puro.

Canto XVI

Dante caminha com as mãos nos ombros de Virgílio. O degrau dos pecadores da ira está tomado por uma fumaça preta e espessa. Mesmo assim, Dante consegue conversar com uma alma. Trata-se de Marco, o Lombardo, que fala sobre a corrupção de seu tempo. Em particular, da

confusão entre os poderes terrenos e espirituais, que, deixando de ser governados separadamente, acabam por gerar muita desordem e confusão. A conversa acaba quando os poetas chegam aos limites daquele círculo e aproxima-se o anjo que os levará para a próxima seção do Purgatório.

[1] Nem a escuridão do Inferno, nem a noite privada de estrelas, sob miserável céu, coberto de nuvens pretas, pôs sobre meu rosto véu tão espesso como aquela fumaça que nos cobria. Áspera como se tivesse pelos, era penoso manter os olhos abertos. Minha escolta, então, aproximou-se e me ofereceu o ombro para eu ir adiante.

[10] Assim como o cego caminha atrás de seu guia para não se perder ou topar em algo que o machuque ou mesmo o mate, assim eu caminhava em meio ao ar acre e imundo, escutando meu condutor, que dizia:

– Cuida para não te perderes de mim.

[16] Ouvia vozes que pareciam orar por paz e misericórdia ao Cordeiro de Deus, aquele que nos livra dos pecados. Começavam com o *Agnus Dei*, entoando-o numa só voz, parecendo estar todos em harmonia.

[22]– São de espíritos, mestre, essas vozes que ouço? – disse eu.

E ele:

– Sim, percebeste bem, são espíritos que vão desatando os nós da ira.

[25]– Ei, tu que fendes nossa fumaça e falas como se repartisses o tempo ainda pelo calendário mundano!

Palavras que ouvimos no ar, o que fez o mestre me dizer:

– Responde e depois pergunta onde encontramos a subida.

[31] E eu, então:

– Ó criatura que se purifica para tornar-se mais bela para aquele que te criou, seria maravilhoso ouvir-te, se puderes me seguir.

– Eu te seguirei quanto puder – respondeu –, e se a fumaça impede que

nos vejamos, o som de nossas vozes nos deixará juntos nesta ação.

[37] Então comecei:

– Cheguei até aqui caminhando pelo Inferno com esse corpo que a morte pouco a pouco dissolve, e agora caminho para o alto. E já que Deus concedeu-me esta graça, de conhecer o Seu reino, de modo inusitado[154], não me escondas quem foste antes de morrer e diz-me se estou no rumo certo para o quarto degrau, sendo tuas palavras a nossa escolta.

[46]– Sou Marco, o Lombardo, conheci bem o mundo e amei os bons valores para os quais ninguém aponta o arco. Para subir, segue em frente. – Desse modo respondeu e acrescentou: – Peço-te que ores por mim quando estiveres lá em cima.

[52] E eu a ele:

– Juro que procurarei fazer o que me pedes, mas não consigo conter uma dúvida, da qual preciso entender para livrar-me dela. Se antes era simples, agora se tornou duas vezes mais complexa por causa do que falaste, pois sobre ela já tinha ouvido noutro lugar aqui.[155] [58] O mundo está completamente deserto de virtudes, como tu falaste, e grávido e coberto de malícia. Mas rogo que me digas a razão disso, para que eu a entenda melhor e possa explicá-la aos outros, pois uns dizem que a causa disso está no Céu, outros na Terra.

[64] Ele suspirou alto e a dor que o cingiu manifestou num sonoro “ui!” e, em seguida, falou:

– Irmão, o mundo é cego e tu, que vens exatamente dele, sabes bem disso. Vós, os homens, viveis atribuindo ao céu a razão de todas as coisas, dizendo que tudo vem do alto, como se tudo se movesse somente pela necessidade. Se assim fosse, não haveria mais o livre-arbítrio. E se não houvesse a justiça, não haveria felicidade por causa do bem, nem luto por causa do mal. Quem

inicia tudo é o céu e o movimento de suas esferas, mas ele deu a luz aos homens para distinguirem o bem do mal e a liberdade de escolher entre os dois. No começo essa luta do livre-arbítrio com o céu é cansativa, mas depois vence a tudo, se de virtudes se alimenta. A liberdade sujeita-se à força maior e à natureza melhor, que criam a razão humana, que, por sua vez, não depende do céu. Por isso, se o homem se perde no mundo presente, é por sua causa e escolha, pois é ele quem o procura, como te demonstrarei agora.[85] A alma surge da mão Dele, que a ama antes que ela exista, que como uma criança chora e ri igual a um bebê, pois tem uma alma simples que nada sabe salvo que, movida pelo criador, volta-se alegre para o que a deleita. Primeiro aprecia os pequenos bens, terrenos, persegue-os e assim se engana se freio ou guias não lhe conduzem retamente o seu amor. Convém haver leis que coloquem os freios e convém também que haja a autoridade que distinga a torre na verdadeira cidade.

[97] As leis existem, mas quem pode aplicá-las? Ninguém, porque o pastor que guia o rebanho não pode regê-lo, pois não tem as unhas fendidas.[156] Porque a gente que o papa guia tende apenas a ver os bens terrenos, que são os que ela aprecia, e nada pede além deles. Podes ver então que é a má conduta a razão de o mundo ser culpado, e não por ser a sua natureza corrupta.

[106] Certo fez Roma, que tinha dois reis, que faziam ver os dois caminhos, o terreno e o divino. Mas um apagou a força do outro e uniu à espada o báculo pastoral. Não convém que os dois andem juntos, pois assim um não teme o outro. Se não crês em mim, observa a espiga, cujo fruto se conhece já na semente.

[115] Na região traçada pelos rios Ádige e Pó, na Lombardia, costumava-se encontrar virtude e cortesia antes que Frederico II começasse a lutar.

Agora pode passar com segurança por ali qualquer um que se envergonha de encontrar homens bons e virtuosos. Mas há ali ainda três velhos que reprovam os novos tempos, e só aguardam a hora em que Deus os levará para o outro mundo. São eles Conrado da Palazzo, o bom Gherardo e Guido da Castel, que é mais conhecido e chamado pelos franceses de “o modesto Lombardo”.

[127] Digo então que se a Igreja de Roma pode abarcar e confundir em si dois poderes, o terreno e o divino, cai na lama e torna-se má a si e ao poder que usurpa.

[130] – Ó caro Marco – disse eu –, são tão bons teus argumentos que agora entendo por que os filhos de Levi não herdaram nada. Mas quem é esse Gherardo, que deste como exemplo daqueles da geração antiga que reprovavam o selvagem século que testemunhavam?

[136] – Ou não compreendo tuas palavras ou queres com elas incitar-me a falar mais – respondeu –, pois és toscano, o que logo percebi. Assim, como podes não conhecer nada sobre Gherardo? Não o conheço por outro sobrenome, cujo sobrenome deu à filha Gaia. Deus esteja convosco, e convosco não sigo mais. Vê o brilho que irradia e branqueia a fumaça? É o anjo que está aqui. É melhor partir antes que ele me veja.

Então, virou-se e não quis me ouvir mais.

Canto XVII

Livre da fumaça, Dante tem visões. Ele contempla exemplos de homens e mulheres punidos por causa de sua ira. Vê Procne, mulher transformada em rouxinol; Lavínia, cuja mãe se suicidou, e outros. Em seguida Dante pergunta a Virgílio que pecado é purgado no quarto degrau. O poeta latino então começa a discorrer sobre a preguiça ou acédia, falando sobre a

natureza do amor e do livre-arbítrio, temas que ocuparão o canto seguinte também.

[1] Leitor, te recordas quando nos Alpes foste surpreendido pelo nevoeiro, e enxergaste tanto quanto uma toupeira; e como, quando os vapores úmidos e espessos começavam a se dispersar, a esfera solar debilmente penetrava por eles; imagina então como eu revi o sol, no instante em que ele se punha.

[10] Assim, emparelhando meus passos aos do mestre, saí dessa nuvem para os raios que já declinavam e não tocavam mais nas margens ao pé da montanha.

[13] Ó imaginação, que nos rouba as coisas que estão além de nós, capaz de nos alhear mesmo ao som de mil trompas, quem te move se os sentidos não te socorrem? Move-te a luz que no céu se forma por si mesma ou pelo desejo que embaixo se a reconheça.

[19] Na minha imaginação aparece então a figura daquela que se transformou em rouxinol. E aqui minha mente recolhe-se tão dentro de si que nada que viesse de fora perceberia. Em seguida irrompeu na minha fantasia um homem, desdenhoso e cruel, crucificado, cuja morte se dava a ver. Em volta dele estavam o grande Assuero e sua esposa, Ester, e o justo Mardoqueu, que foi íntegro tanto ao falar quanto ao agir. A imagem se rompeu sozinha, como uma bolha cuja água que a compõe se desfaz, e surgiu à minha frente uma menina, chorando muito e dizendo:

– Ó rainha, por que deixaste a ira te aniquilar? Suicidaste para não perder Lavínia e acabaste por perder-me de vez! Sou a que chora, aqui, mãe, a tua desgraça antes que o outro encontrasse a dele.[157]

[40] Como alguém que é despertado do sono repentinamente por causa da luz que lhe bate na face e só pouco a pouco vai acordando de vez, assim se deu com a minha imaginação, que desapareceu logo que uma luz muito mais

forte que a normal bateu no meu rosto. Enquanto girava para ver de onde ela vinha, ouvi uma voz, “Sobe-se por aqui”, que de qualquer outro fim me desviou, além de despertar-me imediatamente a vontade de ver quem falava, que não arrefeceria enquanto não topasse com o que almejava. Mas igual ao sol que nossa visão agride e por isso vela-nos a sua imagem, assim minha virtude ali me faltava.

[55] – Este é o espírito divino, que mostra o caminho que leva para cima sem que lhe peçamos nada e a sua luz impede que o vejamos. Age conosco como o homem age consigo mesmo, porque aquele que espera que o chamem quando vê o mal à sua frente já está se negando a ajudar e com isso não age bem. Agora aceitemos esse convite e tratemos de subir antes que escureça, quando não poderemos ir adiante – assim falou o meu guia.

[64] Então, junto com ele dirigi-me para o próximo degrau e, antes que lhe tocasse os pés, senti um vento no rosto como um roçar de asas, dizendo:

– *Beati pacifici*, quem está livre da malsinada ira![158]

Já iam sobre nós os últimos raios do sol seguidos da noite, quando de todos os lados surgiam estrelas.

[73]– Ai, força minha, por que te desvaneces? – dizia para mim mesmo, pois sentia cessar o poder de minhas pernas.

[76] Já estávamos onde acabara a escada, onde tudo era firme, sentindo-nos como a nave que chega à praia. Aguardei um pouco para ver se ouvia alguma coisa neste novo degrau, o quarto, depois voltei-me para meu mestre e disse:

– Meu doce pai, diz qual pecado se purga aqui neste patamar? Se os pés param agora, não para a tua palavra.

[85] E ele:

– O amor do bem que faltou aqui se restaura aferrando remos, o que

redime o mal de os ter batido devagar.[159] Mas, para que entendas isso mais amplamente, volta teu pensamento para mim e colherás bons frutos desse nosso repouso.

[91] Então, começou o mestre:

– Sabes bem que nem criador, nem criatura, meu filho, é sem amor, seja ele natural ou desejado pelo espírito. O natural nunca erra, mas o outro pode errar seja por escolher mal o seu alvo ou por excesso ou falta de vigor. Não é causa de pecado algum, enquanto ele se volta ao sumo bem e aos bens terrenos com a justa medida. Mas quando se volta para o mal, ou quando não com menos cuidado se volta ao bem, a criatura age contra o criador.

[103] Então convém entender que o amor é a semente de toda virtude e de todo ato que mereça punição. Uma vez que o amor jamais pode desviar o rosto de seu objeto dileto, não se pode odiar a si próprio; e porque não se pode admitir o homem separado do sumo bem, ninguém pode odiá-Lo. Resta, então, se raciocino bem, o malquerer ao próximo; o qual nasce do vosso barro de três modos.

[115] O primeiro é quem espera ter vantagem com a supressão de seu vizinho, desejando tão somente isto: ser grande por meios baixos. Segundo é quem teme perder o poder, a graça, a honra e a fama para os outros, e assim desejando o mal alheio. Por último, quem se ressente da injúria alheia a ponto de desejar vingá-la e fazer mal ao outro.[160]

[124] Lá embaixo, no Inferno, lamentam-se estas três formas do amor – a soberba, a inveja e a ira... Agora quero que tu entendas que outra coisa ocorre aqui, neste degrau; é sobre um amor que se dirige ao bem, mas corrompidamente. Cada um forma uma ideia do bem, que deseja e o acalma, e luta por ele. Se o lento amor te arrasta e não te deixa conquistar o bem que desejas, é justamente neste círculo que deves expiar esse mal.

[133] Há outro bem que não faz o homem feliz, pois não sendo boa a essência, também não são o fruto e a raiz.[161] Quem a esse amor se abandona, chora sobre nós, nos três degraus acima e sobre a forma pela qual se repartem, em três, calarei, para que tu mesmo o vejas.

Canto XVIII

Dante pede que Virgílio continue explicando-lhe a natureza do amor. O poeta fala disso e do livre-arbítrio, por meio do qual o homem escolhe agir mal ou bem. Depois a lua aparece, e os poetas veem os condenados pela preguiça movendo-se rapidamente pelo quarto terraço do Purgatório. Conversam com um abade de Verona e ouvem os preguiçosos gritarem exemplos de castigos contra a preguiça. Dante começa a divagar e adormece.

[1] Assim que acabou seu discurso, o grande mestre olhou-me com atenção para saber se eu estava satisfeito. Eu, que ainda não saciara minha sede e queria mais, por fora permanecia calado mas por dentro dizia para mim mesmo: “Talvez essas minhas perguntas o deixem cansado”. Mas esse verdadeiro pai se deu conta de minha timidez, que impedia-me de falar, e encorajou-me a continuar.

[10] Então, perguntei:

– Mestre, agora vejo melhor com tua luz, com a qual consigo discernir claramente tanto o que argumentas quanto o que descreves. Mas peço-te, meu doce e caro pai, que fales do amor, que conduz tanto a boa quanto a má ação.

[16] Ele disse, então:

– Volta os penetrantes olhos de teu intelecto para mim e vê como é evidente o erro que cometem aqueles cegos que se deixam guiar por

outros.[162] A alma, criada com uma disposição natural para amar, move-se em vista de toda coisa que lhe agrada, assim que é despertada pelo prazer. A capacidade humana de apreender extrai do ser uma imagem, que se torna clara dentro do homem, fazendo com que seu ânimo se dirija a ela. E se ele se inclina para ela, essa inclinação é o amor. Essa é uma disposição natural que no homem se une por obra da coisa amada. Pois assim como a natureza do fogo o leva a mover-se para alto, onde sua matéria conserva-se mais, da mesma forma se dá com o espírito, que, tomado pelo amor, passa a desejar a coisa amada e só descansa quando ela o satisfizer.

[34] Agora podes perceber o quanto a verdade se esconde às gentes que defendem que toda forma de amor é boa em si mesma, talvez porque a coisa amada sempre pareça boa. Mas nem sempre é boa a imagem gravada na cera, só porque esta é boa.

[40] Então respondi:

– Minha atenção segue bem o teu discurso, que revelou-me o que é o amor, mas isso deixou-me com muito mais dúvidas Se o amor nos vem de fora e se a alma não pode agir de outra forma a não ser assim, não é culpa dela, então, encaminhar-se pelo bom ou mau caminho.

E o mestre:

– O quanto posso dizer-te aqui é da ordem da razão; quanto à obra de fé, espera Beatriz, a quem sobre isso poderás ouvir mais adiante. Toda forma substancial, embora distinta do corpo, é unida a ele, tem uma virtude específica em si, que não é percebida se ela não age, pois só é percebida pelos seus efeitos, assim como a força vital de uma planta só aparece no verde de suas copas.

[55] Assim, o homem não sabe de onde vem seu conhecimento das coisas primeiras, tampouco o amor pelos primeiros bens, que estão nele como está

nas abelhas o instinto de fazer o mel. Esse primeiro desejo, então, não merece elogio ou reprovação. Uma vez que todas as outras vontades se reúnem em torno dessa, é inata no homem a razão, a qual deve vigiar toda as decisões humanas. É da presença da razão que vem o mérito de julgar, por meio do qual se acolhe ou veta-se o bom ou mau amor.

[67] Aqueles que pensaram profundamente sobre isso se deram conta dessa liberdade inata, cuja doutrina legaram ao mundo.

[70] Então, admitindo que todo amor que se acende no homem surge por necessidade, é ele o soberano que tem a faculdade de reter ou não esse amor. É isso que Beatriz entende como a nobre virtude do livre-arbítrio, e trata então de reter isso em tua mente quando ela falar-te disso.

[76] A lua, quase à meia-noite, como um grande latão ardente fazia rarearem as estrelas no céu. Ela ia na direção contrária que costuma ir sobre as vias incendiadas pelo sol na época em que os romanos o veem se pôr entre a Sardenha e a Córsega. E aquela alma gentil que fez Piétole ser a região mantuana mais famosa aliviara-se da carga de minhas perguntas, porque eu, cuja mente ficara mais esclarecida e segura com as respostas que me dera, estava com muito sono.

[88] Mas esse estado de sonolência foi rompido repentinamente por uma gente que, vindo por trás, corria em nossa direção. Tal como uma multidão de tebanos acorreu furiosa às margens dos rios Ismeno e Asopo para homenagear o deus Baco, vi naquele degrau uma multidão que ali galopava fustigada pelo bem querer e o justo amor. Assim chegaram rapidamente até nós, e à frente duas almas gritavam bem alto:

– Apressada, Maria correu até a montanha para visitar Santa Elisabete; e César, a fim de subjugar Ilerda, sitiou Marselha e correu para Espanha.

E outros mais atrás gritavam:

– Rápido, rápido, não percamos tempo por um fraco amor, pois só o empenho pelo bem nos traz a graça.

[106] – Ó gente cujo fervor agora talvez recompense a negligência e a hesitação que em vida não o fizeram agir bem, este que vive, e é certo que não minto a vocês, quer subir mais, assim que o sol voltar a brilhar, por isso nos digam onde está a passagem mais próxima.

[113] Essas foram as palavras do meu guia logo respondidas por uma daquelas almas, que disse:

– Vem atrás de nós que encontrarás a abertura. Temos tanta vontade de nos mover que não podemos parar, por isso perdoa-nos caso nossa justa expiação te ofenda.

[118] Fui abade em São Zeno, em Verona, sob o império do bom Barbarossa, do qual os milaneses ainda falam com pesar. Ali, alguém, já com o pé na cova, em breve irá lamentar o poder nefasto que exerceu naquele mosteiro ao indicar seu filho para ser o abade, que era defeituoso não só física como mentalmente.[163]

Não sei se ele disse mais ou se calou, pois já havia se distanciado bastante de nós, mas compreendi o que ele disse e relembrá-lo me agrada.

[130] Então aquele que sempre me socorre disse:

– Vire-se para cá, e vê ainda aqueles dois espíritos que ficaram para trás ralharem contra a preguiça.

[133] Indo atrás da multidão, os dois diziam:

– Primeiro vão aqueles que viram o mar Vermelho abrir-se e morreram sem ver o rio Jordão, só visto pelos seus filhos; atrás deles vão aqueles que se cansaram e pararam de seguir o filho de Anquises, deixando-se levar por uma vida sem glória.

[139] Depois que não foi possível ver mais aquelas sombras de tão longe

que estavam, veio-me um novo pensamento, do qual vieram mais e diversos, sobre os quais divaguei até que meus olhos se fecharam e do pensamento passei ao sonho.

Canto XIX

Dante sonha com uma mulher gaga, vesga e coxa. Uma sereia que o seduz com seu canto. Simboliza a incontinência. Ela é afastada por uma outra mulher, santa. Ele acorda e segue o caminho com Virgílio à procura a passagem que os levará para o quinto degrau. Encontram o anjo que lhes aponta a fenda e apaga o quarto "P" da testa de Dante. Alcançam, então, o giro onde penam os avaros e os pródigos. A justiça divina os faz ficar deitados, de barriga para baixo. Dante conversa com o papa Adriano V, um dos condenados.

[1] Na hora em que o calor da manhã não consegue esquentar o frio da lua, vencido pela terra ou por Saturno[164], momento em que os geomantes veem antes da aurora as constelações de Peixe e Aquário, conhecidas por Maior Fortuna, no Oriente, sonhei com uma mulher gaga, vesga, coxa, maneta e pálida. Tal como o sol restaura os membros entorpecidos pela noite fria, ao receber meu olhar sua língua soltara-se, seu corpo endireitara-se e sua face estúpida, levada pelo amor, recompusera-se, ganhando cor. Desandara a falar e logo pusera-se a cantar de tal modo que só com muito custo seria possível não escutá-la.

[18] Ela cantava:

– Sou, eu sou a doce sereia que encanta os marinheiros em alto-mar, que se enchem de prazer com a melodia que lhes ofereço! Desviei Ulisses do seu caminho com meu canto, e aquele que se habitua a ele muito raramente

consegue partir, dado o gozo que sente![165]

Mal fechara a boca quando chegou uma mulher, santa e ligeira, que ao meu lado humilhou a outra.

[28] – Ó Virgílio, Virgílio, quem é esta? – eu dizia ardentemente, e ele vinha com os olhos fixos na mulher honesta. A outra, enquanto isso, diante dele pegara os panos que a vestiam e os levantava mostrando a barriga, o que me fez despertar, dado o mau cheiro que se desprendia dela.

[34] Esfreguei os olhos e o bom mestre disse-me:

– Chamei-te pelo menos três vezes! Levanta e vem, encontremos a fenda pela qual tu deves passar.

Ergui-me, e o terraço estava tomado pelo sol, que já batia em nossas costas. Seguindo-o, minha mente ia pesada por causa dos pensamentos que carregava, que faz a gente dobrar-se como o arco de uma ponte, quando ouvi uma voz bem suave, como jamais se ouve no reino dos vivos:

– Vinde, a passagem é por aqui.

Com as asas abertas, semelhantes às de um cisne, voou para o alto aquele que falara e indicou-nos a passagem entre as duas paredes do maciço montanhoso. Moveu as penas, ventilando-nos e apagando o quarto “P” da minha testa. *Qui lugent*[166], felizes os que choram, pois haverão de se consolar e se tornar senhores de sua alma.

[52] Então meu guia dirigiu-se a mim, assim que nos distanciamos do anjo:

– O que tens, que caminhas assim, olhando para o chão?

E eu:

– Vou sobrecarregado pela visão que tive. Não consigo me desprender dela, ela não sai do meu pensamento.

Virgílio disse, então:

– Viste aquela antiga feiticeira por causa da qual os condenados choram nos degraus acima[167]; viste como o homem se desvencilha dela. E que isto te baste e corre agora, sem deixar de olhar para o alto onde giram e nos chamam eternamente as esferas celestes.

[64] Ao atravessar a fenda que dava caminho para o giro acima, agi como o falcão, que primeiro mira os pés e se volta em seguida em direção ao chamado de seu adestrador e depois, guiado pela fome, se projeta em direção à presa. Quando cheguei ao terraço do quinto círculo, vi por todos os cantos pessoas no chão, de bruços, chorando. Ouvia-os dizer *Adhaesit pavimento anima mea*[168] em meio a fortes suspiros, que a muito custo deixavam-nos entender suas palavras.

[76] – Ó escolhidos de Deus, cujos sofrimentos a justiça e a esperança tornam menos duros, mostrem-nos a direção dos próximos degraus – dirigiu-se Virgílio às almas deitadas no chão.

Uma delas respondeu:

– Se estais livres de jazer neste chão e quereis encontrar o mais rápido possível o caminho, caminhai deixando sempre à direita o lado de fora.

[82] Essas palavras soaram bem perto de nós e pude distinguir o dono delas em meio às outras almas. Virei-me e encarei o meu senhor, que consentiu com um leve aceno o que eu lhe pedia só com os trejeitos do meu rosto.

[88] Então, assim que pude agir de acordo com meu entendimento, aproximei-me daquela criatura cujas palavras me chamaram a atenção e disse-lhe sem demora:

– Espírito em que amadurece o pranto sem o qual não se pode voltar a Deus, suspende um pouco, por mim, a tua expiação. Quem foste e por que tens as costas voltadas para cima, diz-me e, se quiseres, intervenho em teu

favor lá de onde vim.

[97] E ele:

– Logo saberás por que nossas costas estão voltadas para o céu, mas antes *scias quod ego fui successor Petri*[169], ou seja, fui papa. Entre Sestri e Chiávari, desce um belo rio que deu nome à minha família. Por pouco mais de um mês pude provar como pesa o grande manto para quem o olha da lama, e como perto dele as demais coisas parecem plumas. A minha conversão, ai de mim, foi tardia. Assim que tornei-me bispo de Roma, descobri como a vida mundana é falaciosa. Vi que o coração ali não se apaziguaria, nem poderia ascender mais, e meu amor se acendeu para a vida eterna. Até esse ponto minha alma era miserável e afastada de Deus, completamente avara; razão, como podes perceber, de eu ser punido aqui. Isto que vês é o que a avareza faz à alma convertida purgar, e não há neste monte pena mais amarga. Assim como nossos olhos não se voltaram para céu quando éramos vivos, vidrados que estavam nas coisas terrenas, aqui seguem voltados para o chão, de acordo com a justiça do céu. Como a avareza consome todo nosso amor pelo bem, o que faz todas as nossas ações serem vãs, a justiça nos tem assim bem ligados uns aos outros, presos pelos pés e pelas mãos. E assim ficaremos, imóveis e deitados, enquanto o justo Senhor achar melhor.

[127] Eu me ajoelhara e tive vontade de falar, mas, quando ia começar, ele pressentiu só com os ouvidos minha reverência e disse:

– Por que te ajoelhaste?

E eu:

– Por vossa dignidade, remoeu-me a ideia de ficar em pé.

– Endireita as pernas e levanta, irmão – respondeu –, não te enganes, como tu e todos os outros sou servo de uma só potestade. Se compreendeste a santa palavra do evangelho que diz *Neque nubent*[170], podes entender por que

falo isso. Vai agora, não quero que permaneças mais aqui, pois a tua presença impede-me de chorar, com o que amadureço minha expiação, como tu mesmo disseste. Tenho uma sobrinha entre os vivos que se chama Alágia, de bom temperamento, se a minha família não fez dela mais um mau exemplo. Ela é a única que tenho entre os meus por lá.

Canto XX

Os poetas seguem pelo estreito caminho do quinto degrau. Dante repudia a loba, símbolo da avareza. Depois começam a ouvir frases que evocam exemplos edificantes de humildade e pobreza. Encontram Hugo Capeto, rei francês, que conversa com eles. Este condena a própria descendência e descreve as ações de filhos que reinaram na França. Conta também que à noite os condenados gritam exemplos de avarentos notórios, como Pigmalião e Midas, entre outros. Antes de terminar o canto, sentem a montanha tremer ao mesmo tempo que ouvem em uníssono entoar o Gloria in Excelsis.

[1] Não se combate o bem-querer com um querer menor; assim, contra a minha vontade e para agradar-lhe, tirei da água a esponja ainda não encharcada. Comecei a andar, e meu guia conduziu-me pelos espaços livres ao longo da rocha, tal como se vai por entre as ameias de um forte, porque ali as almas que vertem pelos olhos, gota a gota, o mal que grassa pelo mundo ocupam quase de ponta a ponta a região entre o abismo e a escarpa do degrau.

[10] Maldita sejas tu, velha loba, que mais que todas as outras bestas fez das almas tua presa, com tua fome insaciável e cúpida! Ó céu, cujas voltas fazem mudar as coisas aqui embaixo, quando virá aquele que dizimará essa fera?

[16] Andávamos lentamente, encurtando os passos. Eu observava atentamente uma sombra chorar e lamentar-se compassivamente quando de repente ouvi:

– Doce Maria!

Chamava assim diante de nós, chorando como uma mulher que está parindo e prosseguia:

– Foste tão pobre como se pode ver pelo estábulo onde depuseste o santo que em teu ventre levavas.

Em seguida, ouvi:

– Ó bom Fabrício, cônsul romano, preferiste ser pobre e virtuoso a ser rico e desonesto.

[28] Agradavam-me tanto essas palavras que adiantei meus passos para conhecer de perto aquele espírito de quem pareciam vir. Ele falava ainda da generosidade de São Nicolau com as donzelas, evitando que perdessem sua dignidade antes de desposarem-se. Então eu disse:

– Ó alma que profere palavras tão belas, diz-me quem foste e por que só louvas atos dignos de ser relembrados. E tuas palavras não deixarão de ser recompensadas, caso eu retorne para cumprir o breve caminho que voa célere para seu fim.

[40] E ele:

– Eu te direi mas não pelo conforto que pode vir-me do mundo de lá, mas porque muita graça jorrará sobre ti antes que venhas a morrer. Fui a raiz da planta má que oprime toda a cristandade, por isso raramente se colhem bons frutos dela. Mas se Donai, Lille, Gand e Bruges pudessem, se vingariam imediatamente, o que rogo Àquele que tudo julga.

Chamava-me Hugo Capeto, e de mim nasceram Filipe e Luís, que governaram a França mais recentemente. Meu pai era um açougueiro de Paris

e, quando os reis da antiga dinastia desapareceram, com exceção de um que vestira o hábito cinza, vi-me com as rédeas do reino nas mãos. Com tantas posses e rodeado de tantos amigos, pude colocar a coroa vacante na cabeça de meu filho Roberto, do qual começou uma sagrada dinastia.

[61] Enquanto o grande dote provençal ainda não havia envergonhado meus descendentes, eles valiam pouco mas não faziam mal a ninguém. Neste momento eles começaram com força e fraude a sua rapina e, em seguida, por expiação, tomaram Ponthieu, a Normandia e também a Gasconha. E ainda para expiarem suas atrocidades, Carlos de Anjou foi à Itália e lá decapitou Corradino e depois mandou Tomás de Aquino para o reino do Céu[171], também por penitência.

[70] Num tempo não muito distante, vejo que chegará à Itália um outro Carlos[172], vindo da França, que dará a conhecer melhor a sua maldade e a dos seus parentes. Sai sem armas da França, ou melhor, só com a lança usada por Judas, e com sua ponta desviscera o ventre de Florença. Com isso não ganhará reinos, ao contrário, só levará a vergonha e o pecado, que mais graves são quanto menos os achar danosos. O outro já saiu da nave em que estava preso e o vejo vender a filha e negociá-la como um corsário negocia as escravas.[173]

[82] Ó avareza, o que ainda podes fazer ao sangue meu, tu que não poupaste nem a carne de minha carne? Para que pareça menor o mal futuro e passado, vejo em Alagna entrar o portador da flor-de-lis e capturar o vigário de Cristo. Vejo-o ser escarnecido novamente, vejo renovarem-se o ácido e o fel e vejo-o assassinado entre ladrões que seguem vivos. Vejo Felipe, o Belo, que não sacia sua crueldade. Sem decreto, esse novo Pilatos, como um pirata, prende e subjuga os templários.

[94] Ó senhor, quando me regozijarei com a vingança que, escondida,

torna doce a ira que guardas em segredo? Aquilo que eu dizia em louvação à esposa do Espírito Santo[174], e que fez tu dirigir-te a mim para obter alguma explicação, é como o responsório de todas nossas preces enquanto dura o dia. Mas, quando anoitece, fazemos tudo ao contrário. É a hora em que recordamos Pigmalião, cuja avidez pelo ouro o fez traidor, ladrão e parricida; e o avaro Midas, que encontrou a miséria depois da dádiva insaciável da qual convém que se escarneça sempre. Cada um de nós também se lembra do louco Acã, que surrupiou parte do espólio de Jericó, e que por isso ainda a ira de Josué parece morder-lhe.[175] Então acusamos Safira e seu marido e também louvamos o coice dado em Heliodoro.[176] Em todo monte circula o nome infame de Polinestro, assassino de Polidoro; e, por fim, gritamos: "Crasso, diz-nos, tu que o sabes, que sabor o ouro tem?".[177]

[118] Às vezes um de nós fala mais alto, outro fala mais baixo, segundo a força dos sentimentos que impulsiona cada um; ora caminhamos a passos mais longos ora mais curtos. Assim, eu não estava só quando pregávamos havia pouco, de dia, o bem, embora não tenhas ouvido, perto de mim, a voz de ninguém.

[124] Já estávamos longe dele àquela altura e estudávamos como avançar pelo caminho tanto quanto isso nos era possível quando senti a montanha tremer. Um frio me tomou o corpo todo como só acontece com alguém que a morte está prestes a desencaminhar. Nem a ilha de Delos sacudiu assim antes de Latona ir lá fazer o ninho para parir os dois olhos do céu.[178] Em seguida, soou de todos os lados um grito, que fez o mestre virar-se para mim e dizer:

– Não titubeies enquanto te conduzo.

[136] *Glorïa in excelsis Deo*[179] era o que diziam, como aos poucos eu ia compreendendo. Paramos e suspendemos todos nossos gestos, como os pastores[180] que pela primeira vez ouviram aquele canto, que só cessou

quando o tremor havia passado. Só então retomamos nosso caminho sagrado, olhando as sombras que jaziam no chão e retomavam seu pranto costumeiro.

[145] Se minha memória não falha, nunca a ignorância fez desejar tanto saber a causa daquele tremor como naquela hora. Mesmo ruminando essa dúvida não ousava perguntar ao mestre, que seguia apressado, e nem comigo mesmo conseguia chegar a uma resposta. Assim, eu ia, temeroso e pensativo.

Canto XXI

O tremor ocorre quando uma alma do Purgatório expia sua pena e está pronta para ascender ao céu. Quem explica isso a eles é Estácio, poeta romano, autor da Tebaida. Ao revelar quem é, narra sua admiração por Virgílio sem saber que este o escutava. Dante revela a identidade do autor da Eneida para ele. Estácio ajoelha-se, mas logo Virgílio pede-lhe para levantar-se, dizendo-lhe que ali ambos são meras sombras.

[1] Atormentava-me a sede de saber, que jamais sacia, a não ser com a graça, como aquela que a garotinha samaritana rogou a Jesus. Mas com pressa afligia-me vencer a louca via na qual caminhava atrás do meu mestre, e na qual doía-me ver a justa pena que as sombras sofriam ali.

[7] Eis então que surge atrás de nós, repentinamente, uma sombra, tal como Cristo apareceu depois de sua ressurreição, como escreveu Lucas, para dois discípulos na estrada de Emaús. Como olhávamos para baixo para não pisarmos na multidão que ali jazia, não percebemos sua presença até que nos saudasse, dizendo:

– Ó meus irmãos, que a paz esteja convosco.[181]

Então nos viramos rapidamente, e Virgílio retribuiu-lhe a saudação com a mesma cortesia e depois disse:

– Que o beato concílio te receba em paz na corte sagrada, a mesma que me relega ao eterno exílio.

[19] – Como! – disse ele, enquanto apressávamos o passo – se não sois dignos de subir, quem vos guiou até aqui?

E o meu sábio:

– Se observares bem o sinal que meu companheiro leva na testa, traçado pelo anjo, verás então como ele convém a este reino beato. Cloto, aquela que fia dia e noite a linha da vida, ainda não terminou a meada que o mantém vivo. Assim, essa alma, que é irmã minha e tua, não podia seguir sozinha por aqui, pois ela não reconhece as coisas como nós as reconhecemos. Portanto, fui chamado onde estava, na seção em que a garganta do Inferno é mais larga, para mostrar-lhe este lugar até onde eu puder e souber levá-lo. Mas diz-me, se puderes, por que o monte sacudiu daquele modo e por que todas as almas daqui puseram-se a gritar, até mesmo aquelas que penam lá embaixo, na praia?

[37] Perguntando assim, ecoou meu desejo, cuja sede aliviou só pela esperança de senti-la saciada. Então a sombra começou:

– Tudo o que acontece aqui se deve às leis da sagrada montanha e não há desordem nenhuma também. Ela está livre de toda mudança, só a atinge o que vem do céu e não o que vem de fora dele. Por isso acima dos três curtos degraus da entrada do Purgatório não chove, não neva, nem cai granizo, garoa ou orvalho; não aparecem nem grandes nem pequenas nuvens, nem há relâmpagos, nem mesmo se mostra aqui a filha de Taumante[182], o arco-íris, que no outro mundo muda toda hora de lugar. Nem mesmo o vapor consegue subir além do topo dos três degraus de que falei acima, onde o anjo, vigário de Pedro, está postado. Muito ou pouco abaixo deles talvez o monte trema, por causa do vento que se oculta na terra; mas aqui no alto isso nunca

provocou qualquer alteração. O monte treme aqui por outra razão. Treme quando uma alma se sente purificada e move-se em direção ao céu, e sua ascensão é acompanhada dos gritos de glória. Basta a vontade como prova da purificação. E a alma, livre para mudar de ordem, é surpreendida e desse querer se regozija. Embora ela já desejasse isso antes, uma força a impedia, imposta pela justiça divina. Assim, a alma continuava a expiar o próprio pecado e seguia em seu tormento até esse dia. Eu, que já estou aqui há mais de quinhentos anos, só agora senti essa vontade libertadora de entrar em outra casa. Por isso sentiste o tremor e ouviste de todo o monte a louvação dos espíritos pios ao Senhor, que logo me enviará para cima.

[73] Assim disse ele sobre o que eu gostaria de saber. Isso saciou minha sede a tal ponto que não saberia dizer como foi grande o prazer em saciá-la.

[76] Então o sábio guia disse-lhe:

– Agora vejo a rede com a qual se é enredado e como se desenreda dela, o que faz tudo tremer por aqui e provocar essa alegria em todos. Gostaria de saber quem foste e por que jazes aqui, neste degrau, por tantos séculos.

E o espírito respondeu:

– No tempo em que o bom Tito, com a ajuda de Deus, vingou as chagas pelas quais saiu o sangue de Jesus vendido por Judas, meu nome já era conhecido e honrado. Eu era famoso, mas desprovido de fé ainda. O meu canto era tão doce que Roma me acolheu, embora eu tivesse nascido em Tolosa. Em Roma cingiram-me com a coroa de mirto. O povo de lá ainda me chama de Estácio. Cantei a guerra de Tebas e depois os feitos do grande Aquiles, os quais não terminei de celebrar porque a morte levou-me antes.[183] O ardor dos meus versos foi semeado por fagulhas da divina chama da qual se iluminam milhares de outros poetas. Estou falando da *Eneida*, que, enquanto escrevia meus poemas, foi minha mãe e nutriz, sem a qual meus

versos não valeriam coisa alguma. E para ter vivido no tempo de Virgílio, consentiria ficar mais um ano neste exílio, antes de subir ao Paraíso.

[103] Depois de ouvir essas palavras, Virgílio virou-se em minha direção sem dizer nada, mas seu olhar mandava-me calar. Mas nem tudo que a vontade quer ela consegue. O riso e o pranto seguem a paixão quando são estimulados e obedecem-na aqueles que são mais verdadeiros. Sorri, então, para Estácio. Isso o fez permanecer calado um instante. Encarou-me à espera de que eu falasse mais e logo dirigiu-se a mim novamente:

– Que esta tua dura viagem chegue a bom termo, mas por que há pouco tua face abriu-se num sorriso para mim?

[115] Neste ponto fiquei prisioneiro de duas vontades, entre calar e falar. Então suspirei, e meu mestre, entendendo o que se passava, disse:

– Não tenhas medo de falar. Mas fala e diz-lhe o que ele pede com tanta vontade.

[121] Então eu disse:

– Talvez te espante o fato de eu sorrir, ó antiga alma, mas ficarás mais espantado agora. Este que me guia em direção ao alto do monte é justamente aquele Virgílio do qual derivaste teu cantar sobre os homens e os deuses. Se pensaste que eu ria por outro motivo, deixa para lá e crê nestas palavras que acabo de te dizer.

[130] Estácio se inclinara para abraçar os pés do meu mestre, quando este lhe disse:

– Irmão, não faças isso, tu és sombra e é sombra o que vês também.

Erguendo-se, ele disse:

– Ó, podes compreender quanto me abrasa o amor que sinto por ti, num instante em que esqueço ser sombra e penso ser sólido.

Canto XXII

Dante, Virgílio e Estácio chegam ao sexto giro do Purgatório, onde se expia o pecado da gula. Virgílio toma a palavra e pergunta a Estácio como ele foi parar entre os avaros. O autor da Tebaida lhe explica então que esteve ali por causa do pecado oposto, a prodigalidade. Conta ainda que só conseguiu escapar das penas infernais por causa da obra de Virgílio. Em seguida Estácio pergunta onde estão Terêncio e outros poetas latinos. Virgílio relata-lhe que estão no Limbo junto com vários outros nomes da Antiguidade greco-romana. No fim do canto veem uma árvore caída no caminho e ouvem vozes vindo do meio da sua copa.

[1] O anjo que nos levou até o sexto degrau já ficara para trás, apagando da minha testa mais um "P". Antes abençoara aquele que tem sede de justiça e encerrou sua fala dizendo o *sitiunt*.[184]

[7] Sentia-me mais leve caminhando nesta trilha. Sem me cansar, seguia Virgílio e Estácio, que subiam rapidamente a montanha. Então, o mantuano disse:

– O amor aceso pela virtude sempre incendeia outro, pois sua chama se projeta para fora. Quando Juvenal desceu até nós no Limbo, soube de tua estima por mim, e o meu afeto por ti foi tal como jamais se viu entre pessoas estranhas, o que faz essa escalada mais breve.

[19] Mas diz-me e perdoa-me, caro amigo, se eu deixar me levar sem freios e como amigo diz-me como pôde acolher em teu espírito a avareza, em meio à sabedoria que adquiriste com tanto estudo e a qual tiveste em profusão?

[25] Ao ouvir essas palavras Estácio esboçou um leve sorriso, que logo desapareceu de seu rosto quando começou a responder:

– Cada palavra tua para mim é um sinal de amor. Com efeito, muitas vezes as coisas por esconderem sua verdadeira causa nos levam a formular maus juízos. A tua pergunta decerto foi gerada por me veres no círculo dos avaros, por isso concluíste ter sido este o meu pecado na outra vida. Mas saiba, a avareza esteve sempre muito longe de mim, expiei aqui por milhares de luas o pecado contrário, a prodigalidade. Se eu não tivesse compreendido teus versos, "A que não obrigas tu os corações dos mortais, ó maldita fome de ouro!"[185], em que clamaste contra a corrupção humana, estaria no Inferno rolando pedras eternamente. Então me dei conta de que, assim como o pássaro abre as asas para exibir-se, abrir as mãos é um mal que me levara a gastar demasiadamente, e assim me arrependi deste e de outros pecados. Quantos destes ressurgirão com os cabelos tosados, pela ignorância desse pecado, do qual não se arrependeram nem podem se arrepender, vivos ou mortos! Saiba que as culpas que se defrontam em exata oposição se expiam juntas, por isso se estou entre os avaros é justamente para purgar-me do pecado contrário.

[55] Disse então o poeta das *Bucólicas*:

– Ah, quando cantaste as guerras cruéis que provocaram duplamente a tristeza de Jocasta, por meio do trato que Clio fez contigo, não parece que professaste a fé cristã, sem a qual fazer o bem não basta. Se estou certo, que sol ou candeia tirou-te das trevas a ponto de dirigir-te depois rumo à barca de Pedro?

Então ele:

– Em primeiro lugar tu me enviaste em direção ao Parnaso para beber da tua fonte e foste o primeiro a aproximar-me de Deus e a iluminar-me. Fizeste como aquele que anda à noite empunhando uma vela iluminando o caminho, não para si mesmo mas para quem lhe vem atrás, seguidores que se tornaram

sábios depois que disseste : “O século se renova, voltam a justiça e os primeiros tempos e uma nova progênie desce dos céus”.[186] Por tua causa tornei-me poeta e cristão, mas para que vejas melhor isso que desenho, vou estender-te a mão, colorindo-o. O mundo já estava completamente impregnado da verdadeira crença, semeada pelos mensageiros do reino eterno, e a tua palavra soava harmoniosamente com a desses novos predicantes, que eu visitava levando-a comigo. Tão santos pareciam que não foram poucas lágrimas que derramei por eles quando o imperador Domiciano os perseguiu. E enquanto nessas terras permaneci eu os ajudei, e os seus costumes me fizeram desprezar todas as demais seitas que havia. Antes de terminar a *Tebaida*, quando conduzi pelos meus versos os gregos até os rios de Tebas, recebi o batismo, mas com medo de mostrar-me cristão por longo tempo agi como pagão, e essa leniência me fez ficar no quarto degrau mais de quatro séculos. Foste tu, então, que ergueste o véu sob o qual se escondia todo o bem que agora expresso. Enquanto subimos, se puderes, diz onde estão o velho Terêncio, Cecílio, Plauto e Varrão, se eles estão no inferno e em que vala.

[100]– Esses mais Pérsio Flaco, eu e muitos outros – responde meu guia – estamos com o grego que as Musas nutriram mais do que todos, no primeiro círculo do cego cárcere, falando sempre do monte que sempre nutriu a nós todos, o Parnaso. Eurípedes também está conosco e também Antifonte, Simônides, Agatão e outros mais, gregos cuja fronte ornara-se de louros. Lá se vê a gente de teus livros: Antígona, Deifile, Argia e Ismênia, tão triste lá quanto foi em vida. Vê-se a que mostrou a fonte Langia[187], e Manto, filha de Tirésias, além de Tétis, sogra de Deidamia.[188]

[115] Calaram-se então os dois poetas, atentos novamente ao seu entorno, livres dos degraus e dos paredões, uma vez que alcançaram o terraço. Já

haviam ficado àquela altura as primeiras quatro horas do dia, e a quinta estava no timão do carro do sol dirigindo para o ponto mais ardente e extremo, quando meu guia disse:

– Creio ser conveniente virarmos à direita em direção à margem direita deste degrau, rodeando a montanha como viemos fazendo.

[124] Assim o costume foi nosso guia, e com menos receio de errar fomos por tal caminho com o assentimento daquela alma pia, Estácio. Eles iam à frente e eu, sozinho, atrás, escutando as suas palavras de cujo engenho minha poesia se valia.

[130] Mas essas doces divagações foram interrompidas ao vermos uma árvore caída no meio do caminho, cujos frutos tinham um odor suave e agradável. Tal como a copa do abeto, que à medida que sobe vai de ramo em ramo estreitando, assim copiava esta árvore, só que de cima para baixo, para que, creio, ninguém subisse nela. Do lado em que nosso caminho era fechado pelo paredão do monte, despenhava um líquido claro que se espalhava pelo alto da copa.

[139] Os dois poetas se aproximaram dela e uma voz entre as folhas gritou:

– Desta comida sereis carentes. – Depois disse ainda: – Maria pensou mais em evitar a privação e a desonra das núpcias de Canaã do que na própria sede, ela que agora intercede por vós. E as antigas senhoras romanas que se contentavam em beber água, e o profeta Daniel, que desprezou a comida e conquistou o saber. A primeira idade dos homens foi tão bela como o ouro, quando a fome fez toda comida ser uma iguaria e néctar a água de qualquer riacho. Mel e insetos foram o alimento que nutriu São João Batista no deserto, por isso ele é tão glorioso e tão grande como nos revelou o Evangelho.

Canto XXIII

Os poetas deparam-se com almas dos gulosos. Muito magras, têm olhos cavos, rosto pálido e a pele grudada nos ossos. Uma delas reconhece Dante. É o poeta e seu amigo Forese Donati. Dante lhe pergunta sobre a causa do seu sofrimento, e Forese lhe responde que se dá pelo desejo de comer e beber sempre renovado e nunca saciado. O poeta italiano quer saber como ele chegou tão rápido a esse giro do Purgatório. O amigo responde que isso se deve às orações de sua mulher, Nella. E ainda prediz sobre a decadência moral de Florença. Por fim, Dante, diz como chegou até ali e quem são seus acompanhantes.

[1] Enquanto olhava para a copa verde da árvore, como um caçador que se esquece do tempo observando pássaros, aquele que era mais que um pai para mim disse:

– Filho, vem agora, pois é preciso distribuir melhor o tempo que nos é concedido aqui.

Virei o rosto em sua direção tão rápido como agora iam meus passos. Aproximei-me dos poetas que falavam de um modo tão agradável que não era esforço algum acompanhá-los.

[10] E eis que se ouvia chorar e cantar ao mesmo tempo o *Labia mea, Domine*.[189] Soava de tal modo que era ao mesmo tempo agradável e doloroso ouvi-lo.

[13] – Ó doce pai, que é isso que ouço? – comecei a falar.

E ele:

– São sombras que devem estar desatando o nó de suas culpas.

[16] Assim como fazem os peregrinos, que ao caminhar se deparam com desconhecidos e os olham sem deixar de caminhar, assim fez uma turba de

sombras caladas e devotas que, muito rapidamente, nos encarou e nos ultrapassou. Tinham os olhos cavos e apagados, rosto pálido e tão magro que a pele grudava em seus ossos. Nem Erisitão[190], creio, tenha ficado assim tão seco, puro osso, pelo jejum que tanto ele temia.

[28] Eu dizia isso para mim mesmo, pensando: “Assim devia se conduzir o povo que perdeu Jerusalém quando Maria de Eleazar devorou o próprio filho!”.[191] Seus olhos pareciam anéis sem a joia no castão. Quem enxerga na face dos homens a palavra “omo”[192] só veria o “M” no rosto dessas sombras. Quem acreditaria que o perfume de uma fruta e a visão da água pudessem gerar um desejo intenso, a ponto de reduzir essa gente assim?

[37] Considerava que os atormentava tanto, o motivo ainda não manifesto da magreza deles e da triste pele que tinham, semelhante a escamas, quando um par de olhos, do fundo das órbitas, encarou-me e depois gritou a plenos pulmões:

– Que graça é esta que me concedem?

Jamais a reconheceria pelo rosto, mas pela voz ficou claro quem era aquela alma, cujas feições haviam sido deformadas. Essa foi a faísca que reacendeu minha mente diante da face tão mudada para que reconhecesse o rosto de Forese Donati.

[49] Forese, então, rogava:

– Ah, não impeça a ressequida areia que me empalidece, nem a escassa pele que me deforma, de me dizeres a verdade sobre quem são aqueles dois espíritos que te acompanham. Não me deixes aqui sem dizeres o que te peço!

[55] Respondi então:

– Teu rosto, que já chorei quando morto, não me faz chorar menos agora, ao vê-lo tão desfigurado. Mas diz-me, pelo amor de Deus, o que o esfola dessa forma, pois não conseguirei dizer nada, tomado que estou de um desejo

mais forte de saber a causa disso.

E ele, então:

– Por força divina há uma força na planta e na água em virtude da qual emagreço. Toda essa gente que caminha chorando por ter seguido desmedidamente a gula agora repara a culpa com a fome e a sede. Acende-lhes o desejo de beber e comer da fragrância que sobe do fruto da árvore e do rumor da queda d'água tocando no verde das suas folhas. E várias vezes, girando neste degrau, renova-se a nossa pena. Digo pena, mas devia dizer consolação, porque o que nos leva até a árvore é a mesma coisa que levou Cristo, alegre, a dizer: "*Eli*"[193] quando se livrou do pecado com o sangue de suas próprias veias.

[76] E eu a ele:

– Forese, nem cinco anos se passaram do dia em que fizeste a passagem para a vida melhor. Se apenas no momento final quando já estavas fraco e impotente tu te arrependeste, como vieste para cá tão rapidamente? Achei que te encontraria lá embaixo, no Antepurgatório, onde o tempo com tempo se compensa.

[85] E ele:

– Cheguei rápido aqui onde se bebe o doce absinto dos martírios graças ao pranto ininterrupto de Nella, minha mulher. Com suas devotas orações e seus lamentos, me tirou da praia onde se aguarda e me livrou dos outros giros abaixo. A minha viuvinha, que muito amei, é tão cara a Deus quanto é única na sua dedicação ao bem. Porque na Barbagia, onde a deixei[194], as mulheres são menos pudicas que as da Barbagia, na Sardenha. Ah, querido irmão, o que queres que eu te diga? O futuro já vejo de perto, muito próximo desta hora em que estamos, no qual os pregadores do alto de seus púlpitos proibirão as licenciosas mulheres de Florença de andarem com os peitos à

mostra. A que bárbaras ou sarracenas foi preciso criar regulamentos espirituais ou outros quaisquer para que andassem cobertas? Mas se essas desavergonhadas não tivessem dúvida do que o céu, rápido, lhes prepara, já abririam a boca para começar a gritar de horror, porque se o que prevejo aqui não me engana, elas sentirão isso antes que cresçam pelos na face do menino que hoje ninam. Ah, irmão, agora trata de não me esconder mais o que te pedi! Vê que não só eu mas toda esta gente está olhando para o ponto onde se estende a sombra do teu corpo.

[115] Então lhe disse:

– Se puxares da memória a vida que tiveste comigo e eu contigo, será desagradável relembrá-la. Cheguei aqui há poucos dias, quando a irmã do sol, a lua, ainda estava cheia, graças a este que vai à frente, guiando-me aqui. – Apontei-lhe o sol e continuei: – Ele me levou pela noite profunda onde estão os mortos de fato, carregando esta carcaça que o segue. Então, ele me trouxe até aqui em cima, confortando-me, subindo e contornando a montanha que endireita o corpo que o mundo entortou. Ele prometeu acompanhar-me até chegar onde Beatriz estará me esperando, quando terei de seguir sem ele. Isso foi, então, o que este aqui, Virgílio, me disse – e acrescentei –, e este outro é a sombra que fez balançar todos os penhascos de vosso reino, do qual ele se despede.

Canto XXIV

Os poetas florentinos continuam conversando. Dante pergunta onde está Piccarda, irmã de Forese, e pede que lhe aponte entre os gulosos algum notável. Donati diz que ela está no Paraíso e depois mostra o papa Martinho IV, Marchese degli Argogliosi e Bonagiunta da Lucca. Dante conversa com Bonagiunta, que lhe conta sobre Gentucca, que em Lucca receberá bem o

poeta florentino. Ele reconhece Dante como precursor do dolce stil nuovo. *O poeta florentino retoma a conversa com Forese, que lhe pergunta quando irá vê-lo novamente. Dante diz que deverá demorar, e Forese replica dizendo para ele ter coragem, pois um dos culpados pela ruína de Florença será cruelmente punido. Forese parte, e Dante segue Virgílio e Estácio. Logo encontram o anjo que apaga mais um "P" da fronte do poeta florentino.*

[1] Nem a conversa atrasava os passos, nem os passos atrapalhavam a conversa, ao contrário, pois conversando caminhavam mais rápido como a nave impelida por bons ventos.

[2] E as sombras, que pareciam mais que mortas, mostravam-se espantadas com a minha presença, mirando em mim seus olhos cavos. E eu continuava a falar com Forese sobre Estácio:

– E esta sombra vem subindo mais lentamente que do poderia fazê-lo, por causa de Virgílio. Mas diz-me, se souberes, onde está Piccarda, e diz-me se é possível distinguir alguém digno de nota entre esta turba que me olha.

[13] – A minha irmã, não sei se mais bela ou mais virtuosa, triunfa no Paraíso agora, feliz com a glória alcançada – Forese disse assim primeiro e prosseguiu: – Aqui não se proíbe mencionar o nome das almas, já que nossas feições são modificadas pelo jejum. Aquele – e mostrou-o com o dedo – é Bonagiunta da Lucca, e aquele rosto mais adiante, mais escalavrado do que o dos demais, teve a Igreja em seus braços[195]: era de Tours e agora jejua para expiar as enguias do lago de Bolsena que comeu junto com o vinho de Vernazza.

[25] Um a um foi nomeando, os quais, ao serem nomeados, pareciam ficar bem contentes, tanto é que nenhum em vista disso se escondeu. Vi Ubaldino de la Pila abocanhar o vazio com os dentes e vi Bonifácio, que apascentou muita gente com seu cajado. Vi o senhor Marchese degli Argogliosi, que em

Forlì teve espaço para beber à saciedade, sem nunca consegui-lo.

[34] Mas como faz quem olha e simpatiza mais por um do que por outro, assim me senti em relação a Bonagiunta, quem mais parecia querer conhecer-me. Ele murmurava, e eu parecia ouvi-lo dizer “Gentucca” vindo justo de onde a chaga da justiça o consumia lentamente. Então eu disse:

– Ó alma que demonstra querer falar-me, faz de tal modo que eu te entenda e assim apagas o desejo que há em mim e em ti.

[43]– Já nasceu em Lucca uma mulher que ainda não se casou – começou ele –, que te receberá bem na minha cidade, a despeito do que falarem contra. Tu deverás partir daqui com essa profecia. Se minhas palavras te deixarem em dúvida, os fatos te mostrarão as coisas como elas são. Mas diz-me se quem eu vejo é aquele que criou as novas rimas, escrevendo “Vocês, mulheres, que entendem de amor”.[196]

[52] E eu:

– Sou apenas um daqueles que, quando o amor inspira, anoto e fielmente vou referindo o que ele dita.

Disse ele, em seguida:

– Ó irmão, agora eu vejo o obstáculo que deixou para mim e para o escrivão Jacopo da Lientini e Guittone d’Arezzo, todos à parte do *stil nuovo* que ora ouço! Vejo bem como as vossas penas seguem o que o peito[197] lhes dita estreitamente, o que nossas penas não fizeram. E se alguém for comparar nossos estilos[198] não verá senão esta diferença – e, satisfeito com isso, calou-se.

[64] Como os grous que migram no inverno às margens do Nilo, agrupando-se no ar para voarem mais rápido, assim toda aquela gente que ali estava voltou os olhos para a trilha e apressou o passo, ajudada pela magreza e pelo desejo de purgar-se o quanto antes.

[70] Como alguém que se cansa de andar rápido e deixa os companheiros e diminui o passo até recuperar o fôlego, assim Forese deixou-se ultrapassar pelo bando daquelas almas e atrás de mim caminhava, enquanto dizia:

– Quando te verei novamente?

– Não sei quanto viverei ainda – respondi – mas sei que meu retorno aqui não será para breve, e não devo ansiar por chegar à margem do Purgatório, pois o lugar onde vivo a cada dia depaupera-se e parece inclinado à triste ruína.

[82] – Ora, coragem – disse ele –, pois vejo o maior culpado arrastado pela cauda de uma besta ao longo do vale onde a culpa não é perdoada. A besta acelera cada vez mais seu passo até que ela para e deixa o corpo largado, de forma vil. Não devem girar demasiado as esferas do céu – e endereçou os olhos para o alto –, para ficar-te claro isto que minhas palavras mais não podem dizer. Devo ir, pois o tempo é precioso neste reino, e já o perdi bastante ficando contigo assim, face a face.

[94] Como o cavaleiro que sai a galope de uma tropa de cavalos para ter a honra de ser o primeiro a combater, assim partiu Forese a passos largos, e eu fiquei ali como os outros dois, que foram grandes mestres entre os vivos.

[100] Ele distanciou-se de nós, e o segui com os olhos, empregando a mesma força que usei para entender sua profecia. Em seguida parececeu-me ver ramos grávidos e repletos de um outro fruto onde até então não olhara. Vi sob uma árvore mãos erguidas tentando alcançar os pomos e ouvia gritar não sei bem o que em direção à copa, como crianças fúteis e gulosas que pedem algo e não são atendidas, mas mostram bem o desejo que as toma, extremando-o sem escondê-lo. Depois todas aquelas almas se afastaram da árvore, desenganadas, enquanto nos aproximamos da árvore que rejeita tantos apelos e lágrimas.

[115] – Ultrapassai sem vos aproximardes da árvore: lá no alto está aquela cujo fruto Eva mordeu e da qual esta aí se originou.

Não vimos quem dizia aquilo entre a copa da árvore, pois íamos os três caminhando rente à encosta da montanha.

– Recordai – a voz dizia – os malditos centauros escondidos numa nuvem que lutaram contra Teseu e os hebreus que se mostraram fracos e por isso foram rejeitados por Gedeão quando ele investiu contra os madianitas colina abaixo.[199]

[127] Passamos bem próximos à parede do degrau, ouvindo as histórias dos pecados dos gulosos, seguidas dos miseráveis castigos. Depois o caminho se alargou e nos afastamos uns dos outros, calados, cada um pensando no que vira.

[133] – Ó vós que caminhais tão solitários, no que ides pensando? – disse subitamente uma voz, que me fez sacudir igual a um potro assustado. Ergui a cabeça para ver quem era e me deparei com uma luz muito intensa e rubra que não se via nem em fornalhas onde se funde o metal e o vidro. Em meio a ela, alguém dizia:

– Se vós desejais subir, convém dar a volta, e assim então caminhareis em paz.

[142] Seu semblante tolhera-me a visão, o que me fez virar para os mestres como aquele que caminha seguindo sua escolta. E tal qual os ares de maio, que precedem a aurora, carregando o odor das flores e das ervas, senti naquele instante um vento no rosto e o roçar da asa do anjo que me fez sentir o cheiro da ambrosia. E ouvi:

– Felizes aqueles que são iluminados pela graça de não levarem no peito o excessivo amor pela gula, seguindo sempre a justa medida!

Canto XXV

Os poetas aceleram o passo enquanto sobem. Já passa do meio-dia. Dante reflete sobre a magreza dos gulosos mas hesita em perguntar. Virgílio percebe sua inquietação e o libera, mas pede que Estácio lhe responda. Obedecendo ao pedido do poeta mantuano, Estácio explica a Dante como as sombras adquirem a forma virtual do corpo. Depois chegam ao terraço onde começa o degrau dos luxuriosos. Ali veem uma grande chama dentro da qual essas sombras expiam seus pecados. Elas cantam o breviário e gritam os nomes das mulheres e homens castos.

[1] Nesta subida agora não se admitiam atrasos, porque o sol já havia deixado para trás o arco do meio-dia e chegado à constelação de Touro e, à noite, à de Escorpião. Por essa razão andávamos como quem não se detém mas segue seu caminho, atravessados pelo ferrão da necessidade. Assim entramos pelo atalho, um atrás do outro, subindo a escada que, de tão estreita, só consentia atravessar um de cada vez.

[10] Como a cegonhazinha que bate as asas com vontade de voar, mas não ousa abandonar o ninho e nele se afunda, assim me sentia, ora com o fogo de perguntar ora sem ele, no momento em que estava prestes a falar. Ainda que andasse a passos rápidos, meu doce pai não deixou de perceber e disse:

– Solta o arco do dizer, cuja flecha está pronta para ser lançada.

[19] Então falei com confiança:

– Como é possível emagrecer onde se alimentar não é necessário?

– Se te recordasses de como Meleagro se consumou ao se consumar um tição em brasa – ele disse –, não te pareceria difícil essa questão; e se pensasses como à vibração rápida de teu corpo vibra também tua imagem dentro do espelho, isso que te parece duro de entender seria compreendido

facilmente. Mas para que teu desejo seja aplacado dentro de ti, eis aqui Estácio, a quem chamo e peço que sane tuas dúvidas agora.

– Se a visão eterna esclareço a ele na tua presença[200] – responde Estácio –, desculpa-me o fato de eu não poder te negar o que me pedes.

[34] Então começou: – Se minhas palavras, filho, tua mente acolher e guardar, elas te iluminarão sobre o que perguntas. O sangue perfeito que não é sorvido pelas veias, assim como o alimento que resta intocado à mesa, permanece no coração, e ali ganha a virtude de formar os membros humanos, enquanto o sangue restante abastece as veias. Depois é digerido e desce onde é melhor calar do que dizer e em seguida é vertido em outro sangue no vaso natural.[201] Ali ambos são reunidos, um disposto a receber e o outro a fazer, de acordo com o lugar perfeito de onde ele é concebido. Assim, juntos, começa a processar, primeiro coagulando e depois avivando a matéria sobre a qual agirá. A alma se faz, dessa virtude, ativa – tal qual de uma planta, a não ser pela diferença de que nesta ela está completa e naquela ela ainda está a caminho – e continua a crescer pois já se move e sente, como a esponja marinha, e logo desenvolve os órgãos sensitivos de que é semente.

[58] Agora alarga-se e se estende, filho, a virtude gerada no coração onde a natureza forma todos os membros. Mas não veres ainda como do animal o homem vem a ser é um ponto difícil que faz sábios mais eruditos do que tu errarem. A doutrina deles concebeu separadamente a alma do intelecto, porque não viu nenhum órgão que assumisse este último. Abre-te à verdade que te vem ao peito e saibas que não só o cérebro já é perfeito no feto, como também o primeiro motor a ele se volta contente e instila nele o espírito, de virtude completo. E o que encontra ativo nele funde a sua substância e faz-se uma alma só, que vive, sente e reflete sobre si mesma. Se minhas palavras te deixam admirado, vê o calor do sol que se transforma em vinho quando se

junta ao humor que a videira destila.

[76] Quando acaba o fio na roca de Laquésis, a alma se desprende da carne e leva consigo tanto sua porção humana quanto divina: todas as outras potências ficam mudas, mas não a memória, a inteligência e a vontade, que sem o corpo tornam-se mais fortes. Sem parar, ela cai milagrosamente em uma das praias, ou do Aqueronte ou do Tibre, e aí então conhece o seu caminho. Tão logo ela cai a virtude formativa a rodeia e irradia em torno dela, do mesmo modo que procedeu quando estava viva. Tal qual o ar quando está úmido e os raios o atingem, ornando-o de diversas cores, assim fica alma nesse ponto, que assume a forma do antigo corpo, imprimindo-a no ar, virtualmente. Semelhante à chamazinha que segue o fogo para onde ele se desloca, assim a nova forma segue a alma.

Logo que essa alma forma uma aparência é chamada de sombra, e logo lhe virão todos os órgãos dos sentidos, incluindo a visão. Assim falamos e falamos de novo, produzimos as lágrimas e os suspiros que pela montanha pudeste ouvir. De acordo com o que as afeta, elas tomam uma forma, e é isso o que explica o que vês aqui.

[109] Já havíamos chegado perto do lugar do último tormento quando viramos à direita e passamos a prestar atenção em outra coisa.

[112] Aqui o penhasco lançava para cima uma grande chama contra a qual soprava um vento que a vergava e a sequestrava do caminho. Assim, convinha andar pelo lado externo do caminho, onde se temia cair. O guia então disse:

– Nesse lugar é preciso manter os olhos abertos e a rédea curta, pois por nada erra-se por aqui.

[121] Ouvi cantarem *Summae Deus clementiae*[202] do meio do fogo, o que me fez voltar o olhar para lá. Vi então espíritos andando pela chama, para os

quais eu olhava sem esquecer de observar a trilha. Terminado o hino que entoavam, gritavam:

– *Virum non cognosco*[203] – e depois recomeçavam novamente a cantar. Ao terminar o hino outra vez, gritavam: – Diana viveu no bosque e lá Helice foi caçada, sentindo a seta envenenada de Vênus. [204]

[133] Então voltavam a cantar, gritavam os nomes das esposas e dos maridos que foram castos como a virtude e o matrimônio impõem. Esses lamentos, creio, prosseguem por todo o tempo em que a chama continuar a queimar. Com essa cura e esses alimentos espirituais, tal pecado ao fim decerto será saldado.

Canto XXVI

Os poetas estão no sétimo degrau, onde os luxuriosos perambulam em meio ao fogo. Dante encontra o poeta bolonhês Guido Guinizzelli (c.1230-c.1276), da escola do dolce stil nuovo, *a quem chamou de honrado e sábio no Convívio e na Vida Nova. Guido conta-lhe que estão ali os hermafroditas como ele, obrigados a ouvir gritos de Sodoma e Gomorra, e fala sobre Pasifae, a filha do rei Minós. O bolonhês ainda aponta para o poeta florentino a sombra de Arnaut Daniel, célebre poeta provençal. Este se dirige a Dante com versos no final do canto, identificando-se.*

[1] O sol feria-me o ombro direito enquanto andávamos, um atrás do outro, pelas beiradas do degrau, e ouvíamos o bom mestre repetir:

– Olha: presta atenção aos meus avisos.

A essa altura o céu estava mais claro, ao cair do lado do ocidente.

[7] A minha sombra deixava a chama mais rubra, e por isso vi muitas almas observarem-na atentamente. Isso motivou-as a falar de mim:

– O corpo daquele parece real.

Em seguida, aqueles que conseguiram vieram ao meu encontro, sempre atentos para não saírem do meio do fogo.

[16]– Ó tu que vais atrás dos outros, não por ser mais lento mas talvez por ser reverente, responde a mim, que ardo no fogo e de sede. Tua resposta não é necessária só para mim, pois todos estes espíritos aqui têm sede dela tanto quanto os etíopes e hindus têm de água fresca. Diz-nos, então, barras o sol, como se não tivesses sido apanhado pela rede e arrastado morto.

[25] Assim me falava um dos espíritos. Teria lhe respondido prontamente não fosse surpreendido por outra novidade que me aparecera então. Pelo meio do caminho em chamas vinha uma gente cujos rostos olhei atentamente. Por todos os lados via sombras beijando-se uma a uma, sem se deterem, contentes com o breve gesto, parecendo uma fileira escura de formigas tocando entre si os focinhos, talvez com a intenção de saber notícias sobre o caminho e seu destino.

[37] Assim que se separam, antes de darem o primeiro passo, umas gritam às que chegam: “Sodoma e Gomorra”; e outra berra: “Pasifae entrou na vaca para que o tourinho saciasse sua luxúria”.[205] Assim como os grous, dos quais uma parte voa para o norte em rumo às montanhas do Rife e outra rumo ao sul, às areias do deserto, estes fugindo do frio, aqueles do calor, aquela gente ia, parte indo, parte voltando, a cantar, todos chorando, os primeiros hinos[206] e a gritar o tanto que lhes convinha.

[49] E os mesmos que haviam conversado comigo se aproximam, e vejo seus semblantes atentos, à espera de minha resposta. Eu, que por duas vezes já lhes havia visto gratos, comecei:

– Ó almas seguras de alcançar, quando assim for, a paz, meus membros não ficaram no mundo de lá nem quando frescos nem quando maduros. Estão

comigo, com todo seu sangue e suas articulações. Vou subindo por aqui por não ser mais cego. Senhora dos céus concedeu-me a graça de, ainda vivo, andar por este reino. E que o vosso maior desejo venha-lhes logo assim que o céu vos acolher, lugar pleno de amor e que se amplia mais e mais. Dizei-me, então, para que eu escreva quem sois vós, quem é aquela turba que caminha às vossas costas.

[67] Tal como o montanhês rústico e selvagem se espanta quando entra na cidade, que emudece admirado do que vê, assim se mostrava a face da sombra que acabara de falar e agora calara. Depois que passara o susto, como acontece com o coração mais nobre que supera logo essa emoção, ela recomeçou:

[73] – Feliz és tu, que por nossas regiões embarcou para poder morrer melhor! A gente que por ali vai conosco purga o mesmo pecado que levou César, em pleno triunfo, a ser chamado de Rainha.[207] Assim se separam gritando “Sodoma”, reprovando a si mesmos como ouviste, acrescentando a vergonha à pena do fogo. Nosso pecado foi sermos hermafroditas, não observamos a lei humana, seguindo nossos desejos como bestas. Para nossa desonra, gritam para nós, quando nos separamos, o nome daquela que se bestializou na vaca maciça.[208] Agora sabes nossos pecados e quem fomos e do que fomos réus. Mas se por acaso queres saber nossos nomes ou quem somos não há tempo para isso. Teu desejo será satisfeito ao saber quem sou. Chamo-me Guido Guinizzelli[209] e aqui me purgo por ter me arrependido antes da hora extrema.

[94] Como aqueles dois filhos que em meio ao luto de Licurgo reviram a mãe[210], assim agi, mas não com tanto ímpeto, quando ouvi nomear-se a si mesmo esse meu pai e de outros que melhor do que eu escreveram rimas de amor doces e gentis. Sem ouvir e dizer mais nada, fiquei olhando

demoradamente para ele, e só por causa do fogo não me aproximei mais.

[103] Depois de saciado o desejo de contemplá-lo, pus-me a seu serviço por meio de um juramento. Ele me disse, então:

– Tal é a marca que tua fala deixa em mim que nem o rio Letes a poderia tolher ou apagá-la. Mas sendo tuas palavras verdadeiras e juradas, diz-me a razão para demonstrar seja nas palavras seja no olhar tanta estima por mim.

Eu lhe disse:

– Os teus doces versos, enquanto a língua moderna existir, permanecerão preciosos em seus manuscritos.

[115] – Ó irmão – ele disse –, este que aponto com meu dedo – indicando um espírito mais à frente – foi o *miglior fabbro*[211] da língua materna. Nos versos de amor e no romance excedeu a todos. Deixem os estultos falarem que o poeta de Lemosi o supera![212] As gentes costumam se guiar pelo senso comum e não pela verdade e assim firmam sua opinião antes de ouvirem a arte ou a razão. Assim fizeram muitos antigos com Guittone, que, de boca em boca, alcançou prestígio, até a verdade ressurgir e desfazer esse equívoco. Mas, então, se tens o grande privilégio de subir ao mosteiro do qual Cristo é o abade[213], recita por mim um padre-nosso, do qual precisamos aqui neste reino, onde não se pode mais pecar.

[133] Logo depois, talvez para dar lugar a quem o secundava na fila, desapareceu em meio ao fogo, como o peixe que nada para o fundo de um lago. A sombra que estava atrás dele era a do poeta provençal. Disse-lhe que ansiava por ouvir seu nome.

[140] Então generosamente começou a falar:

– *Esse doce dizer me agrada tanto/ que eu não posso nem devo me ocultar./ Eu sou Arnaut, que choro e vou cantando;/ Choro a fúria de outrora, sem furor, e o prazer do porvir sigo esperando./ E ora vos rogo, por*

esse valor que o mais alto da escada vos ensina, relembrai para sempre a minha dor![214]

[148] Depois se escondeu no fogo que os purifica.

Canto XXVII

Virgílio, Estácio e Dante encontram o último anjo do Purgatório. Ele os convida a atravessarem as chamas para achar a subida que dá no Paraíso. Dante hesita mas é encorajado por Virgílio, que lhe diz que após a travessia encontrará Beatriz. O poeta florentino atravessa as chamas, então, e começa, junto com os outros, a subir rumo ao último reino. Mas escurece, e são obrigados a parar. Dante sonha com Lia e Raquel, que representam a vida ativa e a vida contemplativa. De manhã retomam a subida, quando Virgílio se despede dele, dizendo-lhe que agora ele pode seguir sozinho.

[1] Quando vibram os primeiros raios do sol na cidade onde o criador derramou seu sangue, à meia-noite a constelação de Libra encobre o rio Ebro e no rio Ganges é meio-dia, o sol morria no monte do Purgatório. Nessa hora apareceu diante de nós o radiante anjo de Deus. Estava no outro lado do terraço, fora das chamas, onde cantava mais claro e alto do que qualquer outro: "*Beati mundo corde!*".[215]

[10] Em seguida, disse-nos assim que chegamos perto dele:

– Mais além não se vai, almas beatas, se não se sente a língua de fogo: entrai e ouvi o canto que soa além dela.

Quando compreendi o que ele disse, gelei como um cadáver.

[16] Apertando as mãos junto ao corpo, hesitei, olhando para as chamas, lembrando as imagens dos corpos que vira ardendo no fogo. Meu bom guia virou-se para trás e me disse:

– Meu filho, aqui pode haver sofrimento; morte, não. Não te lembras, não? Levei-te a salvo sobre o dorso de Gerião, por que não o salvaria agora, que estás perto de Deus? Confia, mesmo que ficasses séculos no meio desse fogo nem um fio de cabelo perderias. E se crês que estou te enganando, vê por ti mesmo, coloca a manga do teu manto no fogo. Acalma-te, deixa de lado teus temores e vem, entra tranquilo!

[33] Mas mantinha-me rígido, contra a minha consciência.

[34] Vendo-me assim, Virgílio disse-me, um tanto agitado:

– Ora, meu filho, Beatriz está entre este muro e ti.

Tal como Píramo abrira os olhos, já morrendo, ao ouvir Tisbe chamá-lo, na hora em que a amora tornava-se vermelha, perdi a rigidez ao ouvir o nome daquela que a minha mente sempre renova e virei-me para meu mestre. Ele, assentindo com a cabeça, disse:

– Ora! Então agora queres vir para cá – e sorriu, como a um menino que se convence com a promessa de um fruto.

[46] Em seguida, entrou pelas chamas na minha frente, pedindo para Estácio vir atrás de mim, e não entre nós como vínhamos pelos caminhos do Purgatório. Assim que penetrei no fogo, desejei jogar-me num vidro fervente para refrescar-me, tal era o calor desmesurado lá dentro. Para me confortar, meu doce pai falava de Beatriz enquanto caminhava:

– Parece-me já poder ver-lhe os olhos.

[55] Guiava-nos uma voz que cantava do outro lado das chamas e nós, atentos a ela, chegamos até onde se subia ao Paraíso. "*Venite, benedicti Patris mei*"[216], soou de dentro de uma luz tão forte que era impossível mirá-la.

– O sol está indo embora – acrescentou –, e a noite está chegando, não parai agora, apertai o passo enquanto não escurece.

[64] A subida se dava em meio à rocha em direção ao ponto onde meu

corpo barrava os derradeiros raios de sol. E poucos degraus subimos, pois minha sombra e a dos dois sábios desapareceram atrás de nós. E antes que todo o imenso horizonte tomasse um aspecto só e a noite ocupasse todos os espaços, nós três nos sentamos nos degraus, deles fazendo nosso leito, porque é da natureza do monte impedir-nos de continuar subir a essa hora.

[76] Tal qual as cabras nos cimos das montanhas, onde ora saltam ágeis e alegres, ora pastam mansas, ora recolhem-se à sombra sob o sol escaldante, vigiadas pelo pastor, que apoiado em seu cajado as observa; tal qual o pegureiro que posa à noite fora do abrigo para que os lobos não dispersem seu rebanho, assim estávamos nós ali, eu como a cabra e eles, pastores, todos entre os paredões da rocha.

[88] Dali, via-se muito pouco do céu, mas as estrelas que víamos eram mais brilhantes e maiores do que o normal. Ora ruminando sobre isso, ora olhando as estrelas, veio-me o sono. Sono que costuma prever os fatos antes que eles aconteçam. O sonho, creio, começou assim que apareceram os primeiros raios de Vênus, cuja luz parece sempre ardente de amor. Parecia ver uma mulher, jovem e bela, andando por uma campina colhendo flores, enquanto cantava:

– Saibam todos que me perguntam que me chamo Lia, e com minhas belas mãos faço uma guirlanda. Enfeito-me para olhá-la no espelho, do qual minha irmã Raquel jamais se afasta, sentando-se à sua frente todos os dias. Ela busca ali seus belos olhos, enquanto eu busco enfeitar-me com as mãos. Ver é o que ela procura, mas para mim basta o trabalho das mãos.[217]

[109] Os raios brilhantes que precedem a aurora, que agradam tanto os peregrinos, muito mais quando pernoitam em uma estalagem perto de sua casa, espantaram as trevas e meu sono com elas. Então levantei, deparando-me com os dois mestres já de pé.

[115] – Hoje o doce fruto que em tantos ramos se busca a cura da mortalidade apaziguará os teus desejos – Virgílio dirigiu-me essas palavras, cujos bons augúrios deram-me um prazer que jamais senti. Veio-me então um desejo tão grande de estar lá em cima, que a cada passo sentia-me voar como se tivesse asas.

[124] Depois de percorrermos toda a escada e chegarmos ao último degrau, Virgílio me encarou e disse:

– Filho, já viste o fogo temporário e o eterno, agora chegaste ao lugar que meu discernimento não alcança. Trouxe-te até aqui com engenho e arte; agora tua arte mesma te guiará em direção ao bem, pois não caminhas mais pelas vias tortas e estreitas. Vê o sol que esplende à tua frente, vê a relva, as flores e os arbustos que a terra aqui sozinha produz. Enquanto não te chegam os alegres e belos olhos daquela que, em lágrimas, veio até mim por ti, senta-te um pouco na relva ou anda entre elas.[218] Não esperes mais nem minhas palavras nem meus gestos. Livre, reto e são é teu arbítrio agora, e não o seguir seria um erro: assim te declaro guia, senhor e mestre de ti mesmo.

Canto XXVIII

Dante entra pela floresta do Paraíso Terrestre. Ouve o som das águas, o vento e o canto dos pássaros. Mais adiante encontra um rio, na margem do qual se detém. Na outra, avista uma bela mulher que colhe belas flores, como havia visto em seu sonho. Ele a chama para perto da margem e conversa com ela. Ela lhe explica por que há água e vento ali, pois Dante não entendia a razão disso. Conta-lhe também sobre o rio em cuja margem ele se encontra e sobre o próximo, com o qual se deparará em breve: o Letes e o Eunoé. Termina falando a Dante que ali era como o Parnaso e a Idade do Ouro cantados pelos poetas da Antiguidade.

[1] Ansioso para adentrar a divina floresta, viva e exuberante, que amenizava os raios do sol da manhã, prontamente deixei a margem em que estava e comecei a andar lentamente na campina que recendia por toda parte um agradável aroma. Uma aragem doce, serena, tocava-me o rosto. As copas farfalhavam e dobravam-se suavemente em direção ao ocidente, onde se deitam as primeiras sombras no santo monte. Seus galhos vergavam-se delicadamente; neles, os pássaros cantavam e saltitavam nas primeiras horas do dia. Os ramos assobiavam ao vento acompanhando os cantos, tal como os pinheirais junto ao porto de Chiassi[219], quando o Éolo sopra o siroco sobre eles.

[22] Meus lentos passos já haviam me levado para dentro da antiga selva a ponto de não ver mais por onde entrara. E eis que mais adiante um rio tolhe-me o caminho. Em sua margem esquerda pequenas ondas dobravam a relva que lhe crescia nas beiradas. Todas as águas dos rios da Terra parecem turvas comparadas às desse rio, que nada esconde, ainda que flua eternamente na sombra, sem que raio de luz algum alcance-o, nem do sol nem da lua.

[34] Parado na margem de cá, mas com os olhos na de lá, via as frescas flores de maio quando ela[220] apareceu, como algo que surge subitamente, tão fascinante a ponto de desviar-nos completamente o pensamento. Sozinha, a mulher ia cantando e colhendo flores que esmaltavam toda vereda em que caminhava.

[43]– Diz-me, bela senhora, aquecida pelos raios do amor celestial, como se vê pelo seu rosto cujo semblante só pode ser testemunha do que lhe passa no coração, poderias vir até aqui – disse-lhe eu – nesta margem em que estou para que possa compreender o que cantas? Tu me fazes recordar o lugar em que estava Prosérpina quando a mãe a perdeu e ela, a primavera.[221]

[52] Como gira uma bailarina, com os pés presos ao solo, e depois

caminhando delicadamente pé ante pé, assim, pela senda coberta de flores vermelhas e amarelas, ela vinha até mim, olhando para baixo, tal qual uma doce virgem. Assim atendia ao meu pedido, aproximando-se da margem, onde pude compreender seu doce canto. Logo que chegou ao ponto onde as belas águas do riacho tocam a relva, ela ergueu os olhos generosamente. Não creio que nem os olhos de Vênus tenham refletido tanta luz quando foram frechados por Cupido, seu filho. Ela ria do outro lado da margem, esbelta, tecendo infindáveis cores em suas mãos com as flores que, sem sementes, esta terra produz.

[70] Três passos me separavam da outra margem, mas o Helesponto, por onde atravessou o rei Xerxes, que ainda serve de advertência a todo orgulho humano, não foi mais odiado por Leandro, que sofreu no agitado mar entre Sesto e Abidos, do que aquele riozinho que não se abria para mim.

[76]– Sois novos aqui e por eu ter sorrido – começou ela –, neste lugar escolhido como ninho para os homens, talvez tenhais ficado espantado e suspeitado de algo, mas o salmo *Delectasti*[222] pode trazer a luz que desanuviará vosso intelecto. E tu que estás à frente e pediste que eu chegasse mais perto, diz-me se queres ouvir mais, que estou pronta para responder a todas as tuas perguntas.

[85]– A água – disse eu – e a aragem da floresta vão contra, dentro de mim, a crença que há pouco ouvi.

Ela, então:

– Explicar-te-ei a razão disso que admiras e assim purgarás a névoa que te ofusca a mente. O Sumo Bem, que só a si mesmo agrada, fez o homem bom e pronto para o bem e deu-lhe este lugar para fruir da eterna paz. Por falta sua, o homem demorou-se muito pouco aqui; por falta sua, mudou o alegre e doce jogo em pranto e labuta.

[97] Esta montanha foi posta no ponto mais alto do céu para que a perturbação que água e terra fazem debaixo dela, provinda das exalações da água e do chão, não ferisse em nada os homens que aqui estão. Assim, o ar, que se move em círculos porque está ligado ao primeiro céu, se nada interrompe seu giro, nesta altura do monte, o qual está livre no ar, ele esbarra na densa floresta daqui. As plantas são tão sacudidas por esse vento que impregnam o ar com suas sementes, que espalham suas virtudes campo afora. Não parece espantoso para quem vive no outro mundo que as plantas nasçam sem que se vejam suas sementes, tampouco que nestes campos celestes haja todo tipo de sementes e frutos que se desconhecem por lá. A água que vês aqui não brota de uma nascente renovada pelo vapor convertido em chuva pelas nuvens frias, como em um rio cujas águas avolumam-se e esvaziam-se por causa disso, mas saem de uma fonte constante e certa. Brota muita água dela, de acordo com a vontade divina, por isso reparte-se em dois veios opostos. Desta parte de cá, desce aquele cuja virtude é tolher a lembrança dos pecados de quem bebe suas águas; do outro lado, as águas fazem recordar os bens realizados. Aquele é o rio Letes; este, o Eunoé. Suas águas, cujo sabor é superior a qualquer outro, só fazem efeito quando ambas são provadas. Embora tua vontade de saber possa ser saciada por ti mesmo, falar-te-ei mais alguma coisa ainda; que não te será menos agradável por eu exceder minha promessa. Aqueles que antigamente criaram o Parnaso ao poetarem sobre a Idade do Ouro e seu estado de felicidade talvez tenham sonhado com este lugar. Aqui, inocente, nasceu o homem, aqui é primavera sempre, e os frutos são só maduros; e água é, como eles dizem, um néctar.

[145] Voltei-me para trás então em direção aos meus poetas e os vi sorrirem por causa das últimas palavras que acabaram de ouvir. Em seguida, voltei a olhar para a bela dama.

Canto XXIX

Matelda retoma seu canto e caminha no leito do Letes. Dante e Estácio a acompanham. De repente uma forte luz invade o bosque acompanhada de uma doce melodia. Dante passa a descrever então um cortejo de seres celestiais. Avista primeiro os sete candelabros, atrás dos quais caminham vinte e quatro anciãos. Surgem em seguida quatro animais alados, o carro triunfal puxado por um grifo, mais três damas à direita do carro e quatro à esquerda e, por fim, sete veneráveis senhores. O cortejo para e o canto termina.

[1] Assim que terminou de falar, Matelda recomeçou a cantar: "*Beati quorum tecta sunt peccata!*".[223] Como as ninfas que andavam sós pelos bosques, ora atrás do sol ora escondendo-se dele, Matelda começou a caminhar nas águas do Letes. Eu a acompanhei, do outro lado do rio, imitando-a. Não havíamos dado, os dois juntos, cem passos quando a margem deu uma guinada tão forte que me vi diante do oriente, na posição em que eu entrara ali.

[13] Andando mais um pouco, ela voltou-se para mim e disse:

– Irmão, olha e escuta.

[16] Eis então que um relâmpago inesperado atravessa todo o bosque. Paro, perplexo, pois se todo relâmpago assim como vem, rápido se vai, com este não foi assim: permanecia, brilhando cada vez mais. "Que coisa é esta?", disse a mim mesmo. Enquanto isso, tocava uma suave melodia pelo ar iluminado, e senti um justo desprezo por Eva não ter suportado viver sem véu algum lá onde a terra e o céu obedeciam à lei. Se tivesse sido devota, tantas delícias eu viveria, desde meu nascimento e por dias sem fim.

[31] Enquanto andava entre tantas primícias, ansiando pelo eterno prazer e

desejoso ainda de mais alegrias, o ar pareceu tomado por uma grande chama, e ali, guarnecido pelas copas das árvores, o doce canto tornou-se mais claro.

[37] Ó divinas virgens, se por vós já suportei fome, frio e sede, um forte motivo leva-me a pedir vossa ajuda. Convém agora que o monte Hélicon verta-me suas águas e Urânia[224] me ajude com seu coro a pôr em versos algo tão difícil só de pensar. Mais além parecia ver sete árvores de ouro, dada a grande distância que havia entre nós e elas. Mas, quando cheguei mais perto, aquele objeto comum que ludibriara os sentidos à distância mostrou sua verdadeira forma. A virtude da qual a razão emana permitiu-me compreender o que eram: candelabros. Além disso, ficou claro o que cantavam: a "Hosana".[225] No alto dos candelabros brilhavam as chamas, mais claras que a lua cheia à meia-noite.

[55] Absolutamente maravilhado, virei-me na direção de Virgílio, e ele me respondeu com a expressão não menos admirada. Então voltei o olhar para aqueles espantosos objetos que se moviam ao nosso encontro mais lentamente que noivas em direção ao altar.

[61] A dama me advertiu:

– Por que olhas apenas para as belas luzes em vez de mirar para o que está atrás delas?

Vi então uma gente guiando-se pelas chamas do candelabro, vestida de branco com uma alvura que jamais vira. À minha esquerda as águas do Letes brilhavam, e via o lado esquerdo do meu corpo nelas, se as olhava como num espelho. Quando cheguei a um ponto da margem onde só havia o rio entre mim e aquele cortejo, parei para vê-lo melhor. Vi as chamas do candelabro colorirem o ar atrás de si, a pinceladas, traçando sete cores como as do arco-íris e do halo lunar. Esses estandartes prolongavam-se de tal modo que minha vista não conseguia ver onde terminavam. Mas do quanto pude perceber,

entre um estandarte e outro, havia um intervalo de dez passos.

[82] Sob tão belo céu vi vinte e quatro anciãos, aos pares, com coroas de lírios. Cantavam todos:

– *Benedicta* és tu, entre as filhas de Adão, e bendita seja eternamente tua formosura![226]

Depois que a aquela gente eleita deixou a florida e fresca margem oposta, assim como no céu uma constelação sucede a outra, quatro animais, todos usando uma coroa de folhas verdes, chegaram junto à orla do Letes. Tinham seis asas cada um, cheias de olhos penetrantes como os de Argo[227], se ele ainda vivesse. Para descrever esses seres não espalharei mais rimas, caro leitor, já que outra tarefa me alcança e impede-me de falar mais sobre eles. Mas lê o livro de Ezequiel[228], que ele os pinta como os viu chegarem com o vento frio, entre as nuvens e o fogo. Tais como estão ali, em suas páginas, mostram-se aqui, salvo suas asas que, em vez de quatro, aqui se dividem em seis, como diz João, o evangelista.

[106] No espaço entre eles havia um carro triunfal, de duas rodas, puxado por um grifo.[229] O animal leva-o para o alto voando entre as listras coloridas, fendendo o ar sem tocá-las. Com asas douradas e corpo vermelho e branco, subiu tanto que não se o via mais. Nem em Roma se viu carro mais belo, para saudar o Africano ou mesmo Augusto. Até mesmo o carro de Apolo pareceria pobre perto dele, aquele mesmo que foi queimado justamente por Zeus, a pedido da Terra.[230]

[121] Junto à roda direita do carro, três mulheres[231] vinham dançando de mãos dadas. A primeira era tão vermelha que dentro das chamas só a muito custo seria percebida; a outra parecia ter as carnes e os ossos feitos de esmeralda; e a terceira era branca como a neve recém-caída. Ora pareciam guiadas pela dama branca, ora pela vermelha, cujo canto dava o ritmo às

outras. Junto à roda esquerda, outras quatro damas faziam festa, vestidas com roupas púrpura, guiadas por uma delas, que possuía três olhos na testa.[232]

[133] Junto a todo esse grupo, vi dois anciãos com roupas diferentes mas semelhantes pelo ar honrado e seguro. Um mostrava-se como um seguidor do sumo Hipócrates, criado pela natureza para servir os homens, aqueles mais caros a ela, enquanto o outro mostrava uma cura de outro gênero, com uma espada luzidia e afiada, que me meteu medo, a mim que estava do lado de cá.[233] Depois vi mais quatro deles, de aparência modesta, e atrás deles mais um, sozinho, de olhos semicerrados mas de aparência arguta.[234] Esses sete senhores vinham vestidos de branco, como os da primeira procissão, sem a coroa de lírios cingindo-lhes a fronte, mas rosas que, de tão vermelhas, era possível jurar serem chamas em vez de flores.

[151] Quando o carro chegou à minha frente, ouviu-se um trovão, que fez parar toda aquela gente, como se fossem proibidos de prosseguir, firmando-se naquele ponto junto às chamas dos sete candelabros.

Canto XXX

Dante vê Beatriz finalmente. Ela aparece em meio a uma chuva de flores atiradas pelos anjos, do lado esquerdo do carro triunfal. O poeta fica trêmulo, procura por Virgílio, que já não está mais junto dele, e chora. Beatriz então dirige-se a ele rispidamente. Envergonhado, Dante abaixa a cabeça mas logo ouve os anjos entoarem um salmo, que o acalma. Mas Beatriz replica, narrando aos anjos a culpa do poeta. Arremata dizendo-lhes que ali no Purgatório só bebe as águas do Letes aquele que chora suas culpas.

[1] Quando surgiu a Ursa Maior no primeiro céu, onde não há aurora ou

crepúsculo, tampouco véu que esconda as culpas, que ali no Paraíso Terrestre fazia cada um conhecer seu dever, como faz a constelação da Ursa Menor, que guia o timão do barqueiro até o porto, os sete candelabros pararam. Os anciãos, que vinham primeiro entre o grifo e os candelabros, ergueram a cabeça em direção ao carro, guiados pela paz que almejam.

[10] Um deles, como num Cântico dos Cânticos, gritou três vezes: "Vem do Líbano, esposa minha", e foi logo acompanhado pelos demais. Tal qual farão os bem-aventurados, no dia do juízo universal, erguendo-se prontamente de seus túmulos e dando aleluias por reaverem seus corpos, assim à voz do venerável ancião se elevaram todos – ministros e mensageiros da vida eterna – em direção ao carro.[235] Diziam: "*Benedictus qui venis!*" [236], e, atirando flores do alto em volta deles próprios, prosseguiam: "*Manibus, oh, date lilïa plenis!*".[237]

[22] O dia começava com o oriente rosa e o lado oposto adornado de um sereno azul celeste. A face do sol surgia em meio a um vaporoso véu, que permitia contemplá-lo por mais tempo. Então, no centro de uma nuvem de flores, lançadas por anjos, dentro e fora do carro, surge uma dama. Estava envolta por alvo véu e cingida por uma guirlanda de ramos de oliveira, usando um manto verde, debaixo de uma veste rubra como uma chama. Meu espírito, embora há tanto tempo sem sua presença, estava trêmulo e arrebatado, ainda que meus olhos não a reconhecessem. Sentia a força do antigo amor, movido por uma lei maior e oculta.

[40] Mal minha vista tinha sido atingida pela alta virtude que já havia-me ferido ainda menino, virei à minha esquerda, como uma criança amedrontada ou machucada que corre para a mãe, em busca de Virgílio para dizer-lhe: "Nem uma gota de sangue me restou, sinto os vestígios da primeira chama".[238] Mas Virgílio havia partido, Virgílio, dulcíssimo pai, Virgílio, a

quem confiei minha salvação! Nem tudo que Eva perdeu impediu-me de, mesmo com as faces lavadas pela neve, ver tudo obscuro, por causa das lágrimas que escorriam pelo meu rosto.

[55]– Dante, não chores pela partida de Virgílio, não chores ainda, porque te convém chorar por algo mais forte e agudo como uma espada.

[58] Como um almirante que, da popa à proa, controla a tripulação dos barcos e a exorta a cumprir suas tarefas, ao ouvir meu nome (anotado aqui só por essa razão) vi a dama, na lateral esquerda do carro, em meio ao florido e angelical véu, olhar para mim deste lado do rio. Ainda que o véu que lhe cobria a cabeça, coroada pelos ramos de Minerva, não permitisse vê-la bem, ela prosseguiu altiva e insolente, como alguém que deixa para o fim as palavras mais duras:

– Olha bem! Sou eu, eu, Beatriz. Como te dignaste a subir o monte? Não sabes que aqui o homem é feliz?

[76] Meus olhos tombaram em direção à clara água do Letes, mas, vendo-me nela, desviei-os para relva e, envergonhado, baixei cabeça. Como se sente o filho ao ser tratado rispidamente pela mãe, assim recebia, amargurado, o tom acerbo daquelas palavras. Ela calou-se, e os anjos começaram a cantar de repente: "*In te, Domine, speravi*"; mas não foram além do "*pedes meos*".[239]

[85] Assim como a neve entre as árvores nos Apeninos, dorso da Itália, congela-se, soprada e endurecida pelos ventos vindos da Eslavônia, e depois se liquefaz, gota a gota, assim que lhe sopram os ventos da África, como a vela sob a ação de sua chama; assim me sentia antes da melodia dos anjos, a qual me fez suspirar e chorar, tal o concerto de suas notas com o movimento eterno dos céus. Logo compreendi em seus doces sons a piedade por mim, parecendo dizer: "Ó senhora, por que vos destemperais assim com ele?". E o gelo que me envolvia o coração desfez-se em suspiros e lágrimas e a angústia

desapertou-me do peito.

[100] Ela, ainda parada no flanco esquerdo do carro, dirigiu-se aos entes celestes que cantaram para mim:

– Vós que velais eternamente os passos dados pelos homens século a século, sem que a noite ou o sono vos impeçam, minha resposta cuida para que aquele que chora do outro lado do rio entenda que sua dor deve ter a medida de sua culpa. Não só por obra dos céus, que dirigem toda criatura a um fim segundo a conjunção das estrelas, mas também pela graça divina, cuja chuva é precedida de vapores que estão longe de nossa vista, ele foi virtuoso desde a juventude, de que dera provas admiravelmente.

[118] Contudo, quanto mais produtiva é a terra, mais ela se torna agreste e estéril quando é mal cultivada ou abandonada. Por algum tempo estive ao lado dele, iluminando com meus olhos de menina seu caminho em direção ao bem. Tão logo cheguei à segunda idade e vim para este mundo, ele se afastou de mim e se deu a outra. Quando fui da carne ao espírito e mais beleza e virtude recebi, menos lhe fui cara, menos ainda ele me chamou. Andou por maus caminhos, atrás de ilusões cujas promessas jamais se cumprem. Nem valeu rogar a Deus que lhe inspirasse, fosse em sonhos ou por outras intervenções; nem mesmo isso o curou! Caíra tão baixo que todos os bons meios para isso eram insuficientes, a não ser colocá-lo diante das almas perdidas. Por isso, então, fui até o Limbo, o vestíbulo do Inferno, e roguei a Virgílio, em lágrimas, que o conduzisse até aqui.

[142] O sagrado ato divino seria quebrado aqui se ele atravessasse o Letes e sorvesse sua água sem que se arrependesse muito, com muitas lágrimas.

Canto XXXI

eatriz volta a dirigir palavras duras a Dante e o exorta a confessar-se. O

Beatriz o poeta o faz brevemente, e ela prossegue detalhando suas culpas, a forma como ele se desviou do caminho do bem, indo atrás de bens ilusórios. Em seguida, Matelda afunda a cabeça de Dante no Letes, fazendo-o beber de suas águas. Depois, as damas que representam as virtudes cardeais o levam até próximo de Beatriz para que ele contemple os olhos de sua senhora. Por fim, as damas que fazem as vezes das três virtudes teologais pedem a Beatriz que deixe Dante ver seu rosto.

[1] – Ó tu que estás do outro lado do rio sagrado – sem hesitar, volta a dirigir suas palavras para mim, agudas como a ponta de uma espada, cujo fio já sentira amargo quando se dirigira aos anjos – diz, diz se isso não é verdade; essa grave acusação tem de ser seguida por tua confissão.

[7] Sentia-me confuso a ponto de perder a voz, que morria antes de chegar aos lábios. Impaciente, Beatriz disse:

– No que estás pensando? Responde-me, pois as tristes lembranças de tuas culpas ainda não foram apagadas pelas águas do Letes.

Confusão e medo misturados lançaram-me da boca para fora um frouxo "sim", o qual para ser entendido precisou ser lido em meus lábios. Da mesma forma que a flecha disparada pela besta cujos arco e corda romperam-se antes do tempo atinge sem força seu alvo, assim prorromperam minhas duras recordações, entre lágrimas e suspiros, puxadas por um fiapo de voz.

[22] Então, ela disse:

– Por entre os desejos inspirados por mim para amares o bem, ao qual deves aspirar entre todas as coisas, que fossos atravessaste ou que grilhões encontraste, para que deixasses de ir adiante, despido de toda esperança? E que facilidades ou vantagens viste nos outros bens para que os ansiasses mais do que aquele?

[31] Depois de soltar um suspiro amargo, com muito custo minha voz

atravessou-me os lábios e, chorando, disse:

– Dirigi meus passos para as coisas imediatas e ilusórias desde que teu rosto escondeu-se de mim.

E ela:

– Se calasses ou negasses isso que confessaste não seria menos notória tua culpa, pois o juiz aqui tudo sabe! Mas quando prorrompe da própria boca do culpado a acusação do pecado, aqui na nossa corte tolhe-se parte da sua pena. Todavia, para que sintas vergonha de teus erros e para que da outra vez que ouvires o canto das sereias sejas mais forte, larga a causa de teu choro e escuta como minha morte deveria ter-te levado por outro caminho.

[49] Nunca a poesia ou a natureza te mostraram prazer maior que a beleza ornada por meus membros quando viva e que agora se decompõem embaixo da terra. Se tal beleza faltou-te depois de minha morte, que coisa mortal deveria então te seduzir? Mesmo ao sofrer este primeiro golpe das coisas falazes, devias ter-te erguido em minha direção, que não era como essas outras coisas, ilusórias. Não devias ter batido asas no chão à espera de mais golpes ou de outras moças ou mais novidades de gozo efêmero. Assim se deixam golpear os passarinhos novos, mas nem seta nem redes apanham os mais crescidos.

[64] Igual àquelas crianças envergonhadas que olham para o chão, não abrem a boca, só escutam, reconhecendo e arrependidas dos seus erros, estava eu, quando ela disse:

– Quando o que ouvires doer-te, levanta o rosto, pois olhando-me teu sofrimento será maior.

[70] O robusto carvalho resiste menos ao vento do norte, ou daquele que vem da África, terra de Jarba, do que eu resisti a erguer o queixo ao comando de Beatriz. Quando se referiu ao meu rosto pela barba, percebi a ironia do

argumento. E quando olhei para o alto vi que os anjos haviam parado de lançar flores. E, com a visão ainda perturbada, alcancei Beatriz voltada para o grifo, que em um só corpo guarda duas criaturas. Mesmo sob o véu e longe, na outra margem, ela parecia-me mais bela que a Beatriz antiga, e mais ainda do que as outras mulheres do tempo dela. O arrependimento queimava-me como a urtiga, e sentia-me mais inimigo ainda de todas as coisas que me afastaram do seu amor. Reconhecer tudo isso dilacerou-me o coração, de modo que caí, vencido e sem sentido. A razão disso sabe quem me pôs assim.

[91] Depois, quando retomei os sentidos, Matelda estava sobre mim, dizendo:

– Segura em mim! Segura em mim!

Vi-me imergido no rio até o pescoço, pelo curso do qual ela me puxava suavemente como a uma pequena embarcação. Quando me aproximei da outra margem, ouvi o "*Asperges me*"[240] cantado tão docemente que me é difícil recordá-lo, muito menos escrevê-lo.

[100] A bela dama me tomou pelos braços, segurou minha cabeça e a imergiu no rio até o ponto em que pudesse engolir a água. Então tirou-me dali e ainda molhado me levou para dançar com as quatro belas damas, as quais me puseram no centro, rodeado pelos seus braços.

[106]– Aqui somos ninfas, no céu somos estrelas; antes que Beatriz descesse ao mundo, disseram-nos para sermos tuas servas. Nós te guiaremos até os olhos dela e tu poderás ver a beatífica luz que eles têm. Mas antes as três damas[241] ali educarão os teus, e os farão mirá-los profundamente.

[112] Assim começaram a cantar e depois levaram-me até próximo ao grifo, onde Beatriz estava voltada para nós. Disseram, então:

– Não poupes teu olhar, pois estás diante daqueles olhos de esmeralda que um dia lhe incrustaram o Amor.

[118] Milhares de desejos acenderam a chama quente daqueles olhos reluzentes que só o grifo miravam. Como o sol refletido no espelho, eu via a fera dentro dos olhos dela, ora como leão, ora como águia. Pensa, leitor, como me admirava ver o grifo imóvel, sempre igual a si mesmo, mas transformando-se dentro dos olhos de minha senhora. Enquanto repleta de estupor e alegria minha alma degustava daquele alimento que, uma vez saciado, mais sede dá, as três damas se puseram à frente, dançando ao som de um ritmo angelical, demonstrando serem, nesses atos, de uma ordenação superior.

[133]– Vira, Beatriz, vira teus divinos olhos – era o que cantavam – para o fiel que moveu tantos passos até aqui para ver-te! Concede a graça de descerrar teus lábios para ele, de modo que tua outra beleza, ainda escondida, ele veja.

[139] Ó esplendor da viva luz eterna, quem que sob a sombra do Parnaso empalideceu e bebeu em suas fontes, cuja mente não escureceu, tentaria mostrar-te como apareceste a mim, quando tiraste o véu naquele céu harmonioso?

CANTO XXXII

Dante contempla Beatriz, mas logo é chamado pelas três damas, as virtudes teologais, que o fizeram desviar o olhar. Vê o cortejo parar em frente à árvore da ciência do bem e do mal, sem flores, folhas e fruto, cuja copa cresce à medida que avança para o alto. O grifo leva o carro até ela, e suas folhas, flores e frutos voltam a crescer. Em seguida, Dante adormece e quando desperta vê Beatriz sentada em suas raízes. Ela pede-lhe que escreva, quando retornar, aquilo que irá revelar-lhe. Uma águia ataca a árvore, em seguida uma raposa salta de dentro do carro e, espantada por

Beatriz, a ave volta e larga penas dentro do carro, debaixo do qual surge um dragão que, com a cauda, arrebenta seu piso. O carro se transforma em um monstro sobre o qual pontificam uma puta e um gigante.

[1] Meus olhos estavam tão fixos e empenhados em saciar uma década de anseios que eu me desligara dos outros sentidos. Era como se houvesse entre eles um muro de indiferença, à força daquele riso celestial, que me arrastava em sua antiga rede! Mas voltei meu rosto abruptamente à esquerda ao ser chamado pelas três divinas damas:

– Basta deste olhar!

[10] E aquela visão difusa que permanece depois de olhar para o sol intenso deixou-me temporariamente sem enxergar. Mas logo que recuperei um pouco a visão – digo pouco por respeito ao luminoso objeto de que à força me desviei –, vi o glorioso cortejo virar à direita e caminhar em direção ao sol atrás das sete luzes do candelabro. Tal como uma fileira de soldados portando escudos manobra para salvar-se e recua seguindo o estandarte, evitando debandar-se, aquela milícia do reino celeste assim agiu antes que o carro se movesse.

[25] Então as damas colocaram-se em torno das rodas, e o grifo moveu o abençoado carro sem mexer uma pena sequer. Matelda, Estácio e eu o seguíamos. Embrenhando-nos pela selva, desabitada por causa daquela que cedeu à serpente, ouvíamos uma harmonia angelical, que ritmava os passos. Já havíamos andado talvez o percurso que uma flecha atirada três vezes percorre, quando Beatriz desceu do carro. Ouvi murmurarem “Adão”, e, em seguida, vi todos cercarem uma árvore sem folhas, frutos e floração. Sua copa, maior à medida que se elevava, seria admirada na Índia por sua altura.

[43] – Bendito sejas tu, grifo, por não tocares teu bico nesta árvore de doces frutos, que rói as entranhas de quem os come – gritaram todos os que

estavam em volta da imensa árvore, a que o duplo animal respondeu:

– Assim se conserva a semente de toda justiça.

Então ele apanhou o timão que havia largado e levou o carro até o pé da árvore espoliada e prendeu-o a ela num galho.

[52] Como as árvores da Terra que intumescem e renovam sua cor, quando desce a rútila luz da primavera misturada àquela que irradia depois da constelação de Peixes, antes que o sol fustigue seus cavalos para próxima constelação, assim se renovou aquela que aqui se desfolhara, fazendo brotar flores entre o rosa e o violeta em seus ramos.

[61] Não entendi o canto que ouvia, pois nunca ouvi um assim na Terra, tampouco consegui ouvi-lo até o fim. Se pudesse retratar como os olhos de Argos fecharam-se ao ouvir a história de Siringa[242], algo que lhe custou muito caro, como um pintor tendo à frente o seu modelo, eu descreveria como adormeci, mas creio que outro poderá fazê-lo, se o quiser. Passo logo para o momento em que um fulgor rasgou-me o véu do sono e fez me levantar em um salto; imediatamente ouvi me chamarem:

– Que fazes? Levanta!

[73] Como quem vê a macieira florida por cujos frutos os anjos anseiam nas eternas núpcias do reino dos céus ou lembra dos apóstolos Pedro, João e Tiago sendo conduzidos e vencidos e depois voltando a si a palavra de Cristo, que desperta os sonos mais profundos, e vê tanto Moisés quanto Elias dispersarem-se de sua escola, e o mestre mudar o manto, assim despertei e vi aquela pia dama sobre mim, a mesma que conduzira-me ao longo do rio. Tomado pela dúvida, disse:

– Onde está Beatriz?

E Matelda:

– Vê! Ei-la ali debaixo da copa que renovou suas folhas, sentada em suas

raízes. Vê quem está ao redor dela: atrás do grifo vão os outros[243], entoando aos céus um canto mais doce e profundo.

[91] E se Matelda continuara a falar não sei dizer, pois passara a olhar para aquela que me fora vedado ouvir mais. Estava sozinha sobre a terra mais pura guardando o carro que eu vira preso ao grifo. As sete ninfas formavam um círculo à sua volta, como um claustro, com as luzes nas mãos, incólumes até mesmo dos ventos Aquilão e Austro.[244]

[100] – Ficarás pouco tempo aqui e em breve estarás comigo como cidadão eterno daquela Roma onde Cristo é romano.[245] Mas, para o bem do mundo que vive mal, presta atenção no carro[246] e aquilo que vires escreve, quando retornares para lá.

Assim falou Beatriz, e eu, que obedeço a todos seus comandos, dirigi olhos e mente para onde ela quis.

[109] Voando mais rápido que um raio em meio à tempestade, uma águia precipitou-se em direção à árvore, dilacerando-lhe o tronco, derrubando-lhe folhas e flores. Feriu o carro com tanta força que ele balançou como o navio na borrasca, que ora é levado a barlavento pelas ondas, ora a sotavento. Depois vi saltar uma famélica raposa de dentro do carro triunfal. Mas, castigando-a por suas culpas, Beatriz pôs o magérrimo animal para correr, que assim o fez o quanto podiam suas forças. Logo depois, pelo mesmo caminho que viera, a águia desce até o interior do carro e deixa cair ali muitas penas. Então uma voz, marcada pela dor mais funda, soou dos céus:

– Ó navezinha minha, de quanto mal estás carregada!

[130] Depois abriu a terra debaixo das duas rodas e vi sair dela um dragão cuja cauda ferroou o carro. Como uma vespa que arranca o ferrão, ele contraiu a cauda maligna e no fundo do carro algo se partiu. Como brota a grama num solo fértil, o que restou dele foi recoberto, das rodas ao timão, por

penas, oferecidas talvez com boa intenção. Tudo isso mais rápido que um suspiro.

[142] Assim transformado, brotaram do alto do edifício santo três cabeças e mais quatro, uma em cada canto do carro. As primeiras tinham cornos como bois, mas as outras quatro só um, na testa. Monstro como aquele, com sete cabeças, eu jamais vira. Firme, como uma rocha no cume de um monte, uma puta sentara-se sobre ele, libertina, olhando em torno de forma impudica. E para que ninguém a tirasse dali vi às suas costas um gigante, que a beijava de quando em quando.[247]

[154] E porque aquela mulher me encarou com seus olhos cúpidos e volúveis, seu feroz amante a castigou da cabeça aos pés. Depois, tomado pelo ciúme e ódio, deu um tranco no carro e o arrastou floresta adentro, a qual me serviu de escudo à puta e ao inopinado monstro.

Canto XXXIII

Beatriz escuta as sete damas entoarem o Salmo 79, mas logo volta a falar. Pede que Dante ande mais rápido para poder ouvi-la melhor. Trava um rápido diálogo com ele e depois conta ao poeta que em breve virá um enviado de Deus para matar a puta e o gigante. Em seguida explica a Dante que ele tem dificuldades para entender o que ela fala porque está limitado pelos ensinamentos de sua escola filosófica. Beatriz, então, pede que Matelda dê-lhe a água do Eunoé, que o renova e deixa-o pronto para subir ao Paraíso.

[1] Docemente, as sete damas começaram salmodiar o "*Deus, venerunt gentes*".[248] Em lágrimas, ora o entoavam quatro delas, ora três. Beatriz, pia e suspirando, as escutava, muito pálida, quase como Maria ao pé da cruz.

[7] Mas logo as virgens deram a deixa para Beatriz falar. Ela ergueu-se e, agora rubra como fogo, respondeu:

– *Modicum, et non videbitis me; et iterum*, minhas diletas irmãs, *modicum, et vos videbitis me*.[249]

Em seguida, dispôs as sete damas à sua frente e, com um leve aceno apenas, nos pôs – eu, Matelda e Estácio – a seguir atrás dela. Assim íamos; quando não havíamos dado dez passos, creio, fulminou-me com seus olhos e disse-me serenamente:

– Anda mais rápido, de modo que possas me escutar quando eu falar contigo. – Aproximei-me como ela pediu e como era meu dever. Nisso ela me disse: – Irmão, por que não me perguntas algo, agora que estás aqui comigo?

[25] Como aqueles que de tão reverentes a seu mestre mal conseguem lhe falar, pois a voz custa-lhes a sair, assim, com voz sumida, comecei:

– Minha senhora, conheceis minhas demandas, e isso me basta.

E ela:

– Quero que te libertes do medo e da vergonha e não fales mais como quem está sonhando. Saiba que o carro que o dragão rompeu já foi, porém não é mais.[250] Mas que os culpados disso saibam que a vingança de Deus não se abranda com pratos de sopa.[251]

[37] A águia que largou as penas no carro que se transformou em monstro e tornou-se presa do gigante não ficará sem herdeiros por muito tempo. Prevejo, por isso revelo-te, a breve chegada das estrelas que, livres de qualquer impedimento ou obstáculo, darão azo para um enviado de Deus, um DXV[252], assassinar a ladra e o gigante, seu cúmplice e delinquente. Talvez essa minha narrativa obscura, semelhante às de Têmis e da Esfinge tebana, pouco te persuada, pois se fecha à compreensão. Mas logo os fatos serão esclarecidos pelas Náiades, que solucionaram um grande enigma sem

prejudicar rebanhos ou plantações.[253]

[52] Anota essas palavras tal como as te digo e leva-as aos homens, cujo viver é uma corrida para morte. E lembra, quando lhes escrever, que viste a árvore do saber duas vezes derrubada. Quem a derruba ou a estraçalha blasfema e ofende a Deus, que a criou santa tão somente para uso seu. Por morder seu fruto, Adão penou no Limbo mais de cinco séculos, à espera daquele que o puniu.[254] Indolente é teu engenho se não percebeste a razão de esta árvore ser tão alta e ter a imensa copa invertida.

[67] Se teu pensamento não se deixasse calcificar como fazem as águas do rio Elsa, ou seduzir-se a ponto de tingir a amoreira de sangue, como fez Píramo, reconhecerias só por essas evidências a justiça de Deus, que vetou qualquer um de tocá-la. Mas se teu intelecto petrificou-se e escureceu-se ofuscado pela luz das minhas palavras, desejo que as leve dentro de ti, senão esculpidas, ao menos pinceladas, da mesma forma que o peregrino volta com o cajado ornado de palmas.

[79] E eu:

– Assim como fica gravada na cera a figura do sinete impressa nela, tuas palavras gravaram-se na minha mente. Mas por que tuas tão desejadas palavras voam tão longe de minha compreensão, da qual mais se afastam quanto mais ela as procura?

[85] – Para que saibas – disse ela – que a escola que seguiste não pode acompanhar minhas palavras e para veres que teu caminho é tão distante da via divina quanto o é a terra do céu mais distante.

Respondi-lhe, então:

– Não me recordo de ter me distanciado de ti, nem sinto remorso por causa disso.

Ela respondeu, sorrindo:

“Não te recordas porque acabaste de beber da água do Letes. Mas se onde há fumaça há fogo, aqui este teu esquecimento deixa clara a tua culpa. Mas daqui em diante usarei palavras mais simples, já que teu intelecto ainda não as consegue compreender bem.

[103] O sol mais brilhante e aparentemente mais lento percorria no céu a curva do meio-dia, e mudava de posição dependendo de onde se olhava para ele. Neste instante, as sete damas pararam – como para um guia à frente de sua gente ao ver algo novo ou sinais dele – nas franjas de uma sombra plácida como aquela que, nos Alpes, sob folhas verdes e ramos escuros, cobre os seus regatos. À frente delas pareceu-me ver o Eufrates e o Tigre, ambos saindo da mesma nascente e distanciando-se um do outro amigável e preguiçosamente.

[115] – Ó luz, ó glória dos homens, que água é esta que brota do mesmo ponto e depois reparte-se cada vez mais?

[118] A esse pedido, Beatriz me respondeu assim:

“Pergunta a Matelda.

E a bela dama me respondeu como alguém que se livra de uma obrigação:

“Já te falei sobre essas coisas e tenho certeza de que as águas do Letes não te fizeram esquecê-las.”

[124] Beatriz disse em seguida:

– Talvez o que viu ou ouviu aqui tenha lhe privado parte da memória, obscurecendo-lhe a mente. Mas vê o Eunoé que adiante corre e conduze-o até lá como fazes sempre, Matelda, e reaviva a virtude que lhe parece escapar.

Como alma gentil que não hesita em atender o desejo de alguém, logo me pegou nas mãos e graciosamente falou a Estácio:

– Vem com a gente.

[136] Se eu tivesse, caro leitor, mais espaço do que tenho aqui para escrever, descreveria mais, ainda que só em parte, a água que ali se bebe e da

qual jamais se sacia. Mas como meus versos já encheram todas as folhas destinadas a este canto, minha arte freia-me e não me deixa ir adiante.

[142] Tal como folhas novas que se renovam na fronde revigorada, voltei da santíssima água do Eunoé refeito, puro e disposto a subir até as estrelas.

103. No original “*Piche*”, filhas do rei da Tessália. Desafiaram as musas no canto mas foram vencidas por Calíope, que as transformou em pegas, pássaros comuns na Europa.
104. Adão e Eva. Dante olha para o lado da montanha do Purgatório, onde vê, na verdade, segundo os comentadores, as luzes que representam as quatro virtudes cardinais: prudência, justiça, fortaleza e a temperança.
105. Trata-se do político romano Márcio Pórcio Catão da Útica (95-46 a.C.), que se suicidou por negar-se a viver sob o governo de Júlio César, a quem considerava um tirano. Para Dante, simbolizava o homem justo, defensor da República Romana, que preferiu a morte a viver sem liberdade. O poeta latino Lucano (39 d.C.65 d.C.), que também se matou, o inclui no seu poema épico, *Farsália*, em que narra a guerra civil romana, desencadeada pela rivalidade entre os generais Júlio César e Pompeu. Dante colocou Lucano junto com os poetas pagãos no Limbo.
106. Os sete terraços ou degraus no Purgatório (ver Nota introdutória).
107. Para Dante, a Terra é uma esfera imóvel, formada por dois hemisférios, norte (boreal), onde vivem os homens, e sul (austral), onde só há o mar e a montanha do Purgatório. No centro do primeiro está Jerusalém, e em seus extremos estão o rio Ganges, no oriente, e as Colunas de Hércules, no ocidente; no segundo hemisfério, a 180º de Jerusalém, está a montanha do Purgatório, rodeada do mar que cobre toda essa metade da Terra. Temporalmente, há doze horas de diferença: se é manhã em Jerusalém, é meio-dia no Purgatório. No Ganges é noite porque está no oriente, onde está a constelação de Libra, a Balança.
108. Salmo 114: “Quando Israel saiu do Egito”.
109. O rei Manfredo, da Sicília, foi excomungado, mas conseguiu o perdão de Deus ao se arrepender na hora de sua morte. Apesar disso, é obrigado a ficar trinta anos para cada ano que ficou excomungado no Antepurgatório. Mas esse tempo pode ser abreviado se os vivos orarem por ele.
110. Como estão no hemisfério austral, o sol gira ao contrário do que ocorre no outro hemisfério, onde desloca-se para a direita.
111. Indica o norte, para onde o sol se punha.
112. Estrelas da constelação de Gêmeos,
113. Filho de Apolo, deus do Sol, Faetonte rouba o carro com que o pai levava o astro pelo céu, em suas jornadas diárias. Sem saber guiá-lo, o filho de Apolo provoca incêndios e desastres por onde passa. Esse episódio é narrado no livro *Metamorfoses*, de Ovídio.
114. Rei de Nápoles.
115. Pia de Tolomei, nascida em Siena e morta em Maremma. Provavelmente assassinada pelo marido, Nello Pannocchieschi.
116. Benincasa da Caterina, decapitado num tribunal, em Roma.
117. O guibelino Guccio dei Tarlati.
118. Pier da la Broccia foi acusado injustamente por um ato que não cometeu e enforcado por isso.
119. Membros da Igreja.
120. “[...] deveria dar a César o César dessa sela”, tradução de Augusto de Campos (2003).
121. Henrique, o Gordo, rei de Navarra.
122. “O Narizinho” – *Il Nasetto* – era o rei Felipe III, da França, que a governou no terço final do século XIII.
123. O corpulento é Pedro III, de Aragão, e o outro é Carlos I, de Anjou.
124. Guilherme VII, marquês de Monferrato.
125. Cântico da *Compieta*, oração que se faz no final do dia.
126. Aurora, apaixonada por Titão – irmão de Príamo –, o raptou e casou-se com ele. Pediu aos deuses que concedessem a imortalidade a ele.

127. Enquanto o sol nascia no outro polo, no hemisfério norte, ali, na antessala do Purgatório, era noite.
128. Conta Ovídio, nas *Metamorfoses*, que Filomena e Progne foram transformadas em andorinha e rouxinol.
129. Belíssimo, Ganimedes foi raptado no alto do monte Ida por Júpiter, metamorfoseado em águia. Levado ao Olimpo, Ganimedes tornou-se copeiro dos deuses.
130. Metello cuidava do Tesouro da república romana, cujo cofre ficava na rocha Tarpeia. César o afastou quando se tornou imperador.
131. Maria, mãe de Jesus.
132. A expressão latina *Ecce ancilla Dei* quer dizer: “Eis a serva de Deus”. A cena esculpida na parede do primeiro terraço do Purgatório é a da Anunciação, quando o anjo Gabriel se dirige à Maria, mãe de Jesus, para anunciar a chegada de Cristo.
133. As representações são tão reais que Dante não se sabe se ouve ou sente a música e os odores desenhados nas rochas.
134. O primeiro é o bolonhês Guido Guinicelli (c. 1230); o outro é Guido Cavalcanti, florentino nascido em 1255 aproximadamente. O terceiro, segundo alguns comentadores, seria o próprio Dante.
135. Oderisi está se referindo ao exílio de Dante.
136. Apolo.
137. A torre de Babel.
138. Filho de Anfiarau.
139. Ela cortou a cabeça de Ciro, rei persa, e a imergiu numa bacia cheia de sangue.
140. Com este gesto, o anjo lhe apaga o “P” da soberba, um dos sete “P” gravados na sua fronte, como se lê no canto IX.
141. Latim: “Felizes os pobres de espírito” ou “Abençoados os pobres de espírito”.
142. Latim: “Eles não têm vinho”, disse Maria a Jesus, nas bodas de Canaã. Cristo, então, transformou água em vinho.
143. Onde o anjo apaga os “P” que leva na fronte.
144. Colle di Val d’Elsa (colina do vale do rio Elsa), entre Siena e Florença.
145. Refere-se a um provérbio popular na Lombardia que chama os três últimos dias do inverno, que são muito frios, de “Os dias do melro”. Este teria dito, após alguns dias de pouco frio em janeiro, que não temia este mês.
146. Em Siena, seus habitantes esperaram infrutiferamente a construção de um porto em Talamone, um pântano, assim como procuraram antes um suposto rio subterrâneo, o Diana. Os almirantes representam os comandantes que imaginaram aportar suas frotas ali, mas morreram de malária.
147. São as almas de Guido del Duca e Rinieri da Calboli respectivamente.
148. Neto de Rinieri, trata-se de Fulcieri da Calboli, potentado em Florença, que levou à frente a vingança dos Negros contra os Brancos.
149. Fala de Caim dirigida a Iavé, Gênesis, IV, 14, depois de ter matado Abel (trad. *A Bíblia de Jerusalém*, p. 37).
150. Guido del Duca.
151. Palavras de Maria a Jesus (São Lucas, II, 48).
152. Conta-se nas *Metamorfoses*, de Ovídio, que Netuno e Atena brigaram para que seus nomes fossem adotados pelos gregos.
153. São Estéfano, um dos primeiros mártires da Igreja. Foi apedrejado em Jerusalém por volta do ano 35.
154. No original o termo é “moderno”: “*fuor del moderno uso*”.
155. O tema da corrupção tratado por Guido del Duca.
156. Imagem tirada do Levítico (cap. 9) e do Deuterônimo (cap. 14), que prescrevem a alimentação

apenas de animais que têm as patas divididas em dois lóbulos. Imagem que, segundo comentadores, representa a divisão entre bem e mal.
157. Procne foi transformada em rouxinol por ter matado o filho, levada pelo ódio contra Tereo, seu marido. O crucificado é o persa Aman, que quis castigar Mardoqueu e os hebreus, mas foi impedido por Ester, esposa de Assuero, que descobriu seu plano. Lavínia é filha de Amata, mulher do rei Latino. Por achar que Turno estava morto e que a filha se casaria com Enéas, ela se enforcou.
158. Mais um "P" é apagado da fade de Dante.
159. Trata-se do quarto pecado, o da preguiça.
160. São os pecados da soberba, da inveja e da ira, de acordo com as formulações de São Tomás de Aquino (BORZI, 1997, p. 335).
161. São a avareza, a gula e a luxúria, o amor pelas coisas terrenas.
162. Estes outros são os epicuristas.
163. Alberto della Scala morreu em 1301, portanto, depois do tempo em que a *Comédia* é narrada, 1300. Nomeou o filho Giuseppe, manco e pobre intelectualmente, segundo Dante.
164. Acreditava-se que o planeta Saturno era um dos responsáveis pelo clima frio.
165. A fonte de Dante aqui parece, segundo Borzi (1997), ser Cícero, pois tudo indica que Dante não teria lido a *Odisseia*.
166. *Beati qui lugent*, felizes os que choram (Mateus, V, 5). O anjo está se referindo aos preguiçosos.
167. Não seria a sereia, mas a cobiça.
168. Trata-se do Salmo 119 (v. 25): "Minha garganta está pegada ao pó, dá-me vida pela tua palavra" (*Bíblia de Jerusalém*, 1985, p. 1084).
169. "Saibas que fui sucessor de Pedro", diz Adriano V, em latim, língua da Igreja. Foi papa de 11 de julho a 18 de agosto de 1276. Pertencia à família Lavagna, de Gênova.
170. "[...] nem elas se dão em casamento" (São Mateus, XXII, 29-30, in *Bíblia de Jerusalém*, 1985, p.1880).
171. Carlos de Anjou conquistou em 1256 os reinos de Sicília e Nápoles e, segundo alguns cronistas da época, teria mandado envenenar Tomás de Aquino, enquanto este se dirigia ao Concílio de Lião (Borzi, 1997, p. 352).
172. Carlos de Valois, irmão de Filipe, o Belo.
173. Carlos II, filho de Carlos de Anjou.
174. A Virgem Maria.
175. Josué, VII, 1.
176. Episódios bíblicos. No primeiro, Safira e Ananias retêm parte do dinheiro da venda de seus bens destinada aos apóstolos (At., V, 1-11); no segundo, um ministro sírio é castigado por Deus por ter roubado o tesouro do templo de Jerusalém (2Mc, III, 7-49).
177. Episódio contado no canto III da *Eneida*: Polidoro, filho de Príamo, estava sob a proteção de Polinestro, rei da Trácia, quando este o matou. O rei matou Polidoro para roubar-lhe o tesouro que guardava consigo. Marco Licínio Crasso, político e general romano, conhecido por sua riqueza, foi morto por Orodes, rei parta, em 53 a.C. Para escarnecer dele, colaram ouro em sua boca.
178. Apolo e Diana: O sol e a lua, respectivamente, segundo se conta nas *Metamorfoses*, de Ovídio (VI, 189).
179. Latim: "Glória a Deus no mais alto dos céus" (*A Bíblia de Jerusalém*, 1985, p. 1930).
180. Episódio narrado no *Evangelho de Lucas* (II, 9), quando um anjo anuncia a vinda de Cristo.
181. Palavras de Jesus quando aparece aos apóstolos (Lucas, XXIV, 36).
182. Íris, filha de Taumante e de Electra.
183. O poeta latino Estácio (c.50-c.95) escreveu a *Tebaida* e a incompleta *Aquileida*, entre outras obras.
184. Palavras de São Mateus (v., 5:6): "*Beati qui esuriunt et* sitiunt *iustitiam, quoniam ipsi*

saturabuntur” (“Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados” – *Bíblia de Jerusalém*, 1985, p. 1845).
185. “A que não obrigas tu os corações dos mortais, ó maldita fome de ouro!”: Tradução de Tassilo O. Spalding (2008, p.54) dos famosos versos do canto III da *Eneida*: “*Quid non mortalia pector cogis, auri sacra fames*”.
186. Verso das *Bucólicas*, de Virgílio.
187. Isifile.
188. Personagens da *Aquileida*, de Estácio.
189. Parte do Salmo 51 (17): “Ó Senhor, abre os meus lábios, e minha língua anunciará teu louvor” (*Bíblia de Jerusalém*, 1985, p. 1004).
190. Erisitão, lê-se nas *Metamorfoses*, de Ovídio (VIII, 741-878), foi punido por Ceres ou Deméter por ter penetrado em um bosque sagrado. Condenado a uma fome insaciável, acabou devorando os próprios membros.
191. Conta-se que isso se deu durante o assalto a Jerusalém, comandado pelo imperador romano Tito, em 70 d.C.
192. “Homem”, em italiano. Segundo uma crença medieval, via-se no rosto dos homens a palavra “omo”, inscrita ali por Deus quando os criara.
193. *Eli*, palavra hebraica que significa “Meu Deus”, início da sentença dita por Jesus quando estava na cruz: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (*Bíblia de Jerusalém*, Salmo 22, 1985, p. 968)
194. Refere-se a Florença.
195. O papa Martinho IV, que antes havia sido tesoureiro da catedral de Tours.
196. Tradução de Décio Pignatari dos versos escritos (*Donne ch’avete intelletto d’amore*”) para Beatriz em *Vida nova* (Cia. das Letras, 2006, p. 41).
197. O coração.
198. Com um estilo mais intelectualizante e formal, Jacopo e Guittone eram poetas da corte de Federico II. O *dolce stil nuovo* irá adotar outras premissas, entre elas a ideia de que a poesia deve expressar-se com uma linguagem mais espontânea, no extremo oposto do raciocínio escolástico. Além de Dante, Guido Guinizeli, Guido Cavalcanti, Cino da Pistoia, entre outros, foram os expoentes desse doce estilo novo.
199. Centauros gulosos e embriagados que tentaram violar as mulheres durante as núpcias de Pirítoo e Hipodâmia, boa parte deles mortos por Teseu e Pirítoo. Gedeão não levou consigo os hebreus que beberam a água com as mãos ao pé do Gelboé (Juízes, VII, 5,6).
200. De Virgílio.
201. São os órgãos sexuais masculino (“melhor calar”) e feminino (“vaso natural”).
202. “Deus misericordioso”, forma com que se iniciava o hino do *Breviário*, pela manhã. Foi modificado em 1631.
203. “Não conheço homem”, palavras de Maria dirigidas ao anjo da Anunciação.
204. Ninfa seduzida por Júpiter e por isso expulsa dos bosques por Diana.
205. Filha de Minós, Pasifae entrou numa vaca de madeira para que um touro a penetrasse.
206. Trata-se dos *Summae Deus Clementiae*.
207. A sodomia. Os próprios soldados o chamaram assim por sua relação com o rei Nicomedes, da Bitínia.
208. Pasifae, mencionada mais acima.
209. Poeta bolonhês (c.1230-c.1276) da escola do *dolce stil nuovo*, é citado por Dante no *Convívio*, na *Vita nuova*. Na primeira obra é chamado de nobre; na segunda, de sábio.
210. Episódio da *Tebaida*, de Estácio: Isífile abandonou o filho de Licurgo na fonte Langia. A criança morreu ali mordida por uma serpente. A mulher foi condenada à morte, mas antes de a pena ser

aplicada foi salva pelos filhos, que atacaram soldados e carrasco para libertarem-na.
211. Em italiano, por ser uma antonomásia célebre para referir-se a Arnault Daniel, poeta provençal.
212. Seria o poeta provençal Guerault de Bournelh, morto em 1220, citado por Dante em *Vida nova*.
213. O Paraíso.
214. Versos escritos em Provençal no original. Todo trecho em itálico é tradução de Augusto de Campos (*Invenção. De Arnaut a Raimbaut. De Dante a Cavalcanti*. São Paulo: Arx, 2003, p. 257).
215. "Felizes os puros de coração."
216. "Vinde, benditos de meu pai", palavras que Cristo dirá no Juízo Final aos escolhidos para viverem no Paraíso (Mateus, XXV, 34, in: Bíblia de Jerusalém, 1985, p. 1887).
217. Segundo o Gênesis, Lia e Raquel foram mulheres de Jacó.
218. Colhendo flores como Lia, ou sentado admirando-se como Raquel, como Dante vira em seu sonho. A primeira representando a vida ativa; a segunda, a contemplativa.
219. Porto de Ravenna.
220. Trata-se de Matelda, cujo nome só será revelado no próximo canto.
221. Dante refere-se ao episódio narrado nas *Metamorfoses*, de Ovídio: o rapto da jovem e bela Prosérpina por Plutão, enquanto ela colhia flores no bosque de Enna, na Sicília.
222. Salmo 92 (91): "Pois tu me alegras [deleitas] com teus atos, Iahweh" (*A Bíblia de Jerusalém*, 1985, p. 1053).
223. Salmo 32: "Feliz aquele cuja ofensa é absolvida,/ cujo pecado é coberto" (*A Bíblia de Jerusalém*, 1985, p. 979).
224. O Hélicon é o monte na região da Beócia consagrado às musas pelos gregos; e Urânia, a musa da astronomia.
225. Exclamação que significa "glória".
226. Canto dirigido a Nossa Senhora, mãe de Jesus.
227. Pastor de cem olhos encarregado de vigiá-lo, transformada em vaca por Hera. Foi morto por Hermes.
228. Ezequiel, I, 4; 13.
229. Animal mitológico com corpo de leão e cabeça e asas de águia.
230. Trata-se do mito Faetonte, filho de Hélio, que pede para guiar o carro do pai. No Céu, desgovernado, o Sol assola a Terra, a qual pede ajuda a Zeus, que o destrói.
231. Representam as virtudes teologais: caridade, esperança e fé.
232. As quatro virtudes cardeais: prudência (a de três olhos), justiça, fortaleza e temperança.
233. Segundo comentadores, seriam São Lucas, que foi médico, e São Paulo, cuja espada era a palavra de Deus.
234. De acordo com alguns autores, seriam os apóstolos Tiago, Pedro, João e Judas. O último seria o autor do Apocalipse.
235. Trecho em latim: *ad vocem tanti senis*.
236. Trecho do Salmo 118, 25: "Bendito és tu que vens" ou "Bendito o que vem em nome de Iaweh!", como está na *Bíblia de Jerusalém*, 1985, p. 1082. Saudação incorporada ao Dia de Ramos.
237. Versos do sexto Livro da *Eneida*, de Virgílio. As fontes dão como o verso 883 ou 884. Manuel Odorico Mendes o verteu no 921: "Dai-me às mancheias lírios, dai-me rosas" (*Eneida*, São Paulo: Atena Editora, 1958, p.191).
238. Dante inclui e traduz o verso 23 do livro IV da Eneida "*agnosco veteris vestigia flammae*", cuja tradução aqui é a de Odorico Mendes, que aparece no verso 25 (op. cit., p. 114).
239. Salmo 30 (ou 31), 1; 9: "Iaweh, eu me abrigo em ti [...] firmaste meus pés em lugar espaçoso" (*A Bíblia de Jerusalém*, 1985, p. 977-978).
240. "Purifica-me", nono verso do *Miserere*, salmo 50 (51).
241. As três damas vistas antes, símbolos das três virtudes teologais: caridade, esperança e fé.

242. Episódio já mencionado por Dante, no qual Argos cuida de Io, a pedido de Zeus. Ele é enganado por Hermes, que lhe conta a história de Siringa e o mata – a pedido de Hera (Ovídio, *Metamorfoses*, I, 568-747).
243. Os vinte e quatro senhores, os quatro animais e os sete anciãos, segundo Fallani; Maggi e Zennaro, em *Dante. Tutte le opere* (introdução de Italo Borzi. Roma: GTE Newton, 1997, p. 424).
244. Ventos que anunciam, na *Bíblia*, cataclismos, acontecimentos hostis ou mesmo o advento de seres infernais, como em Isaías e Ezequiel.
245. Roma, neste passo, é o Paraíso.
246. Segundo comentadores, o carro representa a Igreja.
247. Segundo comentadores, a puta seria a igreja de Roma, sob os papados de Bonifácio VIII e Clemente V, e o gigante seria Felipe, o Belo, rei da França.
248. Salmo 79, 1: "Ó Deus, as nações invadiram..." (*A Bíblia de Jerusalém*, 1985, p. 1038).
249. Trecho do Evangelho segundo São João (XVI, 16): Um pouco de tempo e já não me vereis, mais um pouco ainda e me vereis" (*A Bíblia de Jerusalém*, 1985, p. 2029).
250. Trata da Igreja e dos papas criticados por Dante.
251. Na Idade Média, dizia-se que se um assassino tomasse sopa por nove dias sobre o túmulo de sua vítima não sofreria a vingança dos parentes dela (ver *Dante. Tutte le Opere*, 1997, p. 429).
252. Remetem aos números romanos 500, 10 e 5, que seria o anagrama da palavra latina DUX, "líder, chefe".
253. Referência à história de Édipo, que solucionou o enigma da esfinge tebana, o que a levou à morte. Têmis, para se vingar, devastou Tebas.
254. Cristo, que reparou o pecado de Adão.

III. PARAÍSO

NOTA INTRODUTÓRIA

Em volta da Terra, que é uma esfera imóvel, circulam nove esferas, chamadas de céus na *Comédia*. O **décimo céu** é o **Empíreo**, onde estão a rosa dos beatos, os anjos, o Espírito Santo e Deus. Todos os céus são impulsionados pelo **Primeiro Motor**, o **nono céu**, que é o mais rápido de todos. A velocidade da rotação dos céus é determinada pela proximidade ao primeiro: o mais próximo gira rapidamente, e os demais, de forma sucessivamente mais lenta. Só o Empíreo, onde estão Deus e os anjos, é imóvel, pois está fora do tempo e do espaço.

Os **sete primeiros céus** levam o nome do planeta que gira neles do modo como era conhecido na Idade Média: **Lua**, **Mercúrio**, **Vênus**, **Sol** (que era compreendido como planeta à época de Dante), **Marte**, **Júpiter** e **Saturno**. O oitavo é nomeado o das **Estrelas Fixas**, o nono, de **Primeiro Motor**, terminando no **Empíreo**.

Cada céu é governado por uma inteligência angélica (anjos, arcanjos, príncipes celestiais, potestades, virtudes, dominações, tronos e serafins), e em cada um deles giram as almas beatas que alcançaram a salvação. Assim como nos outros reinos, há um critério que classifica os beatos que se encontram neste ou naquele céu, embora todos usufruam igualmente a felicidade de contemplarem a Deus. O Paraíso é visto espacialmente pelos olhos de Dante e dos homens, mas ao esquema divino essas divisões se diluem pela luz e pelo alcance do sumo bem, que a todos atinge igualmente.

No **céu da Lua**, regido pelos anjos, estão as almas que não cumpriram

integralmente seus votos religiosos, relevando uma inconstância que à época de Dante se debitava a esse astro (cantos II a IV). O **céu de Mercúrio** é presidido pelos arcanjos. Nele Dante vê os beatos que amaram a glória humana (cantos V a VII). No **terceiro céu,** o de **Vênus**, veem-se as almas sensíveis ao amor, governadas pelos príncipes celestiais (cantos VIII e IX). Governado pelas potestades, no **céu do Sol** estão os sábios, como Tomás de Aquino, Alberto Magno, Salomão e Paulo, entre outros. (Quase cinco cantos são dedicados a essa esfera, do X ao XIV.) No **céu de Marte**, estão os mártires, os que combateram em nome da fé. Nesse céu encontra-se Cacciaguida, trisavô de Dante, que lhe profetizará o exílio. (As narrativas desse quinto céu, governado pelas virtudes, se desenrolaram até o canto XVIII.)

No **sexto céu** encontram-se as almas dos justos, além da grande águia de luz, com a qual Dante dialoga. Esse **céu de Júpiter** é presidido pelas dominações (cantos XIX e XX). No **sétimo céu**, o de **Saturno**, são vistos os espíritos contemplativos, governados pelos tronos (cantos XXI e XXII). O céu seguinte é o das **Estrelas Fixas,** governado pelos querubins, onde se encontram os que amam o bem. Neste veem-se São Pedro, São João Evangelista e São Tiago, entre outros, que conversam com Dante (cantos XXIII a XXVII). O **céu cristalino** ou o **Primeiro Motor** é a nona e penúltima seção do Paraíso. Velocíssimo, nele se vê um ponto luminoso cercado por nove círculos luminosos, que são as nove fileiras de anjos que giram no **Empíreo**, o décimo e último céu. Presidido pelos serafins, o Primeiro Motor move todos os outros céus e só se limita com a última esfera (cantos XXVII a XXIX). O Empíreo encerra o **Paraíso** (XXX a XXXIII). Nele se veem as nove fileiras dos anjos, a rosa mística ou dos beatos, onde estão sentados a Virgem Maria, Eva, Santa Lúcia, Beatriz, São

João Evangelista, Adão, São Bernardo, entre outros. Ali, auxiliado por São Bernardo, Dante contempla o Espírito Santo e vê a face de Deus, que governa este e todos os céus.

Canto I

Proêmio do terceiro canto da Comédia, onde Dante invoca Apolo, deus da poesia, para ajudá-lo a narrar o que viu no Paraíso. O poeta é levado por Beatriz a encarar o sol, que o faz ver os demais céus desse terceiro reino dos mortos. Dante admira-se em seguida por atravessar os corpos celestes e subir ao céu. Sem conseguir compreender a razão disso, logo é esclarecido por Beatriz, que lhe diz que isso é possível porque os corpos tendem a mover-se para seu lugar de origem. Por causa do intelecto e do amor, é mais do que esperado que ele, Dante, esteja ali nos céus, e não na terra, diz-lhe Beatriz.

[1] A glória Daquele que tudo move penetra o universo e resplandece em todos os lugares! Estive no céu mais iluminado e vi coisas sobre as quais aquele que de lá desceu não sabe nem pode contá-las, porque quanto mais próxima do que mais deseja[255], mais nossa mente se aprofunda, e menos nossa memória pode acompanhá-la. E a matéria deste meu canto será justamente o quanto desse reino consegui recordar.

[13] Ó bom Apolo, concede-me teu valor neste meu último trabalho, do mesmo modo que o requeres para coroar-me com teus louros. Até agora só me vali de um dos montes do Parnaso, mas preciso de dois[256] agora para prosseguir nessa peleja. Entra-me no peito e insufla-o com tua música e usa a mesma força que mostraste quando esfolaste Mársias.[257]

[22] Ó divina virtude, se me concedeis essa graça, cantarei ao menos

parte do teu sagrado reino com aquilo que minha memória gravar, e que eu possa chegar à tua árvore dileta e usar a coroa trançada por tuas flores. Por culpa dos homens, tão raramente, pai, são colhidos esses louros, seja por um imperador ou poeta, por isso creio que o deus de Delfos ficará contente se alguém desejar as folhas da árvore da filha de Peneu.[258] De uma pequena fagulha pode suceder um incêndio, quem sabe depois de mim outros, com voz superior, poderão rogar a Cirra e granjear-lhe melhores respostas.

[37] O sol, lanterna do mundo, surge aos mortais por diferentes horizontes, mas naquele horizonte, em que quatro anéis[259] formam três cruzes, ele desponta na melhor constelação e na melhor estação, moldando de forma mais temperada, e a seu modo, a matéria mundana.

Bem entre a manhã e a tarde, quando o céu estava quase todo iluminado nesse hemisfério e no outro, mortal, ia escuro, vi Beatriz voltada para a esquerda encarar o sol de tal modo que nem uma águia o conseguiria. E tal como um raio solar surgido de outro eleva-se tão rápido como um falcão, assim repeti o gesto dela, como se seus olhos houvessem penetrado na minha mente, fazendo-me encarar o astro rei.

[55] Muitas coisas que não são concedidas na Terra são possíveis no Paraíso. Não consegui encarar o sol por muito tempo, apenas o suficiente para ver fagulhas à sua volta como as que se veem em torno do ferro incandescente. E de repente pareceu que um dia foi acrescentado a outro, como se pudesse haver outro céu iluminado por mais um sol.

[64] Beatriz olhava fixa e totalmente para esfera eterna, e eu para ela, esquecendo-me da grande lanterna. Admirando-a, senti por dentro a mesma coisa que fez Glauco saborear a erva que o transformou em uma divindade do mar.[260] Transcender a natureza humana não se pode explicar *per verba*,

com palavras, mas experimentá-la é suficiente a quem foi concedida essa graça. Se eu era só a parte que criaste por último, só tu o sabes, tu que governas os céus com amor e com cuja luz me alçaste.

[76] Quando a rotação das esferas celestes que giram eternamente à força de seu desejo chamou-me a atenção pela harmonia com que se regulam e distinguem, vi um céu tão iluminado que parecia um imenso lago formado por chuva ou rio desconhecidos. O som inusitado e a luz tão intensa acenderam-me um desejo que jamais sentira com tanta intensidade.

[85] Então, ela, que me via como eu mesmo via a mim, para conter-me a emoção antes que eu lhe perguntasse algo, disse:

– Tu não compreendes por que tua imaginação te engana, e se a abandonasses verias o que não vês agora. Tu não estás na Terra, como crês; tu chegaste ao céu mais rápido que qualquer relâmpago fulgurado nos céus.

[94] Se dessa primeira dúvida fui aliviado por palavras breves e alegres, logo fui enredado por outra. Então eu disse:

– Estou tranquilo e contente, bem admirado dessas luzes e sons, mas agora me espanto por conseguir atravessar esses corpos mais leves.

[100] Com um pio suspiro, ela, virou-se para mim com aquele olhar de mãe dirigido ao filho que delira de febre e começou:

– Todas as coisas são ordenadas entre si, e essa é a forma pela qual o universo assemelha-se a Deus. Aqui as criaturas superiores veem o sinal do eterno valor, razão e fim da ordem mencionada acima. Todas as coisas se inclinam a essa ordem, de formas variadas, quanto mais ou menos próximas estão do princípio criador. Elas se movem em diversos portos do grande mar do ser, de acordo com os instintos que lhes foram dados. Em um, o instinto é levar o fogo à lua; noutro, é ser o que move os corações

mortais[261], em outro, é manter reunida e compacta a terra; porém, não só as criaturas carentes de inteligência são alvo dessas setas, mas também aquelas que têm intelecto e amor.

[121] A Providência, que tudo isso preside, ilumina com sua luz o céu imóvel, o Empíreo, a esfera mais distante e veloz de todas. E para lá, por decreto seu, nos leva até o bem. Verdade é que como nem sempre a forma se conforma à arte, porque a matéria costuma ser surda, muitas criaturas desviam-se desse fim, tal é o poder de curvarem-se e irem para outra parte. Assim como se pode ver o raio cair das nuvens, vê-se o homem aferrar-se à Terra, levado por um falso prazer. Se estimo bem, não deves te admirar de tua subida, senão como admiras um rio que desce da montanha rumo ao ponto mais baixo. Espantoso seria, desimpedido como estás, se ficasses preso lá embaixo, como a chama viva na terra imóvel.

[142] Então olhou novamente para o céu.

Canto II

Dante chega ao primeiro céu, a Lua. Depois de agradecer a Deus por ter chegado até ali, pergunta a Beatriz qual é a explicação para as manchas da Lua que se veem da Terra. Um longo colóquio começa entre eles, por meio do qual ela lhe demonstra o quanto a razão humana é insuficiente para conhecer os desígnios do Paraíso. Assim, Beatriz lhe explica por que se veem manchas na Lua e por que variam as luzes dos corpos celestes.

[1] Ó vós que em barca pequenina e lassa, por amor de me escutar, me haveis seguido a nau que desonda e passa, volvei sem mais ao porto conhecido: o mar é alto, basta de porfia, pois me perdendo, vos tereis

perdido.[262] A água a que me lanço jamais se navegou antes. Minerva é quem sopra as velas, Apolo é o condutor, e as nove Musas dão a direção apontando as Ursas Maior e Menor. Aqueles poucos entre vós que se voltaram para o pão angelical, a ciência divina, do qual podemos nos servir aqui na Terra mas jamais saciar-nos dele, podeis navegar por alto-mar seguindo-me, observando os sulcos na água antes que se desfaçam. Os argonautas que chegaram à Cólquida espantaram-se menos do que vós quando viram Jasão se transformar em camponês à frente de um arado puxado por uma parelha de bois.

[19] A inata e perpétua sede do reino divino nos levava tão veloz quanto as luzes que riscam os céus.

[22] Olhava para o alto, onde estava Beatriz, e com a mesma velocidade que uma flecha disparada do arco alcança seu alvo me vi junto a coisas maravilhosas que me atraíram o olhar, e aquela de quem eu não podia esconder nada vira-se para mim, tão bela quanto feliz, dizendo:

– Agradece a Deus, pois chegamos à primeira estrela.[263]

[31] Parecia estarmos cobertos por uma nuvem luminosa, espessa, sólida e polida como um diamante ferido pela luz do sol. Penetramos ali, na gema eterna, como a água recebe a luz, harmoniosamente. Se eu era corpo – e como não concebemos que um corpo penetre outro –, incendiava-me o desejo de ver aquela essência em que se vê como nossa natureza e Deus unem-se. Então se verá de forma evidente, nessa estrela, aquilo que na Terra aceitamos pela fé sem demonstração alguma, do mesmo modo que cremos na verdade primeira.[264]

[46] Então respondi:

– Senhora, mais devoto quanto posso agradeço a Ele por ter me

removido do mundo dos mortais. Mas diz-me: o que são aquelas manchas escuras que vemos lá embaixo, da Terra, que dizem ser obra de Caim?

[52] Ela sorriu brevemente e depois disse:

– Se os homens erram é porque na Terra não têm as chaves para tudo, e não deverias admirar-te com isso, pois as asas da razão não podem levá-los muito longe. Mas, diz-me, o que pensas sobre isso?

[59] E eu:

– As coisas aqui em cima parecem diferentes porque, creio, há corpos rarefeitos e densos.

E ela:

– Certamente verás que estás totalmente errado se escutares bem a argumentação que ora começo. A oitava esfera exibe muitas luzes, as quais, se puderes notar, têm diversas faces de acordo com a quantidade ou a qualidade. Se a rarefação e a densidade explicassem isso, só uma única causa comandaria todas as estrelas, em quantidade maior, menor ou igual. Virtudes diversas devem ser fruto de princípios diferentes, e esses, salvo um, seriam destruídos segundo teu raciocínio.

[73] Além disso, se a rarefação fosse a causa das manchas escuras, ou faltaria matéria do outro lado do planeta ou, assim como um corpo tem partes gordas e magras, a lua seria como um volume, arranjado em folhas. Se o princípio fosse o outro, da densidade, ele se manifestaria durante o eclipse do sol, quando sua luz penetraria no outro corpo. Mas, como isso não acontece, falemos da outra alternativa. E se esta for eliminada também, tua opinião será falsa.

[85] Se a luz não atravessa a matéria rarefeita, então deve haver um limite além do qual o que é denso não a permite ultrapassar. Então desse ponto o raio se difunde tal como a cor é refletida pelo espelho, cuja base é

de chumbo. Dirás talvez que o raio mostra-se mais escuro nesse ponto do que em outra parte porque ele retorna de uma região mais distante. Podes libertar-te dessa objeção pela experiência, se por acaso não a provaste; experiência que é a fonte de vossa arte. Apanha três espelhos e coloca dois, um de cada lado, à mesma distância de ti, e o terceiro mais afastado. Depois, acende e coloca uma vela atrás de ti na direção deles, de modo que os reflexos repercutam em teus olhos. Ainda que uma das luzes chegue mais fraca, verás que todas refletem com a mesma qualidade.

[106] Ora, assim como a neve é despida pelos raios do sol e retoma a cor e o frio originais, assim faço com teu intelecto iluminando-o de modo tão vivaz que teu semblante resplenderá por isso.

[112] Dentro do céu da divina paz, o Empíreo, gira um corpo cuja virtude é constituir tudo que dentro dele jaz. O próximo céu, adornado por tantas estrelas, distribui essa virtude em essências diferentes, distantes dela, mas contidas nela. Levando em conta as várias diferenças que têm dentro de si, os outros céus vão dispondo suas sementes e seus fins. Esses órgãos do mundo vão girando como vês agora, de grau em grau, levando para baixo o que do alto recebem.

[124] Presta atenção agora como vou pelo caminho verdadeiro, de modo que possas percorrê-lo sozinho depois.

[125] Assim como a arte do martelo deriva da ação do ferreiro, o movimento e a força dos santos céus provêm do beatífico motor que os inspira. E o céu adornado de tantas luzes se embeleza, e da mente profunda que o move toma-lhe a imagem e faz dela um selo. Assim como alma sob carne e pele comanda os diversos membros do corpo, a inteligência multiplica sua bondade pelas demais estrelas, girando sobre si mesma. Virtudes variadas combinam-se de diferentes formas ao precioso corpo que

ela aviva[265], como quem se liga tal como vós à vida.

[142] Assim como a alma transmite pela pupila sua alegria, a natureza irradia sua beatitude pelos corpos celestes. Isso explica por que uma luz difere-se da outra, não pela densidade ou a rarefação da matéria, mas por esse princípio que, conforme sua bondade, produz o escuro e o claro.

CANTO III

Dante vê no primeiro céu, o da Lua, imagens diáfanas que descobre serem das almas que não mantiveram seus votos religiosos. Encorajado por Beatriz, dirige-se àquela que lhe parece mais simpática, a de Piccarda Donati. Perguntada sobre a vontade de ascender para outros céus, ela lhe explica o sentido da caridade de Deus, que governa todas as esferas. Em seguida conta a sua história, de como foi raptada de um convento, e ainda lhe apresenta a alma de Constança d'Altavilla, imperatriz da Suábia.

[1] Beatriz, sol que me acendeu o primeiro amor na juventude, revelou agora a doce e bela face da verdade, provando-a e refutando o seu contrário. Então, ergui a cabeça o quanto era conveniente para confessar meus erros e corrigi-los, mas deixei de fazê-lo ao ver algo que me imobilizara. Como por vidros diáfanos e polidos ou por águas translúcidas e calmas, não tão profundas a ponto de não se ver o fundo, as linhas de nossas faces retornam muito debilmente, não mais que como uma pérola em uma fronte branca se refletiria, assim vi muitos rostos prestes a falar, e caí no erro de Narciso, só que ao contrário.

[20] Assim que me dei conta deles, tomando-os como imagens refletindo num espelho, volvi os olhos para trás para ver quem eram e nada vi e voltei

meus olhos para frente novamente, em direção à luz da minha doce guia, cujos olhos santos cintilavam enquanto sorria.

– Não te espantes por me veres sorrindo por causa do teu juízo pueril – me disse –, pois na verdade teus pés ainda não confiam mas te levam, como é costume, a lugar algum. O que vês são seres verdadeiros, relegados aqui por não observarem seus votos. Mas conversa com eles, ouve e crê neles, pois luz verdadeira que os satisfaz não permite que saiam desta esfera.

[34] Então me voltei para a alma que me pareceu mais desejosa de conversar e comecei a falar premido por um grande desejo:

– Ó abençoado espírito que sente a doçura dos raios da vida eterna, a qual não se compreende sem se desfrutá-la, concede-me a graça e diz-me teu nome e teu destino.

[42] A alma respondeu então:

– Nossa caridade não fecha as portas ao desejo justo, assim como quer Aquela que dita que toda sua corte seja como ela.[266] Fui devota do senhor no outro mundo e se tua mente recordar-se bem me reconhecerá, sem embargo ser hoje aqui muito mais bela do que lá na terra fui. Sou Piccarda, abençoada por estar aqui entre outros tantos beatos na esfera mais lenta. Nossos sentimentos, que são inflamados só pelo prazer do Espírito Santo, alegram-se por girar de acordo com a ordem e a forma divinas. E tal sorte, que parece menor, nos foi dada porque nossos votos foram negligentes e omissos em algum ponto.

[58] Disse então a ela:

– Em vossas admiráveis feições resplandece não sei quê de divino que vos transfigura, tornando-as bem diferentes do que eram antes, por isso não as recordei prontamente, mas agora que me ajudastes as reconheço mais

claramente. Mas, dizei-me, vós que sois feliz aqui, desejais subir mais para ver além e estar mais próximo dele?

[67] Ela sorriu ao mesmo tempo que as outras almas e então me respondeu tão alegre que parecia arder nas chamas do primeiro amor.

– Irmão, nossa vontade é aplacada pela força da caridade, que nos faz desejar somente o que temos e mais nada. Se desejássemos estar numa esfera superior, nossos desejos discordariam da vontade daquele que nos pôs aqui. Isso, verás, não cabe nestas esferas, pois aqui se vive necessariamente sob a ordem do amor, se perceberes bem a sua natureza. É condição formal e faz parte da essência da beatitude aqui, manter-se de acordo com a vontade divina, o que faz todas vontades serem uma só. Assim, o modo como somos distribuídas pelas diferentes esferas agrada a todos e Àquele cujo querer move tudo. E tal como o mar para o qual tudo flui, na vontade Dele está nossa paz, seja aquilo criado por ele ou feito pela natureza.

[88] Ficou claro para mim então que todo e qualquer ponto do céu é todo Paraíso, embora a graça do Sumo Bem caia de forma diferente em cada um. Mas como alguém que satisfeito de um prato já deseja outro, desconfiando do antigo e se regozijando do próximo, assim fiz eu agindo e falando para saber de Piccarda qual tinha sido o bordado que deixara inacabado.

[97] Ela me disse:

– Vida perfeita e por grande mérito alçou-se acima lá no céu uma senhora[267] cujo preceito na Terra era vestir o hábito e o véu para, seja na vigília seja dormindo, ficar com aquele esposo que aceita todo voto que a seu amor se conforma. Bem jovem, fugi de tudo para segui-la e vesti seu hábito e prometi dedicar-me à sua ordem. Mais tarde fui raptada por alguns

homens, guiados pelo mal e não pelo bem, que arrancaram-me de minha doce cela. Só Deus sabe como vivi depois disso. E deste outro espírito que vês à minha direita e que se ilumina da luz de nossa esfera digo o mesmo que disse de mim: foi freira e também lhe foi arrancado de sua cabeça o abençoado véu. E, assim que retornou ao mundo contra sua vontade e contra os bons hábitos, jamais tirou de seu coração o véu que lhe arrancaram de forma vil. Esta é a luz da grande Constança, que do segundo imperador da Suábia gerou o terceiro e último mandatário.[268]

[121] Falou-me assim e depois começou a cantar a Ave Maria e cantando desvaneceu como se esvai um objeto pesado na água profunda.

[124] Meus olhos, depois de seguirem-na o quanto foi possível, depois de a perderem, voltaram-se para luz que mais desejavam, fixando-se então em Beatriz. Mas ela brilhou tão intensamente que não suportei mirá-la e isso me impediu de indagar-lhe mais.

Canto IV

Tomado por duas dúvidas, Dante quer indagar Beatriz, mas não consegue. Ela percebe o desejo do poeta e responde-lhe. Ela lhe diz que embora ele veja as almas em pontos diferentes, todas estão no mesmo céu. A diferença entre elas está na forma como sentem o amor divino. Depois Beatriz lhe explica a diferença entre verdade absoluta e relativa, esclarecendo-o acerca da incompletude dos votos sobre a qual discutira no canto anterior. Termina o canto levantando outra dúvida.

[1] Entre dois pratos igualmente distantes e atraentes, o homem sensato morreria de fome antes de cravar os dentes em um deles. Tal como ficaria um cordeiro entre dois lobos famintos e ferozes, temendo-os igualmente, e

da mesma forma um cão sofreria entre dois gamos. Se me calava, não me condenava nem me vangloriava por isso, pois tinha de permanecer assim, mesmo acossado por minhas dúvidas.

[10] Calava-me, mas o desejo de falar corava-me o rosto mais do que se eu falasse abertamente. Beatriz fez então como Daniel, que livrou Nabucodonosor da ira que o faria agir cruel e injustamente[269] e disse:

– Vejo claramente que teu desejo dividido em dois pressiona-te a perguntar, mas isso está tão preso dentro de ti que não consegues pô-lo para fora. Raciocinas assim: "Se o bom propósito permanece, por que motivo a violência alheia diminui-lhe o mérito?". A Razão de assim duvidares vem da sentença de Platão que diz voltarem as almas para o céu, de onde saíram para a Terra. Dessas questões que igualmente açodam-lhe a vontade tratarei daquela mais biliosa.

[28] Os serafins e todos aqueles que giram mais próximos de Deus, como Moisés, Samuel, os dois Joões – o Batista e o Evangelista – e Maria não estão em um céu diferente daquele em que estão os espíritos que apareceram para ti, nem por mais ou menos tempo que eles também, mas sentem diferentemente o amor divino na suma esfera. Viste-os aqui só para conheceres o grau da graça que lhes foi concedida e não porque estão presos a este lugar. Pois assim convém a teu engenho, que só compreende por meio das coisas sensíveis. Isso também explica por que as Escrituras são condescendentes com o intelecto humano, atribuindo, por exemplo, pés e mãos a Deus, para aludir a outras coisas, ou a Santa Igreja; ou mesmo atribuindo formas humanas aos anjos Gabriel e Miguel e àquele outro que curou Tobias.[270]

[49] O que sobre as almas se lê no *Timeu*, e o autor parece crer no que

diz, não é o que se vê aqui. Ele diz que a alma retorna à sua estrela depois de se destacar do corpo que a Natureza lhe deu e lhe serviu como forma. Mas talvez suas palavras não devam ser levadas ao pé da letra e sua intenção não mereça ser escarnecida. Se ele entende que dessas esferas vão retornando os influxos – honrados ou maus – produzidos por elas, talvez em alguma verdade tenha acertado. Mal compreendido, esse princípio já distorceu muita coisa, como chamar os astros celestes de Júpiter, Mercúrio e Marte.

[64] A outra dúvida que te abala é menos venenosa, pois mesmo corrompendo-te por ela não te distanciarias de mim. A nossa justiça parecer injusta aos olhos dos homens; e nesse caso, é prova de fé, não de heresia. Mas para que vossa perspicácia deixe-se penetrar fundamente desta verdade, contentar-te-ei como quereis.

[73] Mesmo quando a violência não é consentida por quem a sofre, o sofredor não é perdoado por isso completamente, pois a vontade se não quer, não amortece, tal como faz a natureza com o fogo: quanto mais tenta apagá-lo, mais ele se aviva. Porque quando a vontade se dobra, seja muito, seja pouco, ela favorece a violência. E foi isso que essas almas fizeram ao não retornarem às suas celas. Se sua vontade fosse inteiriça, como a de São Lorenzo no suplício da grelha ou como a que fez Muzio ser implacável com a própria mão[271], assim a verdadeira via teria sido retomada assim que tivessem se libertado dos algozes. Mas uma vontade assim é muito rara. Se acolheres como deves estas palavras, o argumento que te incomodara se esvairá.

[91] Mas agora outra prova está diante de teus olhos, pela qual não passarias sozinho, pois quedarias exausto antes. Eu te assegurei como certo

que as almas beatas não podem mentir, pois estão próximas da verdade primeira. Mas depois pudeste ouvir Piccarda dizer que Constança sempre quis recuperar o véu, o que contradiz o que eu dissera. Já aconteceu muitas vezes, irmão, de fazeres algo que não convém, mesmo contra a própria vontade, para evitar dano maior. Como fez Alcmeón, que, a pedido do pai, matou a mãe.[272] Assim, por piedade ao pai, desapiedado ficou. Neste ponto peço que penses que a violência se mistura à vontade e fazem isso de tal modo que não é possível desculpar sua ofensa. A vontade absoluta não aceita o mal, mas pode aceitá-lo quando pressente um mal maior. Então, quando Piccarda fala o que disse está entendendo que é a verdade absoluta; eu, a outra. Assim, ambas, eu e ela, dissemos a mesma coisa.

[115] Assim ondularam as águas do santo rio que verte da fonte de onde deriva toda verdade. Isso apaziguou esta e aquela dúvida.

[117] Eu disse, então:

– Ó amada de Deus, cujo falar me inunda e me aquece fazendo-me reviver, meus sentimentos mais profundos são insuficientes para agradecer-te, mas aquele que tudo pode e vê te compensará por isso. Percebo que nosso intelecto jamais se sacia, a não ser se é ilustrado pela Verdade, fora da qual não há espaço para verdade alguma. Então, como a fera em seu covil, o intelecto repousa assim que a atinge; se não a atingíssemos, todo desejo seria vão. E por causa desse desejo é que nasce a dúvida, ao pé da verdade, como seu rebento, e é levada pela natureza a subir, de colo em colo, até a certeza primeira. Isso me convida e me dá confiança, senhora, de perguntar-te humildemente sobre outra verdade, também obscura para mim. Gostaria de saber se o homem pode compensar os votos não cumpridos com outras boas ações, que não sejam pequenas nem inadequadas à justa balança.

[139] Beatriz dirigiu-me um olhar tão radioso, com fagulhas de amor tão divinas que, vencido, incapaz de encará-la, recuei, e, mirando o chão, quase desfaleci.

Canto V

Beatriz começa a responder à questão levantada por Dante, se é possível compensar um voto não cumprido com outro bem. Ela mostra ao poeta que nessa pergunta há dois pontos: o voto e a matéria do voto. O primeiro não pode ser desfeito mas o segundo, pela graça de Deus, pode ser trocado. Em seguida, Beatriz adverte os fiéis acerca dos votos, que eles pensem bem antes de fazê-los. Seguem para o céu acima, o de Mercúrio, onde estão as almas que amaram a glória humana. Dante indaga uma alma, envolvida na própria luz. Ela lhe falará no canto seguinte.

[1] – Se meus olhos ofuscam os teus mais do que estás acostumado na Terra, e tua visão é vencida por mim, não te espantes, pois isso vem da visão perfeita, que, como nela se vê, move aquele que está junto ao bem. Vejo agora como brilha em tua mente a luz eterna, que, ao ser vista, sozinha acende o amor para sempre. E se teu amor é seduzido por outra coisa, isso não é senão vestígio da eterna luz, que transparece nela por mal conhecê-la. Mas queres saber se é possível compensar com outro bem um voto não cumprido e, assim, pôr a alma a salvo de qualquer litígio com Deus.

[16] Começando este canto com tais palavras, Beatriz prosseguiu assim seu discurso santo:

– O maior dom que Deus, por sua generosidade, fez e criou, e o mais afeito à sua bondade, é aquele que mais ele preza, o livre-arbítrio, do qual apenas as criaturas inteligentes, e tão somente elas, foram e são dotadas.

Ora, dado o que se argumentou, ficar-te-á claro o alto valor do voto. Uma vez que ele consente que tu prometas, firma-se um pacto entre Deus e o homem, do qual a vítima é o livre-arbítrio, que é, como digo, ele mesmo, o responsável pelo voto.

[31] Então esperas compensação por isso? Se crês que fazes bom uso do bem que te foi concedido por meio de uma má ação, seria como fazer uma boa ação com algo que pertence a outro. Tu conheces o principal dessa questão, mas te parece ir contra aquilo que acabo de falar o fato de a Santa Igreja poder anulá-lo ou dispensá-lo. Convém, então, sentar-te à mesa, porque a comida que pediste requer ainda auxílio de tua despensa. Abre a mente para aquilo que te revelo e fixa-o em tua memória, pois não se faz ciência sem reter o que se conheceu.

[43] Duas coisas fazem parte da essência desse sacrifício: uma delas é aquilo que se promete; a outra é a forma do voto, o pacto. Este jamais se anula a não ser quando totalmente cumprido. E foi exatamente sobre isso que falei acima. Vê os hebreus, de cujos votos obrigatórios não podiam se furtar, mas podiam mudar alguma oferenda por outra.[273] Quanto à primeira, aquilo que se promete, a matéria do voto, pode ser trocada por outra, sem que se peque.

[55] Mas não alteres o peso que colocaste sobre os ombros por motivo algum, sem que se girem as chaves de prata e de ouro. E toda permuta é insensata se a matéria trocada não é substituída por outra que não lhe couber, como o quatro não cabe no seis. Mas se há algo que por seu valor pese tanto que não haja balança para ele, não se pode ser substituído nem compensado.[274]

[64] Que os mortais não façam seus votos levianamente, sê fiel, e

quando o fizeres, não sejas injusto, como Jefté, que fez seu voto sem pensar.[275] Seria melhor dizer “Errei” do que, cumprindo-o, fazer pior, como Jefté. Tanta insensatez se viu no voto do grande guia dos gregos, que chorou o belo rosto de Ifigênia, e com ele choraram também os loucos, os sábios que o ouviram falar sobre seu sacrifício.[276]

[73] Mas, cristãos, ponderai mais antes de prometerdes, não sejais como a pena que se move conforme o vento e não creiais que qualquer água pode vos lavar. Tende o novo e o velho Testamento e sede guiados pelo pastor da Igreja, isso é o bastante para vossa salvação. Se as paixões vos atraírem, sede homem e não uma ovelha bronca, de modo que os judeus entre vós não riam por isso! Não façais como o cordeiro que abandona o leite materno e, ingenuamente e lascivo, vai saltitar, arruinando a si mesmo!

[85] Assim Beatriz falou, tal como escrevo, depois voltou-se ardentemente para aquela parte onde as coisas são mais vivazes. Seu silêncio e a mudança de seu semblante calaram meu irrequieto engenho, que já gerava novas perguntas. E como a flecha que atinge o alvo antes que a corda pare de vibrar, assim corremos para o segundo reino.[277]

[94] Nessa hora vi minha senhora tão alegre quando chegou àquele céu que ele ficou mais luminoso do que já era. E se a estrela se modificou e riu, o que diria eu, já que minha natureza é mais cambiante ainda! Como nadam os peixes atrás de um pesqueiro que navega em águas tranquilas e puras, assim vinham mais de mil luzes até nós e de cada uma delas se ouvia: “Eis quem alimentará nossos amores”. E à medida que cada uma chegava até nós viam-se saindo do seu claro fulgor suas almas, repletas de felicidade.

[109] Pensa, leitor, como te sentirias angustiado se um assunto recém-começado não terminasse completamente. Desse modo podes entender

como eu desejava ouvir essas almas sobre sua condição na hora em que as vi.

[115]– Ó bem-nascido a quem se concedeu a graça de ver, antes de tombar morto, os assentos do triunfo eterno, nosso lume vem da luz que se espalha por todos os céus, portanto, se desejas conhecer-nos, sacia tua vontade.

[121] Assim me disse um daqueles espíritos pios, e também Beatriz:

– Diz, diz sem medo e, acredita, são seres divinos.

[124]– Vejo bem como te aninhas na própria luz que emana de teus olhos, porque ela cintila quando tu sorris. Mas não sei quem és, nem sei por que estás, alma honrada, na esfera que é velada pelos raios do sol aos mortais[278] – Disse isso àquele ser luminoso que primeiro me dirigiu a palavra, que se fez mais brilhante do que era.

[133] Assim como o sol se esconde atrás da sua intensa luz quando o róseo vapor da manhã se dissipa, aquela figura santa escondeu-se atrás de sua intensa alegria, e desse modo, toda encerrada em seus raios, me respondeu de acordo com o que o canto seguinte canta.

Canto VI

Fala a alma de Justiniano, imperador romano. Ele narra sua vida a Dante e conta a história do Império Romano. Deplora a posição tanto dos guelfos como dos gibelinos, que se opõem ou se apropriam da águia romana. Depois Justiniano passa a falar do bem do céu de Mercúrio e das almas que estão lá. Conta a história de Romeu de Villeneuve, a quem exalta no fim do canto.

[1] – Depois que Constantino virou a águia contra o curso natural do

céu[279], trajetória seguida por Enéas, ela permaneceu por mais de duzentos anos nos confins da Europa, perto dos montes dos quais o esposo de Lavínia saíra antes.[280] Debaixo da sombra das sagradas penas governou o mundo dali, o qual, passando de mão em mão, chegou até as minhas.

[10] Fui um dos Césares, sou Justiniano. Por vontade do primeiro amor sento aqui e, graças às suas leis, deixei para trás o supérfluo e o vão. Antes que me dedicasse à minha obra, acreditava que Cristo era um só, e não mais, e estava contente com essa crença. Mas o abençoado e sumo pastor Agapito me guiou com suas palavras até a verdadeira fé. Acreditei nelas, e vejo mais claro agora, assim como vês em toda contradição uma proposição falsa e outra verdadeira.

[22] Logo que comecei a andar junto com a Igreja recebi a graça de Deus de inspirar meu supremo trabalho, e tudo que fiz dediquei a ele. Confiei meu exército a Belisário, e o socorro do céu lhe foi tão próximo que entendi como um sinal que deveria me abster das armas. Aqui termina minha resposta à primeira pergunta[281], mas ela ainda me obriga a acrescentar mais alguma coisa, para que vejas com clareza quem se move contra o sacrossanto símbolo do Império: tanto aqueles que se apropriam dele quanto os que se lhe opõem.[282]

[34] Vê quantos feitos a fizeram ser reverenciada, a começar pelo momento em que Palante morreu para dar-lhe o reino.[283] Sabes como ela fez de Alba sua sede por mais de trezentos anos até o dia em que os três reis combateram por ela. E também sabes o que houve com ela durante sete reinados, desde o rapto das Sabinas até o assassinato de Lucrécia, vencendo todos os povos vizinhos; e também o que ela fez levando as legiões romanas contra Breno e Pirro, além de outros príncipes e estados. Feitos

que deram a fama para Torquato e Quiíncio, que recebeu o nome de Cincinato por causa dos cabelos encaracolados, e aos Décios e Fábios[284], quem homenageio de bom grado.

[49] A águia abateu os árabes[285], que ultrapassaram os Alpes, onde nasce o rio Pó, atrás de Aníbal. Sob suas asas triunfaram bem jovens Cipião, o Africano, e Pompeu, e aquela colina sob a qual nasceste teve um fim amargo. Depois, quando o céu quis que o mundo serenasse, César tomou a águia nas mãos, apoiado pelos romanos. Os rios Isère, Loire e Sena, além do vale todo do Ródano, viram o que ele fez do Varo até o Reno. E também o que aconteceu mais tarde, quando saiu de Ravena e atravessou o Rubicão, ação tão fulminante que nem a língua nem a pena a alcançariam. Então, voltou suas hostes contra a Espanha, depois contra Durazzo e atingiu a Farsália[286], cujo golpe se sentiu até as águas do Nilo. A águia reviu o porto de Antandro e o rio Simeonta, de onde partira muito antes, e também a tumba de Heitor, e depois retomou o voo, depois de Tolomeu ter sido deposto.

[70] Então a águia desceu fulminando Juba[287], e mais tarde voltou ao vosso ocidente, onde se ouviam as trombetas pompeanas. O que fez sob o César[288] seguinte faz Bruto e Cássio ladrarem no Inferno[289] e sofrerem Módena e Perúgia. Chora ainda a triste Cleópatra, que, acossada pela águia, fez a serpente levá-la à morte repentina e escura. Com esse imperador, a águia chegou até o mar Vermelho e assim trouxe paz ao mundo, cerrando as portas do templo de Jano.

[82] Mas isso que a águia romana me faz falar, sobre o passado e o futuro que decorriam sob o reino mortal, aparentemente é pouco e opaco se miramos com olhos límpidos e coração puro para o terceiro César, pois a

divina justiça que me inspira concedeu a ele, Tibério, a glória de vingar sua ira. Mas agora admira-te do que direi: Tito vingou mais tarde a vingança do pecado antigo.[290] E quando o dente do longobardo[291] mordeu a Santa Igreja, Carlos Magno, sob suas asas, a socorreu, vencendo-o.

[97] Agora podes julgar aqueles que acusei acima por seus erros[292], que são a razão de todos os vossos males. Um opõe ao símbolo público os lírios amarelos[293]; o outro apropria-se deste como sendo seu; de modo que é difícil ver quem falha mais.

[103] Os gibelinos que façam sua arte sob outro símbolo, pois segue-o mal quem separa o Império da justiça. E que este Carlos, o de Anjou, não tente atacar a águia romana junto com seus guelfos, mas tema as garras dela, que abateu leões mais fortes que ele. Muitas vezes os filhos choraram por culpa dos pais e que este Carlos não creia que Deus possa colocar seus lírios amarelos no lugar da águia romana!

[112] Esta pequena estrela se enfeita das boas almas que buscaram ativamente o bem, em vista da honra e da fama. Mas quando os desejos seguem esse caminho, os raios do verdadeiro amor chegam com menos força aqui. Mas a medida de nossos prêmios é parte de nossa alegria, porque não a desejamos nem maior nem menor do que é. Então, a viva justiça suaviza nossos sentimentos, de tal modo que não se pode, jamais, voltar-se para o mal. Diversas vozes cantam doces notas, tão variadas quanto são os graus de nossa vida, criando uma doce harmonia entre estas esferas.

[127] E dentro desta margarida preciosa brilha a luz de Romeu, cuja obra grande e bela foi mal compensada.[294] Mas os provençais que o detrataram não puderam rir, pois erra quem faz mal a quem fez bem aos outros. O

conde de Provença, Ramondo Beringhere, teve quatro filhas e todas foram rainhas graças a Romeu, homem humilde e santo. Mas cedendo às palavras maledicentes o conde andou a duvidar desse justo homem que lhe devolveu doze por dez. Então Romeu partiu, pobre e velho. Se o mundo soubesse de sua coragem, de consumar dia a dia a vida como mendigo, se hoje é exaltado, mais ainda o exaltaria.

Canto VII

As almas do céu de Mercúrio se afastam, e Dante hesita novamente. Beatriz percebe sua angústia e passa a lhe responder suas dúvidas e ainda discorre sobre os mistérios da criação. Ela explica-lhe por que tanto a punição de Cristo quanto a vingança a essa punição, com a destruição de Jerusalém, foram justas. Beatriz ainda fala acerca da forma pela qual Deus escolheu para redimir o pecado dos homens e depois discorre sobre a corrupção da matéria, criada indiretamente por Deus, e a incorruptibilidade do corpo humano, criado por Ele, quando fez Adão e Eva.

[1]– *Osanna, sanctus Deus sabaòth,*
superillustrans claritate tua
felices ignes horum malacòth![295]

[4] Girando ao ritmo desse canto, assim me pareceu fazer a alma de Justiniano, sobre a qual uma dupla luz irradiava-se. Igual a ela, outras almas entraram na dança e, como faíscas velocíssimas, perdi-as repentinamente de vista.

[10] Tomado pela dúvida, dizia a mim mesmo “Fala com ela, fala com ela! Fala com minha senhora”, prosseguia, “aquela que me sacia com seu

doce estilo”. Mas esse sentimento de reverência me domina totalmente e só de ouvir o *Be* e *iz*, de Beatriz, baixo a cabeça como morresse de sono.

Mas Beatriz tolheu-me logo o sofrimento e começou a falar com um sorriso tão radiante a ponto de alegrar um homem condenado às chamas:

– Segundo meu infalível tirocínio estás a pensar como a justa vingança pôde ser punida, mas libertarei já tua mente disso. Escuta, então, minhas palavras, que elas te apresentarão uma suma doutrina.

[25] Por não ter suportado freios à sua vontade, o homem que não nasceu[296], danando a si, danou toda a sua prole. Por isso a enferma humanidade jazeu na Terra por séculos em grande pecado até o que o Verbo Divino quis descer e num ato de eterno amor uniu a ela, que se afastara do seu Criador, a santa pessoa. Agora presta atenção no que se discute. Essa natureza unida a seu criador veio a ser sincera e boa, mas por si própria afastou-se do Paraíso, pois se desviou da verdadeira via e da vida verdadeira. O castigo que a cruz impôs[297] jamais foi tão justamente aplicado, se medido pela natureza assumida. Mas se se olha para a pessoa que a sofreu, à qual a natureza humana estava unida, jamais houve maior injúria. De um ato só provêm coisas diversas, pois essa morte agradou a Deus e aos judeus, e por ela a Terra tremeu e o céu se abriu. Agora não deve te parecer tão espantoso dizer que uma justa vingança pôde ser vingada por uma corte justa.

[52] Mas ainda vejo tua mente presa a um nó de pensamentos que desejas logo desatar. Disseste: “Estou discernindo bem isso que ouço, mas por que Deus quis que nossa salvação fosse desse modo?”. Tal decreto, irmão, está cerrado aos olhos de cada um em cujo engenho a chama do amor ainda não amadureceu. Todavia, como sobre esse assunto muito se

fala mas pouco se compreende, direi por que esse foi o modo mais digno.

[64] A divina bondade, que de si rejeita todo rancor e inveja, ardendo em si mesma, brilha tão intensamente manifestando sua beleza sem fim. As coisas que Deus cria diretamente são eternas, e nunca a marca dele impressa nelas se apaga. Tudo o que ele cria diretamente é totalmente livre. Visto que não se submetem aos influxos celestes, são mais semelhantes a ele e lhe agradam mais, pois o ardor divino resplandece mais nas coisas que se parecem a ele.

[76] O homem é favorecido por esses dons, mas, se faltar um, perde parte de sua nobreza. O pecado é o que o afasta do Sumo Bem e torna o homem diferente de Deus, cuja luz o ilumina. E o homem não recupera a dignidade se não preencher o vazio produzido pela culpa mediante um justo castigo contra esse mau desejo. Sua natureza é toda pecadora desde o seu sêmen e por isso perdeu toda dignidade e do Paraíso foi afastado. Para recuperar esse poder, se examinas isso sutilmente, não se consegue por caminho algum sem passar por uma destas duas vias: ou pela misericórdia dada por cortesia divina ou pelo homem, reparando seus erros por si mesmo.

[94] Mira agora a profundidade do eterno decreto, e fixa bem tua atenção no que direi agora. O homem jamais poderia, dados os seus limites, reparar seus pecados, pela impossibilidade de humilhar-se na mesma medida de sua desobediência.[298] Essa é a razão de esta porta estar fechada ao homem. Então convinha a Deus apresentar os caminhos da reparação dos pecados do homem, seja com a misericórdia, seja com a justiça ou ambas. Mas porque a obra é mais agradável àquele que a opera quanto mais ele demonstra sua generosidade, a qual vem da bondade divina que deixa sua marca no mundo

todo, ele procede pelas duas vias, compadecendo-se do pecado humano.

[112] Nem na última noite nem no primeiro dia da criação houve ou haverá processo tão elevado ou magnífico como esse em que Deus ofereceu-se a si mesmo aos homens para redimirem-se de seu pecado, muito maior se Ele os absolvesse por sua misericórdia. E as demais formas seriam insuficientemente justas se o Filho de Deus não fosse humilhado e reencarnasse.

[121] Agora, para aplacar completamente tua vontade, volto para esclarecer um ponto para que vejas como eu vejo. Tu disseste: “Vejo a água, vejo o fogo, o ar e a terra e todos corpos que se formam de sua mistura se corromperem e logo perecerem. Tais coisas foram criadas diretamente por ele, então, se isso que disseste é verdadeiro, elas não deveriam se corromper”. Os anjos, irmão, e a região pura na qual te encontras, pode-se dizer que são criados, e isso é verdade, por Deus. Mas os elementos que mencionaste e as coisas feitas deles são informados pelo princípio criador. A matéria que os constitui foi criada diretamente por Deus, assim como o princípio informativo nestes céus que giram em torno delas. A alma dos animais e das plantas de compleição potenciada é dada pelos raios e movimentos das luzes divinas. Mas a tua alma é infundida diretamente pela suma benignidade, que a faz enamorar-se de si e, desse modo, desejar ardentemente o seu criador.

[145] E então podes concluir, ainda sobre tua ressurreição, que tanto Adão quanto Eva foram criados por Deus, e consequentemente seus corpos.

Canto VIII

Dante ascende ao terceiro céu, no planeta Vênus, onde estão as almas

sensíveis ao amor. Lá encontra o príncipe Carlos Martel, que o poeta florentino conheceu. Martel narra-lhe os acontecimentos da casa de Anjou, à qual pertencia. Depois, respondendo a uma indagação de Dante, explica por que uma doce semente pode gerar um fruto amargo, ou seja, por que maus filhos podem suceder a bons pais.

[1] O mundo pagão acreditava que a bela cipriota irradiava o amor sensual das voltas do terceiro epiciclo, por isso os gentios faziam sacrifícios e oravam a ela[299], repisando um velho erro. Também adoravam sua mãe, Diana, e seu filho, Cupido, além de dizerem que este sentara-se no colo de Dido.[300] De Vênus, com a qual comecei este canto, usaram o nome para nomear a estrela, pela qual o sol se enamora, ora quando ela está às suas costas, ora à sua frente.

[13] Não percebi quando subi até esse céu, mas me dei conta de que chegara ali quando vi minha senhora, ainda mais bela. E como se vê a fagulha na chama ou tal como se compreende num coro a voz que se firma enquanto a outra a segue e retorna, assim vi na luz desse céu outras luzes girando, menos ou mais rápidas, segundo, creio eu, a menor ou maior visão que têm de Deus.

[22] Mesmo os mais rápidos ventos, visíveis ou não, provocados pelas nuvens frias pareceriam fracos e lentos em face dessas luzes por quem as visse vir até nós, descendo em círculos, dos cimos dos Serafins. E as fagulhas que iam por dentro dessas luzes entoavam umas em frente às outras a *Hosana*, de modo que as ouvir fazia-me querer ouvi-las novamente.

[31] Uma delas aproximou-se e começou:

– Estamos prontos para agradar-te e alegrar-te. Nós nos movemos com os príncipes celestiais que estão neste giro e estamos a girar por desejar

aquele do qual tu já disseste: “Vós que inteligentemente movimentais o terceiro céu”.[301] Estamos tão repletos de amor que para contentar-te pararemos um pouco.

[40] Depois que meus olhos devotos se dirigiram à minha senhora, os quais refletiram alegria e assentimento, virei-me para a luz que tantas promessas fizera e falei-lhe com voz afetuosa:

– Diz-me, quem és?

[46] E quanta alegria ele sentiu quando falei, alegria que se somou à dele, de beato! Radiante, me disse:

– Estive pouco tempo no mundo lá embaixo mas, se tivesse ficado mais, não haveria muito dos males que existem hoje. A alegria que irradia à minha volta esconde-me de ti como o bicho da seda em seu casulo.

[55] Muito me estimaste[302] e, se eu ainda estivesse vivo, mostrava-te meu amor mais do que sua mera fronde. A margem esquerda que o Ródano lava, onde ele se mistura às águas do Sorga[303], há tempos esperava-me como rei, além do chifre da Ausônia, formado pelos burgos de Bari, Gaeta e Catona[304], onde o Tronto e o Verde deságuam. Já resplandecia em minha cabeça a coroa daquela terra que o Danúbio irriga depois que abandona as terras germânicas.[305] E a bela Trinácria[306], que se cobre de caligem entre Pachino e Peloro – em cujo golfo sopra o Siroco –, não por causa de Tifeu, mas sim pela nascente sulfúrea[307], aguardaria seus reis ainda, descendentes de mim, de Carlos e Rodolfo[308], se o mau governo, que sempre constrange os povos que sujeita, não houvesse motivado Palermo a gritar: “Morram, morram!”.[309]

[74] E se meu irmão tivesse antevisto a avareza dos catalães, se afastaria deles para que não o ofendessem, porque é preciso providenciar que tanto

ele quanto os outros não agravem mais ainda o peso de sua barca. Sua natureza avara, embora descendesse de homem pródigo, deveria ter-se cercado de quem não cuidasse, como ele, de guardar ainda mais tesouro na arca.[310]

[85] Então lhe disse:

– O teu falar me infunde grande alegria, meu senhor, lá onde todo bem termina e começa, pois vejo que vês como eu, e fico-te mais grato ainda, sendo mais caro para mim porque discernes tudo isso mirando Deus. Deixaste-me feliz e deixaste tudo muito claro. Mas, à medida que foi falando, uma dúvida me veio: como de uma doce semente pode brotar um fruto amargo?[311]

Respondeu-me:

– Se conseguir mostrar-te uma verdade primeira sobre o que perguntas, verás à sua frente o que agora está às suas costas.

[97] O bem que move e faz feliz o reino a que tu ascendes estende a sua força aos corpos celestes. E não só lhes providencia tal natureza, mas também o seu bem-estar, do qual sua mente, que é por si perfeita, é causa. Todas setas lançadas de seu arco caem no alvo esperado com um fim estabelecido. Se isso não acontecesse, o céu onde caminhas agora, em vez de produzir obras engenhosas, produziria ruínas. E isso não pode ser, pois as inteligências que movem estas estrelas não são imperfeitas, nem aquele que as fez e que tampouco as faria sem perfeição. Queres que te fale mais sobre isso?

– Não, pois vejo que é impossível, na natureza, o necessário deixar de sê-lo.

[115] E ele, ainda:

– Agora, diz-me: seria pior para os homens na Terra se não fossem cidadãos?

– Sim – respondi –, e para isso não peço explicação.

E Martello prosseguiu:

– E isso poderia ser assim caso eles não vivessem cada um exercitando seu ofício? Não, segundo escreve seu mestre.[312]

Assim ele veio deduzindo até aqui para depois concluir:

– Então para seres diversos convêm raízes diversas, por isso um nasce Sólon, outro Xerxes, outro Melquisedeque, e aquele outro que levou o filho a voar e assim o perdeu.[313] Os céus que imprimem seu selo na cera mortal fazem bem sua arte, mas não distinguem a casa deste ou daquele. Assim aconteceu de Esaú apartar-se de Jacó desde a semente, e Rômulo Quirino ter pai tão vulgar que puseram Marte no lugar deste.

[133] Não fosse a providência divina, o filho sempre sairia igual ao pai segundo a natureza. Então, o que não conseguias ver lá trás agora está diante de ti. Mas como alegra-me falar-te, um corolário ainda hei de apresentar-te.

[139] Quando a natureza encontra uma sorte contrária à sua, sempre gera maus frutos, como uma semente que cai em solo impróprio. E se o mundo lá embaixo soubesse dos princípios que a natureza dispõe, toda sua gente seria boa se os seguisse. Mas vós levastes para a religião quem nasceu para cingir a espada; e fizestes rei quem era feito para o sermão, por isso saístes do caminho verdadeiro.

Canto IX

Ainda no terceiro céu, Dante conversa com Cunizza da Romano,

senhora de Verona, que teve muitos amantes mas que se converteu no final da vida. Ela faz previsões dolorosas sobre a Marca Trevisana. Depois dela, o poeta conversa com o poeta provençal Folco de Marselha, que se tornou bispo. Este fala-lhe sobre a prostituta Raab, que acolheu e escondeu os aliados de Josué, colaborando com a conquista de Jericó.

[1] Ó bela Clemência, depois que o teu Carlos esclareceu-me as dúvidas e narrou-me os desacertos que os filhos viveriam, disse por fim:

– Cala-te, deixa que passem os anos.

Não posso dizer nada, portanto, a não ser que os danos serão pagos com um justo castigo. E aquela luz santa voltou-se em direção ao Sol que a ele e a todos preenche com o seu bem.

[10] Ai, almas enganadas e ímpias criaturas, que deste bem desviais o coração e guiais vossas mentes às coisas vãs!

[13] Eis que outra das esplêndidas almas chega perto de mim e, pela luz que irradiava, mostrava o desejo de agradar-me. Fixos em mim, os olhos de Beatriz expressavam seu consentimento ao que eu desejava tão firmemente.

– Ó, alma beata – disse eu –, sacia já meu desejo e prova que em ti reflete aquilo que penso!

[22] Então a luz, que me era desconhecida ainda, veio de onde se cantava a *Hosana*, e seguiu como quem agrada fazer o bem:

– Naquela região da depravada Itália que fica entre a ilha de Rialto e as nascentes do Brenta e do Piava eleva-se uma colina, não muito alta, de onde desceu uma centelha[314] que arrasou as regiões vizinhas. Da mesma raiz brotamos, eu e a centelha. Chamaram-me Cunizza[315], e aqui brilho porque fui vencida pela luz desta estrela.[316] Com alegria perdoo a mim mesma, em virtude da minha sorte, e não sofro por isso, o que seria difícil para o vulgo

entender.[317] Grande fama ficou na Terra desta alma ao meu lado, luminosa e preciosa joia, e antes que tal glória se apague passarão cinco séculos: vê, portanto, como um homem excelente tem outra vida além da primeira.

[43] Mas a gente que vive hoje encerrada entre Tagliamento e Adige não pensa assim e não se arrepende, apesar dos castigos. Rapidamente os paduanos tingirão com seu sangue as águas do pântano que banha Vicenza, pagando por sua crueldade. E onde o rios Sile e Cagnano se encontram[318], a teia que derrubará um senhor presunçoso já está se tramando.[319]

Também Feltre chorará a culpa de um bispo seu[320], tão torpe que nada semelhante entrou nos cárceres de Malta. A dorna que receberá o sangue ferrarense terá de ser muito larga e se cansaria quem a pesasse onça a onça. Sangue esse doado pelo gentil padre para mostrar qual seu partido, e tais dons são próprios de quem vive naquela província. Lá em cima estão os espelhos[321], que chamaste de Tronos, onde se reflete para nós o Deus judicioso, e que fazem essas palavras serem do bem.

Aqui se calou, e vi sua face voltar-se para onde veio, para a rota que a movia como antes.

[67] A outra alma jubilosa que eu já notara ao lado da que partiu se apresentou brilhante como um rubi cravejado de sol. Alegria lá em cima se enche de luz, como o riso as almas aqui embaixo, mas estas escurecem quando entristecem.

[73] – Deus tudo vê, e em tua visão ele penetra – eu disse –, espírito beato, que nada que desejas pode subtrair-se a ele. Então, a tua voz que deleita o céu junto ao coro dos serafins, cujas asas os envolvem como um hábito, por que não satisfaz meus desejos? Eu atenderia a tua demanda se visse em ti o que vês em mim.

[82] Começara então a falar:

– Além daquele mar que enguirlanda a Terra, no vale maior sobre o qual a água flui[322], entre as margens opostas caso se vá do ocidente ao oriente, vê-se o meridiano onde antes estava o horizonte.[323] Naquele vale vivi no litoral entre o rio Ebro e o Macra[324], que num trecho divide Gênova e Toscana. O sol nasce e se põe igualmente em Buggea e na cidade onde nasci, cujo sangue de seus moradores um dia esquentou-lhe as águas de seu porto.[325]

[94] Chamava-me de Folco aquela gente entre a qual fui famoso[326] e neste céu de Vênus deixo minha marca, assim como ele me deixara a sua na Terra. O amor da filha de Belo, Dido, que agastou Siqueu e Creusa[327], não ardeu mais do que o meu, que me acompanhou até meus cabelos embranquecerem; nem o da Rodopeia[328], que se desiludiu com Demofonte; tampouco o de Alcides, o Hércules, quando seu coração foi tomado por Iole. Mas aqui não há arrependimento e sim alegria; não há culpa, que à mente não retorna, e sim a vontade de Deus, que tudo ordena e provê. Aqui se contempla a arte que opera esses efeitos e admira-se o bem pelo qual o mundo de cima age sobre o mundo de baixo.

[109] Mas para que todos teus desejos que nascem nesta esfera sejam plenamente satisfeitos é preciso ir além. Queres saber quem é esta luz que junto de mim cintila como os raios de sol em água cristalina. Saiba que lá dentro está Raab[329], que marca nossa ordem reunida com sua luz suprema. Ela chegou antes de todos a este céu, cujo ápice da sombra de vosso mundo atinge, ascendendo com o triunfo de Cristo. Foi justo dar-lhe a palma em algum céu pela alta vitória que se conquistou com as palmas cravadas na cruz, pois ela favoreceu a primeira delas, a de Josué na Terra Santa, feito

que pouco comove o papa.[330]

[127] A tua cidade, Florença, que nasceu da semente daquele que primeiro voltou às costas para o seu criador e muita inveja semeou[331], produz e espalha a maldita flor[332] que desviou ovelhas e cordeiros, fazendo do lobo o seu pastor. Por isso tanto o Evangelho quanto os magnos doutores da Igreja são abandonados, e em seu lugar só se estudam os decretos canônicos e as notas em suas margens. Só a isso atendem o papa e seus cardeais, que não dirigem seu pensamento para Nazaré, onde o anjo Gabriel abriu suas asas.[333] Mas o Vaticano e os outros pontos insignes de Roma, que são o sepulcro dos seguidores de Pedro, logo estarão livres deste adultério.

Canto X

Dante chega ao quarto céu, do Sol. Neste há uma coroa que o envolve, formada pelos espíritos de doze sábios. O poeta conversa então com São Tomás de Aquino, que lhe apresenta as outras almas. Estão lá Alberto Magno, Isidoro de Sevilha, Boécio, entre outros.

[1] Olhando para o seu Filho com o Amor que um e outro eternamente inspira, o primeiro e inefável Valor[334] fez tudo girar tão ordenadamente, tanto na mente quanto no espaço, que não pode deixar de amá-lo quem o mira.

[7] Ergue os olhos comigo, leitor, para as altas esferas, bem naquela região onde o movimento de um e de outro se encontram[335], e dali começa a contemplar a arte daquele senhor que a ama tanto que jamais tira os olhos dela. Vê como os círculos nos quais giram os planetas se derramam obliquamente[336], que assim vão para satisfazer o mundo que os reclama. Se

esse caminho não fosse torto, muitas das forças celestes seriam inúteis e praticamente morreriam ao chegar aqui embaixo. E se essa inclinação fosse maior ou menor, haveria problemas no universo, tanto aqui quanto no céu.

[22] Agora, leitor, senta e pensa nisso sobre o que só te dei um antepasto, e te sentirás feliz muito antes de cansares. Pus o alimento diante de ti para te servires dele sozinho, pois todo meu cuidado está voltado para o assunto do qual sou o escriba. Naquele ponto que mencionei acima, o maior ministro da natureza[337], que imprime ao mundo o valor do céu e com a sua luz lhe dá a medida do tempo, girava nas espirais onde a cada dia nasce mais cedo.[338] Estava nesse seu céu, mas não percebi como chegara até ele, assim como só se percebe um pensamento quando ele chega à consciência. É Beatriz quem me guia do bom ao melhor dos céus, tão rapidamente que seus gestos não se medem pelo tempo.

[40] Quanto deviam brilhar as almas dentro do sol onde eu entrara, para aparecer não pela cor mas pela luz! Por mais que empregasse engenho e arte, não saberia dizer o que ali se via. Algo que nem dava para imaginar, apenas crer e saciar-se ao vê-lo. E se nossa imaginação não atinge tanta altura não é espantoso que nenhum olhar pudesse mirar o sol. Assim era a quarta família do Pai altíssimo, que sacia a todos mostrando como inspira e gera.[339]

[52] E Beatriz começou:

– Agradece, agradece a Deus, o Sol dos anjos, que a este céu te levou com Sua graça.

Jamais o coração de um homem se mostrou tão disposto à devoção e a render-se a Deus e agradecê-lo tão prestativamente como o meu depois de ouvir essas palavras. E meu amor se voltou de tal forma a ele que até a

lembrança de Beatriz eclipsou-se. Isso não a desagradou, antes a fez sorrir, e o fulgor dos seus olhos sorridentes fez minha mente, até aí concentrada, dividir sua atenção.

[64] Vi então espíritos fulgurantes formando uma coroa à nossa volta, mais luminosos que o sol, e cantando tão docemente que às luzes primavam. Às vezes vemos assim a filha de Latona, quando há umidade no ar retendo a luz em forma de halo.

[70] Na corte do céu da qual retornei se veem muitas joias preciosas e belas, mas que não podem ser tiradas de lá. E o canto daquelas almas luminosas era uma dessas preciosidades: quem não voou até lá para ouvi-las está na mesma situação daquele que sabe as novidades da boca de um mudo. Em seguida, aqueles ardentes sóis puseram-se a girar à nossa volta, por três vezes, como estrelas próximas a polos fixos, lentamente, como senhoras que, sem parar de bailar, ficam caladas até ouvirem a próxima nota e retomarem a dança.

[82] E de uma dessas luzes ouvi começar:

– Dado que o raio da graça divina, onde se acende o verdadeiro amor que vai crescendo à medida que se ama, multiplicado em ti brilha tanto que te conduz por aquela escada até aqui no alto, onde ninguém deixa de subir novamente uma vez que aqui chegou, quem te negasse uma ampola de vinho não seria livre, assim como o rio impedido de chegar ao mar. Queres saber de que planta floresce esta guirlanda que vaga em torno da senhora que te apoia aqui no céu.

[94] Fui um dos cordeiros do santo rebanho levado por São Domingos pelo caminho que se alimenta do bem se da vaidade se desvia. Este que está mais próximo de mim, à direita, é Alberto de Colônia[340], um irmão e mestre

para mim, e eu sou Tomás de Aquino. Se queres saber quem são os outros que aqui estão, segue o meu discurso girando o rosto pela guirlanda divina.

[103] Este outro lume vem do riso de Graciano, que conciliou os dois foros[341], ação que o levou ao Paraíso. O outro próximo a ele, que adorna nosso coro, é Pedro, aquele que ofereceu à Santa Igreja o seu tesouro tal qual a pobrezinha do Evangelho.[342] A quinta luz, a mais bela entre nós, inspira tanto amor que todo mundo lá embaixo ansiava por notícias dela. Tanto saber foi colocado em sua mente que, se o verdadeiro é verdadeiro, não se viu surgir outro igual.[343] Próximo dela vês o brilho daquele luminar que quando vivo foi quem melhor viu a natureza e o ministério dos anjos.[344] Naquele outro lumezinho ri o advogado dos cristãos que Santo Agostinho louvou.

[121] Então se moves o olho da mente mirando as luzes seguindo meu discurso já deves estar curioso para saber quem é a oitava luz. Por distinguir o Bem como ninguém, aqui goza a santa alma que manifestou as falsidades do mundo para quem soube ouvi-la. E o corpo de que foi arrancada jaz em Cieldauro, onde depois de exilada e martirizada encontrou a paz.[345] Vê além cintilarem os espíritos ardentes de Isidoro de Sevilha; de Beda, o Venerável; e de Ricardo[346], cujo saber foi mais que humano. E este depois do qual teu olhar volta-se para mim é a luz de um espírito que se viu absorvido por pensamentos tão dolorosos que a morte lhe pareceu vir tarde demais. É o lume de Siger de Brabante, que, lecionando na rua da Palha, expôs silogismos verdadeiros e invejáveis.

[139] Como o relógio que ressoa quando a escolhida de Deus deixa seu leito, dedicando ao seu esposo o canto[347]; como o relógio cujas peças erguem-se e movem-se soando tão docemente que faz o espírito ser tomado

pelo bem, assim vi a gloriosa roda mover-se ouvindo um coro de vozes tão harmonioso e doce que só pode ser notado lá onde a felicidade é eterna.

Canto XI

Dante comenta como as paixões impedem o homem de compreender o bem. Em seguida, São Tomás de Aquino volta a falar-lhe, agora para esclarecer-lhe a dúvida que ficara na mente do poeta acerca da frase "e se alimenta do bem". Para tanto apresenta os dois paladinos da Igreja, designados por Deus para defendê-la com suas ordens. Aquino passa então a descrever a vida de São Francisco de Assis, o nascimento, o surgimento da ordem, a viagem ao Oriente e sua morte. Por fim, o dominicano lamenta a decadência de sua ordem.

[1] Ó insensatos e atormentados mortais, como erram suas suposições, impedindo-os de bater as asas! Um vai atrás das leis, outro se guia pelos aforismos de Hipócrates, há quem apenas siga o sacerdócio ou reine pela força ou por sofismas; existe também o que rouba e o que negocia e também há um que se consome nos prazeres da carne e outro que se dava ao ócio, mas estava livre de tudo isso ao ser elevado ao céu por Beatriz e ser acolhido ali tão gloriosamente.

[13] Depois, quando cada espírito voltou para o seu lugar no círculo, a roda parou como uma vela no castiçal. Aquela luz, que conversara comigo havia pouco, recomeçou a falar de modo mais límpido ainda:

– Assim como meu brilho vem do raio dele, apreendo os teus pensamentos ao olhar para a luz eterna. Tens dúvidas ainda e se queres que explique mais clara e compreensivelmente o que lá atrás disse, "se alimenta do bem" e ainda "não se viu surgir outro igual", então é preciso distinguir

bem o que se segue.

[28] A providência, que governa o mundo com tal sabedoria a ponto de todo engenho humano esgotar-se antes de tocar-lhe o fundo, para que a esposa daquele que com gritos a desposou com o sangue abençoado[348] melhor encontrasse seu amado, e mais segura e fiel a ele fosse, postou dois príncipes a seu lado para que a guiassem aqui e ali.[349] Um foi fervoroso como um serafim; do outro, a luz brilhava como a de um querubim, graças à sua sabedoria.[350] Falarei de um só, pois tratando de um prezam-se ambos, porque suas obras têm um mesmo fim.

[43] Entre o Tupino e a água que desce do monte escolhido pelo beato Ubaldo[351] pende uma fértil encosta, através da qual o frio e o calor pela Porta Sole alcançam Perúgia; e do lado oposto, as comunas de Nocera e Gualdo sofrem pesado jugo. Dessa colina, onde é menos inclinada, nasceu um sol[352] como às vezes desponta no rio Ganges. Mas se nomeares esse lugar não uses *Assis*, porque dirias mal ou pouco, mas Oriente, se mais corretamente quiseres falar. Não estava ainda muito longe de seu nascimento quando o mundo começou a sentir o conforto de sua grande virtude, pois bem jovem afrontou seu pai em nome de uma dama, a Pobreza, à qual, assim como à morte, ninguém abre de bom grado a porta, e diante da corte episcopal e *et coram patre*[353] uniu-se a ela e depois desse dia a amou cada vez mais. Ela, privada do primeiro marido, foi por mais de mil anos desprezada e ignorada, sem que ninguém a cortejasse. Pouco lhe valeu estar na cabana de Amiclate e ouvir seu nome por aquele que amedrontou o mundo todo[354], menos ainda ser constante e corajosa até, junto a Maria, chorar ao pé da cruz de Cristo.

[73] Mas para que eu não continue a falar de forma muito obscura,

entenda que falo de Francisco e da Pobreza. A harmonia entre eles e seus alegres semblantes, expressando amor, admiração e um doce olhar, dão azo a pensamentos tão sublimes que fizeram o venerável Bernardo descalçar-se e correr atrás dessa paz e, mesmo correndo, lhe parecer ir muito lentamente.

[82] Ó ignorada riqueza! Ó bem fecundo! Por gostarem tanto da esposa, Egídio e Silvestro descalçaram-se e seguiram o esposo.

[85] Já pai e mestre, ele parte com sua mulher e família, todos usando já o humilde cordão.[355] Não sentiu vergonha por ser filho de Pietro Bernardone, tampouco por parecer um mendigo. E como um rei apresentou as duras regras de sua Ordem ao papa Inocêncio, do qual obteve sua primeira aprovação. Depois que a gente pobre em quantidade passou a segui-lo, cuja admirável vida cantar-se-ia melhor na glória do céu, uma segunda coroa recebeu, a do Espírito Santo, das mãos de Honório[356], santo pastor de sua igreja. Depois, levado pela sede de martírio, pregou a palavra de Cristo e dos evangelistas na presença do sultão do Egito; e por encontrar forte resistência à conversão entre aquela gente retornou aos frutos colhidos na Itália. Lá recebeu a terceira e última aprovação dada por Cristo na rude penha entre o Tibre e o Arno, com a qual permaneceu por dois anos.

[109] Quando aquele que o predestinou ao bem quis levá-lo ao céu graças à sua humildade, recomendou aos seus irmãos como testamento a esposa mais querida e determinou-lhes amá-la fervorosamente; e quando sua alma radiosa desejou partir de seu rebanho para retornar a seu reino, não quis para seu corpo outro túmulo que a própria terra.

[118] Pensa agora em quem seria seu digno companheiro na tarefa de manter a barca de Pedro em mar tempestuoso pela via justa. Este seria o nosso patriarca, cuja ordem, quem a segue, discerne a boa mercadoria que

carrega. Mas seu rebanho tem fome de novas iguarias, o que inevitavelmente os leva a dispersar-se pelos pastos, e quanto mais distantes do seu pastor, mais erráticos pastam e com menos leite voltam para o ovil. Agem melhor aqueles que temem o dano e ficam perto do pastor, mas esses são tão poucos que pouco pano basta para lhes fazer o hábito.

[133] Ora, se as minhas palavras não são débeis, se te mantiveste atento a elas, se as guardaste na mente, em parte tua vontade foi satisfeita, porque verás onde a planta se quebra e o adendo que retifica o que eu dissera: “se alimenta do bem quem não se dispersa”.

Canto XII

Opoeta descreve o movimento das almas do quarto céu, irmanadas em duas coroas ou guirlandas que giram paralelas em torno dele. De uma dessas coroas ouve a voz de uma alma, a do franciscano São Boaventura, que passa a contar-lhe a vida do outro paladino da Igreja, São Domingos. Boaventura narra a Dante o plano da Providência em socorrer seu rebanho com os dois santos. Descreve sua concepção, a origem do nome Domingos, a honestidade de seus atos, o combate às heresias. Depois, como Tomás de Aquino, denuncia os desvios da ordem franciscana e termina nomeando as almas que formam a guirlanda de onde fala.

[1] Tão logo expirou a palavra pronunciada pela abençoada luz, a santa coroa começou a girar. Antes de completar uma volta outra guirlanda a cercou, harmonizando seu movimento e canto a ela. Música que supera as musas e as sereias sopradas pela doce lira dos nossos poetas, tanto quanto o primeiro raio luminoso supera o seu reflexo.

[10] Em volta da delicada nuvem em que estávamos rodavam dois arcos

paralelos e coloridos semelhantes ao de Íris.[357] Um arco surgia do outro como a fala de Eco, cujo amor se consome tal qual os vapores pelo sol. Arcos que anunciam o fim do pacto de Deus com Noé, nunca mais alagar a Terra. Assim, giravam à nossa volta as duas guirlandas, uma respondendo à outra.

[22] Depois que a dança e a grande festa tanto dos cantos quanto das luzes jubilosas e delicadas cessaram, no mesmo instante, sob a mesma vontade, assim como as pálpebras abrem e fecham de acordo com o prazer que as move, do interior de uma delas ergueu-se uma voz que me levou os olhos ao lugar de onde saiu, assim como a agulha da bússola aponta para a estrela polar:

– O amor que minha luz embeleza leva-me a falar do outro mestre, do mesmo modo que tão bem falaram do meu agora há pouco.[358]

[34] É bom trazê-lo à luz no mesmo lugar onde apareceu o outro, pois ambos militaram pela mesma causa. Assim a glória dos dois brilha unida. O exército de Cristo, que com tanta dificuldade rearmou-se, seguia seu estandarte muito titubeante e lentamente, além de carrear poucos crentes, quando o imperador que a todos reina socorreu a tropa claudicante, não por mérito desta mas por pura graça, com dois paladinos, em cujos atos e em cujas palavras o rebanho desgarrado poderia acreditar.

[46] Naquela região de onde surge o suave Zéfiro, que abre as novas frondes de que a Europa se reveste, não muito distante do marulhar das ondas, detrás das quais o sol se esconde aos homens, depois de penoso curso, está a afortunada Caleruega, sob a proteção do grande brasão em que o leão está a um tempo por baixo e por cima.[359] Em seus domínios nasceu o amoroso amante da fé cristã, o santo atleta, generoso com o próximo, duro

com os adversários. E tão logo sua alma foi gerada, sua mente encheu-se de virtudes, fazendo-o profeta ainda no ventre da mãe.

[61] Depois que as núpcias entre ele e a Fé foram celebradas na sagrada fonte batismal, depois de prometerem defender-se mutuamente, sua madrinha viu em sonho o admirável fruto que sairia dele e de seus seguidores. E para que acontecesse o que se previra, inspirados, seus pais nomearam-no com o possessivo[360] Daquele ao qual plenamente pertencia. Chamaram-no Domingos, e falo dele como o lavrador que Cristo escolheu para ajudá-lo em seu horto, a Igreja. Um enviado de Cristo tão parecido e familiar que o primeiro impulso amoroso que se manifestou nele foi seguir o primeiro conselho dado por Jesus.[361] Muitas vezes sua ama de leite o encontrou desperto e calado, como se dissesse: “Estou aqui para isto”.

[79] Aventurado pai, chamado Félix! Aventurada mãe, de nome Joana, cujo significado é evidente.[362]

[82] Rapidamente se fez grande doutor, não para ganhar o mundo, a que se dedicam os que seguem o Ostiense e Tadeu, mas pelo amor ao verdadeiro alimento, cultivando a vinha que rápido fenece se quem a conserva descuida-se dela. E do trono que já foi generoso com os pobres, não por causa dele, mas por quem nele senta e o degenera, não pediu para si ter duas ou três partes das seis destinadas aos pobres, nem a renda do primeiro benefício, nem *decimas, quae sunt pauperum Dei*[363], mas requereu sim licença para combater os erros do mundo, em nome da semente da qual brotam as vinte e quatro plantas.[364]

[96] Então, com a doutrina e a vontade unidas, sustentadas pelo mandato apostólico, moveu-se como uma torrente que jorra do alto de uma nascente e, como esta, prorrompeu sobre os esquálidos ramos heréticos, com mais

ímpeto onde as resistências eram maiores. Dele brotaram vários riachos que irrigam o jardim da Igreja, cujos arbustos estão mais viçosos.

[106] Se ele é uma das rodas da biga com que a Santa Igreja se defende e vence no campo a sua guerra civil, deveria ficar bem clara a excelência da outra roda, sobre a qual antes de mim Tomás de Aquino falou de modo tão cortês. Mas a vereda excelente desenhada por essa roda foi abandonada, deixando criar mofo onde antes havia crosta.[365] E a ordem que seguia direito seus passos agora recua e ruma na direção oposta. Logo se verão os frutos dessa má cultura, quando lamentarão ver o joio fora da arca. Claro que quem procurasse folha a folha nesse volume encontraria uma em que se leria: “Sou aquele que é como se deve ser”.[366] Porém, não se verá isso nem em Ubertino da Casale nem em Matteo Acquasparta, cujas doutrinas ora escapam ora restringem a escritura.

[127] Sou a alma de Boaventura de Bagnoreggio, que em meus ofícios sempre adiei os cuidados terrenos. Iluminato e Agostinho estão aqui, os primeiros pobres descalços que se cingiram a Deus com o cordão da ordem. Hugo de São Vítor está com eles, além de Pedro Mangiadore e Pedro Hispano, cuja fama lá embaixo reluz em doze livros; o profeta Natan, o metropolitano Crisóstomo, Anselmo e aquele Donato que se ocupou da primeira arte.[367] Rabano está entre eles também, e o abade calabrês Joaquim, cuja luz nos chega de lado, um profeta de fato.[142] Celebrei este paladino movido pela ardente cortesia de frei Tomás, feita em decoroso latim, e por essa doce companhia.[368]

Canto XIII

s duas guirlandas do Sol, o quarto céu, completam mais um giro, durante o

A qual as almas dançam e cantam, visão que está para além da compreensão humana, como nota Dante. Assim que as coroas de luz param, do meio delas Tomás de Aquino se destaca e volta a falar. O santo começa a responder à dúvida do poeta sobre a sabedoria de Salomão. Ele observa que diferentemente de Adão e Cristo, mencionados por Dante, o filho de David foi mais sábio enquanto rei. Em seguida Dante foi advertido a julgar com mais prudência acerca da salvação das almas.

[1] Quem deseja entender bem o que ora vi e reter firmemente a imagem enquanto falo, imagine quinze estrelas a iluminar o céu de diversos pontos superando a névoa mais densa; imagine aquele carro ao qual basta o espaço de nosso céu para girar o timão noite e dia sem jamais desaparecer[369]; imagine a boca da trompa que começa na ponta do eixo em torno do qual gira a primeira esfera formar duas constelações[370] – tal como aconteceu com a filha de Minós assim que a morte fria a colheu – que giram a partir do mesmo ponto mas em direções opostas; e assim terá a pálida sombra da constelação verdadeira, daquele par de coroas luminosas a dançar em volta do ponto onde eu estava. Imagem muito além de nossa compreensão, como se comparássemos a corrente do rio Chiana ao movimento do primeiro céu, que gira mais do que todos os outros.

[25] Ali não se cantava Baco ou Apolo, mas a união de três pessoas em uma só: divina e humana. Canto e dança cessaram ao mesmo tempo, e aquelas santas luzes voltaram-se para nós felizes de irem de um cuidado a outro.

[31] A luz que me narrava a admirável vida do pobrezinho de Deus rompeu o silêncio entre os harmoniosos beatos e disse:

– Quando a espiga é debulhada e sua semente reposta, o doce amor

convida-me a debulhar a outra.[371] Crês que o peito de onde se extraiu a costela para formar o belo rosto daquela cuja mordida o mundo todo paga e o daquele que foi trespassado pela lança, colocando nosso presente e passado na balança para assim vencermos toda culpa[372], foram tocados pela luz daquele que os criou, a fim de compreenderem a natureza da lei humana. Mas te admiraste do que eu disse mais acima, quando narrei que não houve outro bem como aquele que está encerrado na quinta luz.[373] Abre os olhos agora para isso que te respondo e verás o teu juízo e o meu dizer combinarem-se numa verdade só, assim como o centro e seu círculo.

[53] O que não morre e o que pode morrer são apenas uma cintilação da ideia que, com amor, nosso Senhor gerou, pois a viva luz que emana do pai luzente, que não se separa dele nem do amor santo que a ele se liga, reúne por sua bondade nove essências, que o refletem sempre uno e eterno. Então se desce às últimas potências, céu a céu, chegando ao ponto de só criar o que é breve e contingente. Por essas contingências entendo as coisas geradas pelo movimento do céu, seja com ou sem semente.

[67] A cera dessas coisas e quem as molda não estão sempre de acordo, por isso o Verbo pode iluminar-se menos ou mais nelas. Donde vem que árvores da mesma espécie geram frutos melhores e piores; como vós, que nasceis com índoles diferentes. Se a cera fosse moldada perfeitamente e o céu caísse sobre ela com sua potência suprema, a luz do seu sinete brilharia absoluta. A natureza, porém, sempre a concebe mais fraca, à semelhança do artista que conhece bem sua técnica mas a exerce com a mão trêmula. Mas se o caloroso amor[374] inspira-se na sabedoria da primeira potência e a imprime na cera, conquista-se a maior perfeição possível. Foi assim na Terra quando um ser com tal pureza se criou, e com pureza igual

engravidou-se a Virgem Maria. Concordo com tua opinião que não haverá nem houve natureza humana tão perfeita como a dessas duas pessoas.[375]

[88] Então, se eu não prosseguisse agora, tu me dirias: “Mas não disseste que a sabedoria daquele outro era ímpar?”.[376] Mas para que pareça muito bem aquilo que não parece, pensa em quem ele foi e a razão que o motivou quando lhe demandaram: “Pede”. Não falei tão obscuramente a ponto de não veres claramente que Salomão foi o rei que pediu a sabedoria para melhor reinar. Não a quis para saber o número dos anjos que há aqui em cima, nem para saber que a *necesse* e a premissa contingente nunca podem chegar a uma consequência necessária; tampouco saber se *si est dare primum motum esse*[377], ou se um triângulo sem ângulo reto pode inserir-se num semicírculo.

[103] Donde, se juntares o que eu disse acima com o que acrescentei agora, verás que minha intenção era dizer que aquela prudência sem igual dizia respeito apenas aos reis. E se vires com olhos livres a expressão que lá atrás usei, “não se viu surgir outro igual”, notarás que dizia respeito somente aos reis, os quais, apesar de serem muitos, raramente são bons.

[109] Com essa distinção retoma minhas palavras, reunindo-as ao que crês sobre o primeiro homem e o nosso Cristo. E não te esqueças disso e move-te sempre como se tivesse chumbo nos pés, para andares lentamente como um homem indulgente diante do sim e do não que ainda não distingue: pois entre os estultos o mais baixo é quem afirma e nega sem nada compreender a cada passo dado, além de se deixar levar na maioria das vezes pela opinião falsa, à qual seu intelecto se apega. Estes são como aqueles que, sem conhecer a arte de pescar, se lançam ao mar e se distanciam da terra e, ao voltar, já não são mais os mesmos. O mundo dá

vários testemunhos disso, como Parmênides, Melisso e Brisso, que caminharam sem saber para onde iam. Assim fizeram aqueles estultos – Sabélio e Arrio – que golpearam as Escrituras com espadas desfigurando-lhe a bela face.

[130] Ninguém deve, assim, considerar-se seguro para julgar os outros, pois pode fazer como aquele que estima a colheita antes que os frutos amadureçam; porque já vi o espinheiro seguir rude e seco o inverno inteiro para depois deixar uma rosa abrir-se no seu cimo; e também vi a nave certeira e veloz singrar por todo o caminho e naufragar ao adentrar a foz.

[139] Não acreditais, portanto, dona Maria e seu José, que o juízo divino já está decretado ao verdes alguém roubando e outro dando esmolas, pois pode suceder que o primeiro se reerga e o segundo caia.

Canto XIV

Assim que santo Tomás de Aquino se cala, Beatriz dirige-se a Dante. Ela pede às almas que lhe esclareçam acerca do brilho do corpo e sua condição após a ressurreição. Salomão fará isso explicando a ele o quanto os corpos ficarão mais luminosos no céu. Em seguida, Dante sobe para Marte, o quinto céu. Ali vai encontrar as almas que lutaram pela fé. Assim que chega lá, vê, em torno de uma cruz grega, o corpo de Cristo brilhando, rodeado das luzes dos beatos dessa esfera.

[1] Em um vaso redondo a água se move em círculos do centro para a borda ou da borda para o centro conforme lhe batem de fora ou de dentro. Essa imagem veio-me de repente à mente assim que a gloriosa alma de Tomás de Aquino calou-se e surgiu igual e simultaneamente a voz de Beatriz, que começou a falar-me:

– A alma que acabou de falar não disse, nem ousou mencioná-la, seja pela voz, seja em pensamento, sobre outra verdade mais profunda, embora fosse preciso. Dizer-vos se a luz de onde aflora vossa substância permanecerá convosco eternamente tal como ela está agora, e se assim for, dizer-vos como podereis suportar-lhes a visão, pois sereis visíveis quando ressucitardes.

[19] Como por vezes aqueles que dançam em círculos elevam a voz e se animam mais ao ser estimulados e levados pela alegria, assim, ao ouvirem a oração devota[378], as santas guirlandas mostraram-se jubilosas na sua dança e em seu maravilhoso canto. Quem se lamenta por ter de ir ao céu depois de morrer não viu aqui o refrigério que traz a eterna chuva.[379] Aquele ser que é um, dois e três, que vive e reina sempre em três, em dois e em um, e não se circunscreve mas tudo circunscreve, era cantado com tal melodia três vezes por aqueles espíritos que um por um merecia uma digna recompensa.

[34] Vindo da luz mais divina do menor círculo, ouvi uma voz humilde, talvez semelhante à do anjo que falou a Maria, responder[380]:

– Até quando durar a longa beatitude no Paraíso, nosso amor se irradiará com essa luminosa veste. Sua claridade é seguida do ardor da visão, e esta tem o tamanho da graça que se lhe concede por seu valor. Quando a gloriosa e sagrada carne for revestida, nós ficaremos muito gratos por estarmos completos, porque se acrescentará a isso o sumo bem que a luz nos dá: ver o que nos molda, graça que faz a visão ampliar-se, o ardor incendiar-se e o raio que provém daí estender-se.

[52] Como o carvão que supera a chama que o produz por sua incandescência, que aparece sem se esconder, assim esse fulgor que agora nos cerca será vencido em aparência pela carne que ora a terra recobre.

Toda essa luz não nos molestará, pois os órgãos de nossos corpos serão resistentes a tudo que poderá nos deleitar.

[61] Em coro, os espíritos beatos me pareceu dizerem: “Amém!”, mostrando o desejo pelos seus corpos mortos. Não pelos deles, talvez, mas pelos das mães, pais e demais que lhes foram caros antes de subirem aos céus e tornarem-se eternas chamas.

[67] E eis que em torno deles, com luminosidade igual, surge uma luz semelhante à que clareia o horizonte. Como no pôr do sol, quando despontam novas cintilações que à vista ora parecem verdadeiras ora não, comecei a ver novas essências girarem em torno das outras duas guirlandas.

[76] Ó verdadeiro brilho do Espírito Santo! Súbita e fulgurantemente atingiu-me os olhos, que, vencidos, não o suportaram! Mas Beatriz mostrou-se a mim tão bela e agradável – uma visão como outras que vi aqui e não pude reter em minha mente – que meus olhos retomaram o vigor e vi-me elevado sozinho com minha senhora à salvação mais santa.[381]

[85] Logo percebi que me elevara, por notar a luz flamejante da estrela vermelha, mais intensa do que a habitual. Com todo o coração e com aquela palavra única para todos, a Deus agradeci pela nova graça recebida. Mal havia do meu peito expirado o calor do sacrifício, senti o quanto este havia sido aceito e propício porque surgiram diante de mim, dentro de dois raios, tão fulgurantes e rubros, duas luzes que me fizeram dizer: “Ó Hélio[382], que os veste assim!”.

[97] Como a Via Láctea, que se estende entre os dois polos, com estrelas menores e maiores, e enche os sábios de dúvidas, assim se dispunham aqueles dois raios de dentro do céu de Marte, compondo o símbolo venerável cujos quadrantes se juntam formando um círculo.[383] Neste ponto

a memória vence meu engenho, pois naquela cruz Cristo resplandecia, para o que não encontro palavra digna para descrever. Mas quem carrega a cruz e o segue me desculpará por isso quando aqui chegar e vir Cristo a cintilar naquela árvore. De um extremo a outro da cruz e de cima para baixo as almas moviam-se, brilhando muito forte seja ao encontrarem-se, seja ao distanciarem-se. Assim eram vistas aqui, como corpos minúsculos, longos e curtos, retos e ondulantes, velozes e lentos, mudando a aparência tal como vemos corpúsculos flutuarem num raio que invade a sombra, acolhendo-os todos, com engenho e arte.

[118] E como das cordas esticadas da giga e da harpa se extraem doces notas, mesmo para quem não as entende, assim daquelas luzes que me apareciam ali em volta da cruz vinha uma melodia que me extasiava, sem que compreendesse seu hino. Logo percebi ser um canto solene, porque ouvia as palavras “Ressurge” e “Vence”, mas estava como quem ouve sem tudo entender. Quanto mais a ouvia, mais enamorava-me daquela música, a qual me vencia muito docemente, de uma maneira que ainda não sentira ali.

[130] Talvez tenha ido longe demais, ao pôr tal visão acima dos belos olhos[384] que me aquietam quando neles pouso os meus. Mas quem sabe que esses selos de imensa beleza mais belos vão ficando à medida que subimos e que eu não os vira voltados para mim neste céu desculpar-me-á disso que me acuso e verá que eu disse a verdade, uma vez que esse sagrado prazer não me é vedado aqui, pois à medida que subimos tornamo-nos mais sinceros.

Canto XV

Dante encontra Cacciaguida, seu trisavô, que desce da cruz para vir até

ele. Cacciaguida o acolhe paternalmente, assim como Anquises fizera com Enéas nos Campos Elíseos, na Eneida. O poeta então lhe pergunta seu nome. O trisavô responde-lhe depois de descrever a Florença de seu tempo e a própria morte. A cidade é apresentada como pacífica e honesta, diferente da época de Dante. Cacciaguida morre em uma cruzada.

[1] A vontade de fazer o bem – no qual o amor corretamente inspirado se resolve, assim como a cupidez se resolve gerando o mal – silenciou a doce melodia e cessou a vibração das sagradas cordas que o céu distende e toca.

[7] Mas como podem esses entes divinos serem surdos às pregações dos homens justos se aqui calaram ao mesmo tempo e harmoniosamente para me ouvirem? Por amor às coisas que não duram é justo que chore aqui eternamente sua dor quem se despojou do amor certo. Como pelos ares tranquilos e puros dispara inesperadamente uma luz incandescente, que desvia o olhar antes sereno, à semelhança de uma estrela que muda de lugar, não fosse por manter-se igual à luz de onde veio e logo apagar-se, assim desceu uma alma do braço direito até o pé da cruz, correndo como um astro brilhante daquela constelação, sem se afastar da cruz, mas riscando com um sulco luminoso à semelhança de uma chama atrás do alabastro.

[25] Aquela luz falou-me à semelhança da pia sombra de Anquises, que se adiantou, se dermos fé à nossa maior musa, quando viu seu filho nos Campos Elíseos: "*O sanguis meus, o superinfusa/ gratïa Deï, sicut tibi cui/ bis unquam celi ianüa reclusa?*".[385] Virei-me em sua direção e depois voltei-me para onde estava a minha senhora. Estupefato, ora mirava um, ora outro. Nos olhos dela resplendia um sorriso tal que acreditei ver a graça do Paraíso.

[37] Então aquela alma – que, jubiloso, eu ouvia e via – acrescentou às

primeiras palavras outras que não compreendi, tão profundas eram. Não lhes escondeu o significado por mera vontade, mas por necessidade, pois seu conceito se sobrepõe ao dos mortais. E quando o arco do ardoroso afeto foi liberado, sua fala desceu em direção ao alvo, o intelecto. A primeira coisa que compreendi foi:

– Bendito sejas, ó trino e uno, que com meus descendentes és tão cortês! – continuando: – Um distante e grato desejo, extraído da leitura do grande livro do qual não se muda nem o branco nem o escuro, solucionaste, filho, dentro desta luz da qual te falo, graças àquela[386] que te vestiu de plumas para este voo até aqui. Crês que o teu pensamento penetre no meu por força daquele que é o primeiro, assim como deriva do um o conhecimento do cinco ou do seis, e não perguntas por que entre todos os beatos desta ciranda sou o mais contente e quem melhor te acolhe aqui. Crês na verdade, já que tanto os espíritos maiores quanto os menores miram o espelho no qual o pensamento se manifesta, antes mesmo de se pensar. Mas para que o sacro amor, que velo perpetuamente e me dá sede do doce desejar, cumpra-se melhor, tua palavra deve soar com liberdade, franqueza e alegria a vontade e o desejo teus, pois a minha resposta já está decidida!

[70] Voltei-me para Beatriz, que entendeu meu desejo de falar e cujo sorriso abriu-me as asas para um voo maior. Comecei, então:

– Quando a primeira igualdade vos criou, deu a vós o afeto e o juízo igualmente, e o sol que vos ilumina e incendeia vos dá calor e luz tão iguais que não há com o que comparar. Mas nos mortais o sentimento e o siso, pela razão que conheceis bem, manifestam-se muito diversamente. E eu, como mortal, sinto essa desigualdade. Porém, quero agradecer-te[387] afetuosamente o acolhimento paternal e alegre que me deste. E suplico a ti,

vivo topázio encastoado nesta preciosa joia dos céus[388], a dizeres teu nome.

[88] – Ó fronde minha que piedosamente esperei, fui tua raiz – com tais palavras começou a responder. E disse, em seguida: – Aquele que te deu o nome de família[389] e que há mais de cem anos dá voltas no primeiro terraço do Purgatório é meu filho, teu bisavô. Convém que abrevies sua longa pena com tua compaixão.

[97] Florença, quando ainda era cercada pelos primeiros muros onde ainda se ouvem os sinos tocarem a terça e a nona, estava em paz e caminhava sóbria e honesta. Não se usavam pulseiras requintadas nem diademas, tampouco saias recamadas ou cinturas mais salientes que a pessoa. As filhas ainda não preocupavam os pais, pois o tempo de casarem e o dote não iam nem além nem aquém da medida. Não havia casas de família vazias, nem Sardanapalo aparecera para mostrar o que se podia ver apenas na alcova. O Uccellatoio ainda não superara o Montemalo[390], mas o faria tanto na altura quanto na queda.

[112] Vi Bellincion Berti andar com um cinto de couro com fivela de osso e a esposa com o rosto lavado, sem pintura. Também encontrei os Nerli e os Vecchio contentes, vestindo peles sem enfeites, e suas mulheres em casa fiando alegres.

[118] Ó felizes senhoras florentinas, pois tinham como certa a sepultura na terra natal e estavam longe de ser abandonadas no leito pelos maridos, ávidos pelo comércio em França. Solícita, uma senhora velava o berço do filho, empregando aquele idioma terno que agrada tanto ao pai quanto à mãe; outra, enquanto desfia o novelo na roca, narrava para família os feitos dos troianos, romanos e fiesolanos. Seria espantoso topar naquela época com uma Cianghella ou um Lapo Salterello, como hoje o é ver um

Cincinato ou uma Cornélia.[391]

[130] Em quadra assim, suavíssima e singela, sob a cidadania amena e bela, no acolhimento de uma pátria bela, emergi, por Maria, entre ais, à vida[392], e fui batizado no antigo Batistério, tornando-me cristão, de nome Cacciaguida. Moronto e Eliseu foram meus irmãos, e minha mãe nasceu no vale do Pó, donde veio teu sobrenome. Depois acompanhei o imperador Conrado[393], em cuja milícia pelas boas obras e por mérito fui feito cavaleiro. Nesse tempo combati o pecado, defendendo a vossa justiça que os infiéis usurpam, por culpa do pastor.[394] Ali por aquela gente torpe fui liberado do mundo falaz, cujo amor deturpa muitas almas, e do martírio vim para esta paz.

Canto XVI

O poeta florentino declara sua felicidade em ver um antepassado seu elogiar sua parentela. Em seguida pede a Cacciaguida que diga quem foram seus ancestrais, como fora sua infância, quem e como eram os florentinos de sua época e quais entre eles eram os mais valorosos e poderosos. O trisavô de Dante então lhe conta quando nasceu, menciona brevemente os antepassados e narra-lhe mais longamente sobre a cidade e seus cidadãos. Fala mais detidamente sobre a constituição de sua população, reclamando da mistura havida ali pela chegada de famílias de regiões vizinhas, o que seria a causa da degeneração da cidade. Por fim, relata o episódio que deflagraria a divisão das famílias florentinas.

Ó nossa humilde nobreza de sangue, se é motivo de glória aqui embaixo onde os sentidos são fracos, é algo com o que jamais me espantaria; porém no céu, onde o desejo não comanda, disso, sim, me orgulhei. Sabes bem que

o manto[395] se desfaz se dia a dia não se o emenda, pois o tempo o rodeia com sua tesoura.

Na hora em que usei o “vós” em minha resposta, palavra empregada em Roma pela primeira vez, mas onde não mais prospera, Beatriz riu para mim, um pouco afastada, à semelhança da dama que tossiu ao primeiro deslize de Guinevere.[396]

[16] Então comecei:

– Sois minha raiz; fizeste confiar em minhas palavras, elevando-me mais do que eu imaginara. Minha mente se alegra por perceber que posso sentir-me feliz sem obnubilar minha razão. Dizei-me então, meu caro antepassado, quem foram vossos ancestrais e os anos que marcaram vossa infância; dizei-me sobre o rebanho de São João[397], quanta gente havia então, e quem eram os mais dignos e poderosos entre seus cidadãos.

[28] Como a chama do carvão avivada pelo vento, vi aquela luz refulgir às minhas doces palavras; e, assim como se fez mais bela aos meus olhos, com termos dulcíssimos e suaves me respondeu, mas não em nossa língua moderna[398]:

– Desde o dia em que o anjo disse “Ave”[399] até o parto de minha mãe, santa hoje, quando seu corpo ficou mais leve depois de ter-me, Marte evoluiu quinhentas e cinquenta e três vezes em volta da constelação do Leão.[400] Como meus antepassados, nasci no lugar onde está a última quadra em que correm vossos cidadãos na disputa do pálio. Sobre esses meus maiores parentes basta ouvir o que disse, pois sobre quem eram ou de onde vieram é melhor calar.

[46] Todos que nessa época podiam portar armas entre a estátua de Marte e o Batistério eram um quinto dos que ora vivem aqui.[401] Mas a

população que hoje é misturada com gente vinda de Campi, Certaldo e Fegghine[402] naquele tempo era pura até o último artesão. Ó como teria sido melhor se esses vizinhos tivessem ficado em seus limites, sem ultrapassar Galluzzo ou Trespiano[403], ao invés de terem sido acolhidos, obrigando-nos a suportar o mau cheiro dos camponeses de Aguglione e de Signa, cujo olhar para a trapaça é agudo! Se a gente que mais se degenera nesse mundo não fosse madrasta de César; ao contrário, tivesse sido uma mãe generosa com seu filho, aqueles florentinos que especulam e comerciam estariam em Simifonti, por onde andavam seus avós[404], e Montemurlo seria ainda dos Conti; os Cerchi estariam em Acone; e talvez em Valdigrieve, os Buondelmonti.

[67] A mistura entre as pessoas sempre foi a causa do mal das cidades, tal como a comida que se ingere a mais; sem esquecer que o touro cego cai mais rápido que o cego cordeiro, e, muitas vezes, uma espada sozinha corta melhor do que cinco juntas. Se olhares para a ruína de Luni e Urbisaglia e como nesse mesmo caminho seguem Chiusi e Sinigaglia, perceberás como as famílias se desfazem, o que não te parecerá novo nem incompreensível, já que até as cidades vês perdidas.

[79] Tudo, incluindo vós, homens, está sujeito à morte. Embora ela se esconda nas coisas que duram muito, a vida é muito breve. Da mesma forma como o movimento da lua cobre e descobre sem cessar a areia das praias, assim faz a Fortuna com Florença, por isso não parecerá espantoso isso que direi de seus antigos moradores cuja fama o tempo escondeu.

[88] Vi os Ughi, os Catellini, Filippi, Greci, Ormanni e Alberichi, ilustres cidadãos já no ocaso, e também aqueles de Sannella e d’Arca, além dos Soldanieri, Ardinghi e Bostichi, famílias tão importantes quanto

antigas. Na porta hoje arqueada do peso de traidores recém-chegados, o que logo destruirá a barca[405], estão os Ravignani, dos quais descendem o conde Guido e todos aqueles que adotaram o nome de Belincione. Os do clã de Pressa sabiam a arte de governar, e a casa dos Galigaio estampava a espada e a empunhadura douradas. Já era pujante a casa de Vaio, os Sacchetti, Giuochi, Fifanti, Barucci e Galli, que mais tarde se envergonhariam de sua fraude.[406] O tronco de onde nasceram os Calfucci já era grande, e os Sizii e os Arrigucci já haviam alçado os altos cargos.

[109] Ó como eram grandes aqueles que ora se arruinaram à custa de seu orgulho! Época em que as esferas de ouro[407] floresciam em Florença pelos feitos dos Lamberti. Assim eram os pais daqueles que hoje, sempre que há vagas na Igreja, empanturram-se quando estão no consistório. A soberba estirpe que se enfurece como um dragão ao perseguir quem foge mas se aquieta como um cordeiro diante dos que lhe arreganham os dentes ou abrem-lhe a bolsa estava em ascensão. Ainda não deixara, porém, de ser modesta, tanto que Ubertino Donato não gostou de se tornar parente deles. Os Caponsacco já haviam descido de Fiesole e se fixado perto do Mercado, e já eram bons cidadãos Judas e Infangato.

[124] E ainda digo coisa incrível e verdadeira: atravessava-se a pequena murada por meio de uma porta cujo nome se devia ao clã dos Pera. Cada um que carrega a bela insígnia do grande barão, cujo nome e prestígio são comemorados no dia do apóstolo Tomás, dela recebe o grau de nobreza e demais privilégios, ainda que um deles tenha se apartado de todos. Já estavam lá os Gualterotti e os Importuni; e o burgo ainda seria bastante tranquilo se não houvesse novos vizinhos.

[136] A casa onde se gerou o vosso pranto por meio do desdém que vos

mortificou e pôs fim ao vosso viver contente era honrada. Ó Buondelmonte, que mal fizeste ao fugir das tuas núpcias, atendendo ao desejo de outros![408] Muitos daqueles que são tristes hoje seriam felizes caso Deus o tivesse concedido ao rio Ema[409] na primeira em que vez que vieste à cidade. Mas convinha que no fim de sua era de paz se imolasse uma vítima junto à estátua danificada que guarda a ponte de Florença.[410]

[148] Vi Florença com essas famílias e mais outras tantas em plena tranquilidade, de modo que não havia razão para chorar. Com elas vi o vosso glorioso e justo povo, ainda sem o lírio de sua insígnia revirado e varado por uma lança nem tornado vermelho por força de suas cizânias.[411]

Canto XVII

Estimulado por Beatriz, Dante se dirige a Cacciaguida para saber acerca do que ouviu sobre seu futuro durante a peregrinação pelo Inferno e o Purgatório. O trisavô narra-lhe o doloroso exílio e conta também quem o acolherá fora de Florença. O poeta ainda pergunta se deve escrever sobre tudo o que viu nessa sua viagem, e recebe como resposta um enfático sim de Cacciaguida, que o exorta a fazê-lo sem nada esconder.

[1] Sentia-me como aquele – por causa do qual até hoje os pais são prudentes com os filhos[412] –, que se dirigiu a Clímene, para saber se era verdade aquilo que ouvira sobre ele. Isso perceberam Beatriz e a divina luz que por mim havia se deslocado da cruz. Então, disse-me minha senhora:

– Lança para fora a chama do teu desejo, de modo que saia bem claro o que se lhe passa por dentro. Não para que nosso conhecimento cresça, mas para ajudá-lo a dizer do que tens sede e os outros possam sorvê-lo.

[13] – Ó cara raiz, que tão alto te elevas e vês as coisas contingentes

antes de elas o serem, mirando o ponto em que todos os tempos se igualam, assim como os homens sabem que não pode haver dois ângulos obtusos num triângulo, enquanto eu subia ao lado de Virgílio o monte onde as almas se curam e descia ao mundo morto, foram ditas palavras duras sobre meu futuro, ainda que eu me sinta como um sólido cubo em face dos golpes do destino. Gostaria, então, de saber o que a fortuna me prepara, pois o mal que vem em forma de seta vem muito lentamente.

Assim eu disse à luz que falara comigo havia pouco e, como queria Beatriz, o fiz confessando-me completamente.

[31] Então o amoroso pai respondeu-me não com circunlóquios com os quais os pagãos se enviscavam antes de o cordeiro de Deus ser crucificado, mas em uma língua precisa e com palavras cristalinas. Oculto em sua luz, mas visível pelo brilho que emanava de seu sorriso, disse:

– A contingência, que só em vosso mundo está, é vista pela mente eterna num quadro só. Isso, porém, não torna necessário o contingente, assim como uma nave que desliza pela corrente não se guia pelo olhar no qual se espelha.

[43] Do mesmo modo como chegam aos ouvidos a doce música dos órgãos, vi teu futuro. Assim como Hipólito partiu de Atenas por causa da desapiedada e pérfida madrasta[413], tu terás de sair de Florença. Isso se deseja e se aproxima e logo será feito por quem dia a dia mercancia o próprio Cristo. A culpa cairá sobre a vítima, como costuma acontecer, mas a vingança revelará a justiça de quem a distribui verdadeiramente. Deixarás tudo que mais te apraz, e isso é o que a seta do exílio atinge primeiro. Além de provares o amargo sal do pão alheio, sentirás o duro golpe de cair e ter de subir por degraus desconhecidos. E o que mais pesará em teus ombros

será a companhia má e tola com a qual te arrastarás nesse vale. Grei ingrata, estúpida e ímpia, irá voltar-se contra ti, mas muito rapidamente verá, ao contrário de ti, a fronte ensanguentada. Tal ação será a prova da sua bestialidade, o que mostrará ter sido bom de tua parte seguires o próprio caminho.[414]

[70] O teu primeiro refúgio e tua primeira morada serão fruto da cortesia do grande Lombardo, em cuja insígnia vê-se uma águia no topo de uma escada.[415] Por ti terá tão boa consideração que fará antes de pedires o que, entre vós mortais, o mais comum é retardar.[416] Com ele conhecerás aquele no qual foi impressa a marca da forte estrela[417], sob a qual irá empreender obras notáveis. Ninguém percebeu isso ainda dada a sua idade, pois os céus giraram apenas nove voltas desde que ele nasceu. Mas antes que o Guasco engane o grande Henrique[418], sua virtude brilhará por desdenhar tanto a prata quanto o cansaço. Seus feitos serão de tal modo conhecidos que nem mesmo seus inimigos poderão calar-se diante deles.

[88] Confia nele. Suas ações beneficiarão e ajudarão muita gente, mudando a vida de pobres e ricos, e o que direi sobre ele guarda na memória e sobre isso não digas nada.

Então falou coisas incríveis mesmo para quem as presenciou:

– Filho, estas são as explicações sobre o que lhe foi dito; eis agora as insídias que no correr de poucos anos se revelarão. Não invejes teus vizinhos pois tua vida irá prolongar-se muito mais que a deles e ainda verás ser punida a perfídia cometida por eles.

[100] Depois que, calando-se, a alma santa achou concluída a tarefa de tecer a trama na tela que eu lhe apresentara, como alguém que, sem entender direito, além de clamar pelo conselho à pessoa que ama, vê e

deseja retamente, argui-lhe:

– Vejo, então, meu pai, como o tempo corre para desferir-me seus golpes, que mais duros são a quem não está preparado para recebê-los. Por isso é bom que me previna e me arme, pois se perderei a terra que me é tão cara não perderei outras coisas mais pelos meus versos. Provocarei muito dissabor ao contar aos outros o que aprendi lá embaixo no mundo da dor sem fim e, mais adiante, no monte de cujo cimo fui levado para o Paraíso pelos belos olhos de minha senhora, onde, de luz em luz, caminhei. E se eu não for amigo da verdade, temo perder a fama entre aqueles que chamarão de antigo este tempo em que vivo.

[121] A luz na qual brilhava o tesouro que ali encontrei resplendeu ainda mais, tal como um raio de sol refletido num espelho de ouro. Então disse:

– Aquele com má consciência de si ou dos seus sentirá, sim, vergonha de tuas palavras bruscas. Apesar disso, afasta toda mentira de teus versos, manifesta tua visão completa e deixa cada um esfregar as unhas onde sente coçar, pois se tua palavra desagradar à primeira prova, será nutriente vital quando mais tarde for digerida. Este teu clamor fará como o vento que bate nos pontos mais altos e isso te honrará. Por isso foram-te mostradas nestas esferas, no monte e no vale doloroso, apenas as almas célebres, pois quem ouve não para nem crê em exemplos de quem desconheça a origem, tampouco acerca de um tema pouco evidente.

Canto XVIII

A amarga profecia de seu exílio é deixada de lado pela visão beatífica de Beatriz. Retoma então o diálogo com a alma de Cacciaguida, que passa a lhe relatar os nomes dos mártires que se reúnem no quinto céu. Em seguida,

volta-se em direção a Beatriz, cujos olhos passam a brilhar intensamente, anunciando a ascese de ambos para o céu de Júpiter. Ali o poeta vê as almas formarem uma sentença no céu e em seguida a grande águia com a qual irá dialogar mais adiante. O canto se encerra com Dante invectivando o papa João XXII.

[1] A essa altura o beato espelho desfrutava das próprias palavras, enquanto eu saboreava as minhas, ora doces, ora amargas. Disse-me, então, a senhora que a Deus me guiava:

– Muda o rumo de teus pensamentos, pensa que estou próxima daquele que alivia todo e qualquer mal.

Voltei-me para o ponto de onde vinha aquele som amoroso e reconfortante e o que vi naqueles olhos santos deixo de descrever não porque desconfie de minhas palavras, mas porque a mente não pode se voltar sobre si mesma a não ser que outros a guiem.

[13] Posso dizer, no entanto, que ao mirá-la libertei-me de todo desejo, enquanto o prazer eterno irradiava-se nela e refletia-se beatificamente de seus olhos. Despertando-me com a luz de seu sorriso, disse-me:

– Volta-te e escuta, pois o Paraíso não está apenas em meus olhos.

Assim como em nosso mundo veem-se os afetos através dos olhos, que nos envolvem a alma quando são intensos, ao voltar-me para a luz daquele que me falara percebi seu desejo de dizer-me ainda mais, visto o brilho fulgurante que irradiava-se dele.

[28] Ele começou então:

– Neste quinto degrau desta árvore que vive do que lhe vem de cima, dando frutos sempre, sem jamais perder suas folhas, antes de chegarem aqui os espíritos bem-aventurados foram, lá embaixo, homens de grande fama,

cujos feitos inspirariam versos em abundância. Mas olha para os braços da cruz, pois os nomearei. Quando o fizer, eles se deslocarão como o relâmpago na nuvem.

[37] Vi então uma luz deslocar-se da cruz e ouvi o nome de Josué ser falado, sem que o som e a luz viessem antes ou depois um do outro. Ao nome do segundo Macabeu, vi mover-se outro lume rodopiando sobre si mesmo, movido pela alegria, que era como a corda que gira o pião. Acompanhei atentamente os dois próximos lumes, Carlo Magno e Orlando[419], como os olhos do dono seguem o voo do seu falcão. Depois vieram Guilherme de Orange e o sobrinho Renoardo, além do duque Godofredo e Roberto Guiscardo.[420]

[49] Então, movendo-se e misturando-se às outras almas, o espírito que me falara mostrou-me um artista entre os cantores do céu.

[52] Virei-me então para o lado direito para saber de Beatriz o que deveria fazer, fosse por palavras ou sinais, quando vi seus milagrosos olhos brilharem tanto e tão contentes, como jamais os vira ali antes. E, ao vê-los mais belos ainda, notei que o arco do céu que girava à minha volta crescera, como alguém que por fazer o bem sente-se melhor e vê-se dia a dia mais virtuoso. Semelhante ao intervalo em que o rosto vermelho de uma dama retoma sua palidez natural[421], assim se deu com meus olhos quando vi-me na cândida e tépida sexta estrela, a qual dentro de si me recolhera.

[70] Naquela jovial luminária, vi amorosos lumes sinalizarem algo em língua conhecida. Como os grous que depois de saciarem-se nas margens do rio fazem ora uma roda em torno de si ora uma fileira, congratulando-se de seu repasto, assim voejavam aquelas santas e iluminadas criaturas cantando e desenhando no ar ora um “D” ora um “I” ora um “L”. Primeiro, cantando, moviam-se, depois cada uma, tornando-se um desses signos, parava e calava-se.

[82] Ó divina Pegásea, que cobre de glória e torna imortais os poetas,

que, ajudados pelos céus, cantam as cidades e os reinos, ilumina-me para que eu revele nesses breves versos essas letras, tais como eu as vi, e tua força! Mostraram-se para mim 35 letras, entre vogais e consoantes, e as notei segundo essa ordem: primeiro apareceram desenhados um verbo e um nome, "DILIGITE IUSTITIAM", e por último "QUI JUDICATIS TERRAM".[422] Depois no "M" da quinta palavra as luzes pararam, de tal forma que o céu de Júpiter, naquele ponto, de prateado se fez dourado.

[97] Também vi pousarem outras luzes no cimo daquele "M" e, ali parando, cantar, creio, o bem que as move. Como as incontáveis fagulhas que se soltam ao bater numa acha em brasas, nas quais os estúpidos buscam profecias, vi milhares de luzes subindo do alto daquela letra, umas mais outras menos, de acordo com o sol que as ilumina. Quando cada uma encontrou seu lugar, firmando-se, vi a cabeça e o busto de uma águia representada por aquele ilustre fogo. Quem pinta naquele céu não é guiado por nada nem ninguém, ao contrário, é ele quem dá as regras e dele vem a virtude que dá a forma de todos os ninhos. O outro grupo de beatos que antes se enguirladavam ao "M" logo se moveram para compor a nova forma.

[115] Ó doce estrela, belas e inúmeras joias me mostraram que a justiça procede do céu que enfeitas com tuas pedras de luz! Por isso peço à mente da qual vem teu movimento e tua virtude que olhe com atenção de onde vem a fumaça que cobre tuas luzes, e de novo aplique tua justiça contra aqueles que compram e vendem dentro do templo, cujas paredes foram erguidas por martírios e milagres.

[124] Ó milícia do céu que ora contemplo, olha por aqueles que estão na Terra, que se desviaram do reto caminho indo atrás do mau exemplo! Antes

se faziam as guerras com armas, hoje são feitas tirando aqui e ali o pão que o piedoso Pai não nega a ninguém. Mas tu, que só para deletar escreves[423], pensa que Pedro e Paulo, os quais morreram pela vinha que arruínas[424], ainda estão vivos. Retrucarias talvez: “Firmo meu desejo naquele que quis viver só e foi levado ao martírio por causa da dança[425], pois não conheço nem o pescador[426] nem Paulo”.

Canto XIX

A imagem da águia, que representa a ideia de Império, começa a falar. Dante tem a impressão de ouvi-la como se fosse um coro, apesar de a imagem falar em primeira pessoa. O poeta florentino dirige-se a ela para dirimir uma velha dúvida: por que os pagãos podem ser condenados por uma justiça que não conheceram? A águia mostra-lhe que a mente dos homens não é capaz de conhecer as questões que envolvem os princípios divinos. Ela passa então a dar o nome de vários reis cristãos que agiram de forma desprezível, ações que serão reveladas no Juízo Final.

[1] Com as asas estendidas, abrira-se diante de mim a bela imagem que se formara do concerto das felizes almas que fruíam a doce beatitude divina. Cada uma delas parecia um rubi em que o sol resplendia tão forte que em meus olhos poder-se-ia vê-lo inteiro. Jamais se falou ou se escreveu sobre o que devo retratar agora, nem mesmo pela imaginação foi compreendido. Vi e também ouvi soar do signo da ave as palavras “eu” e “meu” quando na mente soavam o “nós” e o “nosso”.

[13] Então começou:

– Por ter sido justo e pio estou aqui elevado à glória que não se deixa vencer pelo desejo mundano. De tal modo deixei minha memória na Terra

que até os maus a louvam, sem seguir, porém, a sua história.[427]

[19] Tal como se sente um só calor vindo de muitas brasas, de uma só voz saiam muitos amores. Então eu disse:

– Ó perpétuas flores de eterna alegria, cujos olores parecem feitos de um só perfume, tirai-me do longo jejum que por muito tempo fez-me passar fome, pois na Terra não há comida alguma que a sacia. Bem sei que a justiça divina espelha-se no excelso trono, a qual apreendeis sem véus. Sabeis como, atento, me preparo para escutar; e sabeis bem qual dúvida busco, jejuno, há tempos.

[34] Como o falcão que após lhe tirarem o capuz move a cabeça, abre as asas, mostra-se à vontade e mais belo, assim vi aquela águia, formada pelos louvadores da graça divina, cantar o que apenas os mais pios entendem. Em seguida, começou:

– Aquele que gira o compasso até os extremos do mundo, no qual colocou o oculto e o manifesto, não imprimiu seu valor em todo o universo para que seu verbo não o excedesse infinitamente. Isso prova o primeiro soberbo, soma de todas as criaturas[428], que, por não esperar a luz, caiu acerbo. Isso mostra como a criatura menor é um receptáculo muito pequeno para o bem infinito, que só consigo mesma se mensura.

[52] Vossa visão, que se compõe de alguns raios da mente da qual todas as coisas estão repletas, não pode por sua própria natureza ver tanto, ou seja, discernir muito além daquilo que lhe é aparente. A justiça eterna, tal como a veem em vosso mundo, é como a visão que experimentas no alto-mar. Ali não se vê o leito como se o vê na praia, embora ele esteja lá, bem profundo. Não há luz se não vier daquela que não se perturba jamais; caso contrário, é treva; ou da carne, sombra ou veneno.

[67] Assim, abre-se o recesso onde a verdadeira justiça escondia-se de ti, que tantas vezes te fez perguntar: “Um homem nasce às margens rio Indo, onde não há quem fale, ensine ou escreva sobre Cristo; e, até onde a razão humana pode ver, todos os seus desejos e ações são bons e livres de pecado, seja em seus atos ou em suas palavras. Morre sem batizar-se e sem fé: que justiça é esta que o condena? Onde está a sua culpa, se ele não crê?”. Ora, com uma visão que não vai além de um palmo à frente, quem és tu para querer julgar a milhas de distância? Decerto que haveria muito o que duvidar caso as Escrituras não estivesse sobre vós.

[85] Ó mundanos animais! Ó mentes grosseiras! A vontade primeira, que é boa por si mesma, do sumo bem jamais se move. É justo tudo que a ela se conforma e nada que é criado tira-lhe qualquer bem, ao contrário, é ela que os cria, irradiando-se até eles.

[91] Como a cegonha que depois de alimentar os filhotes voa em círculos sobre o ninho enquanto a cria a admira, assim, observada por mim, a abençoada ave batera as asas movidas por tantos quereres. Girando, cantava:

– Assim como são as minhas notas para ti, que não as compreende, é, para vós mortais, a justiça eterna.

[100] Depois de apaziguarem-se as luzes incandescentes do Espírito Santo no símbolo que fez o mundo reverenciar os Romanos, ela recomeçou:

– Jamais chegou até este reino quem não acreditasse em Cristo antes ou depois de ele ter sido pregado na cruz. Vede: muitos que gritam “Jesus, Jesus!” estarão muito menos próximos dele no juízo final daquele que não o conheceu. E esses cristãos poderão ser punidos pelo Etíope[429], na hora em que os homens se dividirão em duas fileiras: a dos eternamente ricos e a dos

miseráveis. O que os Persas irão dizer dos vossos soberanos quando virem aberto o livro no qual se leem todos os seus atos desprezíveis?

[115] Ali em breve se verá anotada a obra, entre outras, do rei Alberto, que deixará o reino de Praga deserto.[430] Ali se verá o dolo sobre o Sena, que terá sua moeda adulterada por aquele que morrerá derrubado por um javali.[431] Ali se verá a ávida soberba que deixou loucos o Escocês e o Inglês, que não se contentam em permanecer em suas fronteiras.[432] Ver-se-á a luxúria e a fraqueza dos reis de Espanha e da Boêmia, que nunca alcançaram algum valor, tampouco o quiseram.[433] Ver-se-á o Coxo de Jerusalém assinalar com o "I" a sua bondade e com o "M" as suas vilezas.[434] Ver-se-ão a avareza e a vileza daquele que olha pela ilha do fogo[435], onde Anquises findou sua longa vida, e para dar a entender como sua obra é mesquinha, palavras abreviadas serão usadas para anotá-la. E a todos parecerão torpes as obras do seu tio e do irmão, que aviltarão uma nobre casa e dois reinos.[436] E ali também se conhecerão os reinos de Portugal e da Noruega, e mais o da Sérvia, que, por mal, cunhou moedas venezianas falsas.[437] Ó feliz Hungria, se não se deixar mais maltratar! Ó feliz Navarra, se se proteger atrás do monte que a enfeixa! E prova disso é o que lamentam Nicósia e Famagosta nas mãos de seus bestiais tiranos, que em nada se afastam dos demais.

Canto XX

Aáguia silencia, enquanto as almas cantam e brilham mais intensamente. Em seguida a imagem do Império recomeça a falar. Ela pede a Dante que mire nos olhos dela, onde estão as almas mais nobres e elevadas daquele céu. Menciona David, que forma sua pupila, e os cinco espíritos que

formam seu supercílio: o imperador Trajano, Ezequias, o imperador Constantino, o rei Guilherme II e o troiano Rifeu. Outra dúvida ronda a mente de Dante, agora acerca da presença de pagãos no Paraíso. A águia então lhe explica que antes de morrerem tanto Trajano quanto Rifeu tornaram-se cristãos. O canto termina com Dante satisfeito com a resposta.

[1] Desce o astro que ilumina o mundo; o dia em nosso hemisfério se consuma e o céu, onde antes o sol brilhava, se mostra novamente iluminado, agora pelo brilho das estrelas, que refletem a sua luz.[438] Esse céu veio-me à mente assim que o signo do império e de seus condutores calou-se e todas as céleres luzes que o compunham tornaram-se mais brilhantes e começaram os cantos, que minha memória recorda apenas vaga e imprecisamente.

[13] Ó doce amor, cujo sorriso te cobre como um manto, quanto parecias arder naquelas pequenas vozes que cobrem a mente de santos pensamentos! Depois que as estimadas pedras preciosas que vi encastoadas no sexto céu silenciaram os seus angelicais estribilhos, pareceu-me ouvir um rumor de águas claras descendo de pedra em pedra pelo leito de um rio, mostrando a abundância que lhe vem da nascente. Como o som que se desprende dos braços da cítara ou penetra pelos orifícios da gaita de foles, assim, dando fim à minha espera, aquele murmurar de água foi subindo pelo pescoço da águia, como se tivesse inúmeros furos. E esses sons fizeram-se vozes e quando saíram pelo bico tornaram-se palavras, as quais meu coração, que as esperava, anotou.

[31] – A parte em mim que nas águias mortais se vê e na qual se suporta o sol deve ser encarada fixamente por ti, porque de todas as chamas que formam a minha figura aquelas que cintilam em meus olhos são as mais

dignas e superiores. A luz no meio da minha pupila foi o cantor do Espírito Santo que transportou a arca santa de aldeia em aldeia[439] e agora reconheces o mérito do seu canto, que é efeito das suas escolhas, recompensadas pela divina graça. Dos cinco espíritos que formam a curva de meu supercílio, aquele que se aproxima mais do meu bico é quem consolou a pobre viúva que perdera o filho.[440] Por provar esta doce vida e a amarga[441], agora ele sabe o quanto custa não seguir Cristo. E o outro mais acima, formando também a linha sobre os olhos, postergou a morte sob verdadeira penitência.[442] Agora ele compreende que a justiça divina não muda quando na Terra uma alma digna reza demandando ao futuro o que já está estabelecido no presente. O outro ao lado[443] é o bem-intencionado que maus frutos gerou ao me levar para a Grécia, cedendo ao papa. Agora sabe que não foi punido pelo mal derivado do seu bem, ainda que tenha arruinado o mundo. E aquele outro que vês onde a curva da sobrancelha declina foi Guilherme[444], pelo qual choram seus súditos que ora são governados por Carlos e Frederico.[445] Agora sabe como o céu se enamora do rei justo, como demonstra o fulgor que resplandece dele. Mas quem acreditaria, lá embaixo, no mundo errante, que Rifeu[446] seria a quinta luz beata neste círculo? Agora ele conhece a graça divina que no errante mundo não pôde ver, embora sua vista não alcance o fundo.

[73] Como a cotovia que canta enquanto voa e depois silencia feliz, saciada pela doçura da melodia, assim me pareceu fazer a imagem que leva o selo do eterno fruir, por cujo desejo todas as coisas vêm a ser.

[79] Ainda que minha dúvida transparecesse de forma vivaz, não pude contê-la e, ao invés de calar-me, projetei-a para fora:

– Que coisa é esta? –, o que provocou um grande rebuliço entre as luzes.

Logo, então, com os olhos mais brilhantes, o abençoado símbolo me respondeu desembaraçando-me da incerteza:

– Vejo que crês nessas coisas porque as digo. Para ti elas se escondem, ainda que acredites nelas. Tu fazes como aquele que sabe o nome da coisa mas não vê sua essência a não ser que alguém a revele. *Regnum coelorum*[447] suporta a violência gerada pela caridade e pela viva esperança, capazes assim de vencer a divina providência. Vence não do modo como um homem suplanta outro homem, mas vence porque quer ser vencido e, vencido, vence por sua bondade.

[100] Admira-te ver brilhando neste reino dos anjos a primeira e a quinta alma[448] que formam o supercílio. Ambos não saíram pagãos dos seus corpos, como crês, mas firmes na fé cristã. Um acreditando na paixão que viria; o outro na que já houvera. Um voltou do Inferno, asilo de onde ninguém retorna, e ao corpo retornou pela graça gerada por uma viva esperança. A esperança se fez potente, mercê das orações feitas a Deus para ressuscitá-lo, de modo a mover seu querer para o bem.[449] Essa alma gloriosa encarnada novamente, ainda que por um breve tempo, acreditou em sua salvação por Cristo. Sua crença acendeu-se do verdadeiro amor de tal forma que a sua segunda morte o tornou digno de vir a este céu.

[118] A outra alma, por graça haurida de uma nascente tão profunda que jamais criatura alguma viu-lhe as primeiras gotas, pôs todo seu amor na justiça, pelo que, de graça em graça, Deus lhe abriu os olhos à nossa redenção futura. Desde o momento em que acreditou nela, repugnou-lhe o paganismo, cujos perversos praticantes advertiu. Aquelas três damas que viste ao lado direito da roda do carro puxado pelo grifo[450] o batizaram mais de mil anos antes desse sacramento existir.

[130] Ó predestinação! Quão distante é tua raiz daqueles que não veem plenamente a razão primeira! E vós, mortais, sede prudentes ao julgar, porque nós, que vemos a Deus, não conhecemos ainda todos os eleitos, e essa falta é doce para nós. E uma vez que esse bem se afina à vontade de Deus, mais ainda o desejamos.

[139] Assim, aquela imagem divina deu-me o doce remédio para clarear-me a vista estreita. E semelhante a um bom citarista que dedilha as cordas para seguir um bom cantor, tornando assim o canto mais aprazível, lembro-me ver as duas abençoadas almas tremeluzirem suas chamas enquanto a águia falava, concordando com suas palavras.

Canto XXI

Dante e Beatriz sobem para o sétimo céu, de Saturno, onde estão os espíritos contemplativos. Beatriz explica ao poeta por que não pode rir-lhe mais. A essa altura do Paraíso, os sentidos humanos não são capazes de suportar certas manifestações de seus espíritos. Em seguida Dante vê uma imensa escada dourada cujo fim, apontado para o alto, o poeta não consegue enxergar. Inúmeras luzes voam em torno dos seus degraus, e uma delas, a de Pedro Damião, aproxima-se dele. O poeta hesita em falar-lhe, mas logo é liberado por Beatriz. Então lhe pergunta por que ele aproximou-se e não outro espírito e por que não se ouve mais a melodia do Paraíso. Pedro então lhe responde que o canto cessou uma vez que Dante não suportaria ouvi-lo; e, quanto à outra demanda, responde que nem ele pode compreendê-la, dado que sua ação correspondeu a uma vontade divina, acima do seu entendimento. Por fim, Pedro revela seu nome e condena os pastores que não agem como verdadeiros cristãos, e, depois

de calar, um grito ensurdecedor soa no céu.

[1] Meus olhos e meu ânimo voltaram a se fixar no rosto de minha senhora, empenhados tão somente nisso.

[4] Ela não ria:

– Se eu risse – começou –, virarias cinzas como Sêmele[451], pois minha beleza à medida que ascende pelos degraus do eterno palácio fica mais fulgurante, como já viste. Se eu não a atenuasse, resplandeceria tanto que teus sentidos seriam pulverizados como um galho que o raio fende. Subimos ao sétimo esplendor, que irradia lá embaixo o seu valor, misturado ao da constelação do Leão ardente.[452] Deixa agora tua mente ao sabor dos olhos e deixa neles os reflexos da figura que te aparecerá neste grande espelho.

[19] Quem soubesse o quanto me alimentava espiritualmente a visão do rosto enlevado de minha senhora entenderia o quanto era grato por obedecer à minha guia celestial, contrapondo um lado com outro.

[25] Dentro do cristal que traz o nome do seu condutor[453], sob o qual toda malícia sucumbiu quando reinou na Terra, vi translúcida e da cor do ouro uma escada erguer-se de tal modo que não se lhe alcançava o fim. Vi também descerem tantos lumes por seus degraus que pensei que toda a luz do céu estivesse ali. Tal como as gralhas que, por hábito, ao raiar do dia mexem-se para esquentar as penas enregeladas ou voam embora sem retornar, enquanto outras voltam para o ponto de partida e sobrevoam os ninhos, assim me pareceu cintilarem aquelas luzes logo que tocavam em um degrau da escada.

[43] Mais brilhante que os demais, um dos beatos aproximou-se tanto de nós que me peguei pensando: “Vejo limpidamente o amor que me acenas.

Mas aquela da qual aguardo a hora de dizer e calar não se manifesta. Então, apesar do meu desejo, deixo de perguntar-te". Ela, ao ver na mente daquele que tudo vê o que eu calara, me disse:

– Desata o teu ardente querer.

[52] Comecei então:

– Não sou digno de tua resposta, alma abençoada, por não a merecer. Mas em nome daquela que concede essa mercê, diz, luz divina que se esconde nos raios de tua alegria, a razão de te aproximares de mim quando me viste. E por que silencia nesta esfera a doce sinfonia do Paraíso, que soa tão divina lá embaixo.

[61] Respondeu-me então:

– Tens olhos e ouvidos de um mortal, por isso, pela mesma razão que Beatriz não te sorriu, aqui não cantamos. Desci os degraus da escada santa apenas para alegrar-te com minhas palavras e a luz que me envolve. Não foi por meu amor ser maior que fui mais rápida, porque há muito mais amor lá em cima como este que brilha de mim para ti. Mas a suprema caridade, à qual todos servimos e que nos faz seguir aquele que o mundo governa, escolheu-me para falar-te, como bem percebes.

[73] Eu disse, então:

– Vejo bem, luz sagrada, como neste reino basta o puro amor para seguir a Providência, mas isso para mim é difícil de compreender, por que somente tu foste predestinada a esta tarefa entre tuas consortes.

Nem bem terminei de emitir a última palavra, uma luz intensa pôs-se a girar rapidamente no centro dela, e logo respondeu-me com o amor que lhe ia por dentro:

– A luz divina aponta em minha direção e depois me penetra através desta luz que me acolhe, e cuja virtude, aliada à minha visão das coisas,

eleva-me tanto acima de mim que eu vejo a suma essência da própria luz da qual ela provém. Daí vem a alegria que me faz resplandecer, e a minha visão, quanto mais clara é, mais luminosa fico, e a ela mais me pareço. Mas até a alma mais fulgurante do céu, a do serafim cujos olhos estão fixos em Deus, não satisfaria tua demanda, pois o que pedes adentra o abismo da eterna lei, da qual toda criatura está apartada.

[97] Quando retornares ao mundo lá embaixo, relata isso, para que os homens não ousem caminhar por trilhas onde não devem pôr os pés. A mente humana, aqui iluminada, na Terra se esfuma. Então, lembra que lá embaixo não conseguirás fazer o que não consegues fazer aqui, ainda que tenhas sido elevado ao céu.

[103] Assim, suas palavras puseram-me um limite e só lhe perguntei ainda, humildemente, quem tinha sido.

[106] – Entre os dois litorais da Itália erguem-se montanhas não tão distantes da tua pátria, tão altas que os trovões estrondeiam mais abaixo, formando um cimo chamado de Cátria. Debaixo dele há um eremitério consagrado ao culto de Deus. – Assim falou pela terceira vez e mais um pouco: – Ali servi a Deus tão firmemente só me alimentando com os frutos da oliva, passando levemente pelo inverno e o verão, contente com minha contemplação. Desse claustro era fértil este céu, de onde vieram várias almas; agora delas está vazio, e em breve convém que isso se revele. Ali fui Pedro Damião; e Pedro, o Pecador, na igreja de Nossa Senhora, no litoral adriático.[454] Havia vivido pouco quando fui chamado a trajar o capelo que hoje passa de um mau sujeito a outro pior ainda. Veio Cefás, veio o Vaso de Eleição[455], ambos magros e descalços pedindo comida a quem os acolhesse. Agora os pastores modernos querem quem os carregue de ambos os lados,

quem os conduza e quem os segure por trás, de tão pesados que são. Cobrem os palafréns com seus mantos, de modo que duas bestas trotam debaixo da mesma pele: ó paciência, que em face disso se contém!

[136] A essa pregação, vi inúmeras chamazinhas de degrau em degrau subir e girar, e a cada giro ficarem mais belas. Vieram para perto da luz que me falara, pararam em torno dela e soltaram um grito tão estridente que nada poderia assemelhar-se a ele e de tal modo me atordoou que não pude compreendê-lo.

Canto XXII

Beatriz acalma o poeta, assustado pelo grito que ouvira no céu anterior, dirigido aos detratores da Igreja. Mais calmo, olha as almas que brilham ao seu redor e pensa em dirigir-lhes uma pergunta, mas recua. Uma das luzes se adianta e logo passa a falar-lhe, pois compreendera o desejo do poeta. Trata-se de São Bento, fundador da ordem dos beneditinos. Dante pede-lhe para mostrar-se fora da luz que o envolve, mas o santo lhe diz que isso só será possível no Empíreo. São Bento prossegue lamentando que hoje, diferentemente do passado, os pastores não mais persistem em sua fé. Em seguida se recolhe, e Dante ouve um conselho de Beatriz. Ela lhe pede que olhe para baixo e veja o caminho que percorrera até ali. O poeta vê então a Terra e os sete céus pelos quais passara.

[1] Assustado, olhei para minha guia, como um menino que recorre a quem mais confia. Beatriz, então, como a mãe que socorre afetuosa e imediatamente o filho amedrontado, disse-me:

– Desconheces estar no céu? Não sabes que aqui tudo é sagrado e tudo que se faz neste lugar é feito com todo o zelo? Depois de ter ficado tão

perturbado com o grito, podes compreender agora por que o canto dos beatos e meu riso o teriam transfigurado. Se entendeste a oração dos beatos, conhecerás a vingança que testemunharás antes de morreres. A justa espada que corta não o faz nem lenta nem rapidamente, a não ser para aqueles que a esperam ou a temem. Mas volta-te agora na direção das outras almas, porque verás espíritos muito ilustres.

[10] Fiz o que ela me pediu. Volvi os olhos e vi centenas de pequenas esferas que, reunidas, mais belas ficavam ao refulgirem umas nas outras. Eu estava como quem reprime o desejo premente e não encontra força para perguntar por temer exceder-se. Então a maior e mais luminosa entre aquelas pérolas de Deus se adiantou para satisfazer minha vontade.

[31] Logo então a ouvi dizer do interior do seu véu de luz:

– Se visses como eu a caridade que entre nós resplende, expressarias teus pensamentos. Mas para que tu, esperando, não retardes a viagem que empreendes ao alto fim, responderei a indagação que ocultas na mente. Fui o primeiro[456] a levar para o monte no qual erguia-se o templo frequentado por gente enganada e mal-intencionada[457] o nome daquele que na Terra conduz à verdade que nos dignifica. E tanta graça caiu sobre mim que afastei as vilas próximas da ímpia adoração que seduzia o mundo de então.

[46] E estas outras chamas que vês neste céu, acesas pelo calor que gera flores e frutos sagrados, foram homens que se dedicaram à contemplação. Aqui estão Macário e Romualdo, e também os irmãos que nos mosteiros fincaram os pés e mantiveram o coração firme.[458]

[52] Eu lhe disse, então:

– O afeto que demonstras ao falar comigo e as boas feições que vejo e noto no ardor de todas as vossas luzes ao redor aumentam mais ainda a

minha confiança, assim como o sol faz a rosa abrir o quanto ela pode fazê-lo. Rogo-te, então, pai, caso possa merecer tal graça, ver-te a imagem fora da luz que te vela.

[61] – Irmão – responde ele –, este teu supremo desejo será atendido mais acima, na última esfera, onde se atendem todos, incluindo o meu. Só lá todo desejo chega perfeito, maduro e inteiro, lugar em que tudo está onde sempre esteve, pois não está em lugar algum nem polos tem em torno dos quais possa girar.[459] Nossa escada chega até ela, onde tua visão não chega. Jacó viu-lhe o extremo quando lhe apareceu tomada pelos anjos.[460]

[73] Hoje, porém, ninguém mais tira os pés do chão para subi-la, e minha regra é letra morta.[461] As paredes que antes serviam apenas às abadias hoje cercam espeluncas, e os hábitos são sacos cheios de má farinha. Mesmo a detestável usura ofende menos a Deus do que o fruto que ensandece o coração dos monges[462], pois tudo que a Igreja guarda destina-se às gentes a quem se esmola em nome de Deus, não aos parentes ou a coisa pior.

[85] A carne dos mortais é tão fraca que não basta um bom começo, pois este persiste menos que o tempo de um carvalho dar seus frutos. Pedro começou sem ouro e sem prata; eu, com oração e jejum; e Francisco, humildemente em seu convento. Se olhas para o princípio de cada um e depois vê o que se passou depois, verás como o branco tornou-se escuro.[463] Mas, quando quis, Deus inverteu o curso do rio Jordão e abriu o mar Vermelho e coisa mais espantosa fará para corrigir isso.

[97] Assim me disse e depois se reuniu ao seu colégio, que se agrupou e ascendeu, num turbilhão.

[100] Com um sinal a doce senhora fez-me ir atrás deles pela escada,

superando minha natureza com sua virtude. Cá embaixo, onde se sobe e desce naturalmente, nunca se viu algo comparável à rapidez com que subi aquela escada. Se eu retornar, leitor, ao reino triunfal dos beatos, pelo qual choro meus pecados reiteradamente e bato no peito, tu não porias e tirarias o dedo da chama mais rápido do que vi a constelação que segue a de Touro, na qual fui assim entrando.[464]

[112] Ó gloriosa constelação, ó lume impregnado de virtude, do qual reconheço ter recebido todo meu engenho; quando senti pela primeira vez o ar da Toscana, convosco nascia e se punha aquele que é pai de toda vida[465], e foi por teu zodíaco que me foi concedida a graça de entrar nessa grande esfera que aqui gira.[466] Minha alma agora suspira por vós, para ter força para dar o forte passo que ao altíssimo me levará.

[124] – Tu estás próximo da salvação final – começou Beatriz –, onde tua visão deve ser clara e precisa, mas, antes que a penetres, olha para baixo e vê sob teus pés o mundo pelo qual passaste até chegar aqui, de modo que teu coração, o quanto conseguir, se apresente feliz à turba gloriosa que alegre vem a esta esfera etérea.

[133] Virei o rosto para as sete esferas e vi este nosso globo com tal feição que sorri ao divisar seu rosto vil. Ora aprovo os mais sábios: quem o considera menormente e olha então para o alto. Vi a filha de Latona, iluminada, sem as manchas que acreditava marcarem-lhe zonas mais ou menos densas.[467] Suportei ver os raios do filho de Hipérion, e vi como movem-se perto dele Maia e Dione.[468] Vi ainda o sensato Júpiter entre o pai e o filho[469], cujos movimentos controla. Todos esses sete céus mostraram-se a mim grandes e velozes e à distância que estão uns dos outros.

[151] E voltei meus olhos do alto das eternas estrelas de Gêmeos para o

canteiro do qual brotam tantas feras e vi desde suas montanhas até a foz de seus rios[470] e depois pus meus olhos naqueles entre todos os mais belos.

Canto XXIII

Dante observa Beatriz, que está atenta à espera da visão de Cristo e dos apóstolos. Quando eles surgem, o poeta não consegue mirá-los mas fortalece sua capacidade de enxergar. Com isso consegue encarar o sorriso de Beatriz. Em seguida, instado por sua guia, vê a Virgem Maria e o anjo Gabriel voar em torno dela, subindo para o Empíreo, o décimo céu. No oitavo céu, enquanto a rainha e o anjo ascendem, os espíritos rendem um tributo a ela cantando o Regina Coeli.

[1] Como a ave pousada na amada fronde que, junto ao ninho, à noite, mal enxergando seus doces filhotes e a comida para alimentá-los – a qual não mede esforços para encontrar –, aguarda ansiosa o sol mirando fixamente para o céu à espera da aurora, está a minha senhora parada, olhando para o lugar onde essa estrela mostra menos pressa. Vendo Beatriz assim, entre suspensa e incerta, vi-me como aquele que confia e espera mesmo desejando mais.

[16] Mas pouco tempo passou entre a espera e a visão do céu, que pouco a pouco clareava. Então ela disse:

– Eis as fileiras do triunfo de Cristo e todo o fruto colhido do giro destas esferas!

O seu rosto resplandecia vivamente, e os seus olhos refletiam tal alegria que passarei adiante sem descrevê-los.

[25] Como nas plácidas luas cheias, quando Diana Trívia[471] sorri entre as ninfas eternas[472] que colorem todos os cantos do céu, assim vi um sol

acima de milhares de luzes incendiando-as ainda mais, como faz o nosso com as estrelas. E através dessa luz fulgurante chegava até meu rosto uma substância luminosa tão clara que meus olhos não conseguiam mirá-la.

[34] Ó Beatriz, doce e estimada guia! Ela me disse:

– Isso que te sobrepuja é virtude que nenhuma alcança. É a sabedoria e a potência[473] que abrem os caminhos entre o Céu e a Terra, algo desejado desde muito tempo.

[40] Como o raio que escapa das nuvens e cai na terra por dilatar-se tanto que não pode ser contido, indo assim contra sua natureza, assim estava minha mente entre aquelas iguarias imensas: fora de si mesma a ponto de não relembrar o que vira naquele instante.

[46]– Abre os olhos e olha para mim. Viste coisas que deixaram-te mais forte a ponto de suportar ver meu riso.

[49] Quando ouvi esta oferta, estava como aquele que deseja reviver uma visão esquecida e esforça-se inutilmente em reevocá-la, tão digna de gratidão que jamais se apagará de minha memória. Se soassem em meu auxílio todas as línguas que Polínia e suas irmãs alimentaram com seu dulcíssimo leite[474], nem assim não se veria um milésimo do que vi, seja o sagrado riso, seja seu semblante santo e puro. Mas agora, nessa figuração do Paraíso, convém dar um salto como quem se depara com o caminho interrompido. Se alguém ponderasse, contudo, sobre a gravidade do tema em face dos meros ombros mortais que tentam suportá-lo, não desaprovaria que sob ele se tremesse, pois estas águas não são apropriadas para frágil embarcação que as singra com a incauta proa, nem para o capitão timorato.

[70] – Por que te enamoras tanto de minha face e deixas de olhar para o belo jardim que floresce debaixo dos raios de Cristo? Ali está a rosa na qual

o verbo divino se fez carne[475], ali estão os lírios cujo perfume leva ao reto caminho[476] – assim fez Beatriz.

E eu, que a seus conselhos obedecia prontamente, tornei a enfrentar a batalha com meus frágeis cílios. Tal como uma vez vira um raio descer em meio a nuvens e iluminar um prado florido coberto pela sombra, enxerguei as fileiras resplandecentes de beatos iluminadas por raios vindos do alto cujo princípio não se alcançava.

[85] Ó benigna virtude que do alto imprime-lhes tua luz, ampliaste o espaço para que meus olhos pudessem ver ali o que antes não via. Ao ouvir o nome da bela flor que invoco de manhã e à noite, criei forças para ver a luz mais intensa. E, mal divisei a qualidade e a quantidade dessa luz que lá no alto superou as demais e cá embaixo venceu todas criaturas[477], vi subir no céu uma centelha formando um círculo à guisa de coroa, cingindo Maria e girando em torno dela.

[97] A melodia que na Terra soa mais suave e mais eleva a alma pareceria uma nuvem fendida por um trovão comparada ao som da lira que coroava a bela safira cujo brilho deixa o céu mais claro e precioso.

[103] – Sou o amor angelical[478] e giro em volta da santa alegria, cujo ventre foi o albergue do nosso desejo, e continuarei a girar, mãe do céu, enquanto segues teu filho à suprema esfera, que mais bela deixarás quando ali entrares.

[109] Assim a melodia circular terminava e todas as outras luzes cantavam o nome de Maria. A margem interior do manto real que envolve todas as outras esferas, manto aquecido e avivado pelo hálito e hábitos de Deus, estava tão distante, sobre nós, que eu não a via, nem meus olhos tinham força de acompanhar a flamejante coroa que se elevou para perto de

sua semente.[479] Igual a um bebê que agita os braços em sinal de alegria para a mãe depois de mamar, assim fizeram todos os beatos ao se projetarem para o alto, de modo que o grande afeto por Maria ficou patente. Depois ficaram ali cantando o *Regina coeli* tão docemente que nunca se desligou de mim esse prazer.

[130] Ó quão imensa é a fertilidade que aqui está contida nessas arcas riquíssimas, almas que na Terra semearam o bem! Aqui se vive e se usufrui o tesouro que se conquistou chorando no exílio de Babilônia[480], onde ficou todo o ouro. Aqui junto ao santo filho de Deus e Maria se glorifica a sua vitória, com as almas do antigo e novo testamento e com aquele que possui a chave de tal glória.[481]

Canto XXIV

Beatriz convida as almas a conversar com Dante a fim de fazê-lo conhecer a sua sabedoria. Então a luz do apóstolo São Pedro se apresenta e dirige-se ao poeta. Começa, então, um diálogo sobre a fé, a primeira virtude teologal. Primeiro, o santo pergunta-lhe o que ela é e se Dante a pratica. O colóquio entre eles parece terminar, e as almas desse céu entoam um "Louvemos a Deus". São Pedro faz-lhe a última pergunta, quer saber em que ele acredita e onde sua fé começou. Dante responde e pode ver o quanto suas palavras agradam ao santo, que girou três vezes à sua volta depois que se calara.

[1]– Ó confraria escolhida para a grande ceia do abençoado Cordeiro de Deus, o qual vos alimenta tanto que vosso desejo é sempre satisfeito, se pela graça de Deus essa alma preliba o que cai de vossa mesa antes que a morte lhe prescreva o tempo, notai a sua imensa vontade e aspergi nele o

que bebeis sem cessar da fonte de onde vem tudo o que pensais – disse assim Beatriz.

[10] Assim que minha senhora terminou, as alegres almas daquele céu formaram círculos em torno de centros fixos e giraram fulgurantes como os cometas. Como as rodas dentadas do relógio, em que a primeira parece parada e a última em disparada, dançavam em roda, umas mais lentas outras mais rápidas, permitindo-me medir-lhes a riqueza da graça recebida. Do círculo mais precioso entre todos, vi surgir uma chama tão feliz que nada ali lhe era mais claro e três vezes girou em volta de Beatriz entoando um canto tão divino que minha imaginação não consegue descrevê-lo. Assim minha pena salta e sobre tal não escrevo, pois a nossa fantasia não consegue fazer ver tais sutilezas com as vivas palavras que tem.

[28] – Ó cara irmã que roga de modo tão devoto, desliguei-me daquela bela esfera por teu candente afeto.[482]

Depois de parar, a chama abençoada dirigiu-se à minha senhora com um sopro, do qual ouvi as palavras que acabo de dizer. Ela disse então:

– Ó luz eterna do grande homem para quem Nosso Senhor legou as chaves que levou à Terra, cujo júbilo ora admiro, apresenta a este peregrino, da forma que preferires, os pontos leves e graves da fé que te fez andar sobre as águas.[483] Se ele ama, espera e crê, tu o sabes bem, pois aqui tudo se vê no rosto de alguém, mas se este reino faz cidadãos mediante a verdadeira fé, não se deve negar-lhe que o glorifique com suas palavras.

[46] Assim como o bacharel se prepara e não fala até que o mestre proponha a questão, não para esgotá-la mas para debatê-la, eu preparava minhas razões enquanto ela falava, para estar pronto para ser inquirido por tal examinador sobre tal profissão de fé.

[52] – Diz, então, ó bom Cristão, o que é a fé?

Isso me fez erguer a cabeça em direção à luz da qual emanara a pergunta. Em seguida, virei-me para Beatriz, que prontamente acenou para eu verter a água cuja fonte levo no peito.

[58] Comecei, então:

– A graça recebida de poder confessar-me diante do primeiro entre os apóstolos faz com que meus conceitos devam ser bem expressos. – E prossegui: – Como escreveu no verdadeiro estilo o teu caro irmão que pôs Roma no bom caminho[484], fé é a substância das coisas esperadas na eternidade e a demonstração das coisas que não vemos. Isso parece ser sua essência, meu pai.

[67] Ouvi, então:

– Retamente definiu, mas, se bem compreendi, diz por que pôs a fé primeiro entre as substâncias e depois entre os argumentos.

[70] Prontamente, respondi:

– As coisas profundas que se revelam aqui aos nossos olhos lá embaixo são obscuras, onde só existem por acreditarmos nelas, o que funda nossas esperanças, e tomam assim o nome de substância. Dessa crença fazemos silogismos, sem outra visão a nos ajudar, e chamamos a isso de argumento.

[79] Então, ouvi:

– Se toda doutrina que se adota lá embaixo fosse compreendida assim, não haveria lugar para os sofismas. – Depois de soprar tais palavras, aquela chama de amor acrescentou: – A liga e o peso desta moeda passaram pela tua mão e as conheces bem, mas diz-me se tu a carregas em tua bolsa.[485]

[85] Então eu disse:

– Sim, a tenho tão brilhante e redonda que não hesito sobre o que está

em sua face.

[88] Da luz profunda que resplandecia ali emanou isto:

– De onde vem esta estimada joia sobre a qual toda virtude se funda?

[91] E eu:

– A generosa chuva que o Espírito Santo verte sobre os pergaminhos do velho e novo testamentos convenceu-me de modo tão agudo que demonstrar o seu contrário parece-me obtuso.

[97] E ouvi em seguida:

– Por que tomas como palavra divina a inspiração que vem da velha e da nova proposições, como concluíste?

[100] Disse eu:

– A prova que faz meu olhar descerrar-se são as obras admiráveis que se leem ali, cuja natureza o ferro não abala, nem o martelo deforma.

[103] Então me respondeu:

– Diz: quem te assegura que tais obras foram milagrosas mesmo? Será que não queres provar apenas com o que juras?

[106] – Se o mundo converteu-se ao cristianismo – disse eu – sem provas desses milagres, este é um milagre tal que quaisquer outros não valem um centésimo perto dele. Foste a campo pobre e jejuno para semear a boa planta que já foi videira e hoje está coberta de espinhos.

[111] Cessa o colóquio, e a santa e alta corte ressoa pelas esferas um *Louvemos Deus* com a melodia que lá em cima se usa. E o barão, que de ramo em ramo examinava-me e já alcançava o alto da fronde, recomeçou:

– A Graça, que conduz tua mente, abre-te a boca até onde deve abri-la, tanto que aprovo tudo que saiu dela. Mas agora diz em que crês e onde tua fé ofereceu-te a ti.

[124]– Ó santo pai, luminoso espírito que agora vê aquilo em que

acreditava tanto, que venceu pés mais jovens rumo ao sepulcro de Cristo –, comecei –, queres que eu manifeste a raiz de minha fé e também diga de onde ela veio. E eu respondo: creio em um Deus só e eterno, que, imóvel, move todo o céu com amor e vontade. E essa fé não me veio de provas físicas ou metafísicas, mas da verdade que daqui nos chove de Moisés, do Evangelho que escrevestes depois que o Espírito Santo inspirou vossas almas. Creio em três pessoas eternas, e creio que esse ser seja uno e trino, tanto que admite o "é" e o "são" ao mesmo tempo. Essa profunda condição divina de que estou falando gravou-se várias vezes na minha mente graças ao Evangelho. Esta é a minha fé, a fagulha que se faz chama viva e brilha em mim como uma estrela no céu.

[148] Como o senhor que escuta aquilo que lhe agrada e abraça o servo assim que ele se cala agradecendo-lhe pelas boas novas, assim, abençoando-me e cantando, o apostólico lume, a cujo comando eu falara, cingiu-me girando ao meu redor três vezes assim que parei de falar, mostrando como lhe agradara o que eu acabara de dizer!

Canto XXV

Dante imagina ser coroado na pia batismal de Florença, onde nasceu e da qual foi banido depois de ter sido "abençoado" por São Pedro. Em seguida, Beatriz convoca São Tiago para arguir o poeta acerca da esperança, mais uma das três virtudes teologais. Dante lhe responde. Encerrado o diálogo, chega para juntar-se a Pedro e a Tiago mais uma alma, a de São João Evangelista. Dante não consegue fixar o olhar nele, pois sua luz o ofusca. São João lhe pergunta por que isso acontece, já que seu corpo não está ali. O santo revela ao poeta que só Maria e Jesus

levaram ao Paraíso seus corpos junto com a alma. No fim, Dante se assusta ao voltar-se para Beatriz, que estava ao seu lado, e não conseguir vê-la.

[1] Se acontecer deste sacro poema em que Céu e Terra puseram as mãos, que me esgotou depois de tantos anos, vencer a crueldade que me baniu do belo ovil onde dormi como um carneirinho[486], como adversário dos lobos que o atacam, voltarei poeta, com outra voz e outro aspecto, e receberei a coroa de louro na fonte onde fui batizado, porque foi ali que principiou minha fé, que nos aproxima de Deus e que fez Pedro girar três vezes em torno de minha fronte.

[13] Daquele círculo de onde saiu o primeiro vigário deixado na Terra por Cristo moveu-se uma luz em nossa direção, então, radiante, minha senhora disse:

– Olha, olha, eis o barão[487] por quem lá embaixo se visita a Galícia.

[19] Tal como o pombo que, para manifestar seu afeto, pousa ao lado de outro, gira em círculos e arrulha, assim vi um espírito ser acolhido pelo glorioso príncipe, louvando o alimento que lá em cima os nutre. Ao fim das saudações recíprocas ambos pararam calados ao meu lado, tão luminosos que eu não suportava mirá-los.

[28] Rindo, Beatriz disse:

– Ó gloriosa alma que escreveu sobre a generosidade desta nossa basílica celestial, fala aqui da esperança que conheceste bem, pois várias vezes a viveste quantas foram as vezes que Jesus sublinhou sua predileção aos três primeiros apóstolos.[488]

[34] – Levanta a cabeça e tem coragem, porque aquele que vem do mundo mortal e chega até aqui deve amadurecer a fim de suportar nossa luz.

Tais palavras de consolação vieram da segunda chama, o que me levou a erguer os olhos aonde antes o fulgor intenso impedia o olhar.

– Já que nosso imperador concede-te a graça de conheceres antes de tua morte seus dignitários na sua sala mais secreta, a fim de que, ao ver a verdade deste reino, a esperança, tão acalentada em teu mundo, conforte a ti e a todos os outros, diz-me o que ela é e como floresceu em tua mente – assim prosseguiu o segundo lume.

[49] E a pia dama que guiou minhas asas nesse sublime voo antecipou-se a mim e respondeu:

– Nenhum filho da Igreja militante tem mais esperança do que este, isso lê-se no Sol que irradia nestas nossas fileiras. Por essa razão lhe foi concedido que do Egito viesse até nossa Jerusalém[489] antes que sua vida seja prescrita. Os dois outros pontos deixo para ele responder, que não lhe foram perguntados por desconhecê-los, mas para que ele relate ao mundo esta virtude, que tanto te agrada. Ele não terá dificuldades em respondê-los, tampouco terá como vangloriar-se deles. Que a graça de Deus o ajude nisso.

[64] Como o aluno que responde voluntária e prontamente a seu mestre sobre aquilo em que este é doutor e por meio do qual sua bondade se desvela, eu disse:

– Esperança é o aguardar seguro da glória futura, que é produzida pela graça divina e pelos méritos precedentes. De muitas estrelas veio-me esta luz[490], mas quem a derramou em meu coração foi o supremo cantor do supremo senhor[491], que cantou em seus salmos: “Em ti confiam os que conhecem teu nome”[492], e quem não conhece também possui a minha fé? Também tu, com tua epístola a derramaste em mim, de modo que estou pleno dela e posso vertê-la sobre outros também.

[79] Enquanto eu falava, dentro do vivo peito daquela chama tremulava um lampejo súbito e intermitente como um relâmpago. Então, soprou:

– O amor à esperança, que ainda me aviventa e seguiu-me até a palma do martírio e à minha partida da Terra, deseja que eu te insufle dela e dela tu te deleites. E serei muito grato a ti se responderes o que a esperança te promete.

[88] Eu disse:

– As Escrituras, a nova e a velha, nos indicam a meta das almas que se fizeram amigas de Deus. Isaías disse que cada uma delas vestir-se-á duas vezes em sua terra natal, e a doce vida é esta em que estás.[493] O teu irmão nos mostra isso de forma muito distinta e clara lá onde trata das estolas brancas, tornando essa relação evidente. [494]

[97] E assim que pronunciei a última palavra, ouvi acima de nós a melodia do *Sperent in te*[495], entoada pelas luzes que desse modo me responderam. Em seguida surgiu uma chama tão clara entre eles que, se a constelação de Câncer brilhasse assim, não haveria noite durante nosso inverno.[496] Tal como uma alegre virgem surge e entra dançando apenas para homenagear a noiva e não por algum desdouro, assim vi o claro fulgor ir na direção das duas outras luzes que cantavam e giravam harmoniosamente ao ritmo de seu preclaro amor. Colocou-se ali na roda entre os cantores, enquanto minha senhora olhava-o, calada e imóvel, como uma esposa.

[112] – Este[497] é aquele que pousou a cabeça no peito de nosso pelicano[498] e foi do alto da cruz escolhido para a grande tarefa.

Fez assim minha senhora, que, calada ou falando, não tirava os olhos das três luzes.

[115] Como aquele que se esforça e aguça a vista para ver um pouco do

eclipse do sol e que, por conseguir vê-lo, deixa de enxergar, tal acontecera comigo em relação àquela última chama, que enquanto isso falava:

– Por que te ofuscam os olhos aos veres algo que não está aqui? Meu corpo está na Terra e ali permanecerá com os outros corpos beatos até que o juízo eterno os iguale de acordo com seu propósito.[499] Só duas luzes subiram ao beato claustro com as duas vestes[500], e isso relatareis em vosso mundo.

[130] O abrasado baile e o doce coro movido pelos três espíritos cessaram assim que essas palavras soaram, tal qual remadores tirando os remos da água ao aviso do timoneiro para descansarem ou evitarem algum perigo.

[136] Ai, quanto me abalou a mente quando me virei para Beatriz e não a vi, embora estivesse a seu lado, em pleno mundo feliz![501]

Canto XXVI

Com a visão ofuscada, Dante ouve as palavras de João Evangelista, que pergunta a ele o que lhe fez ver a caridade, outra virtude teologal. Retomando a visão, o poeta responde que foram a filosofia e as Escrituras. Não satisfeito completamente, o santo pede-lhe que lhe diga que outras formas o levaram a exercer essa virtude. O florentino então diz dever esse sentimento à existência do mundo e da sua alma, ao martírio de Cristo e à espera da eternidade. Com a visão límpida agora, Dante vê uma quarta luz, a de Adão. Dirige-se a este, que passa a lhe responder às dúvidas sem que elas lhe sejam perguntadas: quando Deus o colocou no Éden, quanto tempo ficou no Paraíso, a verdadeira causa do pecado original e qual língua falou e criou nesse lugar.

[1] Enquanto hesitava por não ver nada, ressoaram estas palavras da fulgurante luz que me cegara:

– Recupera agora a visão que se exauriu por minha causa, refletindo um pouco sobre o que vou falar. Começa então a dizer para onde tua alma aponta, notando que tua visão está obscurecida mas não morta, pois a senhora que por esse divino reino te conduz tem no olhar a mesma força que tiveram as mãos de Ananias.[502]

[13] Eu disse:

– Ela pode curar-me com os olhos agora ou mais tarde como desejar, pois por eles fez entrar o fogo que trago em mim e não cessa de queimar. O bem que alegra este reino é o Alfa e o Ômega[503] de tudo isso que o Amor me ensina com mais ou menos ardor.

[19] Aquela mesma voz que me tranquilizara da perda de visão inesperada, curando-me ao indagar-me, dirigiu-se a mim novamente:

– O bom agora é pensares com mais sutileza e esclareceres quem apontou teu arco para este alvo.[504]

[25] Respondi:

– Esse amor imprime-se em mim pelos argumentos filosóficos e pela palavra da autoridade que daqui descende, porque o bem, enquanto tal, como a mente o entende, inflama amor tanto maior é a bondade que contém em si mesmo. A mente amorosa de todo aquele que discerne a verdade que fundamenta este argumento se dirige ao sumo bem, que supera todo o bem que se encontra fora dele, que não é outra coisa senão uma luz entre seus raios. Quem me esclarece essa verdade é aquele[505] que me demonstra ser o primeiro amor o fim de todas as substâncias eternas. A palavra do verdadeiro autor das Escrituras a esclarece falando assim de si a Moisés:

“Eu te farei ver o grande valor”.[506] Esclareces-me também tu ao começares teu livro[507] com o grande anúncio que lá embaixo manifesta os arcanos daqui melhor do que qualquer outro.

[46] Então ouvi:

– Tanto faz teu amor soberano voltar-se a Deus pelo intelecto humano ou por meio das Escrituras. Mas diz ainda se sentes outras cordas elevarem-te até ele e o manifesta com todos os dentes com os quais esse amor te morde.

[51] A elevada intenção da águia de Cristo[508] não ficou oculta, e compreendi por onde ele desejava que eu conduzisse meu pensamento. Então, recomecei:

– Eis todas as mordidas que concorreram para a minha caridade e levam meu coração a Deus: a existência do mundo; da minha alma; a morte de Cristo para minha salvação; e aquilo que todo fiel, assim como eu, espera.[509] A experiência viva delas me arrastou das ondas do amor torto e trouxe-me até a praia do reto amor. Amo também os ramos que adornam o jardim do hortelão eterno, tanto quanto nela o bem é posto.

[67] Assim que me calei um canto dulcíssimo ressoou pelo céu, e a minha senhora exclamou junto com os outros espíritos:

– Santo! Santo! Santo!

Como aquele que desperta com uma luz forte impressionando-lhe a visão e por isso enxerga mal, permanecendo obtuso até que a capacidade de discernir as coisas venha em seu socorro, assim Beatriz, com os raios dos seus olhos, que refulgiam a milhas de distância, livrou os meus das impurezas que os aborreciam, com os quais pude ver logo em seguida um quarto lume entre nós, sobre o qual, estupefato, perguntei quem era.

[82] A minha senhora então disse:

– No centro daquelas luzes a primeira alma criada pela primeira virtude contempla o seu criador.[510]

Como a fronde que se inclina à força do vento e depois se reergue pela própria força que a sublima, assim me portei enquanto a ouvia, ainda espantado. Depois me refiz e um desejo de falar inflamou-me. E comecei:

– Ó pomo que foste, só tu, produzido maduro; ó pai primeiro do qual toda mulher é filha e nora, te suplico, do modo mais devoto que posso, que me fales: vês a minha vontade e para ouvir-te imediatamente não a digo.

[97] Como às vezes um animal se agita quando coberto, de modo a transparecer seu sentimento pela forma que se mexe, de modo semelhante a alma primeira dava a ver sob sua luminosa coberta que minha súplica o alegrara. Então soprou:

– Sem que nada tenhas proferido, consigo discernir melhor tua vontade do que tu as coisas de que tens certeza, pois eu a vejo no verdadeiro espelho em que tudo se reflete sem que nada o reflita. Queres ouvir quando Deus me pôs no excelso jardim, ao qual chegaste pela escada que tua dama pôs para ti; quanto tempo meus olhos se deleitaram nesse éden; a verdadeira causa do grande desdém e qual língua lá usei e criei. Ora, filho meu, a verdadeira razão de minha expulsão não foi ter saboreado o fruto sabido, mas ter transgredido o sinal divino. No Limbo onde tua senhora chamou Virgílio fiquei cerca de quatro mil anos[511] desejando estar neste concílio, e vi o sol percorrer o céu novecentas e trinta vezes, tempo que permaneci na Terra. A língua que falei desapareceu antes mesmo que a obra de Nemrod e sua gente começasse a ser engendrada[512]: pois qualquer efeito da razão humana jamais dura para sempre por guiar-se pelo prazer que se renova de acordo com o movimento dos céus. A palavra é uma obra da natureza, que

vos deixa escolher como falar, desse ou daquele modo, conforme desejais. Antes de eu descer ao tormento infernal, o sumo bem, de onde vem a luminosa alegria que me circunda, era chamado de “I” e mais tarde se chamou “El”, como convém aos mortais, que são como as folhas que vêm e vão em seus ramos. No monte que se ergue como nenhum outro sobre o mar, levei uma vida pura e impura, desde a primeira hora[513] até aquela que se segue ao meio-dia, quando o sol muda de quadrante.

Canto XXVII

Neste canto, o poeta florentino ouve a reprovação do apóstolo Pedro à forma como a Igreja vem sendo conduzida. O céu adquire um tom vermelho enquanto o santo fala, representando a ira e a vergonha por que passa a esposa de Deus à época de Dante. Clama contra a divisão da Igreja, contra os que usam seu símbolo para combater os cristãos e enriquecer a si mesmos. Depois que ele termina de falar, Beatriz chama a atenção do poeta sobre o lugar onde estão. Acabam de subir para o nono céu, chamado de Primeiro Motor. É o mais veloz de todos, não está limitado por nenhum outro a não ser pelo Empíreo, a décima e última esfera. O canto termina com Beatriz discursando contra a cobiça humana.

[1] – Ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, glória! – em todo Paraíso entoava-se esse canto tão docemente que acabei inebriado. O que via parecia um sorriso do universo, e tudo embriagava-me, ora pelos ouvidos, ora pelos olhos.

[7] Ó alegria! Ó inexprimível felicidade! Ó vida plena de amor e paz! Ó inabalável riqueza, livre dos desejos! Diante de meus olhos as faces das quatro chamas estavam acesas e aquela que viera primeiro[514] começou a

ficar mais brilhante, de tal modo que veio a ficar entre os tons de Júpiter e Marte[515], como se esses deuses fossem pássaros e trocassem as penas entre si.

[16] A providência, que aqui compartilha funções e ofícios, silenciara o coro dos beatos no momento em que ouvi:

– Não te admires por eu mudar de cor, pois assim que me puser a falar todos aqui mudarão também. Aquele que usurpa na Terra o posto que ocupei, posto que está vago aos olhos do Filho de Deus[516], fez da minha sepultura uma repugnante cloaca de sangue e miasmas onde aquele perverso que caiu aqui de cima[517] lá embaixo se refestela.

[28] Vi então todo o céu da cor com que se pintam as nuvens durante a aurora e o crepúsculo. Tal como honrada dama que cora, ainda que segura de si, ao escutar a culpa dos outros, assim Beatriz mudou seu semblante, semelhante, creio, ao céu no dia em que Cristo morreu.

[37] O apóstolo, então, retomou a palavra, com um tom de voz diferente, em contraste com seu semblante, que mudara antes mas era o mesmo agora:

– A esposa de Cristo não foi nutrida pelo meu sangue, pelo de Lino ou de Anacleto[518] para servir à conquista de ouro, mas para a conquista desta vida beata, em vista da qual Sisto, Pio, Calisto e Urbano espalharam seu sangue depois de muito pranto.[519] Não desejávamos que parte dos cristãos sentasse à direita e parte à esquerda de nossos sucessores; nem que as chaves que me foram concedidas fossem usadas como emblema no estandarte daqueles que combatem os fiéis; nem que minha efígie fosse usada para privilegiar vendilhões e homens pérfidos, algo que amiúde me envergonha e me repugna. Daqui do alto se veem por todos os campos lobos em pele de cordeiro: ó vingança divina, por que não te levantas?

Gascões e caorsinos preparam-se para beber nosso sangue. Ó, quanto descerá o bem inicial por força do vil fim desses senhores?[520] Mas a alta Providência, que junto de Cipião[521] defendeu a glória de Roma, socorrerá logo, como prevejo. E tu, meu filho, que retornarás para o mundo dos mortais, abre a boca e não escondas aquilo que não escondo.

[67] Como o vapor gelado vira neve e cai aqui embaixo quando os chifres de Capricórnio estão em conjunção com o Sol, vi os beatos triunfantes que estavam próximos a nós subirem como flocos adornando o céu. Meu olhar seguiu-os até o ponto onde não pôde ir adiante. Quando a senhora viu-me tirar os olhos do alto, disse:

– Baixa os olhos e vê como giraste.

[79] Da última vez que olhara para baixo vira mover-se todo o arco, que vai do meio ao fim do primeiro clima[522], e avistara em Cádiz o estreito varado pelo presunçoso Ulisses e no outro extremo o leito onde Europa foi docemente carregada.[523] Mais coisas deste horto[524] teria visto não fosse o sol lançar uma sombra sob meus pés.[525]

[88] Minha mente enamorada, que buscava sempre a minha senhora, desejava ardentemente olhá-la outra vez. Se a natureza e a arte tudo fizeram a fim de paralisar nossos olhos e conquistar nossa mente, seja por meio dos corpos ou da pintura, todas suas obras juntas não seriam nada perto do prazer divino que me inundou quando vi-lhe a face sorridente. E a força desse olhar arrancou-me do belo ninho de Leda[526] e lançou-me no mais veloz dos céus.[527] Feito de partes vivíssimas e excelsas e tão uniformes que não sei dizer ao certo por qual delas Beatriz me fez penetrar.

[103] Mas ela, que via o que eu desejava, começou a falar, sorrindo, tão contente que o próprio Deus parecia sorrir através de seu rosto:

– A natureza do universo, que tem a terra imóvel no centro e os céus movendo-se à sua volta, tem aqui seu começo, meio e fim. Este céu não tem lugar a não ser na mente divina no qual se acende o amor que o faz girar e lhe dá a força que dele chove.[528] A luz e o amor de um círculo o circundam, assim como as outras esferas, e este é cingido só por aquele que o entende. Seu movimento não difere dos demais, mas estes são medidos por aquele, do mesmo modo que o dez é mensurado por sua metade e por seu quinto. E creio já ser claro para ti que as raízes do tempo estão neste vaso, além dos outros ramos daqui.[529]

[121] Ó cobiça, os mortais afundam de tal modo sob tuas ondas que nenhum deles tem força para pôr os olhos acima delas! A boa vontade floresce entre os homens. A chuva contínua, porém, converte ameixas frescas em frutos podres. A fé e a inocência apenas são encontradas nas crianças, mas elas as perdem assim que suas faces cobrem-se de pelos. Uns quando ainda balbuciam respeitam o jejum, mas depois, quando sua língua se solta, devoram tudo, qualquer comida a qualquer hora; uns balbuciando amam e escutam a mãe, mais tarde, quando senhores da língua, desejam vê-la morta. Assim a pele branca torna-se escura à chegada da bela filha do Sol, o qual traz a manhã e leva a noite embora.

[139] Tu, não te espantes tanto por isso, considera que na Terra não há mais quem governe, pois a humanidade perdeu o reto caminho. Mas antes que janeiro veja o inverno partir por causa do centésimo desprezado[530], estes céus se irradiarão de tal modo que a fortuna que tanto se espera colocará as popas onde hoje estão as proas, de sorte que os navios singrarão na direção correta e o bom fruto virá depois da flor.

Canto XXVIII

Dante vê no nono céu um grande círculo em torno de um pequeno ponto luminosíssimo. Trata-se de Deus, ao centro, cercado de anjos, que estão na verdade no décimo céu, o Empíreo. Os anjos estão divididos em nove círculos, um vizinho do outro. Eles correspondem aos nove céus. Beatriz passa então a esclarecer as dúvidas do poeta, que não entende por que o céu do Paraíso não coincide com o da Terra, ou seja, por que modelo e cópia não são o mesmo. Depois ela lhe descreve a hierarquia dos anjos, segundo a doutrina de Dionísio, o Aeropagita.

[1] Depois que a dama que emparaísa[531] minha mente abriu-me o véu da vida presente dos míseros mortais, como alguém que vê a luz de uma vela refletida no espelho antes de tê-la visto ou pensado nela e se volta para ver se o vidro lhe diz a verdade e vê um de acordo com o outro como a música ao seu ritmo, foi o que houve comigo quando fitei os belos olhos daquela cujo Amor atou-me com sua corda.

[13] Ao virar-me, meus olhos foram golpeados pelo volume deste céu, onde miramos a todo instante o giro que faz. Vi um ponto irradiar uma luz tão aguda que convinha fechar os olhos em face da sua força, e a nossa menor estrela pareceria uma lua comparada a ele.

[22] Talvez da mesma forma como o halo luminoso parece próximo ao astro que ele envolve quando o vapor o torna mais espesso, um círculo tão brilhante girava tão rápido em torno do ponto que superaria qualquer movimento em nosso mundo. E em volta deste círculo havia outro, e deste um terceiro, depois um quarto, um quinto e um sexto. Seguia no alto o sétimo, tão largo que nem a mensageira de Juno[532] o abarcaria, caso quisesse, em seu arco. A mesma coisa se via com o oitavo e nono arcos, e cada um movia-se mais lento quanto mais distante estava do primeiro, o

qual tinha a luz mais sincera uma vez que estava, creio, mais próximo da chama pura, de cuja verdade é mais tocado.

[40] A minha guia, vendo-me transido de uma forte dúvida, disse:

– Deste ponto dependem o céu e toda a natureza. Olha como o círculo que lhe é mais próximo se move. É tão rápido por causa do amor que o incendeia a partir daquele ponto.

[46] Disse a ela então:

– Se o mundo tivesse a ordem que vejo nesses círculos, estaria satisfeito com o que me foi dito, mas no mundo sensível só se veem os círculos mais divinos quanto mais longe da Terra eles estão.[533] Se meu desejo de saber deve ser satisfeito neste admirável e angélico templo primeiro que tem como vizinho apenas o amor e a luz, gostaria de ouvir ainda como o modelo e a cópia não são de um só modo, algo sobre o qual medito mas não logro resolver.

[58] – Não é de se admirar que teus dedos não sejam hábeis o suficiente para desatar esse nó, que mais firme ficou por não o terem tentado! – Assim disse Beatriz, que prosseguiu: – Escuta o que irei te dizer e, se queres compreender isso, expande a tua mente. As esferas celestes são amplas ou estreitas segundo o grau de bondade que se difunde por suas partes. Quanto maior o bem, mais bem infunde; quanto mais bem tem, maior é o seu corpo, cujas partes igual e perfeitamente o compõem. De sorte que esta esfera arrasta consigo todo o universo, que está junto do coro que mais ama e sabe.[534] Se observares não a medida mas sim a virtude, ou seja, não atentares para a aparência das substâncias que vês redondas, obterás um efeito admirável: ao maior céu corresponde a maior inteligência, e ao menor, a menor.[535]

[79] Tal como se vê o céu límpido e sereno quando o vento boreal sopra mais ameno e purga o ar das impurezas que antes o turvavam, fazendo-o rir à mercê da beleza que se lhe infunde por toda parte, assim me senti depois que a doce senhora me proveu de uma resposta clara e a verdade vi como se vê uma estrela no céu.

[88] Quando terminou de falar, os círculos celestes cintilavam como um ferro incandescente na forja. As fagulhas voavam seguindo os fogos divinos e eram tantas que dobravam várias vezes as casas do tabuleiro do xadrez.[536] Ouvia cantarem a Hosana em cada coro em chamas, em direção ao ponto que os faz rodar, ali onde estão e sempre estarão.

[97] E aquela que via as dúvidas que passavam em minha mente disse[537]:

– Os primeiros círculos te mostraram Serafins e Querubins.[538] Seguem velozes seus liames para assemelharam-se ao ponto supremo, o qual quanto mais se vê, mais sublime se é. E aqueles outros amores que voam à sua volta chamam-se Tronos do divino aspecto, que encerram o primeiro ternário.[539] Deves saber que todos se deleitam com sua visão profunda da verdade, o que apazigua o pensamento. Daqui se pode ver como a felicidade se funda no ato de ver[540], não no de amar, que o secunda; e como a graça e a boa vontade são paridas e medidas pela visão, que assim procede de grau em grau.

[115] O próximo ternário, que germina aqui nesta primavera eterna que o noturno Áries não despoja, entoa o Hosana nas alturas perpetuamente, mercê de três melodias que soam conforme três ordens de alegria que o formam. Nele há três inteligências divinas, as Dominações, as Virtudes e as Potestades. Depois dessas tríades, giram os Príncipes e os Arcanjos e, na

última, os Anjos festivos. Essas ordens contemplam o alto e atraem para si o mundo de baixo, pois todos são levados e atraídos em direção a Deus.

[130] Dionísio se pôs com muita vontade a contemplar essas ordens e as nomeou e distinguiu como eu.[541] Gregório[542] depois dele discordou, mas riu de si mesmo logo que abriu os olhos neste céu.

[136] Não é de se admirar que tal verdade tenha sido professada por um mortal, pois quem a desvelou para ele a viu aqui de cima[543], não só essa mas outras verdades mais.

Canto XXIX

Beatriz contempla Deus e passa a explicar a Dante quando, onde e como os anjos foram criados, por que alguns se rebelaram e outros permaneceram fiéis a ele, quais são suas faculdades, quantos são e como são. Quando a este último ponto, ela explica a Dante que a virtude dos anjos se eleva de grau em grau em direção a Deus. Fala também dos maus e falsos pregadores que na Terra erram sobre o plano divino ou pregam a mando do diabo.

[1] Os filhos de Latona[544], quando estão um sob a constelação do Carneiro e outra sob a de Libra, ficam na mesma linha do horizonte por pouco tempo, equilibrados pelo zênite como numa balança, até que ambos mudam de hemisfério e um do outro se liberta.[545] Foi esse o tempo que Beatriz, com o rosto iluminado por seu sorriso, ficou calada olhando fixo para o ponto[546] que vencera meu olhar.

[10] Depois, disse:

– Digo e não pergunto o que queres ouvir porque já o vi lá onde tudo *é* e

está. Além do tempo, na eternidade, e além de qualquer compreensão, não para acrescentar mais bem ao que tem, algo impossível, mas para que seu esplendor nos outros refletisse e estes pudessem dizer “Existo”, esse eterno amor abriu-se em novos amores porque assim desejou.[547] Não significa que antes Deus jazesse inerte, pois não há antes nem depois deste que sobre as águas ele discorreu. Juntas e puras foram criadas a forma e a matéria; e delas o ser sem falhas, como do arco disparam-se três setas.[548] E como o raio que se reflete no vidro, no âmbar ou no cristal, quando não há intervalo entre sua chegada e irradiação, assim criaram-se as três formas, tocadas desde o início pelo senhor, sem distinção. Juntos foram criados a ordem e o lugar das substâncias. Produto do ato puro, as formas puras ocuparam o ponto mais alto do universo, enquanto a matéria pura ficou na parte inferior e no meio forma e matéria combinadas. Tal liame se fez e não se desfaz.

[37] Jerônimo escreveu que os anjos foram criados muitos séculos antes de o mundo ter sido feito, mas a verdade que te descrevo encontra-se anotada em muitos trechos das Escrituras, e isso verás se procurares bem. A razão também não conceberia ver os motores primeiros[549] tanto tempo inertes sem atingir a perfeição.

[46] Agora sabes onde, quando e como os anjos foram criados. Assim, três de tuas dúvidas já se resolveram. Não se contou até vinte tão rápido como rápida foi a rebelião de alguns anjos que abalou a Terra que vos alimenta. Aqueles que não se rebelaram começaram, como podes discernir aqui, esta arte, com tanta alegria que jamais deixam de circular em volta do ponto primeiro.

[55] A causa da queda foi a maldita soberba daquele[550] que viste sob o peso do mundo dolente. Os anjos que enxergas aqui foram humildes em

reconhecer a bondade de quem os criara de modo a entender mais e muito do mistério, por isso a visão de Deus lhes foi acrescentada, com graça e mérito, desde que a vontade deles tornou-se firme e plena. E não quero que duvides, ao contrário, que aceites plenamente que receber tal graça é mérito de quem está mais disposto e aberto a ela. Agora podes compreender muito mais olhando em volta neste consistório, sem ajuda de minhas palavras ou de qualquer outra coisa.

[70] Contudo, porque nas vossas escolas, na Terra, se aprende que a natureza dos anjos é tal que eles podem pensar, recordar e querer, direi mais, a fim de veres a pura verdade, que lá embaixo se confunde à força dos equívocos desses ensinamentos.

[76] Essas essências não só exultaram com a visão da face de Deus como também não tiraram os olhos dele, de quem nada se esconde. Por isso sua visão jamais é interrompida por um novo objeto, e assim não precisam se lembrar de conceitos antes conhecidos.

[82] Já na Terra sonha-se acordado, uns acreditando dizer a verdade e outros não; estes, por isso, têm mais culpa e envergonham mais que aqueles. Andaram filosofando lá embaixo por vários caminhos, levados pelo amor às aparências! Aqui em cima desdenha-se menos de quem comenta a divina Escritura, ainda que se descuidando ou deturpando seu texto.[551] Eles não pensam quanto sangue custa semear a palavra de Deus pelo mundo e quanto agrada a Ele aquele que humildemente a aceita. Para aparecer, elaboram e criam suas invenções, as quais são levadas adiante por pregadores que assim calam o Evangelho. Um deles diz que a lua recuou durante a Paixão de Cristo e se posicionou para impedir que os raios do sol chegassem à Terra. Quem disse isso mentiu, porque a luz se escondeu por si

própria, já que espanhóis, indianos e judeus viram tal eclipse.

[103] Há menos *Lapos* e *Bindos*[552] em Florença do que gente ouvindo tais fábulas berradas nos púlpitos: são como ovelhas que voltam ao pasto depois de alimentadas de vento, sem dar conta do engano – o que não lhes desculpa o erro. Cristo não disse aos seus primeiros apóstolos: “Ide e pregai tolices ao mundo”, mas deu-lhes o fundamento verdadeiro. E isso ressoou de tal modo nas faces dos apóstolos que para combater pela fé eles fizeram do Evangelho lança e escudo.

[115] Hoje aqueles andam a pregar com motejos e sensaborias, e há quem ria deles e com isso enche-se o capucho dos pregadores e não se pede mais nada a eles. Mas um tal pássaro[553] se aninha na ponta desse capucho que, se o povo o visse, logo saberia do tipo de perdão de que se tratava: por essa razão tanta estupidez cresce na Terra, e as gentes, sem prova ou testemunho algum, correm atrás de toda promessa ofertada. Com isso Santo Antônio engorda o porco, e outros, que são mais porcos ainda, pagam com moedas falsas o que prometem.[554]

[127] Mas porque esta digressão alongou-se demais, volta agora os olhos para o reto caminho, pois o tempo dessa caminhada se restringe.

[130] A natureza dos anjos se eleva de grau em grau em tal medida que nem a língua pode expressá-la nem o intelecto pensá-la. E se observas aquilo que Daniel revela, o número determinado dos milhares de anjos de que ele fala nos é vedado. A luz primeira que incide em todos é recebida de diferentes modos, tanto são os iluminados que a recebem. E o afeto é ato que se segue à visão de Deus, graça tocada de amor, cuja doçura é sentida ardente ou tepidamente segundo quem a recebe.

[142] Podes ver agora a excelência e a generosidade do eterno valor, que

se reflete em vários espelhos, sem deixar de ser o que é.

Canto XXX

Dante e Beatriz chegam ao Empíreo, décimo e último céu do Paraíso. Ali o poeta verá juntos os espíritos iluminados (os beatos) e os anjos. Serão vistos primeiro como um rio, no qual os anjos são fagulhas que imergem e emergem do leito, e os beatos, as flores que decoram sua margem. Depois de Beatriz explicar-lhe quem são, Dante deixa de vê-los sob a forma retilínea de rio e passa a enxergá-los em forma de círculo, ou melhor, de uma rosa. Nesta forma os beatos refletem-se em maior o menor grau de acordo com o ponto mais baixo ou mais alto da flor. Beatriz o leva para o centro dela e mostra a ele a grande reunião de almas puras que estão ali. Discorre ainda acerca do lugar guardado no céu ao rei Henrique VIII, imperador do Sacro-Império Romano Germânico.

[1] A cerca de seis milhas de distância, no Oriente, arde o meio-dia, enquanto a Terra do lado oposto inclina sua sombra no horizonte. À medida que a claríssima aurora avança, as estrelas ficam menos visíveis no céu, da menos à mais luminosa delas. Igualmente o triunfal coro dos anjos que gira e brinca em torno do ponto que minha visão venceu, que parece envolvido por aquilo que envolve[555], pouco a pouco extingue-se e, por nada mais ver e levado pelo amor, voltei os olhos para Beatriz.

[16] Se tudo o que se disse dela até aqui tivesse de ser expresso em uma loa, esta seria insuficiente para tal tarefa. A beleza que vi ali excede nossa compreensão, mas tenho certeza de que seu criador pode amá-la. Confesso que fui aqui neste ponto vencido, muito mais do que já teria sido outro autor às voltas com outro tema cômico ou trágico.[556] Assim como o sol debilita a

visão, a lembrança do doce sorriso de minha senhora esvai-se de minha mente. Do primeiro dia em que a vi nesta vida até esta visão, jamais interrompi o meu cantar, mas agora convém desistir de acompanhar sua beleza poetando, pois seria ir além do que pode o artista.

[34] Minha senhora, cuja beleza deixo a versos mais potentes descrever, retomou a palavra e recomeçou de forma decidida a tratar do árduo assunto:

– Saímos do céu mais extenso e chegamos àquele que é luz pura: luz intelectual[557], cheia de amor; amor do verdadeiro bem, pleno de alegria, alegria que transcende todo deleite. Aqui divisarás as duas milícias do Paraíso, em uma delas na forma que estarão no dia do Juízo Final.[558]

[46] Como um clarão repentino que dispersa as faculdades da visão e priva os olhos de ver os objetos, aquela luz vivíssima me abraçou e uma faixa fulgurante envolveu-me como um véu, de modo que nada mais via.

[52] – O amor que faz imóvel este céu acolhe sempre quem o adentra com disposição de coincidir sua chama à vela.

Nem tinha ainda absorvido essas breves palavras quando compreendi que minhas faculdades aguçaram-se. E uma nova visão reacendeu em mim de tal sorte que luz alguma seria tão pura que meus olhos não pudessem suportá-la. Vi então um rio de luz fluindo, flamejante, entre duas margens decoradas de admiráveis flores primaveris.[559] Desse rio pululavam fagulhas por todos os lados, misturando-se às flores, como rubis encastoados de ouro. Em seguida, inebriadas dos perfumes, imergiam de novo na maravilhosa corrente e enquanto uns mergulhavam outros emergiam dela.

[70] – O intenso desejo que te abrasa e te pressiona a ter notícias disto que vês, quanto mais forte é, mais me agrada. Mas desta água deves beber antes que sacies esta sede – assim disse-me o sol dos olhos meus. E assim

prosseguiu: – O rio e os topázios que vão e vêm e o júbilo das flores são da verdade um pálido preâmbulo. Não que eles sejam em si verdes ou maduros, mas é defeito teu, pois tua visão ainda não é forte o bastante para vê-los inteiros.

[82] Nem mesmo acordando mais tarde do que o habitual um bebê voltaria seu rosto mais rápido em direção ao seio de sua mãe do que eu me inclinei para eles, a fim de fazer de meus olhos espelhos mais sutis, refletindo o rio que flui para melhorar os homens. Minhas pálpebras mal se alçaram para sorver aquele rio, pareceu-me que de longo tornou-se redondo.[560] Depois, semelhante a quem usa máscaras e as desveste, mudando de aparência, ficando diferente do que era antes, vi as duas milícias do céu, as fagulhas e as flores, mostrando-se mais festivas a mim.

[97] Ó luz de Deus, através da qual vi o elevado triunfo do verdadeiro reino, dai-me força para contar o que vi!

[100] Lá no mais alto céu há uma luz que faz visível à criatura o criador, que só de vê-lo alcança a paz. Essa luz se expande em forma de círculo, de tal modo que sua circunferência supera a do sol. Um raio cai sobre esse círculo e gera sua aparência. Ele chega ao imo do primeiro motor, que recebe daquele seu movimento e sua força. E como um monte refletido no lago que o margeia, para se ver enfeitado durante a primavera, quando as flores florescem mais, assim vi, todas em torno daquela luz, as almas beatas que da Terra subiram até lá refletirem-na em milhares de graus diferentes. E se no mais baixo dos círculos brilha uma luz tão imensa, quão larga deve ser esta rosa em suas pétalas mais altas!

[118] Apesar da amplidão e da altura dela, minha visão não se perdia, apreendia tanto a quantidade como a essência daquela alegria. Proximidade

ou distância ali no Empíreo não se considera, pois onde Deus governa a lei natural nada conta. Enquanto hesitava, querendo falar mas calando-me, Beatriz me levou ao centro da rosa eterna, onde é amarela. Dali se gradua e dilata-se, e solta um perfume que é uma ode ao Sol[561] de eterna primavera. Então ela disse:

– Observa como é repleta de brancas estolas esta assembleia! Vê quanto se estende esta nossa cidade! Vê ali nossos tronos tomados, que pouca gente mais aqui se deseja. E naquele trono do qual não tiras os olhos por causa da coroa sobre ele deposta, antes que ascendas ao Paraíso, sentará a alma, que lá embaixo é augusta, do alto Henrique VII[562], que endireitará a Itália, antes dela estar disposta a isso.

[139] A cega cobiça vos enfeitiça[563] tal como a criança que, morrendo de fome, afasta sua ama de leite. Então estará à frente do foro divino um tal que, por ser às claras um e às escondidas outro, não andará com Henrique pelo mesmo caminho.[564]

[145] Mas Deus o tolerará por pouco tempo no santo ofício, pois será lançado do avesso para o lugar onde está, por mérito, Simão, o Mago, empurrando para baixo o papa de Anagna.[565]

Canto XXXI

Dante admira o décimo céu, o Empíreo, onde vê as duas milícias do Paraíso, a dos beatos e a dos anjos. Enquanto via embevecido a ordem daquela esfera, veio novamente a vontade de perguntar a Beatriz o que ainda não compreendia. Nesse instante, em vez dela vê um venerável senhor, que logo descobrirá ser São Bernardo. Ele o guiará até a visão de Deus, até o final do Paraíso. Neste canto o santo orienta o poeta a olhar

para cima para contemplar a Rainha do Céu, a Virgem Maria. Beatriz agora volta para seu lugar, na Rosa Mística.

[1] A milícia santa que Cristo esposou com seu sangue mostrava-se então em forma de cândida rosa.[566] A outra milícia, voando e enamorada do amor e da bondade de Deus, vê e canta a sua glória. Tal como abelhas que entram e saem das flores, onde o trabalho vira doce sabor, os anjos desciam na grande rosa, que se adorna de inumeráveis pétalas, e então subiam lá onde o amor sempre se renova. Seus rostos eram de um vermelho incandescente, e as asas, de ouro. Suas vestes eram tão brancas que neve alguma foi tão cândida. Quando desciam até a rosa, transmitiam a cada beato a paz e o ardor que adquiriam batendo as asas. Os anjos interpunham-se entre Deus e a rosa, voando copiosos, mas não impediam a visão nem a contemplação do esplendor, porque a luz divina penetra o universo segundo a dignidade que o atravessa, quanto mais no Empíreo, onde nada pode fazer-lhe obstáculo.

[25] Este confortável e alegre reino, onde há gente antiga e nova[567], guia a visão e o amor para o mesmo ponto. Ó trina luz que cintila em uma só estrela, a cuja vista nosso desejo se apaga! Olha para nós aqui embaixo, para a tempestade que nos assola!

[31] Se os bárbaros ficaram boquiabertos, vindo das terras onde Élice vaga toda noite no céu acompanhada do filho[568], vendo Roma e sua imponente obra – época em que a basílica de Latrão superava todas as criações humanas –, imagina o meu assombro, eu, que viera da região mortal e chegara ao divino reino, de Florença ao reino do povo justo e salvo, região onde tempo não há! Levado por isso, meu êxtase impedia-me de querer ou ouvir algo, e eu permanecia mudo. Como um peregrino que

descansa no templo que buscava, admirando-o e prelibando o momento de contar o que viu quando voltar, eu guiava meus olhos pela vivíssima luz, em suas gradações, ora elevando-os, ora baixando-os, ora girando-os. Admirava rostos que convidavam à caridade, enlaçados pela luz de Deus e pela própria alegria, agindo com o mais recatado decoro.

[52] Sem ter-se firmado sobre nenhum ponto fixo, meu olhar já havia conseguido compreender a forma geral do Paraíso quando reacendeu o desejo de perguntar à minha senhora sobre coisas que pairavam em minha mente. Acreditava ver algo, mas outra coisa eu vi: acreditava ver Beatriz, mas vi um velho vestido como os demais espíritos gloriosos. Tinha suaves os olhos e as faces, irradiando uma alegria generosa, tal como convém a um pai carinhoso.

[64] – Onde está ela? – eu disse repentinamente.

E ele:

– Para que termines teu caminho, Beatriz foi até onde fico e, se olhares para o alto, no terceiro círculo do sumo grau, tu a verás no trono destinado a ela pelos seus méritos.

Sem responder, olhei para o alto e a vi coroada pelos eternos raios, que se refletiam nela. À distância daquele que vê, do abismo mais profundo do mar, a região de onde vem o trovão seria menor do que aquela entre mim e Beatriz. No entanto, nada me impedia de admirá-la nitidamente, pois seu rosto chegava até mim puro, sem mistura alguma.

[79] – Ó senhora na qual minha esperança vive, que deixou seus rastros no inferno para salvar-me, vêm da tua bondade e de teu poder a graça e a virtude que me fizeram ver todas as coisas até aqui. De escravo restituíste a minha liberdade, seja guiando-me pelos caminhos que me levaram até aqui, seja por todas as demais formas de que eras capaz. Conserva o teu dom em

mim para que minha alma, que salvaste, siga feliz depois de desligar-se do seu corpo.

Assim orei. E ela, da lonjura em que estava, sorriu e olhou para mim, e voltou-se para a fonte eterna.[569]

[94] E o venerável santo disse:

– Para que cumpras perfeitamente a tua viagem, fim a que o santo amor trouxe-me aqui, faz teus olhos voarem por este jardim, pois o ato de mirá-lo preparará teu olhar para mais alto chegares: contemplar a luz divina. E a rainha do céu, a quem adoro ardentemente, concederá essa graça, pois sou o seu fiel Bernardo.[570]

[103] Como aquele que vem talvez da Croácia para ver a nossa Verônica[571], tomado de uma antiga fome que não se sacia, e diz consigo mesmo quando a vê: “Meu Jesus Cristo, Deus todo-poderoso, é este o vosso rosto?”, estava eu mirando a viva caridade daquele que no nosso mundo, contemplando, usufruiu da paz.

[112] – Filho abençoado – ele começou –, não notarás, olhando para baixo, esse ser radiante; olha para os círculos mais distantes até ver a rainha a quem todos neste reino são súditos e devotos.

[117] Tal como pela manhã o céu nascente supera a luz do crepúsculo, elevando os olhos pelos degraus da rosa, vi no ponto mais alto uma luz brilhar mais que todas as outras. Como no ponto onde se aguarda o timão[572] mal conduzido por Faetonte surgir o céu brilha mais enquanto a seu redor a luz esmaece, assim via aquela luz, serena, irradiar do centro e atenuar-se igualmente à sua volta. E ali no centro, com as asas abertas, vi milhares de anjos exultantes, cada um diferente do outro pela luz e arte. Vi na luz de seus vaivéns e em seus cantos sorrir uma beleza[573] que alegrava os olhos de

todos os outros santos. Nem se minha voz fosse tão poderosa quanto minha imaginação eu ousaria tentar descrever sua graça.

[139] Como viu meus olhos atentos e fixos no seu amor, Bernardo voltou os seus para Virgem Maria, o que aumentou meu desejo de admirá-la.

Canto XXXII

São Bernardo começa então a apontar quem são os santos, beatos que ocupam a grande Rosa, explicando assim a sua organização. De um lado estão os que acreditaram no Cristo salvador, os espíritos do Novo Testamento, e do outro os que tiveram fé no Cristo futuro, as almas do Velho Testamento. São Bernardo descreve-os a partir da Virgem Maria, acompanhada mais abaixo de Eva e das mulheres do Velho Testamento. Depois faz o mesmo com os degraus encimados por São João Batista. Em seguida, mostra as crianças e explica como elas estão organizadas ali, dado não poderem ser julgadas por seu mérito. Depois Dante volta a contemplar Maria e logo vê o anjo Gabriel dirigir-se a ela entoando uma prece. São Bernardo ainda mostra ao poeta quem são os beatos ao lado de Maria: Adão e Pedro, e, à frente deles, Santa Ana, mãe de Maria, e Santa Lúcia, que chamou Beatriz para socorrer Dante. Por fim, São Bernardo pede a ele que o acompanhe na oração a Maria.

[1] Absorto pela visão de Maria, Bernardo deixou de contemplá-la e assumiu seu papel de mestre, começando por estas santas palavras:

– Aquela alma belíssima aos pés de Maria é quem abriu e corrompeu a chaga que a mãe de Deus fechou e ungiu.[574] Nos degraus que compõem a terceira fileira, estão abaixo de Eva, lado a lado, Raquel e Beatriz, como tu mesmo podes ver. Descendo mais, olha Sara e Rebeca, Judite e a bisavó

daquele que compôs o *Miserere*[575], com a dor do pecado que cometeu[576], e mais vou nomeando à medida que desço pelas pétalas da grande rosa.

[16] Do sétimo degrau para baixo, tal como se deu até aqui, seguem-se mais senhoras hebreias, que vão separando as pétalas da rosa, segundo o modo que a fé as fez olhar para Cristo. Assim se dividem os sagrados degraus.

[22] Deste lado, o esquerdo, onde a flor está madura, com todas suas folhas ocupadas, estão sentadas aquelas que acreditaram no Cristo que viria; do lado oposto, onde há vazios entre os semicírculos, está quem viu o Cristo salvador. E assim como o glorioso trono da senhora do céu e os outros assentos aos seus pés traçam uma grande divisão, do mesmo modo se dividem os graus encimados pelo grande João, que, santo sempre, andou pelo deserto, foi martirizado e por dois anos permaneceu no Inferno. Abaixo dele, assim ordenados, estão São Francisco, São Bento[577] e Santo Agostinho, e outros à medida que se desce de degrau em degrau.

[37] Agora observa a alta providência divina que igualmente dividiu os dois aspectos da fé neste jardim. E vê que abaixo deste degrau que corta no meio as duas partes sentam-se não por mérito próprio mas pelo dos outros sob certas condições, porque são espíritos libertos do corpo antes de poderem escolher o verdadeiro caminho. Podes notar isso pelo rosto e a voz infantis se olhá-los e escutá-los bem.

[49] Vem-te uma dúvida agora, mas preferes deixá-la em silêncio. Então desamarrarei eu mesmo o forte nó no qual teus pensamentos estão presos. Na amplidão deste reino nada pode ser casual, assim como não há tristeza, sede ou fome. Tudo o que vês aqui é estabelecido pela lei eterna, aqui tudo responde a ela, justamente, como o anel ao dedo, portanto esta gente que

muito rapidamente[578] chegou à vida eterna não está aqui sem uma razão, por isso entre si há quem é mais ou menos excelente. O rei, pelo qual este reino repousa em tanto amor e prazer que nenhuma inteligência ousa pedir mais, cria igualmente todas as almas felizes e dota cada uma diversamente em relação à graça a seu bel-prazer, o que é suficiente para isso. Isso está claramente expresso nas Sagradas Escrituras, quando narram a história daqueles gêmeos que desde o seio da mãe já brigavam.[579]

[70] Assim cada qual recebe dignamente a graça do altíssimo como recebe a cor do cabelo. Sem importar o mérito, portanto, são colocados em graus diferentes, distinguindo-se pela graça recebida na criação. Nos séculos iniciais[580], bastava somente a fé dos seus pais para salvá-los. Mais tarde[581], quando se completavam os primeiros anos, o menino passava pela circuncisão para alcançar a virtude. Mas, depois do tempo da salvação, sem o batismo esses inocentes ficam retidos no vestíbulo do primeiro reino.[582]

[85] Olha agora para o rosto daquela que mais se parece com Cristo, pois somente com sua clareza pode se preparar para ver o Senhor.

[88] Vi tal chuva de alegria, graça e luz cair sobre ela, conduzida pelos anjos, criaturas feitas para voar naquelas alturas, que tudo o que eu vira antes não me surpreendeu mais nem mostrou-me mais o semblante de Deus. Então o anjo que primeiro desceu até ela abriu as asas à sua frente, cantando "*Ave, Maria, gratia plena*".[583] Todas as almas daquela divina corte responderam à divina cantilena tornando-se mais luminosas.

[100] – Ó santo pai, que por mim concordaste em descer até aqui, deixando o doce lugar em que sentas eternamente, quem é aquele anjo que com tanta alegria olha nos olhos de nossa rainha, que de tão enamorado parece queimar como fogo?

Assim me voltei à doutrina daquele que Maria embelezava do mesmo modo que o sol a estrela da manhã.

[109] Então ele me disse:

– O tanto de decoro e graça que pode haver em um anjo e em uma alma há nele, e assim o desejamos, pois foi ele quem levou a palma a Maria quando o Filho de Deus quis encarnar em nosso corpo. Mas segue agora meu olhar enquanto vou falando e observa os grandes patrícios deste império justíssimo e pio.

[118] Aqueles dois que se sentam lá em cima felicíssimos por estarem próximos da Rainha são como duas raízes desta rosa: o que se senta à esquerda é o pai, que, por causa do insolente desejo, fez a vida tão amarga aos homens; à direita, está o velho pai da Santa Igreja, a quem Cristo confiou as chaves desta nobre flor.[584] À direita de Pedro senta-se aquele que previu, antes de morrer, os tempos difíceis da bela esposa de Cristo, conquistada sob a lança e os cravos[585], e à esquerda de Adão está o guia que alimentou de maná aquela gente ingrata, volúvel e rebelde.[586] De frente a Pedro senta-se Ana[587], a qual, de tão contente de admirar a filha, não move o olhar nem quando entoa a *Hosana*. E à frente do pai de todos senta-se Lúcia, que chamou tua senhora quando erravas cegamente lá atrás.[588]

[139] Mas visto que o teu tempo foge, aqui nos deteremos. Como o bom alfaiate que faz a veste com o pano que tem, dirige os olhos para o primeiro amor, de sorte que, mirando-o, penetres o quanto for possível no seu fulgor.

[145] Para que não recues crendo avançar, convém orar para aquela que pode te ajudar. Tu me acompanharás com devoção para que teu coração não te afaste do que vou dizer.

E começou esta oração:

Canto XXXIII

Bernardo inicia a oração a Maria rogando-lhe permissão para Dante ver a claridade última, Deus. A santa concede, e o poeta obtém essa graça. Embora suas palavras não consigam expressar plenamente o que viu, ele consegue descrever a santa trindade, que aparece a ele na forma de três círculos do mesmo tamanho, mas com cores diferentes. No círculo do Filho, vê o semblante de Cristo. Tal visão é interrompida por um clarão e o deixa completamente satisfeito, com a alma regida pelo amor que move todas as coisas.

– Ó Virgem Mãe, filha do teu filho, mais humilde e mais alta criatura, fim eterno do decreto sem fim, és aquela que dignificou o homem, tanto que seu criador não desdenhou ser sua criatura. No teu ventre reacendeu-se o amor, de cujo calor germinou-se esta flor em eterna paz. Aqui és para nós a tocha ardente da caridade e lá embaixo, entre os mortais, és a fonte viva da esperança.

[13] Senhora, és tão grande e é tão alto o teu valor que aquele que deseja a graça e a ti não recorre é como alguém que deseja voar longe mas faltam-lhe asas. A tua bondade não socorre apenas quem a suplica, mas muitas vezes vem antes da súplica. És misericordiosa, piedosa e grandiosa, e em ti reúne-se toda bondade que pode haver em uma criatura.

[22] Este que viu uma a uma as almas destes reinos, da cavidade mais funda do universo até esta rosa mais alta, roga-te, por tua graça, pelas virtudes que tens completas, que possa ver no mais alto a claridade última.[589] E eu, que não desejei mais essa graça do que a desejo para ele, ofereço-te todas as minhas preces e rogo que não sejam insuficientes, para

que dissolvas qualquer véu de sua mortalidade com tuas orações, de modo que o sumo deleite lhe seja desvelado. Peço-te ainda, rainha, santa que pode o que quer, conservar-lhe os sentidos depois da suma visão. Que tua proteção vença os impulsos humanos: vê! Beatriz e todos os outros beatos unem-se a mim nessa oração!

[40] Os olhos venerados e amados por Deus, fixos no pregador, demonstravam o quanto lhe eram gratas aquelas devotas orações. Então se voltaram na direção da suma luz, na qual não se deve crer que toda criatura possa penetrar. E eu, que me aproximava do último desejo, todo desejo apaguei dentro de mim, como devia.

[49] Bernardo acenava-me e sorria para que eu olhasse para o alto, mas eu já me dispunha a isso tal como ele queria. Minha visão, tão límpida agora, penetrava cada vez mais pelo raio da luz que é verdadeira em si mesma. *Desde esse instante o ver me foi demais, calou-me a fala, que a tal vista expira como expira a memória neste mais*.[590]

[58] Como aquele que vê algo enquanto sonha e ao acordar sente ainda o que sonhara sem recordar-se de seu entrecho, assim me sinto, pois ainda instila-me no coração a doçura que nasceu do que vi, ainda que nada mais eu veja. Isso se deu tal como desaparecem sob o sol as marcas na neve e são levadas pelo vento as predições da Sibila gravadas em folhas.[591]

[67] Ó suma luz que se eleva acima das concepções humanas, empresta-me novamente um pouco do que és e faz minha língua forte o bastante para deixar às gentes futuras uma centelha do sol de tua glória. Assim, se puder recordar-te um pouco e cantar-te nestes versos, melhor se compreenderá a tua vitória. Pelo golpe que recebi do sumo raio, creio que estaria perdido se meus olhos tivessem se desviado dele. Recordo-me que fui muito corajoso

para sustentar meu olhar, de modo a encontrar o valor infinito com minha visão.

[82] Ó infindável graça, quis fixar meus olhos na luz eterna e assim consumi toda sua potência. Em seu seio vi, ligado ao amor, em um só volume, tudo que há no universo! Vi essências e acidentes quase como uma coisa só, e o que digo é só uma pálida luz dela. Creio ter visto a forma universal desse nó, porque à medida que falo nela, mais contente me sinto. Se vinte e cinco séculos não foram suficientes para esquecer o episódio que fez Netuno admirar a sombra de Argos[592], um átimo bastou para apagar aquela visão de minha memória.

[97] Assim minha mente, completamente absorta, mirava fixamente a luz, imóvel e atenta, o que a fazia querer admirá-la mais. Essa luz atrai de tal modo nosso olhar que afasta o desejo de mirar qualquer outra coisa. O bem, que é objeto do desejo, se reúne todo nela, e fora dela o que era perfeito torna-se imperfeito.

[106] Minha palavra é insuficiente para dizer do pouco que me recordo, semelhante a uma criança que ainda balbucia no colo materno. Não porque a intensa luz que eu mirava tivesse diversas formas, já que ela é agora tal como fora antes, mas porque quanto mais a olhava mais minha visão se ampliava e, enquanto a luz era a mesma, eu não era mais o mesmo.

[115] Na profunda e clara substância da luz eterna vi três círculos do mesmo tamanho e cores diferentes. Um refletia seu brilho no segundo como um arco-íris refletido no outro; e o terceiro parecia uma chama, que soprava igualmente a partir dos outros dois.[593]

[121] Ó, quanto é sumário o meu dizer, e frouxo o meu saber! E isso que vi é tanto que dizê-lo sumariamente é muito pouco! Ó luz eterna que só em

ti repousas, única que te entende a ti mesma e só por ti és compreendida e, compreendendo-te, amas e sorris!

[127] Aquele círculo que parecia gerar-se da outra luz, depois que olhei à sua volta, dentro dele, pareceu-me ver pintada com sua cor a face humana[594], momento em que minha visão o penetrara completamente. Como um geômetra que lança mão de todo seu engenho para medir o círculo e não consegue e fica refletindo sobre qual princípio lhe escapa[595], assim me encontrava diante daquela nova visão: queria saber como a imagem podia estar ali e em que lugar ela estava.[596] Mas minhas asas não eram próprias para isso, de modo que minha mente foi abalada por um fulgor que saciou minha vontade.

[142] A fantasia aqui me deixou e, como uma roda movida igualmente, meu desejo e minha vontade voltavam, com o amor que move o sol e as estrelas.

255. Deus.
256. Havia dois montes no Parnaso, o Hélicon, onde ficavam as Musas, e o Cirra, reservado a Apolo, deus da poesia.
257. Sátiro que desafiou Apolo no canto e, derrotado, foi esfolado.
258. Dafne, filha de Peneu, foi transformada num loureiro.
259. Ponto onde se encontram o equador, o coluro equinocial, a eclíptica e o horizonte.
260. Glauco, um pescador da Beócia, ao ver que peixes mortos recuperavam a vida em contato com uma erva, experimentou-a e virou uma divindade marinha.
261. Neste caso, dos animais, excluindo-se os humanos.
262. Todo este trecho inicial é tradução de Haroldo de Campos, publicada em *Pedra e luz na poesia de Dante* (São Paulo: Imago, 1998, p. 99).
263. O primeiro céu, a lua.
264. Segundo Borzi (1997, p. 444), trata-se do princípio de causalidade.
265. “Ao precioso corpo que ela aviva”, tradução de Haroldo de Campos (op. cit., 109).
266. A caridade de Deus.
267. Trata-se de Santa Clara de Assis (1194-1253).
268. Trata-se de Constança d’Altavilla (1146-1198), que casou com Henrique VI e deu à luz Frederico II.
269. Ao interpretar o sonho do rei Nabucodonosor, Daniel o persuadiu a não mandar assassinar os sábios do reino da Babilônia (Daniel, II, 1-46).
270. O anjo Rafael, que curou a cegueira de Tobias (Tobias, III, 25; VI, 16).
271. São Lourenço, em 257, teria dito a seus carrascos, enquanto queimava na grelha: “Virem-me do outro lado, porque este já está tostado!”; e Gaio Muzio Scevola, jovem aristocrata romano (c. 509 a.C.), teria queimado a própria mão por ter assassinato o homem errado.
272. Ver canto XII do Purgatório (terceira nota, p. 195).
273. Trata-se das leis de Moisés, prescritas no Levítico (XXVII).
274. Como o voto monástico.
275. Jefté prometeu a Deus que sacrificaria a primeira coisa que saísse de sua casa quando ele retornasse caso Ele lhe desse a vitória contra os amonitas. Venceu e, ao chegar em casa, sua filha sai ao seu encontro (Juízes, XI, 29-40).
276. Agamenon sacrificou Ifigênia, sua filha, à deusa Diana.
277. O céu de Mercúrio.
278. Mercúrio.
279. Constantino mudou a sede de Roma para Bizâncio.
280. Próximo de Troia, de onde Enéas, esposo de Lavínia, partiu para Alba Longa.
281. Refere-se à pergunta que Dante faz no Purgatório (canto VI, 88-90).
282. Gibelinos e guelfos, respectivamente.
283. Filho do rei do Lácio, Palante morreu combatendo Turno e legou a Enéas seu poder de soberano.
284. Pela ordem: Mânlio Torquato, Lúcio Quíncio Cincinato, Públio Décio Mure (pai e filho) e a família Fábio, da qual se destacará o capitão Quinto Fábio Máximo, que derrotou Aníbal.
285. À época de Dante, chamavam-se assim os habitantes do norte da África.
286. Cidade da Tessália onde César venceu Pompeu, antagonistas da guerra civil romana.
287. Na Mauritânia.
288. Imperador Augusto.
289. Estão no último círculo do Inferno, na boca de Lúcifer.

290. Tibério vingou o pecado de Adão com a paixão de Cristo e Tito vingou a punição de Jesus com a destruição de Jerusalém. Contradição aparente que será explicada por Beatriz no canto seguinte.
291. Rei Desidério, vencido por Carlos Magno em 773.
292. Os gibelinos e guelfos, citados acima.
293. Símbolo da casa de França.
294. Romeu de Villeneuve (1170-1250) foi ministro do conde de Provença. Segundo narrativas que chegaram até Dante, era um homem industrioso e diligente. A certa altura da vida foi acusado por cortesãos do reino e, embora defendendo-se honradamente, resolveu voltar à vida de andarilho (Borzi, 1997, p. 472).
295. "Salve, ó santo Deus dos exércitos, que ilumina do alto com tua luz claríssima os ígneos beatos deste reino." Versos de Dante em que ele mistura palavras hebraicas (*hosana, sabaòth, malàcoth*) e latinas.
296. Adão, criado por Deus.
297. Trata-se da crucificação de Jesus Cristo.
298. Não há humilhação humana que possa reparar o pecado de Adão, que desobedeceu diretamente a Deus.
299. Vênus.
300. Insuflara o desejo de Dido por Enéas, no canto I da *Eneida* (vv. 717-719).
301. "*Voi che 'ntendendo il terzo ciel movete"*, verso que inicia o segundo tratado do *Il Convivio*, traduzido como *Banquete*, por padre Vicente Pedroso (Alighieri, D. *Obras completas*, v. VIII. São Paulo: Editora das Américas, 1958, p.131).
302. É o príncipe de Anjou, Carlos Martel (1271-1295). Dante o conhecera em 1294, segundo Borzi (1996, p. 481).
303. Trata-se da região da Provença.
304. Itália peninsular, correspondente ao reino de Nápoles: Bari, no mar Adriático; Gaeta, no Tirreno; e Catona, na foz do Verde e do Tronto.
305. Hungria.
306. Sicília.
307. Do vulcão Etna, não por causa do titã Tifeu, que fora aprisionado no vulcão por Zeus.
308. Carlos de Anjou I e Rodolfo I de Habsburgo.
309. Grito dos habitantes de Palermo dirigido aos prepostos franceses, ecoado nas Vésperas Sicilianas, em 1282.
310. Carlos refere-se ao irmão Roberto, avaro, que se cercara também de homens como ele.
311. O fato de um pai generoso, Carlos de Anjou, gerar um filho mesquinho, o rei Roberto.
312. Aristóteles.
313. Dédalo, pai de Ícaro.
314. Seria o tirano Ezzelino III.
315. Cunizza da Romano (1198-c.1279), mulher de Riccardo di San Bonifazio, senhor de Verona. Teve outros maridos e vários amantes. Está no Paraíso por causa de seu arrependimento e conversão religiosa no fim da vida. Irmã de Ezzelino III, "a centelha", ambos filhos de Ezzelino II e Adelaide degli Alberti di Mangona.
316. Vênus.
317. O estado de beatitude a impede de sofrer por seus pecados na Terra.
318. Em Treviso, província da região do Vêneto.
319. Rizzardo da Camino, senhor de Treviso, foi assassinado em 1312, quando jogava xadrez.
320. O bispo é Alesandro Novello, que hospedou membros da família Della Fontana e depois os traiu, entregando-os ao preposto francês de Ferrara, que os executou.
321. Anjos ou inteligências divinas.

322. Mar Mediterrâneo (“vale em que mais água flui”) e o Oceano (“água que enguirlanda a terra”).
323. Acreditava-se na época que a distância entre as margens do Mediterrâneo abrangia um arco de 90º. Hoje ela é calculada em 42º.
324. O rio Ebro fica na Espanha e o Macra, como se viu, na Itália.
325. Refere-se a Marselha, cidade invadida pelas tropas de César.
326. Nascido às margens do Mediterrâneo, Folco de Marselha é mais um provençal, entre outros, que Dante pôs na Comédia, como Bertram de Born e Arnaut Daniel. No fim da juventude, entrou para ordem cisterciense, tornando-se clérigo e, mais tarde, bispo.
327. Seu ex-marido e ex-mulher de Enéas, respectivamente.
328. É Fílis, natural da região do monte Rodopeu, na Trácia.
329. Prostituta que acolheu e escondeu os aliados de Josué, colaborando com a conquista de Jericó.
330. Crítica ao papa Bonifácio VIII, que não empreendeu uma cruzada para Terra Santa, esquecendo-se do episódio de Raab.
331. Lúcifer.
332. O lírio.
333. A Anunciação à Virgem Maria.
334. A santíssima trindade: o Filho, o Espírito Santo (amor) e o Pai (inefável Valor).
335. As rotações equatorial (dos corpos celestes que giram do levante ao poente) e zodiacal (do poente ao levante), conforme a cosmologia da época.
336. Trata da inclinação dos planetas em relação ao Equador.
337. O Sol, em cujo céu Dante está agora.
338. As espirais correspondem às trajetórias dos trópicos de Câncer e Capricórnio.
339. Mostrando o Espírito Santo e o Filho, respectivamente.
340. Alberto Magno (1206-1280), conhecido como *Doctor universalis*, foi mestre de Tomás de Aquino e um dos primeiros comentadores de Aristóteles na Idade Média.
341. Segundo comentadores, Graciano da Chiusi, monge e professor em Bolonha em meados do século XII, sistematizou os foros civil e eclesiástico (Borzi, 1997, p. 496).
342. Pedro Lombardo, nascido no século XII, autor do *Livro das sentenças*. “Pobrezinha” é a viúva louvada por Jesus por ter doado duas moedas, seus únicos bens (Evangelho de São Lucas, XXI, 1-4).
343. Trata-se de Salomão, autor dos *Cânticos dos cânticos*.
344. Dionísio, o Aeropagita, grego convertido pelo apóstolo Paulo.
345. Trata-se da alma de Boécio, autor de *A consolação da filosofia*.
346. Riccardo da San Vittore, autor de obras teológicas e místicas, morto em 1173.
347. Tradução de Cristiano Martins: “como o relógio que ressoa quando a escolhida de Deus deixa seu leito, ao seu esposo o canto dedicando” (1989, p. 374).
348. A esposa é a Igreja, desposada pelo sangue de Cristo.
349. Guiada pela doutrina e pela caridade.
350. São Francisco e São Domingos, respectivamente.
351. É o rio Chiaschio.
352. O sol é São Francisco de Assis (1182-1226).
353. “À presença do pai”, em latim.
354. César, que nada podia fazer contra Amiclate, camponês desprovido de tudo.
355. A família é a Ordem Franciscana, cujo símbolo mencionado por Dante é o cordão vermelho que usavam amarrado na cintura.
356. Papa Honório III (1216-1227), sucessor de Inocêncio III (1198-1216), mencionado antes.
357. Mensageira de Hera.
358. Trata-se do franciscano São Boaventura (1170-1221), que passa a falar de São Domingos, fundador da ordem que leva seu nome – assim como falara sobre um franciscano o dominicano São

Tomás de Aquino.
359. Cidade sob o domínio de Castela, governada à época pelo rei Alfonso VIII, em cujo brasão estava estampada a figura de um leão.
360. Domingos: “do Senhor”. Adjetivo possessivo de *Dominus*, “Senhor” em latim.
361. São Mateus, XIX, 21: “Jesus lhe respondeu: ‘Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens e dá os pobres, e terás um tesouro nos céus. Depois, vem e segue-me’” (*Bíblia de Jerusalém*, 1985, p. 1875).
362. Joana, de João: “cheio de graça”.
363. Em latim: “Décima parte pertencente aos pobres”.
364. As almas que estão girando em volta de Dante.
365. *Gromma*, em italiano, é a crosta de vinho que fica nos tonéis e ajuda na conservação do vinho. No texto representa a virtude, em oposição à corrupção, simbolizada pelo mofo. São Boaventura começa a falar sobre a decadência da ordem franciscana.
366. Folhas são os franciscanos que ainda seguem devidamente as regras da ordem.
367. Das sete artes liberais, a gramática era a primeira.
368. Companhia: as almas recém-nomeadas.
369. Trata-se da constelação da Ursa Maior, estrela polar que permanece sempre visível no horizonte do hemisfério norte. Com sete estrelas vai compor com as quinze anteriores mais as duas subsequentes, da Ursa Menor, as 24 almas da guirlanda ou arco descrita nos cantos anteriores.
370. Ariadne, filha do rei Minós, foi transformada em constelação por Dionísio, consternado por sua morte.
371. Tomás de Aquino começa a esclarecer a segunda dúvida de Dante, agora a respeito da sabedoria.
372. Adão e Jesus, respectivamente.
373. Tomás faz referência a Salomão, no canto X, 109: “Tanto saber foi colocado em sua mente que, se o verdadeiro é verdadeiro, não se viu surgir outro igual”.
374. O Espírito Santo.
375. Retoma a opinião de Dante a respeito de Adão e Cristo.
376. A de Salomão.
377. Se pode haver um primeiro motor sem derivar de outro.
378. “Oração devota” são as palavras de Beatriz.
379. “Eterna chuva”: graça infinita de Deus.
380. Trata-se de Salomão, filho de David.
381. Assim, Dante passa para o céu de Marte.
382. Sol, em grego. Dante supunha ter a mesma raiz etimológica, do hebraico “eli” (Borzi, 1997, p. 523).
383. A cruz grega, cujos braços têm o mesmo tamanho, compondo um círculo com dois diâmetros.
384. Os olhos de Beatriz.
385. Versos de Dante, em latim, no original: “Ó sangue meu, ó graça de Deus infusa largamente do alto, a quem, como a ti, a porta do céu já foi descerrada duas vezes?”. É o trisavô de Dante quem fala, Cacciaguida. A alusão à *Eneida*, de Virgílio, diz respeito ao canto VI, assim traduzida por Odorico Mendes (São Paulo: Atena, 1958, p. 185): “Venceste, enfim, piedoso a dura estrada/Como esperava! És tu, meu caro Enéas?”.
386. Beatriz.
387. A passagem da segunda pessoa do plural para a do singular é do original.
388. A cruz.
389. Alighieri.
390. Colinas das quais se avista Florença e Roma, respectivamente.

391. Cianghella era lasciva e desonesta, e Lapo Saltarello, um juiz cheio de vícios, segundo fontes do século XIII. Já (ver Borzi) Cincinnato e Cornélia foram exemplos de virtuosidade na Florença de Dante.
392. *"Em quadra assim, suavíssima e singela, sob a cidadania amena e bela, no acolhimento de uma pátria bela, emergi, por Maria, entre ais, à vida"*, tradução de Cristiano Martins (1989, p. 412).
393. Conrado II, da Suábia, participou da Segunda Cruzada, em 1147, na qual Cacciaguida morreu.
394. O papa.
395. Manto: nobreza de sangue.
396. Episódio da história de Lancelote: a camareira de Guinevere teria tossido para advertir-lhe que chegara, dado que sua senhora estava com Lancelote, seu amante. O deslize seria o beijo. Esse episódio também é lembrado no canto V do Inferno.
397. São João Batista, santo protetor de Florença.
398. Respondeu no vulgar florentino de sua época.
399. Momento da Anunciação, que na Idade Média era creditado ao dia 25 de março.
400. Como essas revoluções duravam 687 dias, fazendo as contas, Cacciaguida deve ter nascido em 25 de março de 1091.
401. Florença tinha cerca de 30 mil habitantes à época de Dante; 6 mil, à de Cacciaguida.
402. Regiões vizinhas a Florença.
403. Dois vilarejos próximos de Florença.
404. Gente que mais degenera: a Igreja. Dante refere-se ao assalto ao castelo de Simifonti (onde havia tropas do rei – "César"), destruído pelos florentinos, o que obrigou seus moradores a se socorrem e se fixarem na terra natal do poeta.
405. A barca é Florença.
406. Ver canto XII (v. 105) do Purgatório.
407. Imagem da insígnia da família.
408. Segundo Borzi (1997, p. 536), episódio que geraria a divisão da cidade. Por ter abandonado a noiva, um Buondelmonte foi assassinado por um membro da família dela.
409. Afogado no rio.
410. Buondelmonti foi morto junto à estátua de Marte, que "protege" a cidade junto à ponte Vecchio, em 1215.
411. O lírio branco permaneceria na insígnia dos gibelinos, ao passo que o vermelho estamparia a dos guelfos.
412. Trata-se de Faetonte, filho de de Hélio, ou do Sol, e Clímene. Ele procurou a mãe para saber se era verdade o que diziam sobre sua paternidade. Num célebre episódio narrado por Ovídio nas *Metamorfoses* (I, 753-754), o pai lhe cede o carro do Sol, com o qual Faetonte provoca uma série de acidentes na Terra por não saber guiá-lo.
413. Fedra acusou Hipólito, filho de Teseu, de a ter seduzido.
414. Condenada por Dante, trata-se de uma tentativa malograda, nos primeiros anos do século XIV, dos Brancos (guelfos) de voltarem a Florença.
415. Provavelmente Bartolomeo della Scala.
416. Bartolomeo oferecera-lhe a hospitalidade antes de Dante pedi-la, contrariando o costume.
417. Cangrande, filho mais novo de Bartolomeo, que virá a ser senhor de Verona. "Forte estrela" é Marte.
418. O papa Clemente V e o imperador Henrique VII. Aquele procurou sabotar a coroação deste em 1312.
419. Rei da França e seu famoso cavaleiro, Orlando, herói cantado séculos mais tarde pelo poeta Ariosto.
420. Nobres que lutaram nas cruzadas.

421. Levado por Beatriz, Dante passa de Marte, o astro vermelho, para Júpiter, astro considerado como o mais branco, como escrevera Dante no Banquete (*Il Convivio*, II, XIII, p. 25).
422. Palavras que iniciam o *Livro da Sabedoria*, de Salomão: “Amai a justiça, vós que julgais a terra” (*Bíblia de Jerusalém*, 1985, p. 1203).
423. Dirige-se agora ao papa, muito provavelmente a João XXII, que excomungava os fiéis para depois anular as excomunhões em troca de vantagens.
424. Vinha: a Igreja.
425. São João Batista, cuja cabeça foi pedida por Salomé, filha de Herodes.
426. São Pedro, pai da Igreja.
427. A águia representa a ideia de Império e os atributos “pio” e “justo” são os de Eneias.
428. Lúcifer, que se encontra no último círculo do Inferno.
429. “Etíope” representa, no trecho, o pagão.
430. Rei da Áustria que invadiu o reino da Boêmia, cuja capital era Praga, em 1304.
431. Rei Filipe, o Belo, da França, que falsificou moeda para fomentar suas invasões e morreu, em 1314, de uma queda de cavalo provocada por um javali.
432. Reis Robert Bruce, da Escócia, e Eduardo II, da Inglaterra, respectivamente.
433. Ferdinando IV, rei de Castela, e Venceslau IV, rei da Boêmia.
434. Carlos II de Anjou. As letras correspondem aos números romanos I e M: 1 e 1.000.
435. Reino da Sicília, onde fica o vulcão Etna. Frederico II, de Aragão, é o soberano aludido.
436. Frederico II, rei de Maiorca, e Tiago II, rei de Aragão.
437. Dionísio, o Lavrador (1279-1325), Akon VII (1299-1325) e Estevão Urósio II.
438. Conforme acreditava-se à época de Dante.
439. Rei David, cantor dos salmos, segundo Borzi (1997, p. 556). Levou a Arca de Abinadab até Obed-Edom Ghitteo.
440. Trata-se do imperador romano Trajano. Esse episódio foi narrado no canto X do Purgatório.
441. Paraíso e Inferno. Trajano sofreu a experiência no Limbo, no Inferno, e goza esta (a doce vida) no Paraíso.
442. Ezequias, rei de Judá e descendente de David, pediu a Deus, à beira da morte, mais tempo de vida, de modo a poder pagar seus pecados.
443. É o imperador Constantino (306-337), que teria doado os domínios ocidentais do império romano à Igreja conforme um documento conhecido como a Doação de Constantino. As autoridades eclesiásticas utilizaram esse documento para ampliar sua força na Europa. No século XV, Lorenzo Valla provou que o documento era falso.
444. Guilherme II, que governou o reino da Sicília entre 1166 e 1189.
445. Carlos de Anjou, o Coxo, e Frederico II, mencionados no canto anterior.
446. Personagem secundário da *Eneida*, de Virgílio (II, 339).
447. Em latim, no original: O Reino dos Céus.
448. Trajano e Rifeu.
449. Seriam as orações do papa Gregório.
450. Descrito no canto XXIX do Purgatório, o carro puxado pelo grifo, ladeado pelas três virtudes teologais (a caridade, a esperança e a fé), as três damas mencionadas no trecho.
451. Episódio mencionado no canto XXX do Inferno. Hera induziu Sêmele, filha do rei Cadmo, a querer ver Zeus em toda sua plenitude. Virou cinzas por isso.
452. Subiram ao sétimo céu, de Saturno. Nesse momento da caminhada, mês de abril, Saturno está sob a constelação do Leão.
453. Saturno, que governara o mundo na Idade do Ouro, era da inocência.
454. Pedro Damião nasceu em Ravena em 1007 e morreu em Faenza em 1072. É autor, entre outros escritos, de *Gratissimus* e *Gomorrhianus*.

455. “Cefás” é o nome de Pedro em aramaico e “Vaso de Eleição” é o apóstolo Paulo.
456. São Bento, nascido em Nórcia, em 480; e morto em 543, em Monte Cassino. Nesse lugar fundou seu mosteiro e a futura ordem dos beneditinos. Em traduções anteriores, foi referido equivocadamente como São Benedito (1526-1589).
457. Localizado na cadeia montanha conhecida com o Monte Cassino, esse templo era dedicado ao deus pagão Apolo.
458. Os beneditinos que observaram as prescrições da ordem e foram fiéis à *Regola*, obra onde se encontram as regras de conduta desses religiosos.
459. Trata-se do Empíreo, esfera imóvel.
460. Refere-se ao sonho que Jacó teve com a escada que ia da Terra ao Céu (*Gênesis*, XXVIII, 12).
461. “Nossa norma ficou qual letra morta” (Cristiano Martins, 1989, p. 471).
462. A posse indevida dos bens da Igreja.
463. Pedro fundou a Igreja, Bento e Francisco as ordens beneditina e franciscana. Instituições religiosas que começaram bem e depois se degradaram.
464. Constelação de Gêmeos, sob cujo signo Dante teria nascido – maio de 1265, segundo Boccaccio.
465. O Sol.
466. O oitavo céu, das Estrelas Fixas, ou o Empíreo, para onde Dante acaba de ascender.
467. A Lua. Aqui Dante recorda a discussão que empreendeu no canto II.
468. O Sol, filho de Hiperión; Mercúrio, filho de Maia; e Vênus, filha de Dione, respectivamente.
469. Saturno e Marte.
470. A Terra.
471. A lua.
472. As estrelas.
473. Trata-se de Jesus Cristo.
474. Polínia, musa da poesia lírica.
475. A rosa que se fez carne é a Virgem Maria.
476. Os apóstolos de Cristo.
477. No alto sua luz brilha mais que a dos beatos, e na Terra sua virtude supera a de todos os homens.
478. É o anjo Gabriel.
479. Maria sobe para o Empíreo.
480. A Terra.
481. O apóstolo Pedro, que recebeu as chaves da Igreja.
482. Trata-se do apóstolo Pedro.
483. Episódio narrado no Evangelho segundo Mateus (XIV, 28-29).
484. O apóstolo Paulo.
485. Além de conhecer o que a fé é (moeda), São Pedro quer saber se ele vive com base nela.
486. Florença.
487. O chamado Tiago, o Maior, filho de Zebedeu e Salomé, irmão de João Evangelista. É conhecido como um dos três primeiros apóstolos de Cristo. Seu homônimo era chamado de Tiago, o Menor, filho de Alfeu.
488. Trata-se dos apóstolos Pedro, Tiago e André.
489. Na Idade Média o Egito representava a Terra e a escravidão, remetendo ao período em que os hebreus eram escravos desse império, e Jerusalém era a representação da libertação e da redenção.
490. Os autores da Bíblia.
491. O rei David e Deus, respectivamente.
492. Salmo IX, 11 (*Bíblia de Jerusalém*, 1985, p. 955).
493. Terra doce – no original *dolce vita* – é o Paraíso. Dante menciona a passagem LXIII, 10, do

livro de Isaías, do Velho Testamento.
494. Alude à passagem do Apocalipse (VII, 9) na qual São João descreve a visão da multidão de eleitos diante de Cristo, vestidos de branco.
495. “Em ti confiam”.
496. No hemisfério norte a constelação de Câncer aparece no céu assim que o sol se põe.
497. São João Evangelista.
498. Pelicano representava Cristo na Idade Média graças aos bestiários da época, que contavam que ele matava a prole e depois de três dias a ressuscitava com seu sangue. (Borzi, 1997, p. 593).
499. Igualar o número de beatos aos dos anjos rebeldes.
500. Só a Virgem Maria e Jesus estão no céu com a alma e o corpo (as duas vestes).
501. “E em pleno céu feliz” (tradução de Cristiano Machado, 1989, p. 497).
502. Ananias, com as mãos, restituiu a visão de Paulo, que a perdera no Caminho de Damasco.
503. Primeira e última letras do alfabeto grego, indicando princípio e fim.
504. Alvo: a caridade.
505. O filósofo grego Aristóteles.
506. Segundo os comentadores, trecho do *Êxodo* (XXXIII,19).
507. O *Evangelho segundo São João*.
508. Como também foi chamado São João.
509. A eternidade.
510. “Primeira alma” é Adão; “primeira virtude” ou “seu criador”, Deus.
511. Exatamente 4.302 anos.
512. A torre de Babel.
513. Seis horas da manhã.
514. O apóstolo Pedro ou São Pedro.
515. Entre o branco de Júpiter e o vermelho de Marte.
516. Embora para os homens esteja ocupado por um papa, para Deus o posto está vago por ter-se traído a missão delegada.
517. Lúcifer.
518. Primeiro e segundo papas da Igreja.
519. Outros papas que figuram entre os vinte primeiros: Sisto I (c. 116-125), Pio I (c. 140-155), Calisto I (c. 217-222) e Urbano I (c.22-230). Fonte: Eamon Dufy, *História dos papas* (São Paulo: CosacNaify, 1998).
520. Papas Clemente V (1305-1314), da Gasconha, e João XXII (1316-1334), de Cahors.
521. Públio Cornélio Cipião, o Africano, que venceu Aníbal em 202 a.C.
522. Clima era o nome dado pelos antigos às zonas do hemisfério, que eram sete. Da última vez Dante estava sob a constelação de Gêmeos, de onde avistava Jerusalém, que está no centro do hemisfério boreal. Percorrera agora um quarto da circunferência estrelada, chegando à região correspondente a Cádiz.
523. Geograficamente o leito corresponde ao Oriente, à região da antiga Fenícia; mitologicamente, a Júpiter, ou melhor, ao dorso do touro em que se transformara para raptar Europa, filha do rei de Creta.
524. A Terra.
525. Agora o sol se punha, impedindo o poeta de continuar vendo as regiões da Terra.
526. Ninho de Leda era o nome que se dava à constelação de Gêmeos, sob a qual Dante nasceu. Leda, transformada em cisne por Júpiter, gerou os gêmeos Cástor e Pólux.
527. O nono céu, o Primeiro Motor, ou céu cristalino.
528. O Primeiro Motor não é limitado por nenhum outro céu e é velocíssimo por estar contíguo ao Empíreo, que é pura luz e imóvel.

529. Ramos: os outros céus ou esferas.
530. Dante refere-se ao desacordo entre o calendário juliano e o astronômico. Isso faria com que cerca de noventa séculos adiante a primavera iniciasse em janeiro no hemisfério norte. Erro corrigido por Gregório XIII em 1582.
531. Neologismo também no original: "*imparadisa*".
532. Arco-íris.
533. A dúvida de Dante era esta: se a Terra é o centro do universo, como se pensava, os céus não deveriam parecer mais extensos quando mais distantes dela estão.
534. O nono céu – Primeiro Motor –, que está mais perto do coro dos anjos (que mais ama e sabe) e a ele corresponde.
535. Do menor céu ao maior (da Lua ao Primeiro Motor), aumentam a bondade e a inteligência. O nono céu, portanto, é o maior, por isso contém todos os outros.
536. Alusão à lenda da invenção do xadrez. O seu inventor pedira de prêmio ao xá da Pérsia o número de grãos que resultasse do dobro de grãos colocado em cada casa do tabuleiro desse jogo. Assim, na primeira casa iria um grão, na segunda, dois, na terceira quatro e assim por diante. Imagem que ilustra a grande a multidão de anjos que Dante via ali.
537. Beatriz passa a descrever os nove coros ou círculos angélicos em correspondência com os nove céus. Os anjos são inteligências que transmitem suas virtudes às esferas.
538. Os dois primeiros círculos. Os serafins são representados por uma figura humana com seis asas; os querubins, por um homem empunhando uma espada flamejante.
539. Corresponde à primeira hierarquia dos anjos e aos três primeiros círculos ("*il primo ternaro*", no original).
540. Na visão de Deus.
541. Trata-se de Dionísio, o Areopagita, convertido pelo apóstolo Paulo, a quem se atribui erroneamente a autoria da obra *De coelesti hierarchia*. Mais tarde seu autor ficou conhecido como o Pseudo-Aeropagita.
542. São Gregório Magno.
543. O apóstolo Paulo, segundo se lê no *De coelesti hierarchia*, foi quem revelou essa ordem ao seu autor.
544. O sol e a lua.
545. Posição do céu no equinócio da Primavera no hemisfério norte, ponto em que o Sol e a Lua passam rapidamente de um hemisfério a outro.
546. Deus.
547. Deus criou os anjos por puro amor, não para acrescentar mais bem a si mesmo, o que é impossível.
548. "Formas puras" são os anjos; a "matéria pura", o mundo sublunar – os corpos e a Terra; e os nove céus são o composto dessas duas.
549. Os anjos.
550. Lúcifer.
551. Ou seja, tolera-se mais a vaidade quando se procura a verdade nas Escrituras do que nos textos filosóficos.
552. Nomes corriqueiros na Florença de Dante.
553. O diabo.
554. Entre os monges antoninos era costume alimentar porcos publicamente e depois vendê-los para cobrir despesas da festa de Santo Antônio, o abade. O porco também aparecia nas imagens desse santo, a seus pés.
555. O coro dos anjos desaparece aos poucos, e o ponto luminoso – Deus –, que parecia contido por este coro, na verdade contém todo universo, material e espiritual.

556. Menos ou mais sublime, cômico ou trágico, respectivamente.
557. A transformação que se viu no início do canto acena para a passagem ao décimo céu, o Empíreo.
558. Os anjos e os beatos. Estes serão vistos com seus corpos, à diferença dos outros céus, onde eram vistos cobertos de luz.
559. As “fagulhas” são os anjos; as “flores”, os beatos.
560. Começa a descrição da cândida Rosa ou Rosa Mística, onde estão os beatos.
561. Deus.
562. Imperador do Sacro Império Romano-Germânico. Foi coroado em 1312, mas morreu logo, em 1313.
563. Os florentinos, conterrâneos de Dante, que resistiram ao poder de Henrique VII.
564. O papa Clemente V, que às claras apoiou o imperador, mas às escondidas não.
565. O papa de Anagna é Bonifácio VIII, que é aguardado na fossa dos simoníacos, no Inferno, conforme se lê no canto XIX.
566. Os beatos ou as almas são dos homens que lá ascenderam, salvos pelo martírio de Jesus Cristo.
567. Do Velho e Novo Testamentos.
568. Do norte, terras onde se vê a constelação da Ursa Maior, na qual foi transformada a ninfa Élice, que corre o céu acompanhada de seu filho Arcades ou Arthur, a constelação de Boötes.
569. Deus.
570. São Bernardo, monge cisterciense nascido na Borgonha em 1090 e morto na abadia que fundou, em Clairvaux, em 1153.
571. Um sudário que se transformou em uma famosa relíquia à época de Dante. Nele supostamente vê-se a face de Cristo, gravada quando Verônica teria enxugando-lhe o rosto durante a via-crúcis.
572. O sol.
573. “Uma beleza” é a Virgem Maria ou Nossa Senhora.
574. É Eva.
575. Rute, bisavó de Davi, autor dos Salmos.
576. Davi cometeu adultério com Betsabeia e arquitetou a morte de seu marido.
577. São Bento de Nórcia, o mesmo que dialogou com Dante no canto XXII do Paraíso.
578. Dante não compreende por que as crianças ocupam graus diferentes na Rosa se não haveria como julgar-lhes por mérito. Essa é a dúvida que Bernardo esclarece.
579. Esaú e Jacó.
580. De Adão a Abraão, segundo Borzi (1997, p. 638), tempo daqueles que acreditaram no Cristo “futuro”.
581. De Abraão a Cristo (idem).
582. No Limbo.
583. O anjo Gabriel.
584. Adão e São Pedro, que tem a chave do Paraíso.
585. São João, o apóstolo e o evangelista, autor do quarto evangelho e do *Apocalipse*, que previu os dissabores da Igreja.
586. Moisés, que libertou os hebreus da escravidão.
587. Santa Ana, mãe de Maria, mulher de São Joaquim.
588. Santa Lúcia ou Santa Luzia, que sofreu perseguição no período de Diocleciano (séc. IV).
589. São Bernardo pede à Virgem que ela conceda a Dante a capacidade de ver Deus.
590. Em itálico, tradução de Haroldo de Campos em *Pedra e luz na poesia de Dante* (1998, p. 153).
591. As respostas da Sibila do oráculo de Cuma eram deixadas à entrada da caverna e levadas pelo vento. Alusão a episódio da *Eneida*, de Virgílio (III, v. 441 ss.).
592. Trata-se do espanto do deus Netuno ao se deparar com os argonautas, frota comandada por

Jasão. Argos era o primeiro navio.
593. Trata-se da imagem da Trindade: o Filho reflete-se no Pai, que o reflete, e o Espírito Santo emana uma luz que vem dos dois.
594. O círculo do Filho, pois em Cristo há duas naturezas: a divina (a cor da luz) e a humana (o desenho do rosto),
595. Trata-se do paradoxo da quadratura do círculo.
596. A dúvida aqui diz respeito a como Deus se fez homem permanecendo Deus. Resposta que só possível pela graça, não pela razão.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título original: *La divina commedia*

Tradução, apresentação e notas: Eugênio Vinci de Moraes

Capa: Ivan Pinheiro Machado. *Pintura*: “A barca de Dante” (1822), de Eugène Delacroix. Óleo sobre tela, 189 x 246 cm, Museu do Louvre, Paris, França.

Preparação: Patrícia Yurgel

Revisão: Lia Cremonese

CIP-Brasil. Catalogação na publicação

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

D217d

Dante Alighieri, 1265-1321

A divina comédia / Dante Alighieri; apresentação, tradução e notas de Eugênio Vinci de Moraes – Porto Alegre, RS: L&PM, 2016.

Tradução de: *La divina commedia*

ISBN 978-85-254-3539-2

1. Literatura italiana. I. Moraes, Eugênio Vinci de. II. Título. III. Série.

16-29675 CDD: 850

CDU: 821.131.1-1

© da tradução, L&PM Editores, 2015

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90.220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-5380

Pedidos & Depto. Comercial: vendas@lpm.com.br

Fale conosco: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br

Table of Contents

Apresentação: Uma semana entre os mortos
Visão geral
I. Inferno
- Canto I
- Canto II
- Canto III
- Canto IV
- Canto V
- Canto VI
- Canto VII
- Canto VIII
- Canto IX
- Canto X
- Canto XI
- Canto XII
- Canto XIII
- Canto XIV
- Canto XV
- Canto XVI
- Canto XVII
- Canto XVIII
- Canto XIX
- Canto XX
- Canto XXI
- Canto XXII
- Canto XXIII
- Canto XXIV
- Canto XXV
- Canto XXVI

Canto XXVII
Canto XXVIII
Canto XXIX
Canto XXX
Canto XXXI
Canto XXXII
Canto XXXIII
Canto XXXIV
II. Purgatório
Canto I
Canto II
Canto III
Canto IV
Canto V
Canto VI
Canto VII
Canto VIII
Canto IX
Canto X
Canto XI
Canto XII
Canto XIII
Canto XIV
Canto XV
Canto XVI
Canto XVII
Canto XVIII
Canto XIX
Canto XX
Canto XXI
Canto XXII
Canto XXIII

Canto XXIV
Canto XXV
Canto XXVI
Canto XXVII
Canto XXVIII
Canto XXIX
Canto XXX
Canto XXXI
Canto XXXII
Canto XXXIII
III. Paraíso
Canto I
Canto II
Canto III
Canto IV
Canto V
Canto VI
Canto VII
Canto VIII
Canto IX
Canto X
Canto XI
Canto XII
Canto XIII
Canto XIV
Canto XV
Canto XVI
Canto XVII
Canto XVIII
Canto XIX
Canto XX
Canto XXI

Canto XXII
Canto XXIII
Canto XXIV
Canto XXV
Canto XXVI
Canto XXVII
Canto XXVIII
Canto XXIX
Canto XXX
Canto XXXI
Canto XXXII
Canto XXXIII